

TRILOGIA KOSMOS
EXCERTOS DO VOLUME 2
KEN WILBER

Tradução de Ari Raynsford (www.ariraynsford.com.br)

Revisão de Fábio Mocci Camargos

**EXCERTO C – AS FORMAS DE ESTARMOS JUNTOS:
INTERSUBJETIVIDADE E INTEROBJETIVIDADE NO
KOSMOS HOLÔNICO**

ÍNDICE

I	Introdução: Teoria de Sistemas versus Hermenêutica: por que ambas são importantes	2
	Visão geral	2
	Perspectivas primordiais de estar no mundo	4
	Um cálculo integral de perspectivas primordiais	6
	Duas importantes abordagens para a Teoria de Sistemas	7
	Qual é o significado de "dentro" e "fora"?	11
	Um Kosmos composto de perspectivas	15
	Alguns exemplos cotidianos	17
	Dentos e foras de interiores	17
	Onde está a consciência ecológica?	18
	Dentos e foras de exteriores	21
	Nós e "istos"	22
	Resumo	24
II	Zona 1: os dentros dos interiores	26
	Visão geral	26
	A percepção de dentro dos interiores: conhecimento por familiaridade	27
	Singular: os dentros de um "eu"	27
	Metodologia representativa: fenomenologia	27
	Matemática integral	29
	Telepreensão	30
	Plural: os dentros de um "nós"	31
	Individual (eu/isto) e coletivo (nós/"istos")	33
	Dois tipos diferentes de "partes" e "todos"	34
	Eu e nós em um ecossistema	36
	Indivíduos compostos e redes compostas	39
	Interno e externo	40
	O interno nos espaços interiores	42
	A fronteira-eu	46
	Transcender e incluir	48
	Resumo de individual e coletivo	49
III	A importância crucial da Hermenêutica: o que é um "nós"?	52
	Um círculo de amigos	52
	Nexo	55
	O círculo hermenêutico	57
	Ação do nexa	59

Resumo: associação	62
Os requisitos para estarmos juntos	65
Nós compostos	66
IV A natureza da Hermenêutica: um "eu" entende outro "eu" somente via um "nós"	69
Visão Geral	69
Solidariedade	70
Solidariedade horizontal e vertical	73
Solidariedade: conclusão	76
Onde terminam as perspectivas	78
Notas	80
Anexo A. Excertos futuros de <i>Kosmic Karma and Creativity</i>	102
Anexo B. Uma matemática integral de perspectivas primordiais	103

TRILOGIA KOSMOS

EXCERTO C – AS FORMAS DE ESTARMOS JUNTOS: INTERSUBJETIVIDADE E INTEROBJETIVIDADE NO KOSMOS HOLÔNICO

[Nota: O excerto a seguir é um primeiro rascunho de certas partes do volume 2 da *Trilogia Kosmos* (cujo volume 1 é *Sexo, Ecologia, Espiritualidade*). Fique à vontade para compartilhá-lo com quem desejar, mas não o considere como texto definitivo que possa ser citado oficialmente. Certas questões de terminologia, especialmente na matemática, estão ainda sendo decididas. Estou divulgando estes rascunhos iniciais simplesmente para compartilhar vários pensamentos à medida que se desdobram. Como rascunhos, eles contêm erros de digitação, repetições etc. Retornos e correções serão bem-vindos, mas não são solicitados. Esperamos publicar o volume 2 no próximo ano; seu título de trabalho é "*Kosmic Karma and Creativity*", embora a piada que corre sobre a *Trilogia Kosmos* é que vamos tentar manter "sexo" como primeira palavra nos três títulos. Então, hum, "*Sex, Karma and Creativity*"; ou "*Sex, God and the Big O*". Não importa. De qualquer forma, esperamos tê-lo nas livrarias no próximo ano, juntamente com mais três volumes das Obras completas (CW9: *Boomeritis* com suas notas explicativas e *sidebars* – um total de cerca de 900 páginas; CW10: *A Theory of Everything*, ensaios, entrevistas, prefácios; CW11: *Kosmic Karma and Creativity*, também ao redor de 900 páginas). O presente excerto é um de mais ou menos sete rascunhos iniciais de KKC que estou divulgando. Quase todo mundo está chamando KKC de "Wilber-5"; após um período de indecisão, resolvi concordar pelo que pode valer. Em todo caso, este excerto é o primeiro a dar, de fato, um sabor da abordagem pós-metafísica. Claro que todos os elementos anteriores foram transcendidos e incluídos nessa nova abordagem; mas eles são radicalmente reconceituados de uma forma que não apresenta precedentes históricos. Será que vai funcionar? Veja o que você acha... KW.]

I – Introdução: Teoria de Sistemas versus Hermenêutica: por que ambas são importantes

Visão geral

No Excerto A ("O limiar de uma Era Integral"), resumimos as evidências que sugerem que uma elite cultural, representando menos de 2% da população adulta, está entrando em ondas psicossociais de desenvolvimento, que podem ser mais bem descritas como integrais, e que esses 2% podem muito bem ser o arauto de ondas integrais de consciência que surgirão na cultura em geral. De certa forma, é uma situação paradoxal, porque essa "elite" é a primeira a realmente abraçar uma inclusão radical, inclusão que não é compartilhada pelos outros 98% da população neste momento (embora eles também possam desenvolver essa orientação inclusiva e integral). Mas as ondas integrais de consciência, independentemente de como concebidas, apresentam, pelo menos, uma coisa em comum: a compreensão que "todo mundo está certo".

Isso significa que a principal atividade da cognição integral não é olhar para todas as teorias disponíveis – sejam pré-modernas, modernas ou pós-modernas – e então perguntar: "Qual delas é a mais correta ou aceitável?", mas, ao invés, perguntar: "Como todas elas podem ser corretas?". O fato é, todas as várias teorias, práticas e paradigmas estabelecidos – nas ciências, artes e humanidades – já estão sendo praticados: eles vêm surgindo em um Kosmos que, claramente, permite que surjam, e a pergunta não é, qual deles é o correto, mas, em primeiro lugar, qual é a estrutura do Kosmos que permite o surgimento de todos? Qual é a arquitetura de um universo que inclui tantos cômodos maravilhosos?

Uma arquitetura sugerida do Kosmos é chamada de AQAL [All Quadrants All Levels] (pronuncia-se "aqual", abreviatura para "todos os quadrantes, todos os níveis, todas as linhas, todos os estados, todos os tipos..."). A correlação pragmática da metateoria AQAL é um conjunto de práticas (ou metaparadigmas) denominado Pluralismo Metodológico Integral, que tenta honrar e incluir os muitos modos importantes de pesquisa humana já surgidos neste espaçoso Kosmos.

Em particular, focalizamos os aspectos quadráticos desse pluralismo metodológico, em que "quadrático" refere-se a quatro das dimensões mais básicas de estar no mundo, dimensões que são tão fundamentais a ponto de estar embutidas em linguagens naturais como variações de pronomes de primeira pessoa^A, segunda pessoa^B e terceira pessoa^C (que podem ser resumidos como "eu", "nós", "isto" e "istos"^D). Como vimos, eles representam o interior e o exterior do singular e do plural: conseqüentemente, os quatro quadrantes (subjeto ou "eu", objetivo ou "isto", intersubjeto ou "nós" e interobjetivo ou "istos"). Alguns aspectos dessas quatro dimensões são indicados na figura 1.

Também vimos que os seres humanos, ao longo de décadas e, por vezes, séculos, desenvolveram métodos de pesquisa testados pelo tempo que enagem, geram e iluminam essas dimensões básicas de estar no mundo. Por exemplo, a fenomenologia e a introspecção

A. Primeira pessoa ou 1p (sem hífen) representa, na notação da matemática integral, uma primeira pessoa "eu" não específica. (N.T.)

B. Segunda pessoa ou 2p (sem hífen) representa, na notação da matemática integral, uma segunda pessoa "tu/nós" não específica. (N.T.)

C. Terceira pessoa ou 3p (sem hífen) representa, na notação da matemática integral, uma terceira pessoa "isto" não específica. (N.T.)

D. O pronome demonstrativo *isto* não tem plural na língua portuguesa. Tomei a liberdade de usá-lo no plural, a fim de que não haja confusão entre o *isto* do Quadrante Superior Direito (QSD) e os *istos* do Quadrante Inferior Direito (QIE) – correspondentes, respectivamente, aos pronomes neutros *it* e *its* da língua inglesa. (N.T.)

enagem, geram e iluminam as dimensões de primeira pessoa do singular de estar no mundo ("eu" ou subjetividade, o QSE); a hermenêutica e a pesquisa colaborativa enagem, geram e iluminam as dimensões de segunda pessoa do singular e primeira pessoa do plural de estar no mundo ("tu/nós" ou intersubjetividade, o QIE); o empirismo e o behaviorismo enagem, geram e iluminam as dimensões de terceira pessoa do singular de estar no mundo ("isto" ou objetividade, o QSD); e a ecologia, o funcionalismo e a teoria de sistemas enagem, geram e iluminam as dimensões de terceira pessoa do plural de estar no mundo ("istos" ou interobjetividade, o QID). Claro, existem muitos outros modos importantes de pesquisa, mas esses são alguns historicamente mais significativos e, certamente, modos que qualquer pluralismo metodológico precisa considerar.

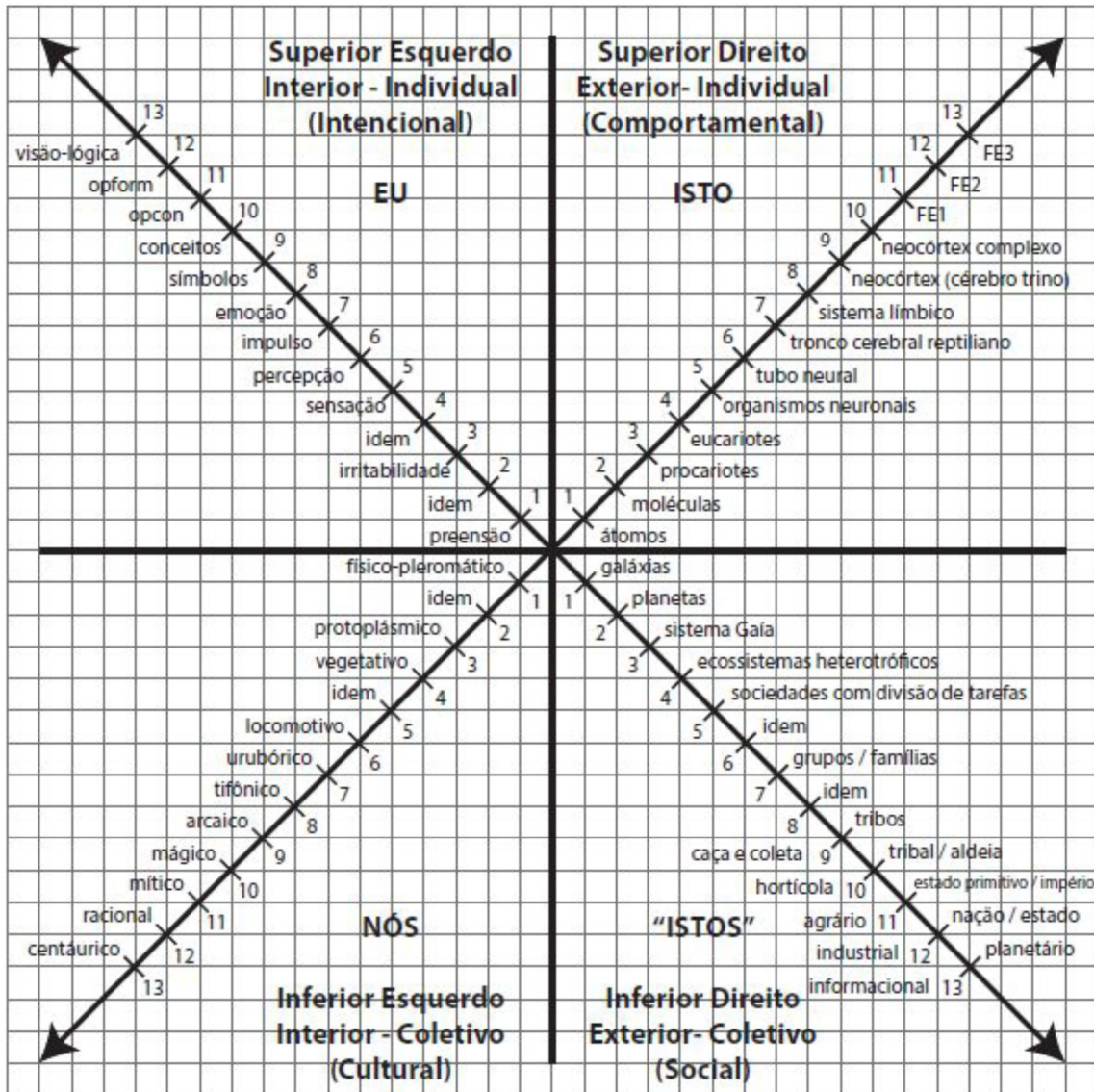


Figura 1 – Os Quatro Quadrantes

Também vimos que as dimensões coletivas ou comunitárias – as dimensões intersubjetivas e interobjetivas – não são algo que possa ser derivado das interações entre sujeitos e objetos; pelo contrário, as dimensões intersubjetivas e interobjetivas estão lá desde o começo, juntamente com a subjetividade e a objetividade, e não algo que "vem depois" de sujeitos e objetos. Nem vamos para o outro extremo e imaginamos que, por exemplo, a intersubjetividade seja, de certa maneira, mais fundamental que sujeitos e objetos, ou que os sujeitos e objetos "venham depois" ou "provenham" da intersubjetividade (se fosse assim, qualquer criatividade genuinamente individual seria invalidada e temos amplas razões para

acreditar que não é este o caso). Os quatro quadrantes não são quatro ocasiões diferentes, mas quatro perspectivas (e conseqüentemente dimensões) diferentes de cada ocasião. (Isto é, várias perspectivas – como as de primeira pessoa, segunda pessoa e terceira pessoa – não são meramente perspectivas de um evento único pré-dado, mas, pelo contrário, geram e enagem aspectos ou dimensões diferentes de um evento e, conseqüentemente, essas perspectivas-dimensões não são onticamente redutíveis, nem intercambiáveis, entre si.) O ponto fundamental de uma abordagem quadrática é que todas as quatro dimensões surgem simultaneamente: elas tetraenagem entre si e tetraevoluem juntas.

As abordagens pré-quadráticas que consideram uma dessas dimensões anterior ou fundamental – e as outras vindo depois ou derivando da suposta dimensão prévia – são pegadas naquilo que chamamos de absolutismo de quadrante, que assume uma dimensão favorita e a absolutiza, transformando-a na essência da qual todas as outras dimensões devem provir. (O modernismo tende a privilegiar a objetividade; o pós-modernismo tende a privilegiar a intersubjetividade; a ecologia tende a privilegiar a interobjetividade etc.) Também vimos exemplos de absolutismo de onda, absolutismo de corrente e absolutismo de tipo. Tais absolutismos parecem contrários ao espírito de um pluralismo metodológico integral, que é guiado, como vimos no Excerto B, pelos princípios heurísticos de não exclusão, envolvimento [desdobramento] e enação. Conseqüentemente, esses absolutismos, provavelmente, encontrarão pouco espaço em uma metateoria integral, embora suas respectivas metodologias encontrem (é o absolutismo, não a pesquisa, que é recusado).

Neste Excerto, focalizaremos primeiramente as dimensões coletivas ou comunitárias de estar no mundo (o Quadrante Inferior Esquerdo e o Quadrante Inferior Direito) – a natureza real da intersubjetividade e interobjetividade – especialmente como vistas pela hermenêutica (ou interpretação de primeira-pessoa^E no âmbito de círculos de "nós") e pelas ciências sistêmicas (ou observação de terceira-pessoa^F de redes de "istos"). Após algumas sugestões preliminares sobre as importantes diferenças entre essas abordagens – nenhuma delas pode ser reduzida ou substituir a outra – enfocaremos no resto deste Excerto a hermenêutica e a intersubjetividade, e dedicaremos a maior parte do próximo Excerto à teoria de sistemas e à interobjetividade.

Perspectivas primordiais de estar no mundo

Neste Excerto, tomaremos como exemplos ocasiões reais (ou hólons) em cada um dos quatro quadrantes, consideraremos como esses hólons se apresentam ou são percebidos quando vistos de dentro, e compararemos com sua apresentação ou percepção quando vistos de fora. Em outras palavras, consideraremos como um "eu" se mostra de dentro e de fora; como um "nós" se mostra de dentro e de fora; e o mesmo para um "isto" e um "istos". Isto está esquematicamente indicado na figura 2 – os aspectos de dentro [inside] e de fora [outside] dos hólons nos quatro quadrantes.

E. Primeira-pessoa ou 1-p (com hífen) refere-se, na matemática integral, à "visão de dentro" de qualquer quadrante. (N.T.)

F. Terceira-pessoa ou 3-p (com hífen) refere-se, na matemática integral, à "visão de fora" de qualquer quadrante. (N.T.)

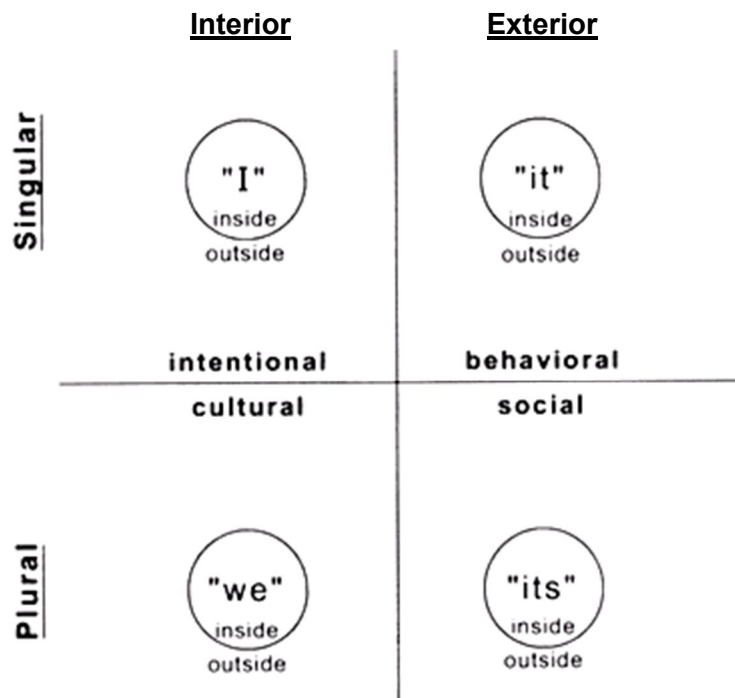


Figura 2 – Oito perspectivas inatas

O resultado, como você pode ver na figura 2, é um esboço de oito perspectivas inatas, inerentes ou primordiais que todos os hólons possuem. Longe de ser algum tipo de sistematização abstrata, essas oito perspectivas inatas são os espaços fenomenológicos de onde foi lançada a maior parte das principais formas de pesquisa humana. Alguns desses importantes modos ou paradigmas de pesquisa são indicados na figura 3.

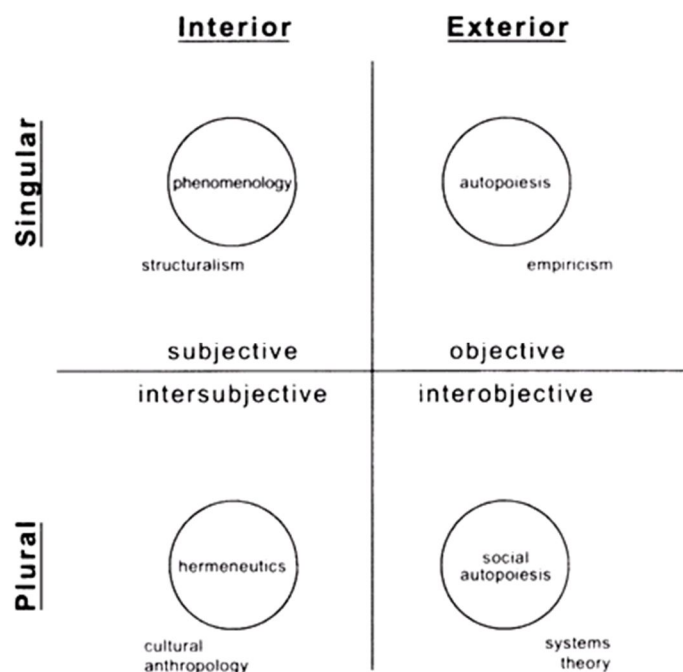


Figura 3 – Importantes metodologias

Discutiremos todos esses itens mais cuidadosamente nas seções seguintes. No momento, nosso ponto introdutório básico é que, ao honrar todas as perspectivas inatas de estar no mundo, podemos chegar mais delicadamente a um Pluralismo Metodológico Integral, que abraça os muitos modos de pesquisa que os seres humanos já praticam – e eles o fazem

porque essas metodologias são "reais", qualquer que seja a definição significativa dessa palavra. As várias metodologias – do empirismo à hermenêutica, ao behaviorismo, à teoria de sistemas – são tão reais quanto as perspectivas de primeira pessoa, segunda pessoa e terceira pessoa que as enagem. A tentativa de privilegiar uma metodologia única é, simplesmente, uma tentativa de violar as outras perspectivas inatas que dão suporte a práticas diferentes, uma violência que qualquer Integralismo genuíno – que segue os princípios de não exclusão, envolvimento e enação – seguramente precisa evitar.

Um cálculo integral de perspectivas primordiais

A sugestão, que exploraremos ao longo deste excerto, é: já que o universo manifesto é composto de hólons – infinitamente para cima, infinitamente para baixo – e já que todos os hólons individuais são sencientes (ou possuem apreensão), então essas dimensões ou perspectivas de estar no mundo acompanham os hólons onde quer que eles surjam – de átomos a formigas, a macacos – não necessariamente como perspectivas autorreflexivas, mas como dimensões próprias de estar no mundo. Em outras palavras, essas perspectivas são inerentes a todos os seres sencientes.

Às vezes, eu me referirei a soma total das várias perspectivas como um cálculo integral de perspectivas primordiais. A expressão "cálculo integral" não significa matemática; é usada genericamente para qualquer avaliação ou "cálculo" mental que inclua todas essas perspectivas (a figura 2, por exemplo, é uma versão de um cálculo integral de perspectivas inatas). A figura 2, desnecessário dizer, é simplesmente um mapa, um formalismo, um conjunto de terceira pessoa de abstrações, mas como abstrações, apresenta diversas vantagens, a primeira delas sendo que, embora seja meramente um sistema de símbolos de terceira pessoa, esses símbolos de terceira pessoa incluem explicitamente realidades de primeira pessoa e segunda pessoa. Um cálculo integral é apenas um mapa, mas diferentemente da maioria de outros mapas, não ignora, suprime, omite ou nega as dimensões de primeira pessoa, segunda pessoa e terceira pessoa.

Como decorrência, essa avaliação integral também pode ser aplicada especificamente à matemática, se tivermos vocação para ela. Uma matemática verdadeiramente integral visualizaria o mundo não como uma coleção de objetos, mas como um conjunto de seres sencientes e, conseqüentemente, substituiria variáveis por visões, domínios por sujeitos, e percepções por perspectivas. Para os interessados, apresentaremos isso no Apêndice B.

O ponto é que qualquer tipo de "cálculo integral" – de simples avaliações até uma verdadeira matemática – é meramente uma expressão abstrata de terceira pessoa para realidades e dimensões de primeira pessoa, segunda pessoa e terceira pessoa de estar no mundo; mas usaremos essa expressão como um simples lembrete para nunca esquecer essas dimensões. Da mesma forma que o SOI ("Sistema Operacional Integral") e AQAL ("todos os quadrantes, todos os níveis, todas as linhas..."), o cálculo integral é composto apenas de símbolos e esqueletos de terceira pessoa de vida e consciência, alma e senciência – todos lembretes de terceira pessoa para incluir tudo dessas primeiras pessoas e segundas pessoas em todas as coisas integrais.

Dois importantes abordagens para a Teoria de Sistemas

Começemos com um breve resumo da teoria de sistemas, a fim de estabelecer algumas questões centrais que iremos considerar. Ao percorrer a teoria de sistemas usando um cálculo integral de perspectivas inatas, podemos apreciar mais facilmente seus pontos fortes e fracos.

Existem muitas formas de classificar os diversos tipos de teoria de sistemas, desde históricas a metodológicas a teóricas. Embora não desejando omitir de modo algum as muitas distinções importantes entre as várias escolas, eu gostaria de focalizar neste excerto dois tipos que talvez sejam os mais influentes da teoria de sistemas atual. Como Bausch assinala, existem atualmente "duas principais teorias unificadoras do pensamento sistêmico: (1) teorias de

complexidade/bifurcação/componentes e (2) autopoiese" – que chamaremos simplificada de sistemas e autopoiese.¹ Também examinaremos tentativas de integrar essas duas importantes abordagens; mas, primeiro, vejamos seus contornos específicos.

Para os interessados, eis aqui alguns detalhes técnicos, seguidos por um breve resumo:

Essas duas linhas de pensamento levam a teoria de sistemas além dos limites de modelos mecânicos (fechados) e modelos orgânicos (abertos) e a colocam na arena de modelos emergentes. O pensamento de sistemas de componentes, que foi proposto por Csanyi, Kampis e (até certo ponto) Goertzel, é fruto da Teoria Geral de Sistemas (TGS) de Bertalanffy. A TGS "possibilitou inter-relacionar a teoria do organismo, a termodinâmica e a teoria evolucionária" (Luhmann). A teoria de sistemas de componentes inclui vagamente o conceito de bifurcação de Prigogine, a biologia molecular de Eigen, o conceito de complexidade de Kauffman e Gell-Mann, a física da teoria de informação e a sociologia de mapas cognitivos. Ela descreve os processos que geram unidade e complexidade crescentes com detalhes específicos que, supostamente, têm aplicação universal.

A autopoiese, em sua forma biológica, proposta por Maturana e Varela, considera os organismos como sistemas fechados em sua organização interna, mas abertos no nível de sua composição estrutural e metabolismo. A autopoiese, em sua forma sociológica, proposta por Luhmann, focaliza a diferença entre sistema e meio ambiente, e identifica sistemas autopoieticos com a unidade de contradição que deriva do fato de serem, simultaneamente, autônomos de seu ambiente e totalmente dependentes dele. Em nossas reflexões sobre sistemas autopoieticos e sistemas de componentes, descobrimos perspectivas de novas, e possivelmente frutíferas, explicações sobre processos físicos, orgânicos, sociais e culturais. Esses conceitos [sistema de componentes e autopoiese] abrangem a maioria das ideias que são consideradas e avaliadas nesta pesquisa.²

A primeira abordagem é a teoria de sistemas dinâmicos mais comum, que (nesta classificação simples) inclui uma ampla variedade de itens: teoria geral de sistemas, cibernética, estruturas dissipativas, sistemas de componentes, teorias do caos, teorias da complexidade, e assim por diante. Como veremos, a teoria de sistemas dinâmicos é frequentemente chamada de a visão "de fora" (ou racional), porque ela tenta apresentar a perspectiva global vista de fora: "destacada, objetiva, sistêmica, reconstrutiva".

A segunda abordagem importante tenta apresentar um relato, não do sistema visto de fora, mas das escolhas internas feitas por um organismo individual enquanto participa ativamente de (e enage) seu ambiente – esta é a perspectiva autopoietica, também chamada de visão "de dentro" (ou cognitiva).

(A propósito, todos esses termos – autopoietico, cognitivo, dentro, sistema, racional, fora – são termos usados pelos próprios teorizadores, como diversas citações mostrarão. Neste momento, não estou apresentando minha interpretação dessas escolas, simplesmente relatando como elas se veem.)

Assim, temos uma perspectiva sistêmica / racional / de fora, e uma perspectiva autopoietica / cognitiva / de dentro. Algumas pessoas ficam confusas com o uso de "racional" e "cognitivo" nesse esquema, já que, normalmente, essas duas palavras significam a mesma coisa; por que neste caso elas são diametralmente opostas? Como empregada pelos próprios teorizadores, "cognição" não é usada especificamente para significar "racional" ou "intelectual," mas no seu significado mais amplo e mais preciso, que é qualquer tentativa do organismo para registrar seu meio ambiente (e.g., uma ameba reage à luz, portanto apresenta uma cognição rudimentar da luz). Nesse sentido, se eu assumo uma perspectiva "cognitiva" da biologia, tentarei explicar, do ponto de vista do organismo, os tipos de reações, comportamentos e cognições que o organismo propriamente dito apresenta, à medida que

encontra, enage e dá à luz seu mundo. Às vezes, essa perspectiva também é chamada de fenomenologia biológica, porque tenta descrever o mundo fenomênico do organismo em si. Isso é o que as abordagens autopoieticas, desbravadas por Maturana e Varela, tentam fazer. Daí: autopoietico, cognitivo, visão de dentro.

"Racional", por outro lado, é meramente um tipo (ou nível) de cognição; como usado por esses teorizadores, quer dizer a atividade racional dos próprios cientistas à medida que tentam explicar fenômenos em termos de, digamos, sistemas dinâmicos complexos de interação mútua. Nessa abordagem geral de sistemas – a abordagem "racional" – a tentativa não é "entrar" no organismo, mas ficar de fora e tentar ver o quadro completo, o sistema total ou a rede de relações enquanto os organismos interagem ou se influenciam mutuamente. Essa visão "racional" não afirma que a Teia da Vida seja uma entidade racional, mas simplesmente que os cientistas tentam estudar racionalmente essa Teia. Daí: sistêmico, racional, visão de fora.

Observe que, embora todos os organismos tenham uma visão cognitiva do seu mundo, somente os cientistas têm uma visão racional.

A tensão profunda entre essas duas abordagens gerais – cognitiva e racional – pode ser sentida no fato de que Maturana e Varela, os pioneiros mais influentes da abordagem autopoietica, se recusam, explicitamente, a incluir a visão sistêmica em sua explicação do comportamento do organismo vivo. Por quê? Porque a visão sistêmica NÃO está disponível, por exemplo, para a ameba, quando ela reage à luz; assim, a visão sistêmica não pode fazer parte dos princípios explicativos da fenomenologia biológica.

Maturana e Varela não estão dizendo que não exista algum tipo de sistema maior operando (um sistema que é racionalmente concebido pelas abordagens sistêmicas, como a Teia da Vida, que é em si um conceito sustentado por alguns humanos, não um conceito empregado por lobos, vermes ou bactérias). Maturana e Varela estão simplesmente assinalando que o organismo biológico individual não contém esse conhecimento sistêmico global como parte de sua cognição; portanto, impingir a visão geral de sistemas ao organismo viola sua fenomenologia real (a menos que o organismo seja um cientista racional que utilize a teoria de sistemas em seu processo cognitivo).

Há um valor evidente no que Maturana e Varela dizem, quando apontam para a violência que pode ser cometida ao se forçar a visão sistêmica no mundo vital do organismo, uma advertência também feita por Habermas (entre muitos outros); cada um deles ressaltou que a ideia de uma grande Teia da Vida é um conceito antrópico que viola a fenomenologia biológica de formas importantes (na verdade, é "antropocêntrico", porque somente os humanos conceituam a vida dessa forma e, desse modo, ao promulgar a Teia da Vida, estão privilegiando uma visão de vida cognitiva que, simplesmente, não é compartilhada pela maioria dos organismos).

Ao mesmo tempo, existem verdades também importantes que parecem ser captadas pela visão sistêmica em suas muitas formas. E, de fato, a maior parte das tentativas para se chegar a uma teoria de sistemas "completa" enfoca a integração dessas duas abordagens, autopoietica e sistêmica.

Permita-me, agora, apresentar sucintamente minhas críticas às duas visões, para, em seguida, discutirmos seus méritos. Minha principal reserva é que nenhuma dessas abordagens (nem ambas combinadas) cobrem todos os quatro quadrantes, apenas dois deles – isto é, os exteriores vistos de dentro e de fora, não os interiores vistos de dentro e de fora – e, desse modo, mesmo combinando-as, elas não chegarão à integralidade. Ao começarmos a empregar um cálculo integral de perspectivas primordiais, que destaca os mundos fenomenológicos embutidos nessas abordagens, é que poderemos, verdadeiramente, começar a apreciar suas respectivas contribuições (bem como suas limitações específicas).

Eis alguns exemplos. Como relatado por Bausch: "O conceito de autopoiese, como um ciclo fechado de autorreprodução, em que sistemas sobrevivem e progridem por acoplamento estrutural com seus ambientes, é um catalisador importante de grande parte do pensamento sistêmico atual.". Ele continua assinalando que "essa ideia despertou em Luhmann sua concepção de sociedade como um sistema autopoietico de comunicação". Porém, como Bausch observa, as duas importantes perspectivas estão em conflito nesses teorizadores: "Maturana e Varela desenvolveram cuidadosamente um modelo de fenomenologia biológica com o intuito de manter o ponto de vista autopoietico interno. Luhmann passa do ponto de vista autopoietico para o ponto de vista do observador destacado, objetivo." (Isto é, as duas principais abordagens: cognitiva e racional).

Bausch continua e destaca a tensão entre essas duas abordagens: "Luhmann, como Maturana e Varela antes dele, explica as origens do mundo social do ponto de vista de como um participante, fazendo seleções, forma a complexidade de seu mundo [de dentro/visão autopoietica]. Em seu modelo, ele constrói estruturas sociais sobre o projeto nunca terminado de solucionar a contingência dupla. Posteriormente, Luhmann adota a posição do teorizador [de fora, racional, observador sistêmico]. Luhmann salta da perspectiva do participante-envolvido para o ponto de vista abrangente do observador 'objetivo'. Ele troca a perspectiva interna de um sistema autopoietico, enfrentando um mundo incerto, por uma perspectiva teórica objetiva, que prescreve uma lógica de desenvolvimento para sistemas autopoieticos." Nós, igualmente, encontramos a mesma tensão (não completamente resolvida) em Habermas: "Habermas descreve a comunicação como um observador acadêmico imparcial. Ele desenvolve sua teoria de ação comunicativa com cuidadosa atenção aos detalhes; ele provê estrutura para sua teoria reconstruindo o pensamento de Weber, Marx, Mead e Durkheim. Por meio de seu método de reconstrução científica, ele ganha distância e uma certa objetividade mediada para suas conclusões."

Como observado, praticamente todos os principais teorizadores de sistemas sociais de vanguarda concordam que exista algum grau de verdade em ambas as abordagens – há escolhas e cognições autopoieticas (que tentam levar em conta um tipo de mundo vital ou de realidades de primeira pessoa), como também há um tipo de objetividade mediada que pode ser reconstruída (por abordagens sistêmicas de terceira pessoa). Eu, certamente, concordo que qualquer abordagem integral deva incluir as duas metodologias (isto é, ambos os paradigmas ou práticas sociais).

O ponto no momento é simplesmente que as abordagens autopoieticas ou de "primeira pessoa" não são realmente de primeira pessoa. Elas não são descritas em termos de "eu", não necessitam de um conhecimento por familiaridade, não se baseiam na solidariedade, não produzem uma fenomenologia de apreensão interior, mas, sim, de cognição exterior – em resumo, elas não tratam, real ou completamente, do QSE, nem, pelas mesmas razões, incluem uma intersubjetividade madura (QIE).

Na maior parte das abordagens autopoieticas, o organismo individual enage um mundo via uma história de acoplamento estrutural: esse é o paradigma de enação de Varela (que consideramos ser um paradigma de enação parcial, porque ele toca de leve em aspectos parciais da tetraenação). Até aí, é um avanço significativo sobre as abordagens prévias, que viam o organismo simplesmente representando ou respondendo ao mundo (o mito do dado e o Espelho da Natureza), ou como sendo meramente uma parte da Teia da Vida – uma visão, como vimos, que as abordagens autopoieticas criticam severamente.

(Elas o fazem porque a maioria das teorias da Teia da Vida pressupõe a desacreditada epistemologia do Espelho da Natureza, que afirma que a natureza ou a biosfera é uma Teia entrelaçada de relações inseparáveis, e que devemos viver em harmonia com, ou espelhar com precisão, essa Teia, uma visão que falha ao não levar adequadamente em conta que padrões autopoieticos diferentes enagem mundos diferentes. Não existe meramente uma Teia pré-dada que nós deveríamos refletir corretamente – uma visão representacional e monológica que, Varela assinala corretamente, encarna uma antiquada epistemologia

modernista/iluminista – mas, ao contrário, uma série de mundos vitais e espaços de mundo dados à luz por cognição autopoietica e acoplamento estrutural; como relacionar esses vários mundos fenomenológicos não foi tratado ou reconhecido por nenhum teorizador importante da Teia da Vida. Niklas Luhmann termina a crítica assinalando que sistemas sociais não são compostos de organismos, mas de comunicação – uma distinção crucialmente importante a qual retornaremos. AQAL foi projetado em parte para incorporar esses tipos de correções pós-modernistas, que levam em conta, e permitem, que todos esses espaços fenomenologicamente enagidos surjam. Quando eu me referir à "Teia da Vida", o contexto determinará se isso significa uma Teia da Vida monológica, que é realmente antiquada e está sendo criticada, ou uma Teia da Vida enagida, que é a visão mais adequada do QID de interobjetividade, mas que ainda é uma avaliação de terceira pessoa que não pode substituir os correspondentes interiores acessados pela hermenêutica e fenomenologia. Voltaremos a esses importantes tópicos à medida que prosseguirmos.)

Em resumo, as teorias autopoieticas nos lembram que o organismo objetivo não é meramente um fio de uma Teia, mas também um agente relativamente autônomo enagindo seu ambiente, um ambiente que não é uma Teia pré-dada, e sim dado à luz em parte pelo regime autopoietico do próprio organismo. Isso significa que o organismo possui várias fenomenologias (ou realidades interiores) que tomam parte na geração ou enação do seu mundo. Essas realidades interiores são conhecidas de dentro como experiências, e são vistas de fora como comportamento.

Foi tal atenção cuidadosa ao mundo vital real de um organismo que levou Maturana e Varela a suas ideias revolucionárias sobre fenomenologia biológica. Eles queriam dar, não apenas a visão "de fora", mas a visão "de dentro" – daí as duas principais abordagens das ciências de sistemas atuais.

Mas o principal problema provavelmente tornou-se óbvio agora. Embora as abordagens autopoieticas ou "de dentro" realmente tentem representar as escolhas e enações internas do organismo participativo, elas não dão um relato fenomênico de primeira pessoa dos interiores ou preensões reais dos organismos (QSE), mas uma descrição objetiva de terceira pessoa desses interiores, à medida que eles enagem seu ambiente via acoplamento estrutural (QSD). Em outras palavras, as abordagens "internas", ou "autopoieticas", ou "de dentro" não são realmente "o dentro de um eu" e sim "o dentro de um isto" (isto é, a autopoiese descreve os dentros de um hólón no Quadrante Superior Direito, não os dentros de um hólón no Quadrante Superior Esquerdo) – não preensões, mas átomos; não sensações, mas escolhas de redes neurais; não presença vivida, mas acoplamento estrutural; não intenções e desejos, mas mapas cognitivos do mundo vital; e assim por diante. Os dentros dos interiores são reduzidos a dentros dos exteriores, o que colapsa o Lado Esquerdo no Lado Direito – e os verdadeiros interiores que você estava tentando honrar são apagados do Kosmos. Assim, a maior parte das abordagens autopoieticas tenta corretamente integrar estruturalmente o organismo individual (QSD) e o ambiente interobjetivamente enagido (QID), mas normalmente reduz muito do, ou todo o, QSE ao QSD e o QIE ao QID – a própria essência do reducionismo sutil.

Não estamos sugerindo que as abordagens autopoieticas estejam erradas, apenas que elas se situam em modos de pesquisa de terceira pessoa, não de primeira pessoa. Novamente, usando um cálculo integral de perspectivas inerentes, podemos desembrulhar mais cuidadosamente as perspectivas implícitas na visão autopoietica e, desse modo, apreciar mais prontamente suas forças e fraquezas.³

Por outro lado, as abordagens sistêmicas apresentam um relato soberbo de sistemas ecológicos vistos de fora (e.g., sistemas de processos mutuamente interativos e redes dinâmicas de "istos"), uma cognição que, embora indisponível para a maioria dos organismos, é uma perspectiva importante sobre a natureza de certas dimensões de estar no mundo. Claro, as teorias de sistemas tradicionais não cobrem adequadamente os interiores dessas redes ecológicas, que não são compostos de sistemas de processo de "istos", mas de compreensões mútuas em círculos de "nós". Os exteriores de sistemas são bem captados

pela ecologia; os interiores, pela hermenêutica. Existem verdades muito importantes (isto é, perspectivas) contidas nessas abordagens, e todas, obviamente, terão seu lugar em qualquer pluralismo metodológico integral – desde que privadas de seus absolutismos.

Essa é a nossa meta: criar por meio de "engenharia reversa" uma estrutura que abranja, de forma plausível, todas essas metodologias importantes – da fenomenologia à autopoiese, à teoria de sistemas, à hermenêutica – "deduzindo transcendentemente" uma estrutura do Kosmos que permitiu, em primeiro lugar, que essas metodologias surgissem e existissem, porque elas já existem de fato. A estrutura explicativa sugerida é chamada de AQAL; sua orientação é uma avaliação integral de perspectivas inerentes; sua prática social é um Pluralismo Metodológico Integral; sua filosofia é a Pós-metafísica Integral; sua rede de processamento é o SOI (Sistema Operacional Integral) – todos termos de terceira pessoa para uma visão do Kosmos em que primeiras pessoas e segundas pessoas são agentes irreduzíveis, portadores de consciência, intencionalidade e percepção, não meramente de matéria, energia, informação e causalidade.

Tudo começa ouvindo-se nossas perspectivas inatas.

Qual é o significado de "dentro" e "fora"?

A fim de chegarmos ao coração dessas questões, precisamos de uma terminologia simples para os muitos usos diferentes das palavras "dentro", "interno", "interior" e "fora", "externo", "exterior", já que diferentes autoridades parecem dar significados diferentes para elas. Obviamente, isto pode nos levar a uma espinhosa confusão semântica, daí precisarmos manter o problema tão simples quanto possível, enquanto cobrimos tantas bases quanto necessárias (de modo a violentar o mínimo possível as perspectivas-dimensões inatas de estar no mundo).

Uma vez que os quadrantes representam quatro das perspectivas mais básicas de estar no mundo, o caminho mais simples para prosseguir é usá-los como ponto de referência. Como previamente observado, a figura 2 é um esquema dos quadrantes, com um hólón apresentado em cada quadrante. (Um hólón é um todo/parte, ou uma totalidade que é parte de outras totalidades. A "fronteira" entre "dentro" e "fora" de cada um dos hólons na figura 2 é simplesmente o limite entre sua "totalidade" – seu lado de dentro – e sua "parcialidade" – em que é uma parte de uma totalidade que está fora de sua própria fronteira. Olharemos para os "dentros" e os "foras" de cada um desses quatro tipos importantes de hólons – os dentros e os foras de um "eu", de um "nós", de um "isto" e de um "istos".) É óbvio que não existem hólons diferentes nos quatro quadrantes; os quatro quadrantes são as quatro dimensões de todo hólón.⁴ Mas é mais fácil e mais simples dizer coisas como "hólons no QSD", e assim por diante, o que é aceitável, desde que a tetranatureza de qualquer hólón seja lembrada.

Com isso em mente, podemos usar a palavra interior para nos referirmos a qualquer ocasião ou hólón nos quadrantes do Lado Esquerdo, e exterior para qualquer ocasião nos quadrantes do Lado Direito. Os quadrantes superiores se referem a hólons individuais ou singulares, e os quadrantes inferiores se referem a hólons plurais, sociais ou coletivos. Assim, os quatro quadrantes representam os interiores e os exteriores do singular e do plural (figura 2).

Como eles estão relacionados às perspectivas de primeira pessoa, segunda pessoa e terceira pessoa? "Primeira pessoa" refere-se à pessoa que está falando (singular: eu; plural: nós); a "segunda pessoa" refere à pessoa com quem se fala (singular: tu, você; plural: vós, vocês); e a "terceira pessoa" refere-se à pessoa ou coisa de que se está falando (singular: ele, ela, isto; plural: eles, elas, "istos").

Embora com as formas singular e plural as "três pessoas" nos deem seis perspectivas, na maior parte das vezes elas se condensam em quatro perspectivas fundamentais: eu, nós, isto e "istos". A principal razão é que, não obstante a segunda pessoa "você" ser crucialmente importante, se eu for um interlocutor de primeira pessoa falando com a segunda pessoa você,

a implicação clara é que você pode me entender até certo ponto e, portanto, cada "você" existe realmente como parte de um "nós", ou não aconteceria nenhuma comunicação. Daí porque "você/vocês" (segunda pessoa) é normalmente considerado junto como "nós" (ou primeira pessoa do plural; é por isso que, às vezes, eu resumo os pronomes de primeira pessoa, segunda pessoa e terceira pessoa como "eu, nós e isto"). Não estamos de forma alguma negligenciando as perspectivas de segunda pessoa, mas em avaliações simples, elas normalmente podem ser incluídas como parte das perspectivas de primeira pessoa do plural – você e eu nos entendemos somente quando ambos podemos dizer "nós".

Uma perspectiva, realidade ou dimensão de primeira pessoa é algo que somente pode ser visto por um interlocutor em um espaço de mundo particular. (Como veremos, "interlocutor" não significa necessariamente interlocutor linguístico, mas qualquer sujeito preensivo – células, formigas, macacos.) Um hólon de primeira pessoa pode certamente ver e sentir objetos e eventos exteriores, mas a única coisa que uma primeira pessoa pode ver (e que nenhuma outra pode) é seu espaço interior próprio – o espaço descrito na linguagem "eu". Esse espaço-eu é, essencialmente, o Quadrante Superior Esquerdo; refere-se aos espaços fenomenológicos interiores de um hólon individual (singular). Um "espaço-eu" é um espaço fenomenológico dado à luz, enagido e iluminado por um sujeito de consciência particular.

Se uma segunda pessoa – como você – entra no meu espaço de mundo (ou meu "espaço-eu"), você e eu podemos ser capazes de manter uma comunicação, diálogo e algum tipo de compreensão – como, espero, esteja acontecendo agora mesmo com as palavras que você está lendo. Se isso acontece, a segunda pessoa "você" e a primeira pessoa "eu" nos tornamos parte de uma primeira pessoa do plural "nós" (ou um círculo hermenêutico de compreensão). Claro, se você e eu estivéssemos juntos na mesma sala, nós trocaríamos de posição entre primeira pessoa e segunda pessoa, de forma que aconteceria um diálogo mútuo que enagiria mais facilmente um "nós" (o que acontece quando você e eu podemos dizer, "nós nos entendemos um com o outro" – não necessariamente concordamos um com o outro, mas compreendemos um ao outro). O ponto essencial é que um "você" e um "eu" podem se reunir para formar algum tipo de "espaço-nós" fenomenológico.

Esse "espaço-nós" é essencialmente o Quadrante Inferior Esquerdo (às vezes também chamado de espaço "você-nós", o que é normalmente referido como segunda pessoa). O grande mistério e milagre de qualquer "nós" é algo de que voltaremos a falar ao longo desta apresentação, embora fosse muito melhor que você estivesse aqui e pudéssemos nos revezar como interlocutores.

Assim, interior significa quaisquer fenômenos em um espaço-eu ou espaço-nós (isto é, qualquer hólon nos quadrantes do Lado Esquerdo: as realidades de primeira pessoa disponíveis para um hólon portador de senciência ou preensão). Exterior, por outro lado, significa quaisquer fenômenos apreendidos por uma perspectiva de terceira pessoa (isto é, fenômenos ou hólons nos quadrantes do Lado Direito: quaisquer fenômenos em um "espaço-isto").

Eis um exemplo. Você e eu estamos conversando, e falando sobre outra pessoa, George. George, claro, é a terceira pessoa aqui. Uma questão interessante é se George pode ou não participar da nossa conversa. Isto é, é possível para George entender o que você e eu estamos falando? Vamos assumir que George seja um amigo; nesse caso, a resposta será sim: George pode se juntar à conversa de muitas formas, nós três podemos nos revezar na interlocução (ou sermos a primeira pessoa, um por vez), e nos tornamos parte de um "nós" – nós nos entendemos mutuamente. Portanto, quando você e eu estamos falando sobre aquela terceira pessoa "ele", há muitos casos em que "ele", potencialmente, pode se tornar parte de um "nós" ou parte de um espaço fenomenológico de primeira pessoa do plural – parte de um espaço-nós de entendimento mútuo.

Mas, e se George veio da Rússia? Ou de Marte? Ou está em coma? Nesse caso, George é uma terceira pessoa que, sob essas circunstâncias, só pode ser uma terceira pessoa –

somente pode ser alguém de quem falamos, não alguém com quem possamos conversar. Na realidade, George é apenas um "isto" ou uma terceira pessoa com a qual não podemos manter uma relação de "nós". George não pode se tornar uma segunda pessoa real (com quem conversamos) e, portanto, nessa situação, George não pode se tornar parte da nossa primeira pessoa do plural "nós."

Assim, a questão realmente interessante sobre terceiras pessoas é saber se elas podem se tornar parte de um "nós" (qualquer tipo de "nós" ou qualquer tipo de percepções compartilhadas ou comuns, sensações, preensões, e assim por diante), ou se essas terceiras pessoas estão predestinadas a ser meros "istos". Meu cão Chester, por exemplo, compartilha algumas percepções comigo – eu sei que ele vê aquele osso, e penso frequentemente que NÓS sentimos muito prazer em brincar de pegar. Chester não é simplesmente um "isto" para mim; "ele" (a terceira pessoa de quem estamos falando agora) pode, de vez em quando, tornar-se uma segunda pessoa com quem falo e, em certas ocasiões, sei que compartilhamos algumas percepções, de forma que o Chester, segunda pessoa, se transforma no Chester, parte da primeira pessoa do plural nós.

Observe que a definição de "terceira pessoa" é "a pessoa de quem se está falando". Essa é uma distinção muito interessante, somente encontrada na terceira pessoa. Uma primeira pessoa (a pessoa que fala) é, por definição, um ser senciente; o mesmo acontece com a segunda pessoa. Mas a terceira pessoa, de acordo com a definição padrão, pode ser uma "pessoa" ou uma "coisa", significando que pode ser senciente ou não senciente. Independentemente do que seja, uma terceira pessoa é algo de quem estamos falando (não com quem estamos falando). Ou essa terceira pessoa é alguém com quem não podemos falar porque não está presente no momento; ou essa terceira pessoa é alguém (ou algo) que, embora presente, com quem não conseguimos nos comunicar (por alguma razão). A primeira é "ele", "ela", "lhe", (ou plural: "eles," "elas", "lhes"), e a segunda é um "isto" (plural: "istos").

Desse modo, ao definir interior como realidades de primeira pessoa (singular ou plural), podemos definir as dimensões exteriores de qualquer ocasião como os aspectos que podem ser vistos ou percebidos como uma terceira pessoa. Em outras palavras, eles são os aspectos de uma ocasião (ou de um hólon) que você ou eu podemos perceber, mas com quem não estamos nos comunicando (ou porque não podemos fazê-lo agora, mas poderemos no futuro – nesse caso, a terceira pessoa é um ele/ela/eles/elas que pode se tornar parte de um "nós"; ou porque essas são ocasiões de terceira pessoa com as quais nunca poderemos nos comunicar – nesse caso, a terceira pessoa é apenas um "isto" ou "istos" que nunca entrarão em um círculo de "nós" [vide abaixo]).

É por isso que a maioria dos fundamentos das perspectivas inatas se reflete nos quatro quadrantes: eu, nós, isto e "istos". As perspectivas são crucialmente importantes por si mesmas, mas a questão interessante é se elas podem se comprometer mutuamente (como parte de um "nós" de preensões comuns) ou se, por alguma razão, estão do lado "isto" da rua.

Ao mesmo tempo, isso não significa que as dimensões "isto" sejam, de alguma forma, superficiais ou derogatórias; pelo contrário, elas representam as dimensões objetivas e interobjetivas de estar no mundo, dimensões crucialmente importantes, que incluem tudo de átomos a moléculas, a ecossistemas, a campos mórficos, a energias sutis, ao DNA. Simplesmente, todas essas dimensões podem ser retratadas ou descritas na linguagem-isto ou em termos de terceira pessoa, que permanecem como termos de terceira pessoa. Em outras palavras, elas são as dimensões exteriores de eventos (ou as dimensões do Lado Direito).⁵

Eu, nós, isto e "istos" – o interior e o exterior do singular e do plural. Qualquer hólon considerado, digamos, um sentimento de amor pela minha família, pode ser abordado (no mínimo) dessas quatro perspectivas inatas. Olhado do interior ou perspectiva de primeira pessoa, existe um "espaço-eu", um sentimento de amor que se sobrepõe a sentimentos

mútuos de outros membros da família, de forma que existe um "espaço-nós" compartilhado pelos outros "eus" da minha família (cada subjetividade do QSE é parte de um círculo de intersubjetividade do QIE). Esses fenômenos só podem ser vistos e acessados com modos de percepção de primeira pessoa. No Quadrante Superior Direito, por outro lado, esse sentimento de amor é correlacionado a um sistema límbico ativado e a níveis crescentes de serotonina e dopamina, entre outras coisas (as quais são acessadas por modos de pesquisa de terceira pessoa). E no Quadrante Inferior Direito, eu sou parte de um sistema de família de processos interobjetivos – ou um sistema entrelaçado ou rede de exteriores – que inclui modos de comunicação, renda familiar, dieta, consumo de drogas ou álcool, padrões de transporte, e assim por diante, que estão interligados a, ajudam a gerar e, finalmente, não podem ser separados de quaisquer sentimentos interiores que eu venha a ter.

Toda ocasião é o que é em virtude de redes de interconexões umas com as outras, diferentes aspectos ou dimensões que são enagidos, gerados e iluminados por perspectivas diferentes dessas ocasiões (perspectivas que estão, elas mesmas, embutidas em linguagens naturais). A metateoria AQAL lida com isto dizendo que os aspectos sociais (QID) de ocasiões nunca existem separados dos aspectos culturais (QIE), que nunca existem separados dos aspectos intencionais (QSE) e comportamentais (QSD) – e assim, continuamente, em torno do círculo de dimensões tetraenagidas de estar no mundo.

Esse é um rápido resumo das dimensões interiores e exteriores. Agora podemos introduzir "dentro" e "fora". Dentro e fora significam simplesmente o dentro e o fora de qualquer ocasião considerada. Isto é, os hólons em todos os quatro quadrantes têm dentro e fora. Como você pode ver na figura 2, existem o dentro e o fora de um hólón-"eu", de um hólón-"nós", de um hólón-"isto" e de um hólón-"istos".

Isso nos dá oito perspectivas inatas (a visão de dentro e de fora de hólons nos quatro quadrantes). Não estou afirmando que essas sejam as únicas perspectivas inatas disponíveis à percepção; é claro que, provavelmente, existe uma infinidade de permutações e combinações dos modos pelos quais os seres sencientes possam ver, tocar e unir-se uns aos outros. Essas oito perspectivas nada mais são que uma seleção dessa infinidade; todavia, elas parecem ser o número mínimo de que precisamos para cobrir a maior parte das bases. Essas perspectivas, como continuaremos a ver, não são exercícios acadêmicos abstratos, mas pontos de vista inerentes disponíveis aos seres sencientes em geral.

Um Kosmos composto de perspectivas

Na metateoria AQAL, hólons individuais (quarks, átomos, moléculas, células, organismos) são seres sencientes, infinitamente para cima, infinitamente para baixo. Até átomos têm apreensão. Se você não se sentir confortável em considerar a senciência infinitamente para baixo, fique à vontade para começar a história em qualquer ponto evolucionário no qual ache que experiências ou protoexperiências de algum tipo emergiram no universo (e você pode considerar as formas inferiores como "precuroras" de experiências e percepção).⁶ Presumivelmente, quando nos tornamos humanos, as perspectivas inatas (pessoais) de primeira pessoa, segunda pessoa e terceira pessoa emergiram, e você pode começar daí.

Assim, se visualizarmos o Kosmos como sendo composto basicamente de seres sencientes – não de sistemas, nem de processos, nem de teias, nem de informações, nem de matéria, nem de energia, mas de seres sencientes – devemos construir, simultaneamente, um Kosmos composto de perspectivas – não de sensações, nem de percepções, nem de consciência, uma vez que todas essas já são perspectivas sempre. Se os quarks têm apreensão, então o primeiro quark não é uma primeira partícula, mas uma primeira pessoa. E o que quer que o quark registre não é uma segunda partícula, mas uma segunda pessoa. Não há como fugir disso. O universo é construído por perspectivas.

Até mesmo um materialista científico, provocado por apreensões, que crê que o Kosmos seja composto apenas de matéria (isto é, poeira buliçosa), apresenta uma estrutura ou modelo do

universo que é, em si, um objeto de terceira pessoa retido por sua mente de primeira pessoa, um modelo desenvolvido por uma comunidade de cientistas de terceira pessoa do plural, todos tentando manter o mesmo modelo de terceira pessoa em suas mentes. Eu não estou afirmando que o modelo não exista; estou afirmando que ele sempre existe no âmbito de uma série de perspectivas de primeira pessoa, segunda pessoa e terceira pessoa. Independentemente do que seja esse modelo – e ele é muitas coisas – é um objeto de terceira pessoa em uma apreensão de primeira pessoa.

Cada ser senciente (ou hólón individual) registra outros seres sencientes (ou hólons individuais) em sua própria forma experimental ou protoexperimental – mas nenhum deles pode registrar sua existência de qualquer outra forma diferente de uma perspectiva. Nunca há um sujeito que vê um objeto. Não existe nenhuma percepção real na qual uma entidade vê outra entidade, porque isto já é uma perspectiva de primeira pessoa sobre uma segunda pessoa ou terceira pessoa. Desse modo, não existe nenhum espaço real que não seja sempre um espaço-surgindo-como-uma-perspectiva; portanto, não podemos dizer que ocasiões (hólons ou seres) passam a existir e depois veem um ao outro, porque o "ver um ao outro" e a "existência" não podem ser separados um do outro. Dizer que os quadrantes surgem simultaneamente é dizer que dimensões ontológicas e perspectivas epistemológicas são uma e a mesma coisa, daí por que, frequentemente, as chamamos de perspectivas-dimensões (e, em seguida, afirmamos que elas tetrassurgem ou tetraenagem juntas e simultaneamente: dizer que os quadrantes surgem simultaneamente é dizer que primeira pessoa, segunda pessoa e terceira pessoa entram em cena juntas).⁷

Uma abordagem integral reconhece um Kosmos composto de seres sencientes, e seres sencientes não têm consciência, sensações ou percepções, eles têm perspectivas, dentro de cujos horizontes essas outras características surgem, e fora dos quais nada pode ser dito que exista de forma crível. Não estou sugerindo que não exista um universo fora das perspectivas humanas, apenas que não existe um universo fora das perspectivas dos seres sencientes, uma vez que o universo é composto de seres sencientes (hólons), infinitamente para cima, infinitamente para baixo, e, portanto, o universo é, do topo ao fundo, composto de perspectivas.⁸

Antes da emergência evolucionária dos seres humanos, existia (eu creio) um universo inteiro de seres sencientes – quarks, átomos, moléculas, células, formigas, macacos – que já surgiram uns para os outros como perspectivas, porque o que quer que tenha emergido primeiro em um universo autoconsciente, não foi uma primeira coisa, mas um primeiro ser senciente entre outros seres sencientes: em outras palavras, foi uma primeira pessoa entre segundas pessoas e terceiras pessoas, que eram elas mesmas primeiras pessoas entre outras segundas pessoas e terceiras pessoas.

Parece, portanto, que, quando um universo passa a existir, se esse universo tem qualquer tipo de consciência, o que entra em cena simultaneamente com qualquer outra coisa que entre em cena são perspectivas. Daí por que, independentemente do que seja construído o Kosmos, ele é composto de perspectivas, que já estão em cena sempre que dois ou mais seres sencientes existam (o que significa, desde sempre, em todos os lugares onde haja consciência). As perspectivas surgem na vacuidade: tal é o início dos mundos sencientes.

Os quatro quadrantes (e as oito perspectivas inatas) são simplesmente algumas das diferentes formas de considerar as perspectivas que parecem inerentes ao universo. Essas perspectivas não são tanto um *a priori* (anterior à existência), mas um *a simultori*, se você me perdoar o Latim corrompido – elas simplesmente ocorrem simultaneamente com qualquer outra coisa que ocorra. Nesse caso, a matriz global de sua ocorrência (rastros e pistas que ficam sedimentados em linguagens naturais) nos proporciona um novo modo para entender o universo, um modo focalizado em seres sencientes, em vez de em noções de terceira pessoa como sistemas, partículas, teias, processos, ou sujeitos monológicos apreendendo objetos, sensações, percepções etc. – os quais são abstrações longe da forma real de consciência.

Desenvolveremos essa ideia à medida que prosseguirmos; também exploraremos as formas por meio das quais essas perspectivas inerentes parecem ser responsáveis pelos importantes modos de pesquisa humana. Você se lembra, por exemplo, que a "autopoiese" foi descrita como a "visão de dentro" do organismo biológico? Agora podemos ver que a autopoiese organísmica realmente está descrevendo uma visão do lado de dentro – a saber, a visão interna do organismo olhada em termos de terceira pessoa (isto é, a visão de dentro de um hólón no Quadrante Superior Direito [figura 2]). Mas a autopoiese organísmica não é uma visão interna de um "eu", ou de um "nós", ou de um "istos". Existem pelo menos quatro diferentes "visões de dentro", porque existem pelo menos quatro "dentros" fenomenológicos diferentes (o dentro de um eu, de um nós, de um isto e de um "istos"). Cada um desses "dentros" é muito, muito diferente. A autopoiese capta um deles muito bem; quanto aos outros, não toma conhecimento.

(A autopoiese está sintonizada para os "dentros" de um "isto"; os "dentros" de um "eu" e de um "nós" são melhor enagidos e iluminados com modos de pesquisa como a fenomenologia e a hermenêutica. Veremos mais tarde que Niklas Luhmann estendeu a autopoiese organísmica ou individual para cobrir a "visão de dentro" de sistemas – ou os "dentros" de um "istos" – como devidamente apresentado na figura 3.)

Da mesma forma, não existe apenas uma "visão de fora," mas pelo menos quatro visões importantes, muito diferentes, de fora (mais bem captadas por modos como o empirismo, para os "foras" de um "isto"; o estruturalismo, para os "foras" de um "eu"; e a teoria de sistemas tradicional, para os "foras" de um "istos").

Em resumo, essas oito perspectivas inerentes parecem ser responsáveis pela maior parte dos modos de pesquisa humana extensamente usados e respeitados, incluindo a fenomenologia, a hermenêutica, o empirismo, as ciências físicas e a teoria de sistemas. Nas páginas seguintes exploraremos cada um desses modos de pesquisa, destacando as formas em que eles se desdobram a partir das perspectivas primordiais disponíveis para cada hólón senciente (e até que distância para baixo você considera a senciência fica a seu critério).

Vimos no Excerto B que é prudente prosseguir sob a diretriz básica "todo mundo está certo". O uso de um cálculo integral de perspectivas inerentes para revelar os pontos de vista naturais, que estão subjacentes – e funcionando – nos principais modos de pesquisa, nos leva mais facilmente a entender por que o Kosmos é tal que permite a existência desses modos em primeiro lugar – o que pode nos ajudar a seguir mais simplesmente em direção a um Pluralismo Metodológico Integral, que cria espaço suficiente para o que pesquisadores sinceros já estão fazendo de qualquer maneira. Por outro lado, isso nos permite permanecer fiéis ao esforço de não exclusão, envolvimento e enação, desse modo descobrindo que o Kosmos provê por si mesmo as formas de dar à luz suas próprias manifestações e apresentá-las umas às outras, incessantemente.

ALGUNS EXEMPLOS COTIDIANOS

Dentros e foras de interiores

As oito perspectivas inatas que estamos destacando são os dentros e foras de interiores e exteriores (como indicado na figura 2, que inclui formas singulares e plurais). O dentro de um hólón interior significa, por exemplo, qualquer coisa dentro da fronteira de um "eu" ou de um "nós".

O exemplo mais simples é minha própria autoconsciência agora mesmo – ou realidades subjetivas de primeira pessoa percebidas espontaneamente como "eu". Essa apreensão imediata ou sensação-eu (QSE) é bem direta e fácil de entender.⁹ Neste exato momento, existe um mundo que surge em seu espaço-eu; e, como todos as realidades de primeira pessoa, esse mundo se apresenta direta e imediatamente à sua consciência exposta. Não importa se algum teorizador, adotando um modo distanciado de terceira pessoa, postula ou conjectura que esses fenômenos imediatos são mediados por outros eventos (culturais ou

não); no momento de sua apresentação, eles são imediatos. Você não conhece esse espaço-eu à distância ou por descrição, mas por percepção e familiaridade (não terceira pessoa, mas primeira pessoa).

Outro exemplo comum do dentro de um hólón interior é o lado de dentro de uma fronteira-nós – uma realidade de primeira pessoa do plural, tal como um entendimento compartilhado, um valor compartilhado, uma sensação intersubjetiva, uma identidade de grupo, e assim por diante – o que às vezes chamaremos de "preensões mútuas". A linguagem comum embute essa visão com muita frequência, como quando dizemos: "você e eu pertencemos a um círculo de amigos" (isto é, você e eu estamos dentro de uma fronteira-nós).

Você não pode ver uma fronteira-nós no mundo exterior ou sensório-motor (são fenômenos interiores; todos os hólons do Lado Esquerdo são "invisíveis"); mas você e eu juntos sabemos muito claramente quem está "em" nosso círculo de amigos e quem não está (isto é, sabemos quem está "dentro" e quem está "fora" desse círculo). Essa "invisível" fronteira-nós é bem real, bem óbvia, muito fácil de ser localizada. Essas fronteiras interiores, desnecessário dizer, guardam a chave para muito da motivação, dinâmica, conflitos e acordos humanos.

Olhe agora para o fora de um hólón interior – isto é, qualquer coisa no lado de fora de uma fronteira-eu ou fronteira-nós (mas ainda em um espaço interior). Por exemplo, com meu próprio olho da mente consigo ver imagens e objetos, como quando eu sonho, imagino ou visualizo. O que vejo com meu olho da mente não são objetos exteriores, mas objetos interiores. Eles não são formas no mundo exterior, como pedras, mas assim mesmo estão fora do meu eu imediato, porque "eu" "os" vejo na minha mente. Eles são "terceiras pessoas" interiores. Frequentemente são chamados de "objetos internos", o que não está errado, mas usando nossa terminologia, nós também os chamaremos especificamente de "objetos interiores".

Outro exemplo comum dos foras de interiores individuais – ou algo fora do meu eu – são meus próprios processos inconscientes, subpersonalidades e, certamente, múltiplas personalidades – eles estão todos do lado de fora do meu eu imediato, mas ainda em um espaço interior. Outra coisa que está do lado de fora do meu eu é o seu eu, ou como eu experieço você como sujeito vivo e sensível, em um tipo de ressonância sujeito-a-sujeito (e não meramente como um objeto exterior ou isto). Você está dentro da minha cultura, mas fora do meu eu (voltaremos a esse ponto em breve).

Esses são alguns exemplos dos dentro e foras de uma primeira pessoa "eu" (os dentro e foras de um hólón no QSE). Existem também os dentro e foras de uns "nós" (os dentro e foras de um hólón no QIE: os dentro e foras de um interior plural ou coletivo). Por exemplo, como acabamos de ressaltar, se você e eu formos amigos, ou um "nós" vigoroso, então eu compartilho um espaço de simpatia e me identifico com você de muitas formas; igualmente, existem pessoas que estão dentro do nosso círculo de amigos e outras que estão fora dessa fronteira fenomenológica (ou fora desse círculo hermenêutico particular). Nós sabemos exatamente quem está dentro do círculo e quem está fora do círculo – nós até os chamamos de "íntimos" e "estranhos".

Uma "fronteira", claro, é normalmente uma coisa fluida; e em todos os casos, uma fronteira não é uma barreira, mas uma interface, ou uma região onde dois mundos não são apenas diferenciados, mas unidos. Teorizadores como Saussure e Derrida observaram que qualquer signo tem significado somente porque é parte de um sistema de diferenças; mas a recíproca igualmente verdadeira disso, raramente notada, é que um sistema de diferenças em si não tem nenhum significado a menos que partes do sistema se toquem, se unam, se juntem, se liguem, apresentem interfaces. Uma fronteira no espaço AQAL é a região de diferenciação-e-integração de várias dimensões-perspectivas. O que estamos fazendo é simplesmente localizar os quatro tipos mais fundamentais de fronteiras (pertencentes a um eu, a um nós, a um isto e a um "istos"), que são as interfaces entre oito mundos fenomenológicos (ou os dentro e os foras de um eu, de um nós, de um isto e de um "istos" [figura 2]).

Vários "eus" diferentes podem estar "dentro" de um "nós" e essa "característica de estar dentro" é o que normalmente denominamos associação. Como veremos, existe uma diferença significativa entre "associação" ou ser um "membro de uma cultura" – o que significa que compartilhamos uma cultura ou subcultura semelhante, ou atributos intersubjetivos comuns – e ser um "fio de um sistema social", ou ser uma parte, vínculo, ou etapa de um sistema físico ou ecológico – um fio de uma teia – que é uma rede de formas exteriores, mas não de valores interiores e identidades. Não importa se essa teia é considerada enagida ou representacional, ela ainda é uma teia de exteriores (como vimos com a autopoiese). Por outro lado, um "nós" é estabelecido por uma cultura compartilhada, um conjunto compartilhado de valores, identidades, preensões, e assim por diante, e não por proximidade geográfica ou local físico (os quais seriam um sistema, não uma cultura: "istos", não "nós"). Hólons sociais são redes de exteriores ou significantes compartilhados, enquanto hólons culturais são redes de interiores ou significados compartilhados: intersubjetividade versus interobjetividade, hermenêutica versus ecologia.

Onde está a consciência ecológica?

Por exemplo, você e eu podemos ser vizinhos, mas se você fala sérvio e eu não, então você e eu não compartilhamos muita coisa de um "nós" cultural. Nesse caso, você está do lado de fora do meu eu; você também está fora do meu círculo de amigos (ou de nós íntimos); e você está até mesmo fora do meu círculo de comunicação falada; assim sendo, você é "grego" para mim, ou está fora de qualquer fronteira-nós de compreensão mútua. Entretanto, o que você e eu compartilhamos é a proximidade geográfica ou física e, desse modo, ambos somos partes, por exemplo, do mesmo ecossistema local – nós compartilhamos um sistema social exterior, mas não todos os aspectos de uma cultura interior.

Em outras palavras, parece bem óbvio que não tenho de compartilhar qualquer tipo de compreensão mútua com meu vizinho do lado, nem com os insetos ao meu redor, nem com as minhocas debaixo da minha casa para pertencer ao mesmo ecossistema.¹⁰ Mas tenho de compartilhar uma compreensão mútua para ser membro de uma dada cultura. Daí por que você e eu podemos ambos ser partes ou fios da mesma teia ecossistêmica e, mesmo assim, não sermos partes ou membros da mesma cultura – essa é a diferença entre "associação" no QIE e "rede" no QID – ou a diferença entre intersubjetividade (interiores compartilhados, significados compartilhados) e interobjetividade (exteriores compartilhados, significantes compartilhados) – novamente, a diferença entre hermenêutica e ecologia.

Aqueles acostumados a conhecimento por descrição ou conhecimento à distância (ou conhecimento por observação), normalmente sentem dificuldade para reconhecer isso, pois a tendência é querer descrever ou visualizar a cultura em termos de localização simples no espaço físico: a cultura deve estar em algum lugar em que eu possa ver com meus olhos (e.g., a cultura deve estar depois daquele riacho, ou daquela árvore, ou é a soma total daquela corrente, daquela árvore e daquela montanha). Ao usar conhecimento monológico por observação ou à distância, as dimensões culturais (e as dimensões interiores em geral) são difíceis de serem apreendidas, portanto vamos fazer um "ensaio" do assunto.

É verdade que todos os exteriores têm interiores, mas essas duas dimensões não se sobrepõem no espaço físico, porque os interiores não existem no espaço físico. Os interiores culturais são fenomenologicamente compostos de itens como compreensão mútua, valores compartilhados, horizontes fundidos, espaços interpretativos, sensações compartilhadas. Uma pedra pode cair em um campo gravitacional, a compreensão mútua não. Desse modo, "o mesmo espaço geográfico" e "o mesmo espaço cultural" simplesmente não são mapeados de forma biunívoca. Eles definitivamente estão relacionados (todos os quadrantes estão), e é certamente o caso que no mundo real, os interiores culturais ou coletivos (as dimensões culturais) sempre têm correlações exteriores (ou sistemas sociais), de forma que um hólón coletivo é sempre um hólón sociocultural. (As dimensões sociais e culturais juntas são o que normalmente significam os termos hólón "coletivo", "comunitário" ou "social" – ou um

"nós/istos"; o que, claro, é de fato um eu/isto/nós/istos). Mas os interiores desses hólons não apresentam uma relação fenomenológica de identidade com os exteriores, mais do que, digamos, o peso de uma pedra e o peso de uma dor.

(A "ecologia visual", que se baseia na percepção exterior – e é normalmente encontrada em homens – tem mais dificuldade para compreender os interiores do que a "ecologia preensiva", que confia mais em uma orientação de conexões sentidas e tocadas, e é normalmente encontrada em mulheres. A primeira apoia-se em modos de pesquisa de terceira pessoa; a segunda, em modos de primeira pessoa. A primeira, portanto, é observada na ecologia profunda, ecologia sistêmica e ecomasculinidade; a segunda, na ecologia cultural e ecofeminismo – daí por que as ecofeministas frequentemente criticarem mordazmente a ecologia de sistemas como sendo uma coisa distante e abstrata. Ambas as abordagens são importantes, como veremos, já que uma trata principalmente de sistemas sociais e a outra, de preensões compartilhadas culturais. O ponto no momento é que, realmente, elas não concordam entre si porque estão intuindo dimensões diferentes do hólón sociocultural, os homens operando tipicamente com terceira pessoa do plural, as mulheres, com primeira pessoa do plural – ou, se preferir, com os exteriores e os interiores de "Gaia".)

Como dissemos, embora os espaços interiores sempre tenham correlações exteriores, eles não mapeiam essas correlações de forma topológica. Até a "consciência ecológica", ou uma preocupação com a teia da vida, é gerada nos espaços interiores de identidade crescente, não nos espaços exteriores de objetos apreendidos. Justamente porque "eus" e "nós" fenomenológicos não seguem as leis de espaços sensorio-motores, exteriores ou geográficos, você e eu podemos ser membros do mesmo ecossistema, mas não da mesma cultura. Dois seres humanos podem viver em um ecossistema idêntico, um deles tendo uma aguda consciência ecológica, evidenciada por cuidado e compaixão por todos os seres sencientes, enquanto o outro não apresenta nenhuma compaixão ecológica – o que demonstra que a consciência ecológica não é um produto de ecossistemas.

Nem isso se aplica apenas, ou até especificamente, aos humanos; a cultura de lobos e o sistema social de lobos não se localizam nos mesmos espaços fenomenológicos. A cultura de macacos e o sistema social de macacos não seguem as mesmas regras – árvores, montanhas e rios pesam tantos quilogramas; ideias, valores e sensações, não têm peso. O que muitos ecologistas querem dizer com "viver de acordo com a natureza" não é, realmente, viver de acordo com exteriores sensorio-motores, mas com interiores desenvolvidos, que podem sentir compaixão por todos os exteriores e interiores. Mas todas essas identificações e afiliações de "eu" e "nós" são estabelecidas por identidades interiores, valores e percepções compartilhadas – não por localizações físicas, ecológicas ou geográficas. Elas são identidades e fronteiras do Lado Esquerdo, não do Lado Direito e, conseqüentemente, não seguem as leis da física ou da ecologia – também não as desobedecem; elas simplesmente não residem nos espaços fenomenológicos físicos.

(Onde elas residem? Bem, você vai me responder: nesse exato momento, você está ciente de vários eus e nós. Você pode apontar para qualquer um deles? Você pode apontar para a compreensão mútua? Você pode apontar para valores compartilhados? A compreensão mútua cai em um campo gravitacional com a mesma velocidade de uma maçã? Será que ela cai? Se a adoção por um ser humano de um modo ecológico de percepção não é algo que possa ser encontrado em um ecossistema – já que pessoas diferentes no mesmo ecossistema não compartilham necessariamente dos mesmos valores – então, onde residem os valores ecológicos e a consciência ecológica? Uma vez que uma árvore não assume o papel de outra e, conseqüentemente, não pode desenvolver consciência ecológica, o que de fato significa "pensar como uma árvore"? Se a associação cultural não pode ser reduzida a um fio da teia social, onde posso encontrá-la? Consciência ecológica não é viver de acordo com todos os "istos" sensorio-motores, mas viver em solidariedade com todos os eus sencientes, uma consciência que não é encontrada em nenhum ecossistema como tal.)

Trataremos extensivamente dessa relação entre interiores coletivos e exteriores coletivos no próximo excerto e sugeriremos que qualquer "ecologia integral" verdadeira precisará incluir ambos. Por agora, simplesmente observamos que a maioria das ecoteorias, teorias de sistemas e teorias de complexidade infelizmente colapsam a intersubjetividade na interobjetividade e confundem membros com fios – esta é uma das principais críticas que exploraremos em breve.

Retornando aos interiores compartilhados: vários "eus" podem estar "dentro" de um "nós" (ou podem ser membros de um nós) se eles compartilharem um conjunto de valores, ideias, práticas linguísticas, identidades de grupo, contextos de *background*, horizontes fundidos, e assim por diante. Claro, existem muitos tipos e diferentes graus de "nós": um nós familiar, um nós de amizade, um nós tribal, um nós filosófico, um nós do local de trabalho, um nós nacional, um nós humanitário, um nós todos-os-seres-sencientes, e assim por diante (os mais elevados alcances de nós cósmicos ou de solidariedade serão explorados a seguir). Da mesma forma, existem subculturas dentro de uma cultura que estão fora dos "meus amigos", mas ainda assim, dentro de um "nós" maior, digamos, da nossa nacionalidade.

Todos esses interiores compartilhados envolvem o mistério extraordinário de como a primeira pessoa do singular "eu" e a segunda pessoa do singular "você" entram em uma primeira pessoa do plural "nós" (e como "você", sendo um objeto estranho ou "isto", torna-se um "tu" em um círculo hermenêutico de compreensão e atenção). Daí por que o extraordinário mistério de um "nós" parece sustentar o coração do Kosmos escondido em seu abraço...

Dentros e foras de exteriores

Quando se trata de exteriores, ou das dimensões de terceira pessoa de estar no mundo, os dentros e foras dos hólons são normalmente mais fáceis de serem localizados, simplesmente porque eles geralmente têm algum tipo de fronteira de massa-energia (uma fronteira física no caso da maioria dos hólons individuais, ou uma fronteira sistêmica no caso de hólons sociais; isso inclui fronteiras de massa-energia bruta, sutil e causal; e inclui "informações" consideradas como "bits" de dados ou "b/its" em um sistema).¹¹ Aqui estamos falando de fato sobre fronteiras físicas, geográficas e ecológicas – fronteiras que você pode ver, em maior ou menor escala, no mundo físico, exterior – tais como dentro e fora do meu organismo físico, ou dentro e fora de uma cidade, ou dentro e fora de uma galáxia.

Essas fronteiras, claro, são todas interdependentes. Mas "fronteiras interdependentes" não significa "ausência de fronteiras"; quer dizer inter-relacionamentos mútuos. Todas as fronteiras são interfaces tanto da diferenciação do Outro quanto da ligação ou relacionamento com o Outro, porque toda ação é ação-em-comunhão. A diferenciação é tão importante quanto a relação. Os organismos vivos complexos têm um sistema imunológico que reconhece e diferencia o indivíduo e o outro; se esse sistema imunológico falha, você não tem uma boa unidade mística, mas um organismo morto. Transcender fronteiras não é rompê-las, mas incluí-las. Agora mesmo estamos observando fronteiras naturais em si e como elas se distinguem autopoieticamente de outras – no caso, os dentros e os foras das fronteiras exteriores.

O dentro de um hólón exterior significa qualquer coisa que aconteça dentro das fronteiras de um hólón (individual ou social), como observado e descrito em linguagem-isto de terceira pessoa, exterior – coisas como a mitocôndria em uma célula, a flora e a fauna em um ecossistema, o ácido ribonucleico em um núcleo, bits de dados (ou "b/its") em uma rede de informações, os planetas em um sistema solar, e assim por diante.

Considere a estrutura e os componentes do seu neocórtex: seu cérebro está "dentro" de você (ou dentro do seu organismo físico), mas esse dentro é descrito em termos objetivos, exteriores, de terceira pessoa (como lóbulos frontais, circuitos neurais, serotonina, transferências sinápticas etc.). Se quiser realmente ver seu cérebro, você tem de conseguir

um espelho, abrir seu crânio, e olhar para ele (uma ação que muitas pessoas acham difícil). Mas você pode ver suas próprias sensações imediatas, imagens, pensamentos – sua própria mente – agora mesmo, simplesmente sentindo suas próprias sensações, seu próprio interior.

Essa é a diferença entre o que você observa de um ponto de vista exterior (como um "isto" ou "organismo", um "cérebro" dentro do "organismo," um "organismo" que faz parte de um "ecossistema", e assim por diante – todos em termos e perspectivas de terceira pessoa), e o que você observa de um ponto de vista interior (como "eu", "mente" ou "sensação" – uma percepção imediatamente presente que só pode ser captada em termos e pontos de vista de primeira pessoa). Ambos são importantes, mas no momento estamos falando dos seus exteriores e como esses exteriores têm dentro e foras.

O fora de um hólón exterior significa qualquer coisa no lado de fora da fronteira desse hólón (ou externo ao seu regime autopoietico). O fora de uma mitocôndria individual é o resto da célula. O fora de um organismo individual é o ecossistema local. Fora de um hólón social (no sentido de Luhmann) existem outros hólóns sociais. Fora de um ecossistema dado existem outros ecossistemas, e assim por diante. Todos esses são foras de exteriores (todos descritos em termos de terceira pessoa do singular ou plural e acessados somente por perspectivas e modos de pesquisa de terceira pessoa).

Os principais exemplos que vimos até agora são de dentro e foras de um hólón interior e exterior, cada um podendo ser subdividido em singular e plural, dando-nos as oito perspectivas primordiais da figura 2. O que faremos no resto deste excerto é passear por cada uma dessas perspectivas de uma forma muito simples, passo a passo. Sei que para alguns leitores isso será didático, maçante e redundante e, desde já, peço desculpas. Mas minha experiência é que, embora essas perspectivas estejam presentes e operantes para os interlocutores de uma língua materna, a maioria das pessoas só as conhece de forma intuitiva, difusa, o que significa que elas não são utilizadas de modo consciente ou explícito e, portanto, tendem a, devemos dizer, criar dificuldades (especialmente para os filósofos, que deveriam conhecê-las bem). A maioria das pessoas, por exemplo, nunca observou com atenção o que acontece quando dois "eus" reúnem-se em um "nós", e que verdadeiro milagre é isso.

Portanto, circularemos por essas perspectivas primordiais, integrando os princípios básicos a cada nova volta, de forma que, espero, a sabedoria depositada nessas perspectivas, que ocorrem naturalmente, tornar-se-á conscientemente disponível para um maior pluralismo metodológico integral. À medida que caminharmos por elas, poderemos retornar a itens como autopoiese, teoria de sistemas, hermenêutica, meditação e ecologia, e entender melhor como eles se relacionam uns aos outros em um Kosmos que sempre permite que isso aconteça.

Nós e "istos"

Eis nosso primeiro breve passeio.

Consideremos um hólón simples, como uma célula. "Célula" é meramente uma palavra, um significante, para um tipo de ocorrência ou ocasião. A partir do exterior (ou observada de fora em um modo de terceira pessoa), nós a chamamos de "célula" e descrevemos o que pode ser visto dela (por meio de um microscópio, por exemplo). Este exterior da célula (que significa, a célula e seus componentes vistos de fora) contém numerosas moléculas, polímeros, organelas, proteínas, e assim por diante – em outras palavras, dentro da célula existem moléculas, proteínas, organelas etc.

Mas o interior da célula não contém nenhuma proteína, molécula ou organela – contém sensações, preensões, protoexperiências, percepções rudimentares, e assim por diante (a *la* Whitehead, Hartshorne, Leibniz, Budismo, entre outros.). Os exteriores das células (QSD) são vistos e descritos de uma perspectiva de terceira-pessoa; mas os interiores das células (QSE) são vistos e percebidos apenas de uma perspectiva de primeira-pessoa (ou protoprimeira-pessoa): de dentro (como um "eu" ou proto-"eu"), não de fora (como um "isto"). Assim, existem

o dentro do interior e o dentro do exterior – e eles são realidades fenomenológicas bastante diferentes (mas igualmente reais) enagidas ou dadas à luz por diferentes perspectivas inerentes.

Da mesma forma, os foras do exterior da célula incluem seu ambiente físico, seu ecossistema, suas redes interobjetivas, a biosfera, e assim por diante. Todos podem ser vistos no mundo sensório-motor, exterior. Mas os foras do interior da célula incluem outros interiores, interiores que não existem no exterior ou mundo sensório-motor, existem apenas no mundo fenomenológico da intersubjetividade ou interinterioridade.

Demos um exemplo de como isso se mostra nos humanos. "Você e eu somos amigos" significa que você e eu compartilhamos um "nós"; não quer dizer que somos vizinhos – você pode viver na Antártida e ainda assim ser o meu amigo preferido. "Vizinhança" é meramente o fora do meu exterior; amizade não é uma relação geográfica ou sensório-motora, mas uma relação hermenêutica, um círculo de significado e valor – um círculo de "nós", não um círculo de "istos", sistemas, massa, energia ou cadeias alimentares.

Desse modo, quando meu estar no mundo é visualizado sob uma perspectiva de terceira-pessoa, minha individualidade aparece como um organismo biofísico com um cérebro trino e vários processos objetivos, sistemas orgânicos, neurotransmissores, redes de comunicação hormonal, caminhos metabólicos e assim por diante (tudo isso sendo simplesmente minha existência visualizada de um ponto de vista de terceira-pessoa, ou como manifesto minha existência em um modo de terceira-pessoa). Quando minha existência se apresenta nesse modo exterior ou de terceira-pessoa – isto é, como um organismo localizado no espaço sensório-motor ou físico – então meu ambiente físico local está fora do meu organismo, inclusive outros organismos vizinhos, meu ecossistema local e meu sistema social próximo (como a cidade em que resido no meu modo físico ou exterior). Como um organismo físico individual estou dentro desse sistema exterior – estou dentro de "istos" ou de uma rede de "istos" – estou dentro de um ecossistema local, dentro de uma cidade, dentro de uma galáxia, e assim por diante.

Mas dentro dos meus interiores há sensações, percepções, valores e identidades, bem como interiores compartilhados, inclusive você como amigo, onde quer que esteja fisicamente localizado. Nós podíamos ser parte da mesma biosfera e ainda assim não sermos amigos – você poderia ter uma boa consciência ecológica e eu, uma consciência egocêntrica ruim, ambos sustentados pelo mesmo ecossistema. Como temos dito, associação cultural e ligação social localizam-se em dimensões diferentes de ser. Essas dimensões surgem de fato juntas, mas não no espaço físico; elas surgem juntas na matriz AQAL, cujas dimensões interiores não se alinham rigidamente à gravidade, árvores, cidades ou pedras. Daí por que reduzir o mundo a sistemas sociais e ecossistemas é matar a cultura e a consciência.

Eis o próximo passo de dificuldade em um cálculo integral de perspectivas inatas. Enquanto o fora do meu exterior inclui outros exteriores (como minha casa, minha cidade, meu ecossistema local etc.), os foras dos meus interiores envolvem outros interiores.

Nós já vimos o exemplo de "objetos interiores" que estão fora do meu eu, mas ainda em um espaço interior. Eis outro exemplo: fenomenologicamente, se eu olhar para meus espaços interiores de consciência, verei que fora do meu "eu" existem outros "eus" na minha cultura – outras pessoas ou membros culturais (como hólons de segunda pessoa – "você" ou "tu") que potencialmente podem compartilhar o mesmo significado, compreensão e contextos culturais com este hólón de primeira pessoa (ou eu). Quando observo essas outras pessoas em um modo de terceira pessoa, eu realmente posso ver seus corpos ou organismos existindo "lá fora" no mundo exterior ou sensório-motor; porém, não posso ver, perceber ou descobrir sua interioridade "lá fora" no mundo físico, porque a interioridade aparece ou surge (ou é enagida) somente quando eu adoto um modo de percepção de primeira pessoa. Afinal, lá fora, no mundo exterior, estão aquele sujeito, meu vizinho, que só fala sérvio, e você, meu amigo de longa data, ao meu lado. Posso ver os corpos de ambos no mundo exterior, mas só posso ver

ou entender seu interior ou seu "eu" como parte do dentro de "nós", de forma que "você", mas não "ele", é alguém que percebo ou conheço dentro do círculo hermenêutico. "Você", como um tu, não pode sequer ser visto "lá fora", que agrega apenas os aspectos de terceira pessoa de nossa condição de estar juntos. Somente terceiras pessoas existem ou se mostram no mundo exterior ou sensório-motor; primeiras pessoas existem ou se mostram apenas nos mundos interiores.

Quando um "você" e um "eu" têm uma possibilidade de alcançar uma compreensão mútua ou compartilhada (um evento intersubjetivo ou cultural da dimensão do QIE), então o "você" é convertido de um "isto" estranho ou forasteiro, ou objeto de terceira pessoa (que é meramente um fora do meu exterior), para uma entidade de segunda pessoa, um portador de consciência e significado com quem eu estou agora iniciando algum tipo de comunicação, diálogo, troca intersubjetiva, apreensão compartilhada ou sensação mútua.

Você, portanto, tornou-se um hólón de segunda pessoa que entrou em meu campo intersubjetivo e, desse modo, não é mais um fora em meu espaço exterior, mas um fora em meu espaço interior – o que significa, um hólón em meu espaço interior que estou começando a perceber como outro eu, como um ser senciente com quem ainda não compartilho algum tipo de significado ou valor, mas com quem poderia. Posso então começar a falar com você diretamente (que é a definição de "segunda pessoa" – "aquele com quem falo"). Nesse ponto – e antes de entrarmos realmente em comunicação – você está fora do meu eu e também fora de qualquer "nós" imediato de compreensão – permanecemos Outro um para o outro. Mas se você e eu começarmos a nos comunicar e alcançarmos algum tipo de compreensão mútua, então "você" e "eu" nos tornamos parte de um "nós" – um círculo hermenêutico – um círculo de dentro compartilhados dos espaços interiores: alguns aspectos de "você" e "eu" estão agora dentro de uma fronteira-nós. Foras de exteriores ("isto") tornaram-se foras de interiores ("você"), que se transformaram em dentro compartilhados de interiores ("nós") – ocorre, assim, uma "fusão de horizontes" (de forma que não somos mais o Outro para cada um), e uma apreensão mútua surge no meio de encontros previamente estranhos.

Desse modo, de um "isto" de fora-do-exterior (ou uma pessoa totalmente estranha a ponto de ser instrumentalmente tratada como um objeto ou isto de terceira pessoa), para um "você" de fora-do-interior (ou um ser senciente de segunda pessoa com quem busco algum tipo de contato mútuo via um horizonte compartilhado), para um "tu" em uma relação "nós" (ou dentro compartilhados de nossos interiores) – em resumo, de "isto" para "você" para "nós" – tal é a progressão de atenção e compaixão através de fronteiras de crescente abrangência, nesse milagre misterioso de um "nós" que reside no coração do Kosmos.

O que tudo isso significa vai ficar cada vez mais claro à medida que prosseguirmos, eu espero.

Resumo

Começamos esta excursão esboçando quatro das principais perspectivas embutidas em linguagens naturais – eu, nós, isto e istos (figura 1). Cada um desses hólons podem ser olhados de seu próprio dentro ou de seu próprio fora, resultando em oito grandes perspectivas inerentes, associadas a qualquer ocasião real (figura 2). Acontece que essas oito perspectivas inatas são os pontos de vista dos quais lançaram-se oito dos mais básicos e significativos paradigmas ou modos de pesquisa humana – tais como fenomenologia, hermenêutica, empirismo, autopoiese e teoria de sistemas (figura 3).

Em seguida observamos que as duas formas mais influentes de teoria de sistemas – autopoiese e complexidade – afirmam cobrir a "visão de dentro" e a "visão de fora" dos fenômenos, mas cobrem de fato somente os dentro e os foras de exteriores, não os dentro e os foras de interiores. Em outras palavras, a autopoiese e as teorias da complexidade são paradigmas (ou modos de pesquisa) de terceira pessoa. Quando aplico a teoria de sistemas a uma prática social, estou destacando e dando à luz algumas das dimensões de terceira pessoa de estar no mundo. A visão de dentro dessas ocasiões de terceira pessoa é chamada

de "cognitiva", "enativa" ou "autopoiética" e a visão de fora dessas ocasiões de terceira pessoa é chamada de "sistêmica", "racional" ou "complexa" (entre outras).

Por mais importantes que sejam esses modos de pesquisa, eles negligenciam e marginalizam claramente as perspectivas inatas interiores de ocasiões de primeira pessoa e segunda pessoa. Os melhores teorizadores autopoiéticos, como Varela, reconheceram isso e tentaram incorporar realidades de primeira pessoa, em um esforço mais integral, com paradigmas como a "neurofenomenologia" que, como o próprio nome sugere, é uma união de modos de terceira pessoa ("neuro") e primeira pessoa ("fenomenologia"). Analisaremos extensivamente essas tentativas mais inclusivas em um excerto subsequente (Excerto E, "A Teia da Natureza").

O que precisamos fazer no restante deste excerto é continuar a observar mais atentamente as perspectivas negligenciadas de primeira pessoa e segunda pessoa, que estão sendo reconhecidas com atraso por esses teorizadores. Antes de olharmos para organismos autopoiéticos e sistemas auto-organizadores – ou como uma terceira pessoa "isto" se junta a outros "istos" para formar um sistema social – precisamos escutar mais cuidadosamente os contornos das dimensões interiores, como se apresentam para ouvidos mais atentos, e não ter pressa para visualizá-los pela lente de perspectivas exógenas.

Quais são os contornos desses domínios fenomenológicos – esses "horizontes de eventos" – e que paradigmas ou práticas sociais foram usados mais eficazmente para enagir, dar à luz, iluminar e descobrir esses domínios? Como podemos honrar, reconhecer e incorporar esses paradigmas em novas práticas e metateorias metaparadigmáticas para ajudar no anúncio do Limiar de uma Era Integral...

Devemos agora nos voltar para esses diferentes mundos fenomenológicos que estão surgindo espontaneamente no âmbito de um Kosmos de perspectivas inerentes.

II – Zona 1: os dentro dos interiores

Visão geral

A tese básica desta apresentação é que qualquer ocasião ou evento pode ser reconhecido e tratado de dentro e de fora do interior e do exterior em suas formas singular e plural – como resumido na figura 2.

Cada uma dessas oito perspectivas-dimensões é, em essência, um "horizonte de eventos", um espaço de mundo fenomenológico, um horizonte de eventos que é enagido pelo sujeito que o percebe/toca/conhece. (Mais tecnicamente, um espaço de mundo tetraenagido pelos hólons que o apreendem, um espaço de probabilidades de descobrir certos eventos em certos locais do oceano AQAL.)

Um horizonte de eventos significa, por exemplo, que se eu assumir um modo de percepção de primeira-pessoa (se eu manifestar minha existência no modo de perspectiva de primeira-pessoa) e, em seguida, nesse modo, explorar os eventos ou fenômenos que surgem ou se manifestam sob esse ponto de vista, o que a investigação desvela ou dá à luz? Os horizontes de eventos incluem, por exemplo, os múltiplos e variados fenômenos dentro de um "eu", dentro de um "nós", dentro de um "isto", bem como fora de um "eu", fora de um "nós", fora de um "isto", e assim por diante.

Cada um desses oito horizontes de eventos ou espaços de mundo apresenta uma paisagem diferente. Mas essas paisagens não são, de forma alguma, meras paisagens geográficas, físicas, sensório-motoras ou exteriores, que são horizontes de eventos que acontecem somente quando manifesto meu estar no mundo em um modo de terceira pessoa e, então, descrevo a paisagem enagida a partir desse modo. Em outras palavras, quando minha existência aparece em um modo de terceira pessoa, o mundo ao meu redor aparece igualmente em um modo de terceira pessoa: o mundo se espalha "ante mim" como uma série de padrões, sistemas e eventos inter-relacionados, todos surgindo correlativamente em seus modos de terceira pessoa ou "isto", modo topográfico, geográfico, sistêmico, geológico – exatamente como eu, já que estamos tetraenagindo juntos um mundo topográfico da grande teia de superfícies interligadas.

Mas quando manifesto meu estar no mundo em um modo de primeira pessoa e descrevo a paisagem enagida, um horizonte de eventos diferente é disponibilizado, surge um espaço de mundo diferente – um mundo com fenômenos diferentes, fronteiras diferentes, regras diferentes, contornos diferentes – contornos que não caem na velocidade de uma maçã, preenchem um espaço físico, ou mudam de acordo com correntes geológicas e topográficas. Eu não estou nem percebendo nem criando esse mundo, mas fazendo ambas as coisas. Todos esses oito horizontes de eventos são tetraenagidos pelas ocasiões que ocorrem simultaneamente em uma abertura ou clareira no âmbito do horizonte. (Para a metateoria AQAL, esses horizontes de eventos representam a probabilidade de encontrar uma ocorrência particular em uma região particular da matriz AQAL, desvelada e dada à luz pela perspectiva que enage a ocorrência.)

Assim, as oito perspectivas inatas enagem horizontes de eventos diferentes (embora tetraenagidos) – mundos ou zonas fenomenológicas, ou o que eu, às vezes, chamarei de "horizonas" – horizontes de percepção no âmbito dos quais surgem (ou podem surgir) vários tipos de ocasiões. Essas oito perspectivas inerentes demarcam "horizonas fenomenológicas", zonas de enação e revelação experimentais, dadas à luz em parte pelos sujeitos que as percebem (tetraenagem). Existem espaços-eu, espaços-nós, espaços-isto, espaços-"istos" – e uma horizonas é a apreensão dos eventos de dentro ou de fora de suas próprias fronteiras autodefinidas.

Uma horizonas é um espaço de experiência possível para seres sencientes em geral. Uma horizonas é um local de encontro de primeiras pessoas, segundas pessoas e terceiras pessoas,

à medida que enagem mutuamente entre si. Antes da percepção há a perspectiva, e uma horizonza é uma amostra da matriz AQAL delimitada e percebida por um jogo particular de perspectivas inatas. As várias horizonzas são algumas das formas como o Kosmos se percebe, momento para momento, abertamente.

Há muitas formas de simplificar e agrupar essas oito perspectivas inerentes para discussão, a mais comum sendo os quatro quadrantes propriamente ditos (figura 1), que destacam os interiores e exteriores do singular e plural.

Mas também podemos agrupar essas perspectivas inatas como os dentro e foras dos interiores e exteriores. Essa também é uma classificação muito útil – que usaremos frequentemente – porque ressalta a importante diferença entre a natureza dos dentro (que só podem ser conhecidos por contato e são particulares) e a natureza dos foras (que podem ser vistos à distância e são públicos).

Usando como referência a figura 2, discutiremos os dentro de um eu e de um nós, que, juntos, chamaremos de zona 1 (os dentro dos interiores). O próximo excerto tratará dos foras de um eu e de em nós, ou zona 2 (os foras dos interiores). Excertos posteriores serão dedicados aos dentro de um isto e de um "istos", ou zona 3 (os dentro dos exteriores), e aos foras de um isto e de um "istos", ou zona 4 (os foras dos exteriores).

Começaremos nosso passeio pelas perspectivas inatas adentrando a zona 1.

A percepção de dentro dos interiores: conhecimento por familiaridade

Os dentro dos interiores significam a visão de um hólón interior como visto de seus próprios dentro (isto é, como visto de dentro de uma fronteira-eu ou de uma fronteira-nós). Isso pode acontecer no singular (o dentro de um "eu") e no plural (o dentro de um "nós").¹² Eis alguns breves exemplos de cada um.

Singular: os dentro de um "eu"

Eu posso tentar perceber o mundo interior de dentro, isto é, apreendê-lo diretamente por mim mesmo. Essa é uma experiência de primeira-pessoa de uma primeira pessoa, que obviamente acontece quando percebo ou apreendo meus próprios interiores no momento do seu surgimento. Esse é um exemplo do "dentro" de uma ocasião interior.

A linguagem natural embute essa horizonza tanto como primeira pessoa do singular subjetiva (ou "eu"), quanto como primeira pessoa do singular objetiva (ou "me, mim"). Dizemos coisas como: "eu estou ciente de mim mesmo", "meu entendimento dos meus próprios motivos é que eu não estava agindo ciosamente", "eu estou com fome", "eu me conheço", e assim por diante. Mas muitas formas de apreensão de primeira pessoa não são reflexivas – elas não se dividem em subjetivo e objetivo – não "eu me conheço", mas "eu percebo eu" – ou ainda mais simples, uma percepção-eu não reflexiva, um tipo de qualidade de ser do eu. Isso é apreensão em sua forma mais rudimentar.

Metodologia representativa: fenomenologia

O estudo das ocasiões que surgem em um espaço-eu é chamado de fenomenologia. A fenomenologia, como escola filosófica específica, foi fundada por Edmund Husserl; como movimento geral apresenta, desnecessário dizer, numerosas variações; e como disposição geral, a fenomenologia é de fato tão antiga quanto o interesse humano pela própria consciência, não importando se a chamamos de introspecção, meditação, contemplação ou simplesmente percepção.

Charles Peirce, o maior filósofo norte-americano, fundador do pragmatismo, também foi um grande proponente da fenomenologia, que ele chamou de "faneroscopia". O "faneron" é um

termo que ele cunhou para se referir ao "conteúdo total de qualquer consciência, independentemente do seu valor cognitivo".¹³ A faneroscopia, portanto, é simplesmente uma pesquisa do faneron, o conteúdo total de qualquer consciência.

Peirce, conhecido por seus estudos lógicos e linguísticos incrivelmente sofisticados, não obstante concluiu que "o conteúdo completo da consciência é composto de qualidades de percepção; estar consciente nada mais é do que perceber".¹⁴ (Isso aconteceu décadas antes de Whitehead.) Claro, quando percebo meus interiores, eu posso perceber ideias, perceber conceitos, perceber sensações, perceber imagens – eu não percebo simplesmente percepções. O ponto é que todos os interiores compartilham uma imediação de apresentação. Essa simples imediação de percepção, Peirce chamou de um "puro Primeiro", um dado primário de consciência que é "indecomponível" – não pode ser decomposto em nada mais simples. A consciência também desvela Segundos, Terceiros etc. – mas o puro Primeiro é a presença genuína neste momento.

(Peirce pode ser perdoado por seus neologismos; ele sempre os criou com humor. William James tomou emprestado de Peirce tão intensamente o termo pragmatismo, a ponto de Peirce mudar o nome do seu sistema para pragmaticismo, "um termo tão feio que desencorajava o furto".)

Fenomenologistas de praticamente todas as escolas assinalam que objetos no mundo sensório nunca se apresentam com algum tipo de certeza ou completeza; na melhor das hipóteses, você vê apenas aspectos de objetos sensórios (e.g., você só pode ver um lado de uma árvore de cada vez). Mas objetos mentais (e.g., a imagem do meu cão Chester) apresentam-se direta e imediatamente. Quando digo: "eu estou consciente daquela árvore ali, e tenho certeza disto", estou realmente consciente não da árvore inteira – eu teria de caminhar em torno da árvore para vê-la toda – mas da imagem deste lado da árvore, e é isso que conheço direta e imediatamente: em outras palavras, objetos mentais, não objetos sensoriais, são imediatos e inegáveis. Quando um objeto mental se apresenta, ele simplesmente se apresenta, e não existe negação dessa apresentação. Ontem à noite sonhei que estava jantando em um restaurante em Paris e, enquanto estava sonhando, as imagens apresentavam-se imediata e inegavelmente – aquelas imagens, como imagens, eram absolutamente reais para mim.

Assim, a pergunta é: uma imagem ou objeto mental corresponde a algo "real" no mundo sensório? Ontem à noite, eu estive realmente em Paris? Aqui os fenomenologistas dão uma importante contribuição, que é geralmente chamada de "bracketing" – isto é, ao estudar os fenômenos mentais como fenômenos mentais, devemos colocar entre parênteses se eles ou seus referentes "existem" ou não no mundo sensório; eles devem ser estudados por si mesmos, como eles aparecem, ou como eles se apresentam imediatamente para a consciência, uma apresentação que é, em si, direta e inegável. Esses objetos mentais existem em um espaço mental, em um espaço de consciência (e.g., eles existem no faneron), independentemente de existir ou não em um espaço sensório-físico.

A fenomenologia é acima de tudo o estudo da consciência, cujas apresentações são diretas e imediatas; e, secundariamente, como essas apresentações se relacionam umas com as outras e com o mundo sensório-motor.

Além desses pontos gerais de concordância, os fenomenologistas seguem direções diferentes. Para a metateoria AQAL (que ajusta os pronunciamentos de qualquer paradigma particular levando em conta a rede total de outros paradigmas e ordenando esses pronunciamentos apenas com a garantia de não exclusão, envolvimento e enação), a fenomenologia em geral é um paradigma que se adaptou mais centralmente ao estudo e elucidação dos dentro de hólons interiores, dentro de interiores que se anunciam mais claramente quando afirmações concorrentes sobre "existência" são colocadas entre parênteses (isso é o que Peirce quis dizer na citação acima com "independentemente do seu

valor cognitivo" – isto é, não importando se é "verdade" de acordo com as dimensões sensório-físicas).

Bracketing é simplesmente o princípio da não exclusão aplicado a domínios interiores, ao afirmar (corretamente, eu creio) que paradigmas sensório-motores não têm o direito de infringir a realidade dos fenômenos gerados e iluminados por outros paradigmas e práticas, inclusive os paradigmas e práticas interiores, nos quais todos os seres sencientes estão empenhados de alguma forma sempre que percebem suas próprias sensações.

Para a metateoria AQAL, um espaço fenomenológico é simplesmente a soma total de fenômenos que podem ser (tetra)enagidos por um sujeito gerando esse espaço particular. Esse é um conceito muito geral, aplicável, por exemplo, tanto ao espaço físico, ao espaço emocional, ao espaço mental, ao espaço espiritual, quanto a um espaço-eu, a um espaço-nós, a um espaço-isto, e assim por diante. O ponto fundamental, claro, é que todos os espaços são tetraespaços, ou mais precisamente, todos os espaços são espaços AQAL: qualquer espaço dado, tal como um espaço emocional, é de fato um espaço cujas dimensões incluem quadrantes, ondas, correntes, estados e tipos (entre outras perspectivas-ocasiões).

Mas o ponto importante sobre qualquer espaço fenomenológico – um ponto que distingue o uso AQAL do uso dos fenomenologistas – é que um espaço fenomenológico é uma perspectiva inerente que está agregada, embutida, enagida e envolvida por outros espaços, a soma total dos quais é representada pela matriz AQAL. Termos como "percepção", "conscientização", "sensação" e "consciência" falham na indicação que esses itens são desde sempre perspectivas. Não existe simplesmente algo como "percepção" em nenhum lugar no Kosmos, porque toda percepção de um ser senciente sempre está relacionada a outros seres sencientes e, portanto, toda percepção está na verdade alojada em uma perspectiva inerente. Percepção, conscientização, consciência, sensação – nenhum desses itens existem *per se*, e aqueles que postulam, por exemplo, sensações como primárias, estão na verdade postulando abstrações de baixa ordem.

Percepções, diferentemente de perspectivas, embutem e escondem especificamente o preconceito modernista de eus agentes, livres de comunhão, intuindo abstrações universais, um jogo peculiar a homens jovens modernos. Por outro lado, o privilégio concedido às percepções é também um preconceito muito antigo, encontrado em tudo desde o Budismo a Whitehead, até as ecofilosofias convencionais, como veremos. Até mesmo a "interpretação" do pós-modernismo privilegia secretamente a percepção, à medida que sua relatividade cultural é em si mesma uma relatividade de percepções, não de perspectivas (que são, na verdade, assumidas como dadas e não são examinadas).

Isso significa que os "universais" apresentados por fenomenologistas, como a intuição eidética e o conhecimento de essências, podem ser realmente universais, todavia nunca se apresentam fora de uma perspectiva. O universal "brancura", por exemplo, pode ser de fato um universal, mas, ainda assim, é um objeto mental de terceira-pessoa percebido pela primeira pessoa do fenomenologista. Eu não estou dizendo que não exista um universal "brancura"; estou dizendo que ele nunca surge fora de uma perspectiva. Daí por que, para a metateoria AQAL, o Kosmos é construído por perspectivas, não por percepções, e, por essa razão, a fenomenologia tem de assumir seu lugar, verdadeiro, mas parcial, na mesa-redonda integral.

Matemática integral

Se chamarmos esse primeiro horizonte de eventos de uma "experiência de primeira pessoa de realidades de primeira pessoa", podemos representar isto como **(1p x 1p)**, onde "1p" significa "primeira pessoa". Você, como segunda pessoa (2p), também tem sua própria experiência de primeira pessoa que, com referência a mim, seria: **2p(1p x 1p)** – o que significa, sua segunda pessoa tem sua experiência de primeira pessoa de suas realidades de primeira pessoa. Se minha percepção de sua primeira pessoa, que pode ser representada

como **1p(1p) x 2p(1p)**, combina sua percepção de sua primeira pessoa, **2p(1p x 1p)**, então temos compreensão mútua:

$$\mathbf{1p(1p) \times 2p(1p) = 2p(1p \times 1p)}$$

Esse é o início de uma matemática integral baseada não em variáveis, mas em perspectivas. Para os interessados, desenvolverei essa formulação matemática do cálculo integral no Anexo B e em uma série de notas futuras, sugerindo como um Kosmos é construído de perspectivas, não de coisas, ou de eventos, ou de percepções, ou de processos. Honestamente, você não tem de compreender isso; é simplesmente um sistema conceitual útil para nos lembrar de honrar todas as perspectivas primordiais; se formulação matemática não é sua praia, sinta-se à vontade para pular esta parte – tudo que você precisa conhecer são os princípios básicos dessas perspectivas representados nas figuras 2 e 3 (pp. 4 e 5).

O "cálculo integral", como citado anteriormente, não se refere especificamente a fórmulas matemáticas, mas simplesmente a qualquer "cálculo" mental que, conscienciosamente, tenta incluir o maior número possível de perspectivas em qualquer abordagem de uma ocasião. Desse modo, "cálculo integral" significa simplesmente honrar todas as perspectivas inerentes, e é como nós o usaremos na maioria das vezes.

Mas ele pode ser aplicado especificamente à matemática, com resultados bastante intrigantes, como sugerido no Anexo B. Se o universo é composto de seres sencientes ou hólons (infinitamente para cima, infinitamente para baixo) – e não meramente de coisas, nem de eventos, nem de processos, nem de sistemas – então o "material" do universo são perspectivas, não massa, nem energia, nem força, nem sensação, nem percepção, nem consciência (as quais são desde sempre uma perspectiva). Portanto, a matemática integral não deriva as relações dos objetos, mas das perspectivas de seres sencientes, e suas "operações" incorrem na matriz de perspectivas inerentes. O resultado ainda é um sistema abstrato, mas um sistema que está sempre embutido nas realidades de seres sencientes e, conseqüentemente, um sistema que fica muito mais perto do mundo real, até mesmo em suas abstrações. Além disso, se seus termos (que incluem 1p, 2p e 3p) forem colapsados a meros objetos de terceira pessoa, gera-se uma matemática tipicamente *flatland*. Bem, como eu disse, essas semiabstrações serão desenvolvidas no Anexo B para aqueles propensos ao assunto. O único ponto que precisamos levar em conta agora é que perspectivas inatas relacionadas a seres sencientes (como resumido na figura 2) geram importantes metodologias de pesquisa humana (como resumido na figura 3), e pode-se desenvolver uma matemática integral baseada nessas perspectivas primordiais. Até onde posso dizer, essa matemática primordial parece ser a matemática-raiz, da qual todas as outras são abstrações resumidas.

Telepreensão

Assim, a horizonta 1 refere-se simplesmente a tudo que surge na consciência, independentemente de ter ou não um referente no mundo sensório. Uma metodologia representativa da zona 1 é a fenomenologia (ou, como diria Peirce, a faneroscopia, uma "pesquisa do faneron", um ver e perceber o conteúdo da consciência). A versão singular mais comum é: o que quer que surja em um espaço-eu; a versão plural mais comum é: o que quer que surja em um espaço-nós.

Deixemos de lado a discussão da versão singular – minha própria percepção imediata do meu interior, tipo "eu percebo eu", como também de versões mais complexas, tipo "eu estou ciente de vários objetos interiores, tal como o sonho onde estava em um restaurante em Paris".

Essa percepção-consciência pode ocorrer de alguma forma no que se refere a outros? Isto é, eu posso apreender diretamente o dentro do interior de outro sujeito? Um "eu" pode conhecer os dentro de outro "eu"? Posso perceber suas sensações de algum modo direto? Ou saber seus pensamentos de algum modo direto?

Na maioria das vezes, a resposta, claro, é "não". Porém, existem pelo menos três casos em que poderíamos ser capazes de falar de algo como uma apreensão imediata do dentro do interior de outro hólón. Se isso existe ou não, é importante reconhecer que, no caso de existir, cairá nessa categoria geral (isto é, horizonte 1, uma realidade interior vista de dentro de suas próprias fronteiras). Nós já sabemos que existe um tipo de zona 1 (isto é, minha própria apreensão do dentro do meu próprio interior); estamos agora perguntando se eu posso apreender o dentro do interior de outro hólón? Os três exemplos a seguir são meio "diferentes"; se eles lhe parecerem inacreditáveis, desconsidere-os: o principal exemplo da zona 1 (isto é, minha apreensão do dentro do meu interior) é o único de que precisamos para levar adiante o pluralismo metodológico integral em nossa metateoria.

Fenômenos psíquicos. O primeiro exemplo de um "eu" conhecendo os dentro de outro "eu" é algum tipo de fenômeno psíquico, como a telepatia, que, basicamente, é "preensão à distância" (tele: longe, distante; patia: sensação ou percepção). Considero as evidências da existência de vários tipos de eventos psíquicos muito fascinantes e eu as aceitarei provisoriamente como verdadeiras. Ainda assim, esse não é meu foco principal, portanto vejamos os outros dois exemplos.

Um Eu transcendente. O segundo é uma sensação mais puramente espiritual, na qual, em última instância, existe apenas um Eu habitando os interiores de todos os hólóns, de forma que todos eles compartilham uma presença imediata da Presença (isto é, a qualidade imediata do agora de toda apreensão ou percepção, em todos os hólóns, é instantaneamente sentida pelo mesmo Espírito – como colocado por Erwin Schroedinger, o cofundador da mecânica quântica: "Consciência é singular, seu plural é desconhecido". Na minha opinião, essa é a origem suprema da intersubjetividade; isto é, o mesmo Sujeito não dual e não local habita todos os sujeitos, de tal forma que uma intersubjetividade instantânea de dentro conecta os hólóns antes de qualquer troca de qualquer tipo entre eles. Ainda assim, esse é um assunto extremamente complexo, que tratarei em uma nota explicativa).¹⁵

Empatia harmônica. O terceiro exemplo, que talvez seja o menos sujeito a objeções pelos ortodoxos (e, portanto, um que usarei com frequência), é algo como o equivalente interior da vibração ou ressonância exterior. Se você toca uma nota em um piano, a mesma corda em um piano próximo começa a vibrar, um exemplo de ressonância harmônica exterior. A empatia harmônica é o equivalente interior entre dois seres sencientes: um tipo de ressonância percebida ou apreensão mútua – uma presença ou ressonância imediata, não reflexiva, intersubjetiva com outro hólón em um nível similar de profundidade. Quando me encontro na presença de outro hólón de profundidade semelhante, eu estou, por assim dizer, em um campo dual, cujo exterior (ou Lado Direito) apresenta ressonância de massa-energia ou conexões de superfície, e cujo interior (ou Lado Esquerdo) apresenta ressonância de percepções e copresença interior. Claro que todas as variedades de outros tipos de fatores intersubjetivos contribuem para essa ressonância percebida (particularmente, diferentes tipos de troca comunicativa); mas em seu sentido mais puro, ela é um tipo de empatia harmônica com os dentro do interior de outro hólón em um nível semelhante de profundidade, uma ressonância que ocorre sem trocas, apenas pela copresença direta.¹⁶

Para simplificar, eu me referirei a todas essas "percepções diretas de percepções de outros" como "telepreensão", independentemente de serem fenômenos psíquicos, não dualidade espiritual ou empatia harmônica (embora eu vá enfatizar as últimas duas).

Plural: os dentro de um "nós"

Tal é o dentro do interior de um hólón individual ou singular – qualquer coisa vista ou percebida de dentro de uma fronteira-eu. O dentro do interior plural é simplesmente qualquer coisa vista de dentro de uma fronteira-nós.

Especificamente, o dentro do interior de um hólón coletivo é a visão de dentro da fronteira de um "nós" (ou a visão de dentro de um espaço fenomenológico de primeira pessoa do plural).

O que deve acontecer para que uma primeira pessoa "eu", uma segunda pessoa "você" ou uma terceira pessoa "ele" e "ela" entendam-se mutuamente, ou percebam-se umas às outras, ou compartilhem algum tipo de horizonte? O que acontece para que seres sencientes possam dizer, ou simplesmente perceber, ou até vagamente intuir, que eles pertencem a um "nós"?

Você acredita que os gansos tenham percepções? Eu acredito. O que acontece quando os gansos voam junto em uma bonita formação em "V" no céu? Obviamente eles estão coordenando suas formas exteriores e modificando seu comportamento exterior de maneira que cada forma corpórea individual (cada "isto") seja parte da formação em "V" coletiva (a forma social ou "istos"). Em outras palavras, cada organismo ou "isto" está ciente de outros "istos" individuais (outros gansos), e eles estão se comportando de maneira que cada "isto" faça parte (ou esteja dentro) de um sistema social de "istos". Os gansos, claramente, estão registrando e coordenando entre si seus exteriores.

Mas se eles também tiverem interiores – impulsos, sensações e protossentimentos – não estarão também em ressonância com esses interiores? Se eles compartilham exteriores (o que claramente fazem) e se exteriores não têm nenhum sentido sem interiores (o que é verdade), os gansos não devem também compartilhar interiores? Se há interexterioridade no bando, não haverá também algum tipo de interinterioridade? Não uma intersubjetividade linguística, autorreflexiva, completamente desenvolvida, mas sensações semelhantes na percepção do espaço por eles compartilhado quando voam juntos?

Pessoalmente, creio que os gansos sejam seres sencientes e que eles se percebem mutuamente quando voam, e é por isso que eles voam em primeiro lugar. Não estou negando que eles tenham razões físicas e biológicas exteriores para fazê-lo. Estou simplesmente dizendo que acredito que todos os exteriores tenham interiores e que, portanto, todos os exteriores compartilhados apresentam algum tipo de interiores compartilhados. Os exteriores sem interiores é como "acima" sem "abaixo" ou "norte" sem "sul".

Se você não acredita que os gansos tenham interiores (seu nojento insensível), então, provavelmente, deve parar de dizer que eles têm exteriores, porque você está simplesmente falando bobagem nesse ponto. Mas, de qualquer modo, para a metateoria AQAL, e com a falta de evidências em contrário, todos os hólons têm um Quadrante Inferior Esquerdo, uma dimensão interinterior, ou interprotointerior, ou intersubjetiva – infinitamente para cima, infinitamente para baixo. Se os gansos registram os exteriores uns dos outros (e eles precisam fazê-lo a fim de voar juntos), então o mesmo evento percebido de dentro, não meramente visto de fora, é chamado de Quadrante Inferior Esquerdo.

Mas independentemente do que você pense a respeito de gansos, podemos ir diretamente para o domínio humano e apresentar nossos pontos com menos rebuliço. A visão de dentro do interior de um hólón coletivo é simplesmente qualquer coisa que você e eu vemos sempre que usamos o termo "nós".

Esse "nós", claro, é um total e completo mistério (não importando se ele aparece em gansos, em lobos, ou em mim e você). Como todos os interiores, você simplesmente tem de estar lá, pessoalmente, imediatamente presente, e olhar, a fim de ver o que um "nós" específico está vendo (ou a fim de perceber o que estamos percebendo). Como será repetido frequentemente, todos os interiores são conhecidos por familiaridade, não por descrição – você tem de estar lá, pessoalmente – o que significa, em primeira pessoa do singular ou primeira pessoa do plural.

(Afinal de contas, a "terceira pessoa" é alguém ou algo de quem estamos falando; portanto, é claro que uma terceira pessoa, como terceira pessoa, pode ser adequadamente conhecida por descrição ou conversa. Mas realidades de primeira-pessoa não podem ser conhecidas por conversa, só por vivência, por familiaridade direta, por percepção imediata da primeira pessoa que está falando, e não de quem se está falando.)

Nesse caso, o ponto é que dois "eus" interiores, que inicialmente estão fora um do outro, podem, milagrosamente, estar dentro de um "nós" interior – não dentro do mesmo sistema social, ecossistema ou coletivo exterior, mas dentro do mesmo coletivo interior, dentro de um círculo de reconhecimento e de horizontes de significados compartilhados, cujos contornos, nós vimos, sempre se sobrepõem a coletivos exteriores, mas não podem ser reduzidos a eles, contornos interiores compartilhados que são evocados toda vez que você e eu usamos a palavra "nós".

Individual (eu/isto) e coletivo (nós/"istos")

Vamos dar uma parada aqui e notar um ponto cuja importância não pode ser subestimada. Anteriormente, observamos que nenhuma ocasião do Lado Esquerdo pode ser reduzida à sua correlata do Lado Direito sem deixar resíduos – nenhum "eu" pode ser reduzido a um "isto", nenhum "nós" pode ser reduzido a um "istos". A razão mais simples é que perspectivas são, por sua própria natureza, não intercambiáveis. Claro, eu posso me colocar sob uma perspectiva e afirmar que estou apresentando os fatores "reais" que influenciam todas as outras perspectivas – por exemplo: "todas as realidades de primeira-pessoa são de fato processos de terceira-pessoa" – mas isso é simplesmente a mais pura violência. O mesmo vale para os quadrantes superiores e inferiores. Nenhum coletivo pode ser reduzido a componentes individuais, nem pode o coletivo em si ("nós" ou "istos") ser tratado como um indivíduo ("eu" ou "isso").

O último conceito – que uma sociedade de organismos não é propriamente um organismo, ou um sistema de indivíduos não é propriamente um indivíduo – normalmente causa muita confusão, portanto vamos examinar com mais atenção a relação entre um indivíduo e uma sociedade. Para essa discussão, "indivíduo" significa qualquer hólón nos quadrantes superiores (um "eu", um "isto" ou ambos juntos – um "eu/isto" – que é como eles existem no mundo real); e coletivo, grupo, sociedade ou sistema significa qualquer hólón nos quadrantes inferiores (um "nós", um "istos" ou ambos juntos, "nós/istos", que é como eles existem no mundo real).

Tradicionalmente, existem duas principais visões da relação entre um ser individual e um grupo de seres individuais.

(1) A primeira visão diz que o indivíduo é a realidade fundamental. Os grupos ou sistemas de indivíduos não trazem nada para a mesa que não esteja presente nos indivíduos sozinhos, ou, no mínimo, grupos ou sistemas ou sociedades não têm quaisquer direitos acima e além dos direitos dos indivíduos separados. Essa é a visão "individualista" (que em sua forma forte é responsável por um tipo de individualismo atomístico). Por mais paradoxal que pareça, essa visão crê que só existam totalidades, não partes. Isto é, o indivíduo total é um fim em si mesmo e NÃO uma parte de um todo maior. O indivíduo é um todo, ponto final, não um todo que seja parte de algum todo maior. Em resumo, quando se trata de indivíduos, eles são totalidades, não partes.

(2) A segunda visão diz que o indivíduo é, na verdade, uma parte de uma totalidade ou agregado composto maior. O grupo, sociedade, ou sistema é a realidade fundamental, e os indivíduos são, basicamente, fios dessa teia, ou partes desse sistema completo, e ganham importância conforme seu lugar nele. Em si e por si, os indivíduos não têm direitos, ou pelo menos, eles se submetem aos direitos do todo. Nessa visão, a sociedade é normalmente visualizada como um organismo ou superorganismo. Desse modo, os membros individuais da sociedade são como componentes ou partes do superorganismo. Conseqüentemente, ela é frequentemente chamada de visão "organísmica".¹⁷

Enquanto a posição individualista afirma que os indivíduos são totalidades em si mesmos (e não partes de algo maior), a visão organísmica assume a posição oposta – seres individuais, de átomos, a formigas, a macacos – são basicamente partes, não todos, e são partes do grande sistema, fios da Teia, ou membros do superorganismo, que é considerado o todo

fundamental ou primário (e.g., o estado, a biosfera, o ecossistema). Como tal, é a sociedade, sistema, superorganismo ou Teia que tem os direitos mais fundamentais, e os direitos de todas as partes da Teia (ou todas as partes do superorganismo) são, assim, subservientes aos direitos da própria Teia. Nessa visão, indivíduos são fundamentalmente partes, não totalidades.

Historicamente, ambas as visões têm apresentado uma influência importante e difundida. A *polis* grega e o *imperium* romano viam as sociedades pelo modelo organísmico – e isso continua até hoje com James Miller (Sistemas Vivos), muitas formas da teoria de sistemas, a ideia de uma grande Teia da Vida, Gaia como um superorganismo, e assim por diante. A maioria das formas de ecofilosofia subscrevem a visão *imperium*.

Por outro lado, o liberalismo tradicional tem defendido o extremo oposto do espectro – os indivíduos têm certos direitos que não podem ser negados pelo coletivo. A Carta de Direitos da Constituição Americana é uma declaração clássica de direitos inalienáveis que não podem ser cancelados por nenhuma sociedade sem um adequado processo de avaliação. Em sua forma extrema, essa visão tende a um individualismo atomístico e a um libertarianismo agudo.

A maioria das teorias sofisticadas sobre a relação indivíduo/sociedade tentou seguir um rumo entre as duas posições básicas, considerando as verdades mais duradouras de cada uma e abandonando suas afirmações absolutistas (ou, como eu diria, desconsiderando os pontos em que elas violam o princípio da não exclusão), e isso, obviamente, deve estar incluído em qualquer abordagem integral que tente honrar as verdades de ambas. Entretanto, exatamente como fazê-lo de uma forma satisfatória tem-se mostrado mais difícil do que se imaginava e apenas recentemente certas soluções têm começado a se autossugerir.

Dois tipos diferentes de "partes" e "todos"

Eis um exemplo geral do que está envolvido. As pessoas comumente dizem coisas como: "minha irmã e eu somos parte de uma família muito unida", ou "todos fazemos parte da mesma biosfera", ou "somos uma parte da comunidade local". Esse é, se você permitir, um tipo de "parteísmo": ser uma parte de uma comunidade, sistema ou rede. Poderíamos nos referir a isso como ser um membro ou parceiro em um sistema ou conjunto mais amplo de outros parceiros.

Outro tipo de "parte" é: os átomos são partes de moléculas, que são partes de células, que são partes de organismos. Aqui, "parte" significa um ingrediente ou elemento real de um composto.

Há, uma obviamente, uma grande diferença entre ser um parceiro e ser uma parte. Ser uma "parte" significa, literalmente, ser um componente ou elemento que é cem por cento subserviente ao composto do qual ele é um ingrediente. Um átomo é uma parte de uma molécula, o que significa que ele está completamente contido nela e é governado por ela. Se um hólon for, literalmente, uma parte constitutiva de outro hólon, então o primeiro hólon é um subhólon do último e é, basicamente, controlado por ele.

Por exemplo, se minha cadela Daisy Mae (que é irmã do Chester) decide se levantar e caminhar pela sala, cem por cento de suas células, moléculas, átomos e quarks obedecem completamente a seu comando e se movem pela sala com ela. Não existe um voto democrático para ver que células vão com ela e que células ficam; trinta por cento de suas células não permanecem lá atrás; metade das células não vai para um lado e metade para o outro. Daisy submete sua vontade a cem por cento de seu subhólons, e eles obedecem rigorosamente a seus comandos sem questionamentos.

Nenhuma sociedade, nem mesmo as fascistas, tem esse grau de controle sobre seus membros, porque membros não são unidades literais em um imenso organismo único. Uma sociedade não tem um núcleo sensível, nem um "eu" central de consciência, nem uma

intencionalidade única; há muitas consciências "nós", mas nenhum "super-eu" dominante que está consciente de, e controla, todas as suas "partes". Às vezes, um hólón social tem uma parte (como um rei) tentando controlar outras partes (como você e eu), mas não só tais sistemas sociais se nos apresentam como patológicos, como também o rei não consegue fazê-lo por intencionalidade instantânea que, diretamente, nos faça pular à distância. Simplesmente não existe uma forma tal que, para todos os efeitos, indivíduos estejam para sociedades como células estão para indivíduos.

O ponto é que um organismo não é uma parte de uma sociedade da mesma forma que uma célula é parte de um organismo. Esses são dois tipos diferentes de "partes" e "todos": dois tipos diferentes de "todos" (um todo individual e um todo sistêmico) e, igualmente, dois tipos diferentes de "partes" (componentes constitutivos e parceiros participativos).¹⁸ Até mesmo os filósofos que geralmente assumiram uma visão "organísmica" – de Herbert Spencer a Alfred North Whitehead – enfatizaram as muitas diferenças importantes entre organismos individuais e sociedades/sistemas, diferenças que continuaremos a explorar à medida que prosseguirmos.

(É claro que, em certo sentido, um organismo individual é um sistema, porque "sistema" em geral significa simplesmente "um todo funcional"; mas esse sistema individual tem um centro de apreensão, enquanto um sistema coletivo não tem – como explicado por Whitehead, o indivíduo tem um "mônada dominante," enquanto o coletivo categoricamente não a tem – é por isso que "sistema" normalmente significa o sistema coletivo, embora possa ser aplicado a sistemas em um organismo individual. O ponto é simplesmente que sistemas em um indivíduo normalmente têm uma ação central, mas sistemas coletivos raramente a tem – e se a tiverem, eles se tornam o que, por definição, é chamado de "indivíduo" – daí por que "sistemas" é normalmente usado para se referir a hólons comunitários, sociais ou coletivos, que é como geralmente usarei esse termo, embora o contexto esclarecerá. Um sistema ou hólón coletivo realmente é "um todo funcional", mas, como veremos, seus mecanismos de controle – ou como ele estabelece sua inteireza – difere fundamentalmente daqueles dos hólons individuais.)

Como vimos, a visão organísmica forte mantém que um sistema ou sociedade é um organismo ou superorganismo, composto de seus membros, como se eles fossem partes de um corpo único. Essa é a visão *imperium* de sistemas, também chamada de visão leviatã. A palavra leviatã – que etimologicamente significa "animal muito grande", "titã", ou, às vezes, "monstro" – foi usada por escritores (o mais famoso sendo Thomas Hobbes) para significar que o estado, como um leviatã, deve ter supremacia sobre seus sujeitos (a fim de restringir suas tendências egoístas); ela, em geral, também se aplica a qualquer visão de sistemas que considere o sistema inteiro como a soberania primária, ou a realidade fundamental, e todas as partes do todo como sendo, basicamente, fios de uma teia, não membros ou parceiros em uma coalizão.

Mas vimos que não existe nenhum leviatã real existente em lugar algum. Os hólons individuais têm algo como um centro senciente – um *locus* de apreensão – ou uma subjetividade, ação e intencionalidade individuais. As formas mais desenvolvidas de um hólón individual usam a palavra "eu" e podem assumir uma perspectiva de primeira-pessoa do singular nos eventos. Os hólons ou sistemas coletivos não têm um super-eu, super-vontade ou super-ação únicos; eles nunca usam a palavra "eu"; eles não submetem cem por cento a ação de todos os seus membros; e eles não têm nenhum centro senciente – em resumo, não existe nenhum leviatã social em lugar algum com existência concreta. Existem inúmeros sistemas sociais, mas nenhum leviatã social.

Por outro lado, não há nenhum indivíduo, em lugar algum, existindo sozinho. Todos os hólons têm (pelo menos) quatro dimensões-perspectivas (quadrantes), nenhuma das quais pode ser reduzida às outras. O hólón individual possui propriedades que não podem ser completamente derivadas do hólón coletivo no qual está inserido. Da mesma forma, o hólón coletivo (e.g., o ecossistema, o sistema social, os hábitos culturais) possui padrões, regras e redes de trocas que não podem ser reduzidos a, nem derivados de, seus membros individuais. Esses

membros não são meros fios de uma teia, dentes de engrenagem de uma máquina ou tijolos de um edifício (a visão leviatã); nem são indivíduos atomísticos como ilhas libertárias em um mar de outros alienígenas; ao contrário, são todos parceiros, membros ou associados interativos em redes de trocas intersubjetivas e interobjetivas. Os hólons socioculturais e os sistemas coletivos frequentemente usam a palavra "nós", mas nunca usam a palavra "eu".

Eu e nós em um ecossistema

Consideremos um exemplo simples e façamos um "passeio" usando um cálculo de perspectivas inatas para destacar algumas dessas distinções importantes.

Assumamos um ecossistema local que, por simplicidade, seja composto de formas de vida até bactéria. Esse ecossistema não tem um centro senciente ou um "eu" único, embora todas as bactérias tenham um centro senciente (um "eu" ou proto-"eu"). Whitehead denominou esse "eu", ou centro senciente, um "nexo reinante" ou "mônada dominante", e seu argumento é que os organismos individuais o possuem, os sistemas não.¹⁹ Em termos de relação entre o ecossistema e as bactérias individuais, o ecossistema não é uma Daisy Mae: as bactérias não são partes de um leviatã, partes de uma grande Teia, elementos de um composto, ou sujeitos em um *imperium*, mas, sim, parceiras ou membros de um sistema social (o ecossistema local), um sistema que não pode ser reduzido a seus membros individuais, mas que também não é um superorganismo que engole todos os seus membros.

Uma visão de quatro quadrantes desse ecossistema particular, honrando cada uma de suas perspectivas inerentes, poderia ser a seguinte: referente à bactéria, no Quadrante Superior Esquerdo, é uma bactéria individual olhada de seu interior, como um ser vivo, como portadora de algum tipo de senciência, experiência rudimentar, proto-"eu" ou preensão. Embora rudimentar, cada bactéria tem uma preensão de primeira-pessoa que é sua própria centelha de consciência, e essa realidade de primeira pessoa pode ser apreendida, ou mesmo sugerida, por termos objetivos, conceitos ou teorias de terceira-pessoa. A bactéria, no âmbito da horizonta de evento de sua sensação imediata, não é um organismo de terceira-pessoa, mas uma percepção de primeira-pessoa.

Por outro lado, cada bactéria tem realmente aspectos ou dimensões de seu estar no mundo que podem ser eficazmente visualizados ou percebidos como um objeto ou uma ocasião objetiva, não só por humanos, mas por outras bactérias. À medida que uma bactéria se aproxima de outra, cada uma delas tem uma sensação ou preensão de primeira-pessoa, e também registra a outra como uma entidade objetiva que se avizinha (um objeto no sentido whiteheadiano, uma terceira-pessoa "isto"). Os aspectos objetivos da bactéria que se aproxima são sinalizados especificamente por mensageiros químicos, tropismos rudimentares e sensibilidade molecular. O ponto básico é que cada bactéria tem uma sensação interior, mas também um registro exterior de outros exteriores (isto é, QSE e QSD, respectivamente).

A soma total desses registros e interações exteriores é o que chamamos de "sistema" (que é o Quadrante Inferior Direito: o sistema ou rede global de trocas interobjetivas) – nesse caso, o ecossistema local, que inclui, nesse exemplo simples, numerosas formas de vida até bactéria e seu número ilimitado de interações mútuas. Em outras palavras, cada bactéria individual – quando vista de um modo exterior ou de terceira-pessoa – apresenta-se como um organismo objetivo que está registrando e interagindo com outros organismos objetivos, e a soma total dessas interações, quando também observada por um modo exterior ou de terceira-pessoa, aparece como um sistema (ou rede) objetivo de interações mutuamente relacionadas. Em resumo, cada objeto está envolvido em uma rede interobjetiva, uma série de exteriores que estão mutuamente relacionados e são mutuamente interdependentes.

Nesse ponto, há duas formas de conceber esses exteriores – e aqui voltamos imediatamente às visões autopoietica e de sistemas/complexidade. A visão autopoietica tenta sugerir (ou reconstruir em termos de terceira-pessoa) os tipos de exteriores que a bactéria propriamente dita está realmente registrando ou interagindo, enquanto a abordagem de sistemas dá um passo

atrás e assume a "visão de 50.000 pés", que, embora NÃO seja a visão presente na fenomenologia ou cognição biológicas da bactéria, é uma visão que alguns humanos assumem e que é útil nas circunstâncias. (Essas duas abordagens são a visão de dentro e a visão de fora de exteriores, que exploraremos posteriormente em mais detalhes como zonas 3 e 4). Nessa nossa visão simples de quatro quadrantes desse ecossistema, usaremos principalmente a visão sistêmica (no fim deste exemplo, retornaremos à autopoiese e faremos uma sintonia fina dessas horizontas).

Assumindo um ponto de vista sistêmico, quando vemos as bactérias não como seres sencientes de primeira-pessoa, mas como organismos objetivos de terceira-pessoa, e o fazemos a partir do nosso próprio nível de cognição racional ou superior (isto é, a partir do laranja ou mais elevado), então descobrimos que organismos se inter-relacionam em redes ou sistemas de trocas mútuas. Isto é, um paradigma ou prática social de observações de sistemas conduzido pela onda de probabilidade laranja gera, enage e ilumina redes de organismos objetivos – dá à luz os sistemas ou dimensões de natureza de rede de terceira-pessoa do plural de estar no mundo. (Uma vez que essa visão racional ou de sistemas desvela-se apenas no nível laranja ou mais elevado, ela não faz parte da cognição das bactérias propriamente ditas – nem das visões de mundo arcaica, mágica ou mítica.)²⁰

O ponto fundamental é que esse paradigma ou prática sistêmica descobre que cada organismo está envolvido com vários sistemas e ecossistemas sociais (cada objeto é uma parte de uma rede interobjetiva, em que "parte" significa parceiro ou membro, não elemento ou ingrediente). Os inúmeros organismos estão ligados juntos em redes, não porque sejam membros de um leviatã, mas porque compartilham interseções objetivas, interseções que são necessárias para a vida e sobrevivência de cada membro do ecossistema. Essas interseções incluem, acima de tudo, amplos sistemas e redes de comunicação que ligam todos os organismos a qualquer sistema (em todos os seus vários níveis).

Como veremos nas próximas seções, Niklas Luhmann causou uma profunda revolução no pensamento sistêmico quando assinalou que sistemas não são compostos de organismos ou indivíduos, mas de comunicação. Em outras palavras, os "ingredientes" ou "partes componentes" de um sistema não são indivíduos (isso seria um leviatã), mas as redes de contatos e trocas entre todos eles. A soma total dessas trocas ou interseções, em qualquer lugar considerado, é o "sistema" do qual cada organismo é um membro, não uma parte. Os organismos não são partes de uma Teia, mas suas trocas são.

A conclusão de Luhmann é exatamente a mesma a que chegamos ao usar um cálculo integral de perspectivas inerentes; mas, como tentarei mostrar, um cálculo integral também descobre que o mesmo é verdadeiro para o Quadrante Inferior Esquerdo – ou seja, que redes de trocas intersubjetivas ajudam a constituir *backgrounds* culturais de "nós", da mesma maneira que redes e sistemas de trocas interobjetivas constituem suas correlações sociais ("istos"). Luhmann capta muitos dos princípios básicos de redes sociais, mas não de redes culturais. Isto é, da mesma forma que sistemas sociais podem ser eficazmente captados em termos de terceira-pessoa do plural (e.g., "redes mutuamente recíprocas e inter-relacionadas de processos dinâmicos" – ou "istos" holísticos), as redes de círculos intersubjetivos só podem ser captadas adequadamente em termos de primeira-pessoa do plural: ou seja, "nós". E enquanto "istos" podem ser conhecidos por descrição, "nós" somente podem ser conhecidos por familiaridade.

O "nós", em todas as suas múltiplas formas, é o Quadrante Inferior Esquerdo. É o interior de qualquer sistema exterior (um interior não localizado no espaço exterior; e afetado, não causado, por exteriores, como parte da tetraenação mútua). Esse "nós" é a interinterioridade que os gansos sentem quando voam juntos – é uma ressonância mútua de interiores, não apenas uma coordenação comportamental de exteriores. Consequentemente, um ecossistema pode ser olhado de fora em um modo de terceira-pessoa do plural, mas também pode ser percebido de dentro em um modo de primeira pessoa do plural. Exatamente o que isso significa será extensivamente explorado nas seções sobre "solidariedade", seções que

ênfatizam a importância da hermenêutica para se chegar aos interiores coletivos, da mesma maneira que as ciências de sistemas são necessárias para se chegar aos exteriores coletivos. E, claro, qualquer metodologia AQAL sugere incluir ambas.

Em resumo, se bactérias têm exteriores (elas têm), então também têm interiores. E se esses exteriores existem em redes de interação mútua (eles existem), então acontece o mesmo com os interiores. Eis os quatro quadrantes.

Além disso, a metateoria AQAL mantém que essas quatro zonas básicas estão disponíveis no nível das bactérias, no sentido de que cada bactéria tem uma sensação interior (ou apreensão), um registro exterior (ou cognição rudimentar de seu mundo enagido), um sistema interexterior de comunicação (que forma parte de seu sistema social ou ecossistema) e, por fim, uma ressonância harmônica interinterior com outras bactérias (e outros seres sencientes). São tartarugas infinitamente para baixo e, portanto, intertartarugas infinitamente para baixo.

É claro que, quando tratamos de humanos, a cognição dessas zonas evolui para cognição racional e visão-lógica das mesmas, o que resulta em modos de investigação e paradigmas de práticas sociais altamente sofisticados e normalmente autorreflexivos, poucos deles disponíveis para outros seres sencientes, mas todos eles, parece, lançados de perspectivas inerentes essencialmente similares, disponíveis para os seres sencientes em geral. Isso nos permite, como veremos mais tarde, costurar qualquer modo humano de pesquisa inconsutilmente no Kosmos e, assim, sentirmo-nos verdadeiramente em casa no universo.

Deixe-me ressaltar rapidamente mais um item. Dissemos que retornaríamos à bactéria e a olharíamos através da lente autopoietica. Nesse exemplo, no Quadrante Superior Direito (isto é, ao visualizar a existência de uma bactéria como uma ocasião de terceira-pessoa do singular), o que Maturana e Varela fizeram, de forma tão original e profunda, foi olhar para a ocasião de dentro de seus próprios horizontes enagidos – mas eles o fizeram, não em termos de primeira-pessoa, mas em termos de terceira-pessoa. Isto é, embora reconhecessem completamente que a bactéria tem um proto-"eu" ou dimensão experiencial (QSE), eles admitiram que seu paradigma autopoietico não chegou, e não poderia chegar, nesse interior, nem era esse seu objetivo. Mais especificamente, eles indicaram que estavam, ao invés, apresentando uma reconstrução (em termos de terceira-pessoa) de como a bactéria enage e dá à luz seu mundo (donde "fenomenologia biológica"). Desse modo, a autopoiese é uma brilhante tentativa de considerar a natureza, atividade e ação de primeira-pessoa de um ser senciente biológico, mas apenas até onde ele possa ser visualizado e abordado em termos de terceira-pessoa – que é em si mesmo um conhecimento por descrição, não por familiaridade.

Em outras palavras, as abordagens autopoieticas para organismos individuais dão a visão de dentro do exterior do organismo. Daí por que, na figura 3, você pode observar que a "autopoiese" foi colocada dentro da fronteira do hólón no Quadrante Superior Direito (onde ela contrasta com as abordagens científicas mais convencionais do empirismo, behaviorismo e positivismo, que vêm o organismo objetivo de fora – isto é, a visão de fora dos exteriores).

O que Luhmann fez, então, foi, partindo da concepção da autopoiese de Maturana e Varela, dar sua própria contribuição profunda. Em vez de visualizar um "sistema" como composto de indivíduos (como fizeram Maturana e Varela), Luhmann assinalou que sistemas simplesmente não se comportam da mesma forma que organismos – isto é, sistemas não são leviatãs, mas redes de comunicação, e essas redes são autopoieticas. Novamente, essa também é a conclusão de um cálculo integral de perspectivas inerentes, mas o cálculo integral chega a ela tanto para as dimensões de estar no mundo do Quadrante Inferior Direito quanto para as do Quadrante Inferior Esquerdo (voltaremos a esse ponto em breve).²¹ Luhmann não foi o primeiro a ressaltar que um sistema não é um leviatã ou um *imperium*, mas ele foi o primeiro importante teorizador a detectar que sistemas sociais podem ser vistos do lado de dentro, por assim dizer, e, portanto, que redes de comunicação podem ser consideradas autopoieticas.

Em resumo, Luhmann fez para os hólons no QID o que Maturana e Varela fizeram para os hólons no QSD; eles deram, respectivamente, a visão de dentro de terceira-pessoa do plural e terceira-pessoa do singular. Essas visões de dentro dos exteriores (singular e plural) são algumas das abordagens mais influentes da zona 3 (as perspectivas de dentro dos exteriores). Exploraremos especificamente esses horizontes de eventos no Excerto E (em que eles serão contrastados com a zona 4, a visão de fora dos exteriores, singular e plural, incluindo o behaviorismo e a teoria de sistemas tradicional), e retornaremos a um ecossistema e seus membros em seguida, em "Associação". Enquanto isso, você pode considerar a "autopoiese social" como a visão de dentro do sistema ou hólón social, em comparação com a "teoria de sistemas" padrão, que dá a visão de fora do sistema ou hólón social.

Indivíduos compostos e redes compostas

Vimos que, no que diz respeito à relação entre um indivíduo e um grupo/sistema, as duas visões fundamentais têm sido que indivíduos são basicamente totalidades (ou fins libertários em si mesmos) versus indivíduos são basicamente partes (de um sistema ou teia, que é a totalidade primária).

No que concerne a essas duas principais escolas, a metateoria AQAL faz várias observações básicas: afirma que (1) qualquer ocasião não é nem um todo nem uma parte, mas um todo/parte ou hólón. Em seguida, sugere que (2) existem tanto hólons individuais quanto hólons comunitários, coletivos ou sistêmicos; e, adicionalmente, sugere que (3) quando se trata de todo/partes individuais e todo/partes comunitários, a palavra "parte" significa algo muito diferente em cada caso – uma parte de um hólón individual e uma parte de um hólón social não são exatamente o mesmo tipo de parte (similarmente, não são exatamente o mesmo tipo de todo). Em um hólón individual, cada todo maior ou mais elevado inclui seus juniores como componentes ou elementos do seu ser: átomos inteiros tornam-se partes de moléculas inteiras, que se tornam partes de células inteiras, que se levantam e caminham pela sala quando Daisy lhes ordena. Aqui, a ação de um hólón (como uma molécula) é incluída pela ação do hólón mais elevado (como a célula), de forma que, nessa sequência, cada todo maior significa que uma ação (ou hólón) se torna uma sub-ação (ou sub-hólón) de um todo maior. "Parte de um todo maior" neste caso significa ação-em-super-ação.²²

Mas em um hólón coletivo, sociedade ou sistema, não existe super-ação única que engula completamente suas partes (que foi exatamente o que o Leviatã fez com Jonas, engolindo-o por inteiro – há uma lição por trás disso). No que se refere a um sistema ou hólón coletivo (social ou cultural), ser uma "parte de um todo maior" significa ser uma ação-em-comunhão, não uma ação-em-super-ação. Um sistema, teia, ou rede de hólons individuais é uma rede de ações-em-comunhão.²³

Whitehead, entre muitos outros, apontou para essa distinção crucial usando o conceito de indivíduo composto (tomando emprestada a elaboração de Hartshorne). Isto é, hólons individuais (sejam interiores [QSE] ou exteriores [QSD]) são indivíduos compostos, o que significa que cada hólón sênior é composto de seus hólons juniores (ele contém, inclui ou envolve os hólons juniores como elementos, partes essenciais ou ingredientes reais de sua própria estrutura). Nós já vimos esse conceito geral – "transcende e inclui" – aplicado a hólons individuais. Uma molécula é um indivíduo composto de átomos, que são compostos de prótons, nêutrons e elétrons, que são compostos de quarks, e assim por diante.

O que faz um indivíduo composto em quaisquer desses níveis é que a ação de cada um dos subhólons é, de muitas formas importantes, envolvida ou incluída pela ação do hólón sênior (e.g., Daisy): ações múltiplas são englobadas em uma ação (ações-em-super-ação, subhólons em hólons).²⁴ Whitehead resumiu brilhantemente isso como: "o muito se torna um e é acrescido de um", o que capta bem tanto a unificação gerada por cada nova super-ação ("o muito se torna um"), quanto a emergência da nova super-ação propriamente dita ("e é acrescido de um").

Embora os sub-hólons mantenham uma autonomia relativa no âmbito do hólón sênior (e.g., em um organismo, as células não perdem suas fronteiras, elas continuam relativamente independentes de muitas formas), a ação ou autonomia dos hólons juniores ou sub-hólons agora também "obedece", por assim dizer, a ação do hólón mais elevado do qual os sub-hólons são elementos constitutivos (e.g., Daisy). Whitehead ressaltou essa característica crucial de indivíduos compostos por meio de termos como "mônada dominante" e "nexo reinante": o nível mais elevado do hólón torna-se um governador (ou um "nexo reinante" – padrão de governo) dos sub-hólons que são internos ao hólón.

O ponto de Whitehead é que uma sociedade propriamente dita não é um indivíduo composto, mas uma associação de indivíduos compostos mutuamente preensivos. Uma sociedade é um sistema sem uma mônada dominante; um organismo é um sistema com uma mônada dominante. (Nesse momento, é comum os budistas afirmarem que os indivíduos não têm uma mônada dominante ou um eu central – o "eu" seria uma mera ilusão criada pela ignorância dos indivíduos – e, portanto, tanto os indivíduos quanto as sociedades são, na verdade, sistemas despojados de eu. Mas esse comentário perde o ponto essencial. O "eu" pode, de fato, ser uma ilusão; mesmo assim, os indivíduos o possuem, as sociedades não.)

A questão é que um grupo de indivíduos não é propriamente um indivíduo. Um hólón comunitário – uma cultura, uma família, uma tribo, um formigueiro, a rede procariótica de Gaia, um sistema meteorológico, um círculo hermenêutico, uma sociedade, um ecossistema, um sistema de qualquer nível – não é propriamente um indivíduo composto, mas uma coleção, conjunto, associação, nexos, rede, ou sistema de indivíduos compostos mutuamente relacionados. Como veremos, o que é interno aos sistemas não são os indivíduos, mas suas interseções (como quando Luhmann afirma que as sociedades são compostas não por indivíduos, mas por comunicações).

Uma das formas de resumirmos isso é dizer que uma sociedade/sistema é uma rede composta de indivíduos, não um indivíduo composto. Os indivíduos compostos em uma rede composta são, de fato, mutuamente interdependentes, multidimensionais, interligados, tetrainterpenetrantes, ações-em-comunhão. Entretanto, eles não parecem ser partes de um bicho realmente grande.

Interno e externo

A fim de acompanhar as extraordinárias relações entre indivíduos compostos e redes compostas, precisamos de um último item teórico. Algumas frases da seção anterior contiveram comentários do tipo "átomos são internos a moléculas, moléculas são internas a células". O conceito de "interno" é usado por filósofos para indicar que algo é uma parte real de outro algo, necessária à sua identidade. O conceito de "interno" adiciona uma terceira dimensão aos nossos outros espaços "dentro" e "interior".²⁵ Essas três dimensões (interior/exterior, dentro/fora, interno/externo) parecem ser os requisitos mínimos para um cálculo integral de perspectivas inerentes. Elas são os três grandes rumos de navegação, se você preferir, para surfar o oceano AQAL com alguma forma de adequabilidade integral.

Bem sucintamente, o conceito de interno é simplesmente outra forma de "envolvimento", ou transcendência e inclusão, ou desenvolvimento que é envolvimento. Um hólón é interno a outro hólón quando for literalmente um componente interno, ingrediente ou elemento fundamental dele. O exemplo clássico é a série de indivíduos compostos no QSD: os átomos são literalmente internos às moléculas, que são internas às células, que são internas aos organismos, e assim por diante.

Como tal, se um hólón é interno a outro hólón, esse sub-hólón sujeita-se à ação do hólón sênior. Quando Daisy movimenta-se pela sala, todos os hólons internos a seu organismo também o fazem. Nossa definição simples é: um hólón (em qualquer quadrante) é interno a outro se seguir os padrões ou ação desse outro hólón.

Em uma célula, as moléculas são alguns de seus elementos reais, ou seus ingredientes orgânicos reais. Assim, não é que apenas as moléculas estejam dentro da célula (elas estão), mas que elas também são internas à estrutura real da célula. Outras coisas podem estar dentro de uma célula – como um parasita invasor – mas não são internas à célula propriamente dita, não fazem parte de sua ação, identidade ou nexos reinantes reais – estão dentro da célula, mas não são internas a ela – elas são externas à sua identidade, são invasores externos. (Tecnicamente, como diria Varela, o parasita está dentro da célula, mas externo a seu regime autopoietico.)

Eis alguns rápidos exemplos de comparação entre "interno" e "dentro". Quando você se alimenta, inicialmente a comida está dentro de você (dentro do seu estômago), mas, com o decorrer do tempo, muitos de seus nutrientes tornam-se internos, ou passam a ser uma parte real de seu organismo corporal (portanto, parte da comida cruza ambas as fronteiras: a do dentro e a interna). Outra parte da comida não se torna interna, mas é excretada; à medida que ela passa pelo sistema digestivo, permanece dentro do, mas externa ao, organismo, e finalmente fica de fora e externa: vamos chamá-la de fertilizante (o que ilustra outro ponto: os excrementos de alguns organismos servem de alimento a outros; não é que, como comenta Woody Allen, "a natureza seja um grande restaurante", mas, sim, que a natureza recicla tudo, o que significa que tudo torna-se, no final, interno a algo.)

Outro modo de dizer isso é que o eixo interno/externo é, simplesmente, o eixo de um desenvolvimento que é envolvimento (ou abraço). Células envolvem, incluem ou abraçam moléculas em sua composição (de forma que as moléculas são internas à célula); da mesma forma, moléculas envolvem ou incluem átomos em sua composição. Isso é normalmente captado pela frase: "tudo que existe no mais baixo, existe no mais alto, mas nem tudo que existe no mais alto, existe no mais baixo" (e.g., tudo que existe no átomo está na molécula, mas nem tudo que existe na molécula está no átomo). Novamente, transcendência e inclusão, o que estabelece uma holarquia assimétrica de inclusão, abraço, envolvimento crescentes.²⁶

(Note que esse é o mesmo envolvimento, um dos três princípios integrativos discutidos no Excerto B, "As muitas formas de entrarmos em contato". Uma das razões por que tal princípio é útil em abordagens integrativas é que ele nos ajuda a navegar a corrente desenvolvimentista ou evolucionária no espaço-tempo AQAL. Metáforas holográficas, que são uma parte importante do quadro, não captam esses aspectos fundamentais da seta do tempo e, desse modo, os modelos construídos meramente a partir de metáforas holográficas são, ironicamente, muito menos que integrais.)²⁷

Vimos que interior significa qualquer hólón visto de dentro (em uma perspectiva de primeira-pessoa ou de Lado Esquerdo; exterior é qualquer hólón visto de fora em uma perspectiva de terceira-pessoa ou de Lado Direito); e dentro significa qualquer coisa no lado de dentro da fronteira do hólón, onde quer que ele seja encontrado (em interiores ou exteriores). Interno significa simplesmente algo que é um ingrediente ou elemento constitutivo de qualquer hólón (em qualquer quadrante) – isto é, algo é interno ao hólón se seguir a ação dele (e é externo ao hólón se não seguir). Todos esses termos – interior/exterior, dentro/fora, interno/externo – aplicam-se tanto a hólons individuais quanto a hólons coletivos. Por enquanto, continuaremos a focalizar o que interno significa para indivíduos compostos, mas brevemente veremos que redes ou sistemas compostos também têm ingredientes internos.

(Quais são os ingredientes internos de um sistema, ou as "partes" que compõem um sistema? Já vimos uma coisa: NÃO são organismos ou indivíduos compostos. Ao contrário, o que é interno a um sistema é a comunicação entre seus membros, ou, mais amplamente, o que chamaremos de suas "interseções" ou transações – todas as realidades inter-holônicas envolvidas no sistema. Essas interseções são as "partes" reais ou componentes internos do sistema, teia ou rede composta, como veremos em breve.)

O interno nos espaços interiores

Interno, portanto, indica "característica de parte" genuína: se um hólón é interno a outro, então esse hólón é um elemento real do hólón composto, uma parte do seu ser, identidade, definição. Qualquer hólón que seja interno a outro hólón torna-se um sub-hólón da ação definidora do hólón composto: envolvido, abraçado, incluído. (Alguns indivíduos, usando termos de primeira pessoa, chamam isso de "ágape", mas envolvimento também serve.)

Apresentamos exemplos de "interno" e de "indivíduos compostos" principalmente do Quadrante Superior Direito. Mas a mesma internalidade ou envolvimento opera nos interiores. No desenvolvimento da cognição de humanos, por exemplo, encontramos imagens, símbolos, conceitos, regras e metarregras (entre outros). Todos esses são hólons que são transcendidos-e-incluídos no hólón sênior seguinte – eles são totalidades interiores que se tornam partes de totalidades interiores maiores ("os muitos se tornam um e são acrescidos de um") – de forma que os hólons de um nível se tornam sub-hólons do próximo (e.g., muitas imagens são obtidas e englobadas em símbolos; muitos símbolos são obtidos, trabalhados e englobados em conceitos; muitos conceitos são reunidos, englobados e operados por regras, e assim por diante). Nessa sequência interior vemos novamente bons exemplos de internalidade, um nexos reinante a cada nível de envolvimento, um movimento de transcendência e inclusão, ação-em-super-ação e um desenvolvimento que é envolvimento.

Observemos especialmente esse eixo vertical de transcendência e inclusão no desenvolvimento do eu. A fim de acompanhar esse desenvolvimento interno, vejamos primeiramente como dentro é usado, quando se refere a um "eu" ou autopercepção interior.

"Estes são os valores que eu sigo. Estas são coisas com que me identifico. Estas são as coisas que eu quero. Não, eu não quero aquilo. Sim, eu quero isto. Eu não acredito nessa ideia. Não me faça isto, eu não suportarei." Essa fronteira-eu é muito real, muito óbvia.

O que está dentro do meu eu-presente são todas as coisas que estão dentro do meu espaço-eu percebido.²⁸ Como todas as fronteiras interiores, você não consegue ver esta fronteira no mundo sensorio-motor ou do Lado Direito; você não pode vê-la usando ecologia, empirismo, teoria de sistemas ou teorias autopoieticas. Mas você sabe perfeitamente bem quando algo é você, e quando não é você. Quando alguém tenta lhe impingir suas ideias; quando invadem sua privacidade; quando tentam manipulá-lo – você detecta uma violação de fronteira quase imediatamente.

Todos os hólons, inclusive os hólons interiores, são totalidades funcionais, o que significa que eles têm formas de registrar a integridade de sua inteireza, ou suas autofronteiras, ou a interface onde dentro e fora se tocam. Uma interface sadia permite o toque; uma interface patológica dissocia o dentro e o fora (ação patológica) ou junta e funde o dentro e o fora (comunhão patológica).

O "eu" sadio, como todas as interfaces sadias, reconhece o que é o "eu" e o que não é o "eu", enquanto, ao mesmo tempo, permite o livre cruzamento de um tráfego ordenado. Todo hólón tem o equivalente a um "sistema imunológico", que é parte de sua capacidade para resistir e perdurar no espaço-tempo – aspectos de seus hábitos cósmicos que lhe permitem subsistir e sem os quais ele morreria rapidamente. Claro, uma das coisas mais espantosas sobre uma fronteira-eu e um espaço-eu fenomenológico é quão fluidos eles podem ser; ainda assim, transcender uma fronteira-eu não é rompê-la, mas mover-se além dela; uma fronteira-eu rompida não é transcendência, mas patologia.

Porém, mesmo com a maioria das fronteiras-eu normais, como ressaltado frequentemente por Perls e numerosos psicólogos de profundidade, o que está dentro do eu não necessariamente deveria estar lá. A psique tem o equivalente a parasitas invasores (como identificações falsas, introjeções e elementos fixados/reprimidos que não foram corretamente assimilados). Em outras palavras, esses elementos alienígenas estão dentro da minha psique,

mas não são internos a ela – não são elementos naturais, essenciais, saudáveis da minha psique ou da minha autoidentidade; eles estão dentro dela, mas externos à sua identidade real – um bocadinho de carne não digerida no meu sistema psíquico – um tipo de doença imune psicológica.

Portanto, podemos ter o dentro do eu e o interno ao eu. Como se pode saber a diferença? Lembre-se de que a definição de interno é "algo que segue a ação do hólón". A razão pela qual um parasita invasor de uma célula não é interno à célula é que o parasita segue sua própria ação (ele pode, inclusive, estar tentando matar a célula); mesmo quando dentro da célula, o parasita não fará o que o núcleo da célula lhe diz para fazer. Ele está dentro da fronteira da célula mas não é interno a ela – o parasita "tem uma mente própria".

Da mesma forma, "elementos estranhos" reprimidos, dissociados na psique, têm notoriamente uma mente própria: eles são "elementos alienígenas" de fato, porque ou se originaram do lado de fora da psique e não pertencem a ela (e.g., introjeções); ou são elementos que originalmente se integraram (e, portanto, tornaram-se internos) à psique, mas agora foram reprimidos, dissociados ou alienados: eles se separaram da psique e, desse modo, criaram vida própria.

Em ambos os casos, eles se recusam a seguir a ação da psique e, ao invés, seguem suas próprias regras – eles ainda estão dentro da psique, mas são externos à sua ação: eles não são mais parte do funcionamento e da ação harmoniosos da psique, mas bolsões de rebelião que recusam dessegregação. Eles até podem se transformar em subpersonalidades dissociadas que se dividem em personalidades múltiplas, ou sub-hólons que cometem traição, que separam sua ação e intencionalidade daquela da psique, sujeitos em miniatura com suas próprias intencionalidades, que se recusam a ser objetos do "eu" em questão e, desse modo, recusam-se a ser parte das preensões mais abrangentes da psique.

Existem, claro, todos os tipos de variações sobre esse tema, mas todas elas envolvem vários tipos de rompimento da fronteira-eu, ou rompimento das condições de fronteira de internalidade do eu. De forma bem simples, o que é reprimido ou dissociado é uma sensação, impulso, imagem, necessidade ou característica que pertence ao "eu", mas não é reconhecida por ele, uma sensação-complexo dissociada e marginalizada que não tem mais permissão de surgir no espaço-eu e, portanto, deve assumir formas disfarçadas e sintomáticas para consegui-lo.

Por exemplo, uma relação entre um homem e uma mulher; o homem (intencionalmente ou não) viola o espaço emocional da mulher, o que, normalmente, faria a mulher ficar zangada. Em muitos casos, e dentro de certos limites, a raiva é uma resposta natural e saudável para as violações de fronteira – a raiva saudável é a célula T do sistema imunológico psicológico, que protege a integridade da fronteira do eu (e o espaço-eu fenomenológico). Mas neste exemplo, a mulher não fica zangada com seu amado por ele se mostrar um completo idiota, porque ela é uma pessoa boa e pessoas boas não se zangam; entretanto, por alguma razão estranha, ela fica muito triste e deprimida. A raiva que surgiu naturalmente e era dirigida a outra pessoa, por ter violado seu espaço, "retrofectiu", ou voltou-se contra si mesma, em consequência do que ela agora se pune, assumindo uma raiva que era para outro e se atacando com ela, quando, então, "zangada" transforma-se em "triste". Ela pode ficar triste, porque isso é permitido a pessoas boas; mas não sabe por que está triste, ou como ficou assim, e não tem nenhum controle sobre a depressão. Em outras palavras, nesse ponto ela não está mais interpretando os fenômenos dentro do seu horizonte de eventos ou espaço-eu de forma adequada e precisa; pelo contrário, esses eventos agora surgem como sintomas estranhos que a confundem, que exigem interpretação, que não obedecem à sua ação, que começam a agir por conta própria...

Muitos sintomas psicológicos – sensações interiores de ansiedade, depressão, fobia, obsessão, compulsão – são formas disfarçadas de sentimentos e impulsos que, por alguma razão, são muito perigosos para que o espaço-eu permita que surjam de forma nua e crua e,

desse modo, eles têm de ser "vestidos" de maneira mais aceitável. Falando claramente, a psique mente para si mesma, torna-se falsa para si mesma, não é mais capaz de ser veraz a respeito de seus próprios interiores – o preço disso é dor e sofrimento psicológicos.

(Relembrando, veracidade é a pressão de seleção ou critério de validade do QSE. Os tipos de psicopatologia que estamos investigando aqui envolvem violações a essa integridade ou veracidade, sendo seu preço a angústia, sofrimento psicológico, ansiedade. Quando o eu não é veraz, ele causa danos a seus códigos de internalidade e fronteiras, ou às formas para afirmar com integridade o que é o eu verdadeiro e o que é o eu falso. Uma história de ilusão interior, falta de veracidade, mentira ou engano para consigo mesmo é o início da criação de um falso sistema do eu, o início de um hábito cósmico como um fluxo cármico negativo de desintegração, que vive de mentiras. É esse eu falso que examinaremos em breve, o que não quer dizer que outras coisas também não estejam acontecendo durante as enfermidades psicológicas, incluindo, por exemplo, desequilíbrios de neurotransmissores no QSD, problemas familiares no QIE, fatores econômicos no QID, e assim por diante. Estamos simplesmente focalizando aqui manifestações no QSE do nó no Kosmos identificado como "sintoma psicológico".)

No exemplo em questão, uma sensação original de "raiva", que não é permitida pela ação ou código do eu, (porque ela é uma pessoa boa), é mal traduzida como "depressão" e, desse modo, pode surgir no espaço-eu enquanto estiver usando esse disfarce, um disfarce que é acompanhado pelo sofrimento como preço da não veracidade.

Diferentes culturas apresentam maravilhosas variações sobre o mesmo tema, o tema de interpretar erroneamente uma ocasião, que sempre gera consequências tragicômicas – o "vigarista" sendo uma das mais comuns. Na América, existe um dito, "ele é a barba para Joe", que significa que uma pessoa está agindo como testa-de-ferro ou disfarce para outra. A palavra "barba" vem da barba falsa que uma pessoa usa em um baile à fantasia. Se eu colocou uma barba falsa, estou me disfarçando; em festas, isso é engraçado porque é tão óbvio.

Mas em outros casos, não é tão óbvio e nem tão engraçado. Em Hollywood, durante os anos 1940 e 1950, "não se permitia" a estrelas de cinemas serem homossexuais. Esse comportamento era considerado "marginal" e não era aceito em espaços-nós públicos. Astros que eram *gays* – Rock Hudson, Tony Perkins, James Dean – apareciam frequentemente acompanhados de mulheres e, às vezes, até se casavam com uma como disfarce. A esposa, para aqueles que sabiam, era "a barba" – a "barba" falsa que o homem usava a fim de disfarçar seu eu verdadeiro e, assim, poder frequentar livremente um espaço-nós público. O preço para o homem, claro, era normalmente um terrível sofrimento interior causado por ter de se mostrar para a sociedade com um eu falso, com uma fachada mentirosa.

A mesma coisa acontece em um espaço-eu. Se eu tiver um impulso que não seja aceito, que seja marginalizado, ele só pode surgir em meu espaço-eu se estiver disfarçado. Meus sintomas psicológicos são "barbas" para meus impulsos reais e meu eu verdadeiro. Os sentimentos marginalizados podem surgir e passear livremente pelo meu espaço-eu desde que acompanhados por uma barba – apenas se disfarçados, o outro lado da moeda sendo angústia, dor, sofrimento, tormento.

Se essa dissociação crescer demais, a ocasião reprimida e marginalizada é completamente projetada para fora da psique e se apresenta realmente (para o espaço-eu) como uma característica que pertence a outra pessoa sobre a qual ela tenha sido projetada (isto é, o que é de fato interno à psique é agora visto como sendo interno à psique de outra pessoa: eu não estou zangado, porque sou gente boa, mas parece que todo mundo sente muita raiva!).

Já que o sistema imunológico da fronteira-eu protege seu espaço fenomenológico de rompimento, se um elemento interno (um elemento que é uma parte genuína do eu real) se torna uma ameaça, não é mais permitido que ele entre no espaço-eu desacompanhado; ele se torna "marginal" e, desse modo, deve usar um disfarce a fim de entrar no espaço-eu

("zangado" usa uma barba chamada "triste"), ou é banido completamente do espaço-eu, quanto então só pode surgir nele se sua propriedade for atribuída a outro espaço-eu.

(Observe que tudo isso está acontecendo nos espaços interiores. Se eu projeto minha raiva, será sobre outro eu, e então parecerá que não estou sentindo raiva da pessoa, mas que ela é que está sentindo raiva de mim. Raiva não é algo que corre lá fora no mundo sensório-motor exterior, embora ela apresente correlações nele, mas, sim, um fenômeno que surge no âmbito de espaços-eu interiores e, desse modo, quando se desloca, desloca-se no âmbito de vários interiores. Apenas em patologias graves, o fenômeno interior é projetado não só para fora e externamente, mas também exteriormente.)

Em formas mais brandas de dissociação, a ocasião reprimida surge como um impulso estranho (reprimido, dissociado, projetado). Em formas mais graves, a ocasião reprimida é tão completamente dissociada da ação do espaço-eu, que não surge simplesmente como um impulso estranho, mas como um "eu" alienígena – aparece como outro eu dentro da psique, uma (sub)personalidade relativamente independente, com mente própria, um "eu" que é realmente experimentado como fora do meu eu proximal, outra primeira pessoa que reside na minha psique – donde a desordem de múltiplas personalidades. Em suas formas mais graves, essa subpersonalidade de primeira pessoa, dissociada em sua totalidade, pode ser projetada não só para fora da psique e externamente à psique, como também exteriormente à psique, quando então essa segunda personalidade alucinada parece de fato uma pessoa real no mundo exterior, uma pessoa que conversa comigo, me diz o que fazer, não pára de falar e não me deixa em paz... Esse complexo está tão dissociado, a ponto de poder surgir no meu espaço-eu como fora, externo e exterior a mim...

Qualquer que seja a fonte e grau desses elementos dissociados, marginalizados, alienados e, conseqüentemente, "estranhos", eles envolvem violações de fronteira e rompimentos de várias perspectivas inerentes de ocasiões de primeira, segunda e terceira pessoas – confusões sobre o que é "eu", o que é "você" e o que é "isto", todos focados nos códigos de internalidade do eu particular ou do espaço-eu. Os indivíduos que sofrem desses sintomas e dissociações internas refletem-nos na língua materna, situando a origem de seus sintomas como externos a eles: "Esses ataques de pânico simplesmente acontecem"; "não consigo controlar meu desejo de comer"; "não consigo sair dessa depressão"; e assim por diante – os problemas interiores são fenomenologicamente experienciados como externos ao arbítrio e intencionalidade da pessoa (eles não "obedecem" à minha vontade).

Em casos mais simples, esses impulsos alienados são externos ao meu eu, mas ainda não exteriores ao meu eu. Por exemplo, a compulsão por comida não cai na minha cabeça como uma maçã, não vem lá de fora – a compulsão por comida vem de algum lugar dentro de mim, mas não vem de mim! Não posso controlar isso, não quero fazer isso, odeio comer demais, e ainda assim a compulsão é mais forte do que eu. Definitivamente, a compulsão é experienciada como interior, mas não é experienciada como interna ao meu eu, não faz parte da minha intencionalidade: é externa ao eu. Lembre-se de que a definição de "interno" é "qualquer coisa que segue a ação do hólón". Bem, essa maldita compulsão não segue minha ação, minha vontade, minha intencionalidade: ela, com certeza, é externa ao meu eu (mas não exterior ou do lado de fora). Em casos mais graves, os complexos alienados podem realmente ser projetados em sua totalidade aparente no mundo exterior, quando aparecem como uma primeira pessoa alucinada.

O trabalho da psicologia profunda, claro, é restabelecer a integridade da fronteira do eu, seus códigos de internalidade, sua interface de toque, de forma que introjeções possam ser desalojadas, projeções, recapturadas, elementos estranhos, eliminados ou assimilados.²⁹

Em muitos casos, o progresso da terapia é medido pelo sucesso com que indivíduos conseguem converter sintomas de terceira pessoa (ou "isto"), que os confundem completamente, em ocasiões de segunda pessoa com as quais começam a se comunicar, até ocasiões de primeira pessoa que agora passam a reconhecer.

Por exemplo, a pessoa começa assim: "Esta sensação de depressão só me acontece quando estou perto do Joe. Não consigo evitá-la." Essa depressão é uma ocasião de terceira pessoa, ou "isto", que surge no espaço interior da pessoa (uma ocasião de terceira pessoa em seu espaço-eu de primeira pessoa). À medida que ela sente esse estado depressivo, comunicando-se corporal e emocionalmente com ele, como uma presença real de segunda pessoa que tem algo importante a lhe dizer (uma presença de segunda pessoa que tem uma intencionalidade que pode ser potencialmente entendida), então vários significados começarão a emergir do seu espaço-eu – e o farão sem suas farpas (e.g., sentimentos reais e autênticos de raiva podem emergir do seu espaço-eu). Nesse ponto, ela será capaz de dizer, não que: "esta depressão só me acontece...", mas sim: "eu estou realmente com raiva do Joe" – quando então não mais se sentirá triste, mas furiosa. Ela reconheceu sua própria intencionalidade.

Assim, da terceira pessoa "isto" para a segunda pessoa "você" até a primeira pessoa "eu" – o caminho para me tornar amigo de uma subjetividade previamente alienada (desse modo, invertendo o rumo da gênese do sintoma, em que um impulso "eu", desaprovado e censurado, transformou-se em uma terceira pessoa dissociada "isto").

Freud resumiu sua famosa versão da psicologia profunda como: "onde estava o id, lá advirá o ego". Como agora é bem conhecido, Freud nunca usou as palavras latinas "ego" ou "id", termos que foram inseridos por seu principal tradutor (James Strachey). Freud usou as palavras alemãs "das ich" e "das es", ou "o eu" e "o isto". A verdadeira afirmação de Freud que resumiu a terapia foi: "onde estava o isto, lá advirá o eu" – um resumo verdadeiramente maravilhoso da recuperação autoral terapêutica, que reflete bem o cálculo de perspectivas inerentes (do "isto" para o "eu"). Que a metateoria de Freud não seja, somos obrigados a dizer, exatamente relevante, não deve depreciar a fenomenologia profunda que Freud trouxe para esse esforço terapêutico. (Um dos melhores caminhos para investigar o "eu" e o "isto" na terapia é estudar a obra de Fritz Perls, um mestre insuperável no acompanhamento da sombra, que é falaciosa ao migrar do "eu" para o "isto" por meio de sintomas e ao retornar ao "eu" pela terapia.)

Por agora, tudo que precisamos observar é como as perspectivas inerentes básicas, disponíveis até para uma bactéria, podem ser rastreadas em minha compulsão por comida. O universo manifesto parece ser realmente construído de perspectivas, infinitamente para cima, infinitamente para baixo, ligando todos os seres sencientes em reflexões infinitas entre uns e outros, uma Rede de Indra de intimidades múltiplas.

A fronteira-eu

Vimos que quando se trata do eu interior e de sua fronteira própria, existem coisas que são internas a esse eu e coisas que estão dentro desse eu, e, às vezes, elas não são a mesma coisa.

O que, então, estabelece ou cria de fato a ação do eu, a ação ou padrão que determina se algo é interno ou externo ao eu? Vários itens, mas um dos mais importantes é a própria história passada do eu. Cada eu apreende seu eu precedente. O eu presente é, portanto, uma unificação preensiva de todos os eus passados, que agora são internos ao eu presente. O "eu" deste momento apreende o "eu" do momento anterior e, desse modo, o percebido de um momento torna-se o percebido do próximo: todas as percepções estão guardadas no meu eu-presente: todos os meus ontens estão, de uma forma ou outra, envoltos no eu de agora, eles são internos a esse eu-presente. Isso, claro, é o carma.

Essa internalidade, esse padrão do eu, é a ação do eu, refletida especialmente, mas não exclusivamente, na vontade ou intencionalidade do eu. Essa intencionalidade ou ação está emergindo ou se desdobrando livremente a cada momento, e envolvendo ou englobando seu momento prévio (livre arbítrio mais determinismo, criatividade mais carma), daí por que o eu não é meramente seu passado, mas também não pode escapar dele. Esse movimento de

transcendência e inclusão é simplesmente um exemplo do eixo externo/interno: cada momento transcende (ou é externo a) o momento anterior, que se torna interno ao (ou é envolvido pelo) novo momento.

É por isso que o eixo vertical externo/interno é tão importante no autodesenvolvimento. Como é agora amplamente sabido pelos desenvolvimentistas e resumido por Robert Kegan, o sujeito de um estágio de desenvolvimento transforma-se no objeto do sujeito do estágio seguinte. (Esse desdobramento/envolvimento é o macromovimento ou movimento em larga escala correlato à apreensão de Whitehead, que cobre a microescala. A última olha para o toque momento a momento, o primeiro olha para o que acontece por períodos mais extensos de meses ou anos, e ambos chegam à mesma tendência geral: desdobramento e envolvimento, ou transcendência e inclusão, ou externo e interno, ou criatividade e carma).

É a história do eu de estar no mundo que é crucial para ajudar a definir o que é interno a esse eu, o que é real e verdadeiro para esse eu. O que isso significa é que hólons interiores são internos ao eu quando eles seguem os padrões cármicos do eu, estabelecidos como hábitos cósmicos, e que se apresentam agora como a ação do eu (e são externos a ele quando isso não acontece).

Isso não significa que o que é interno é sempre sadio; uma história de mentiras por parte do eu, ou de opressão do eu por parte de outros, pode criar uma fronteira-eu doente, inautêntica ou patológica, um código de internalidade inautêntico, um eu não fidedigno ou falso – mas, de qualquer modo, ainda é a história cármica que ajuda a definir o código ou ação, o que certo e o que não é para esse eu particular.

Desse modo, cada eu ou espaço-eu interior tem uma fronteira reguladora que estabelece a integridade do eu e permite sua interface com o mundo. Os fenômenos que surgem dentro da fronteira desse espaço-eu estão dentro do eu; os fenômenos que surgem dentro do eu e seguem a ação desse eu são internos ao eu. Da mesma maneira que elementos estranhos, como parasitas, podem estar dentro de uma célula, mas não interna a ela, elementos estranhos podem estar dentro do meu eu, mas não internos a ele (eles estão dentro do meu eu, mas não seguem sua ação – eles têm mente própria). A internalidade de um hólón é o que estabelece sua autoidentidade. Interno não significa apenas algo dentro de um hólón, mas que pertence a ele de acordo com a história do hólón de estar no mundo. Itens que não seguem esse padrão ou ação são externos ao regime do hólón (e são experienciados assim).³⁰

Como vimos, esses elementos externos às vezes envolvem patologias (quando impulsos internos transformam-se em "istos" externos). A relação de externalidade não é, porém, sempre, ou até normalmente, patológica. Às vezes os elementos externos são simplesmente itens que estão "acima da cabeça" do eu presente (da mesma maneira que uma molécula está acima da cabeça de um átomo). Externo significa simplesmente qualquer coisa que não segue a ação do hólón (portanto, não seguindo a ação, vontade, ou intencionalidade do eu).

Esses eventos que estão "acima da cabeça" do eu presente – e são, desse modo, experienciados como externos ao eu – incluem a transcendência; e a forma mais comum dela, como vimos frequentemente, é a própria apreensão, ou a sensação momentânea a momento do presente à medida que transcende e inclui seu momento percebido anterior. O momento anterior torna-se interno ao momento presente, que é externo a ele. É por isso que, em minha existência momento a momento, sinto que estou me movendo além do momento prévio e, mesmo assim, ele é envolvido pela minha percepção. O momento precedente está contido no momento presente, mas o momento presente não está contido no momento precedente – e por aí continua o fluxo whiteheadiano de desdobramento holárquico do Espírito...

Transcender e incluir

Se "interno" significa qualquer elemento ou sub-hólon que segue a ação de outro hólon, então externo significa, simplesmente, algo que não faz isso. Às vezes, o elemento externo está no mesmo nível de desenvolvimento; às vezes, em um nível mais baixo de desenvolvimento; às vezes, em um nível mais elevado. Como Varela assinala frequentemente, uma molécula é interna à uma célula, mas a célula é externa a suas próprias moléculas: a molécula inteira está na célula, mas a célula inteira não está na molécula. A célula está "acima da cabeça" da molécula, transcende-a de muitas formas importantes (por exemplo, a molécula segue a ação da célula, mas não vice-versa).

Esses horizontes-de-evento externos sinalizam transcendência. Transcender e incluir significa algo novo, mais elevado e externo para a entidade presente que está vindo a ser (transcendência), mas a entidade presente é acolhida, incluída e envolvida na nova ocasião como uma linha ou fio internos de sua composição. (Algumas pessoas chamam isso de eros e ágape, respectivamente, mas essas pessoas provavelmente acham que gansos têm percepções.).

Desse modo, transcender e incluir significa externo-e-interno. Os "muitos se tornam um" (o que significa, os muitos se tornam internos ao novo um) e "são acrescidos de um" (o que significa, o novo um é externo ou está além dos muitos, embora, por sua vez, ele seja transcendido-e-incluído).

Assim, um átomo é interno a uma molécula, mas a molécula é externa ao átomo. Note que a molécula não está do lado de fora do átomo – fora do átomo estão apenas mais átomos. Quando o átomo "olha" para fora, vê outros átomos, mas não consegue ver moléculas, células ou organismos – não em sua inteireza – mas vê claramente os fenômenos em seu próprio nível atômico. A molécula não está do lado de fora do átomo, mas externa e sênior ao átomo (a molécula está em um nível mais elevado que o átomo) e, portanto, o átomo não pode ver a molécula. Desse modo, no espaço fenomenológico completo dos átomos, não existem moléculas que possam ser vistas. (Da mesma forma, no espaço fenomenológico do meme azul, por exemplo, não existem eventos laranjas, verdes, amarelos ou turquesas a serem vistos em lugar algum. Literalmente.)

O ponto é que horizontes de evento inerentes são estabelecidos não apenas pela consciência (interior e exterior), não apenas pelo espaço (dentro e fora), mas também, e profundamente, pelo tempo, no qual cada hólon em cada quadrante apreende seu momento prévio de existência, torna esse momento prévio interno ao seu ser, envolve-o, abraça-o e engloba-o, um momento de eros subindo, um momento de ágape descendo. Nos casos de grande inovação evolucionária, quando saltos emergentes de transcendência fazem com que o componente de criatividade de cada carma-e-criatividade do momento exceda significativamente a densidade entorpecida dos componentes cármicos, então níveis completamente novos, novas classes, novas ordens de hólons entram em cena de forma impressionante, testemunho de *lila* ou do jogo espontaneamente criativo do Espírito, mas um jogo que se tetraentrelaça com o próprio jogo do Espírito do momento anterior, abraçando, envolvendo e amando agapicamente o que veio antes na dança. A internalidade tece o Kosmos holarquicamente, envolvendo cada vez mais, abraçando cada vez mais, amando cada vez mais, até que seja revelado um Espírito que transcende tudo e inclui tudo, um Espírito que, todavia, está completamente presente desde a primeira transcendência e a primeira inclusão, o que significa, completamente presente desde o começo deste ou de qualquer outro universo.

A internalidade é a forma de autopreensão do espaço-tempo, uma auto-organização por meio de autotranscendência (colocado em termos insípidos de terceira pessoa), ou – em termos muito mais precisos de primeira pessoa – o amor que move o sol e as outras estrelas.

A dimensão "externo/interno", em sua natureza mais essencial, é a dimensão vertical ou o eixo de "transcendência/externo-e-inclusão/interno" de um desenvolvimento que é

envolvimento. Ser interno é ser agapicamente amado. A internalidade está subjacente ao princípio de envolvimento da metateoria integral, e pode ser encontrada operando em todos os quatro quadrantes (mais exemplos serão apresentados posteriormente). Tal é o eixo altura/profundidade para navegação no oceano AQAL: transcendência e inclusão, desdobramento e envolvimento, criatividade e carma, Eros e Ágape, funcionando onde quer que um indivíduo composto transcenda e inclua seu juniores, o que significa: infinitamente para cima, infinitamente para baixo, não deixando nenhum hólón no Kosmos intocado por Eros e Ágape, expresso nos mais elevados limites do domínio humano como uma sabedoria que se desapega de tudo e uma compaixão que abraça tudo, uma expressão sofisticada das perspectivas inerentes disponíveis para todo ser senciente através do espectro do milagre da manifestação.

Resumo de individual e coletivo

Vimos que hólons individuais são constituídos de outros hólons individuais – eles são indivíduos compostos que são interiormente constituídos de outros indivíduos compostos (que chamamos de ação-em-super-ação). Qualquer indivíduo composto pode ser olhado de dentro de suas próprias fronteiras (como uma primeira pessoa eu) ou de fora de suas próprias fronteiras (como uma terceira pessoa isto). Ao mesmo tempo, cada hólón individual (eu/isto) existe em redes de outros hólons no mesmo nível de complexidade ou desenvolvimento (isto é, ação é sempre ação-em-comunhão); essas redes auto-organizadoras ou sistemas de indivíduos compostos são hólons sociais, comunitários ou coletivos (nós/"istos").³¹

Um sistema, até o grau em que seja um todo funcional, é realmente um hólón; mas o que é interno a esse hólón não são os indivíduos, mas suas trocas (um ponto que será explorado em mais detalhes a seguir). Não existe nenhum eu/isto sem um correspondente nós/"istos", embora nenhum deles possa ser reduzido aos outros. Um hólón coletivo ou sistêmico é uma rede composta, não um indivíduo composto. Um grupo de organismos não é um organismo em si. Em todos os sistemas ou redes compostas, os indivíduos compostos dos sistemas são ações-em-comunhão-mútua, não sub-hólons em um leviatã; parceiros, não partes.

Interiores e exteriores e singulares e plurais não podem ser reduzidos uns aos outros porque as perspectivas não são intercambiáveis (daí o princípio da não exclusão). "Eu", "nós/você" e "isto" são amostras das perspectivas inerentes disponíveis para os seres sencientes que, a fim de se manifestar, devem assumir uma posição no espaço-tempo em relação aos outros – isto é, em relação a outros seres sencientes. Consequentemente, todo ser senciente consciente de outro ser senciente é uma primeira pessoa relativamente a uma segunda pessoa; e toda comunicação entre eles é uma terceira pessoa relativa a eles. (Peirce percebeu isso intuitivamente com sua definição de signo: qualquer aspecto de realidade que significa algo para outro: e aí você tem três pessoas.)

Não se pode fugir disso em um universo composto de hólons sencientes que somente se manifestam entre si, uns com os outros. Desse modo, antes de (ou, pelo menos, *a simultori*) sensações, percepções, coisas ou processos, nós encontramos: perspectivas. O conceito de perspectiva parece nos dar uma leitura muito mais precisa da textura do Kosmos do que conceitos como coisas, eventos, processos, sistemas, sensações, apreensão, percepção ou consciência, porque todos esses surgem somente de uma matriz de perspectivas. Uma versão dessa matriz é chamada AQAL.

As perspectivas não são perspectivas sobre (ou de) uma realidade pré-dada ou mundo universalmente dado; mais propriamente, cada perspectiva ajuda a enagir ou dar à luz um mundo fenomenológico (daí o princípio da enação). Entretanto, isso não é um mero subjetivismo, porque realidades subjetivas são apenas parte da história (a parte da história enagida por perspectivas de primeira pessoa); a fim de se manifestar um mundo composto de perspectivas múltiplas, essas perspectivas de primeira pessoa (de algum eu ou nós) devem interagir com um mundo de perspectivas objetivas (de isto e "istos"), de forma que subjetividades devem assumir seu lugar no mundo de objetividades. A "realidade objetiva"

não é uma ficção, mas é em si mesma somente uma parte da história global (a parte da história enagida por perspectivas de terceira pessoa). Cada perspectiva, portanto, capta e dá à luz uma dimensão do universo, e essas dimensões devem se entrelaçar (para nós, tetraentrelaçar) para que existam no mesmo mundo.³²

Essas perspectivas-dimensões de primeira pessoa, segunda pessoa e terceira pessoa, em suas formas não reflexivas, estão presentes sempre que o universo contém três ou mais entidades preensivas ou hólons (o que quer dizer, sempre) – os quatro quadrantes seguem infinitamente para baixo. Isto é, se algum tipo de protoconsciência, sensação ou preensão segue infinitamente para baixo, os quadrantes seguem infinitamente para baixo. Não existe nenhum interior sem exterior, como também nenhum singular sem plural. Afirmar que os quadrantes seguem infinitamente para baixo é dizer que o Kosmos é construído de perspectivas, não de percepções, não de sensações, não de conscientização, não de matéria, não de consciência, não de energia – pois todas essas são abstrações do mundo real onde são, desde sempre, uma perspectiva. Percepção, sensação, conscientização, preensão e consciência privilegiam o sujeito monológico, que não existe em nenhum lugar do mundo real; conseqüentemente, a "morte da filosofia da consciência" que é parte do movimento para uma postura verdadeiramente pós-metafísica.

Usemos uma única célula como exemplo. Se, acompanhando as tradições de sabedoria (bem como muitos filósofos modernos influentes), assumimos alguma forma de paninterioridade, então aceitamos que a célula tenha algum tipo de sensação ou protoexperiência – ela possui tanto um interior quanto um exterior. Além disso, a célula reconhece claramente violações de fronteira (quando, por exemplo, um parasita a invade); portanto, a célula registra um dentro e um fora nos seus interiores e seus exteriores. Se adicionarmos o conceito de solidariedade celular – que simplesmente sugere que, se as células têm exteriores em comum, elas devem ter interiores em comum – temos então os quatro quadrantes com seus dentros e foras, até mesmo em uma célula. É por isso que esses oito espaços fenomenológicos parecem ser inerentes à manifestação da existência. Não suas formas autorreflexivas, claro, mas seu simples registro no Kosmos sensitivo ou preensivo.

Quando chegamos aos seres humanos, essas oito perspectivas primordiais são embutidas de várias formas explícitas e implícitas nas linguagens naturais, formas que podem ser descobertas, honradas e empregadas mais conscientemente usando um cálculo integral de perspectivas inerentes, que dá atenção à inerência (isto é, natural, não metafísica) dos espaços fenomenológicos, usando as diretrizes heurísticas da não exclusão, envolvimento e enação.

Fazendo isso, notamos que uma ocasião em quaisquer dos quadrantes pode ser visualizada de dentro ou de fora de sua própria fronteira. (Com referência à figura 2, isto simplesmente significa que um hólón, em quaisquer dos quatro quadrantes, tem um dentro e um fora.) Isso nos dá (pelo menos) oito metodologias diferentes de pesquisa humana, e estamos no processo de discutir exemplos de todas as oito – embora as tenhamos agrupado, nesta apresentação, como o dentro e o fora do interior e do exterior, ou quatro horizontes fenomenológicos, horizonas, ou zonas gerais, que são horizontes de evento tetraevocados pelos sujeitos enagindo esses espaços. Todas as oito perspectivas inerentes são horizonas, mas essas quatro zonas particulares destacam características importantes de horizontes de evento fenomenológicos – isto é, ao focalizar o dentro e o fora de qualquer fronteira, podemos dar especial atenção ao conhecimento por familiaridade (ou por toque) versus o conhecimento por descrição (ou à distância): as dimensões de primeira pessoa e de terceira pessoa de estar no mundo são ambas importantes, mas nenhuma delas pode ser justificavelmente privilegiada.

(Este excerto é dedicado à zona 1, ou os dentros do interior, desvelados especificamente pela fenomenologia e pela hermenêutica. O próximo excerto é dedicado à zona 2, ou os foras do interior, desvelados especificamente pelo estruturalismo e pela antropologia cultural; e excertos sucessivos serão dedicados às zonas 3 e 4, ou os dentros do exterior e os foras do

exterior, desvelados especificamente pelo empirismo, behaviorismo, teorias de autopoiese e teorias de sistemas. O resultado líquido de um passeio por nossas próprias perspectivas inerentes é um Pluralismo Metodológico Integral, que oferece uma compreensão mais generosa do Kosmos, que cria um espaço explanatório para as muitas metodologias que as pessoas já estão usando de qualquer maneira, e que nos permite condensar e exemplificar esse pluralismo metodológico integral em um SOI – um Sistema Operacional Integral, que age como um lembrete constante para não deixar para trás nenhuma dessas perspectivas inerentes em nossa pressa por compreensão.)

Começamos pela hermenêutica, ou como os "eus" individuais podem entender uns aos outros, interpretar uns aos outros, chegar a algum de tipo de compreensão mútua uns com os outros – o milagre de interiores compartilhados. O que é um "nós"? Quanto mais você pensa a respeito, mais espantoso e misterioso se torna esse lugar interior secreto, onde você e eu devemos entrar em contato se quisermos nos entender...

III – A importância crucial da Hermenêutica: o que é um "nós"?

Um círculo de amigos

Você e eu estamos conversando. Nós somos amigos. Isso significa que já compartilhamos algum tipo de cultura de fundo (como a rede compartilhada da linguagem). Em outras palavras, você e eu já estamos em algum tipo de espaço fenomenológico de primeira pessoa do plural, ou um "espaço-nós" específico. Seu dentro-interior singular ("eu") e meu dentro-interior singular ("eu") encontram-se em um espaço que ambos denominamos "nós".

Você está tentando me explicar uma experiência que teve ontem à noite. Quando começa a transmitir as informações para mim, a princípio eu não entendo o quadro completo; devo escutar e tentar interpretar o que você está dizendo. Em um certo ponto, presumivelmente, conseguirei: eu compreenderei e nós compartilharemos essa compreensão. Nesse ponto fenomenológico ou nexa de compreensão mútua, você e eu compartilhamos um "nós". Seu horizonte de significados e meu horizonte de significados se superpõem nesse instante. Ambos, então, diremos coisas como: "É isto o que você quer dizer, não é? Então estamos nos entendendo, certo?" "Sim, estamos nos entendendo."

Nós nos entendemos mutuamente: dois "eus" se superpõem ou se interligam em um "nós".

Nesse momento, não estou particularmente preocupado se duas pessoas – quaisquer duas pessoas – sempre podem, ou não, se entender de fato. O pluralista típico tenta se intrometer aqui e afirmar que as pessoas ocupam mundos vitais incomensuráveis e, portanto, o entendimento mútuo e o significado semelhante não são possíveis ("toda interpretação é uma desinterpretação"). Entretanto, com a abordagem integral, não tentamos invalidar a afirmação de outra pessoa dessa forma grosseira; pelo contrário, damos um passo atrás, até um horizonte mais amplo e, simplesmente, notamos que as pessoas já estão conversando e dizendo "nós nos entendemos"; não estamos particularmente preocupados em saber se essa afirmação é objetivamente verdadeira ou não, mas, sim, em compreender o universo onde essa afirmação pode ocorrer, porque, com certeza, ela já está ocorrendo e, nesse instante, estamos tentando prestar atenção à sua existência, não julgá-la.

Assim, você e eu somos agora "parte" de um "nós". Mas esse "nós" não é um super-eu que nos inclui em um organismo único e que, então, passa a controlar tudo que pensamos e fazemos. Em outras palavras, você e eu estamos dentro desse "nós", mas não somos internos a ele. Essa compreensão simples é a chave para a relação entre indivíduo e coletividade (tanto no QIE quanto no QID; retornaremos ao QID com nossa discussão sobre Luhmann; no momento, estamos interessados no QIE).

Quando afirmamos que nos entendemos, ou que percebemos coisas juntos, ou que compartilhamos certos valores, e assim por diante, significa que estamos dentro do círculo hermenêutico de um nós cultural, ou dentro um horizonte compartilhado de significados, valores, compreensão etc. Você e eu estamos dentro de uma fronteira-nós.

Por exemplo, se pertencemos a um círculo de amigos, sabemos exatamente quem está dentro e quem está fora dele. Nós até os chamamos de "íntimos" e "estranhos". Se um estranho tenta entrar nesse círculo de amigos sem ser convidado, o círculo reage como se tivesse um sistema imunológico próprio – como todos os hólon, o círculo-nós protege suas fronteiras vigorosamente. Claro, podemos decidir aumentar nosso círculo-nós de forma a incluir mais seres sencientes, mas o fazemos, na verdade, aumentando o "nós", não o danificando. Uma fronteira-nós danificada ou rompida é, como qualquer fronteira rompida, não uma transcendência, mas uma patologia.

Em outras palavras, você e eu estamos dentro de um hólon cultural, com seu próprio horizonte de eventos e sua própria fronteira fenomenológica. Como todas as fronteiras interiores, você

não pode ver essa fronteira-nós no mundo exterior, sensório-motor, do Lado Direito. Mas tanto você quanto eu sabemos exatamente onde fica essa fronteira-nós.

Assim, você e eu estamos dentro um "nós," um nós que tem uma fronteira definida. Mas você e eu não somos internos a esse "nós". Você e eu não somos componentes reais, sub-hólons, ou partes desse "nós" – você e eu não somos partes de um leviatã, de tal modo que cem por cento de cada um de nós sejam arrastados pelo chão quando esse monstro "nós" decidir andar. Você e eu somos membros, não fios de uma teia – nossos "eus" individuais são parceiros em um nós, não partes de um nós. (Somos membros de um hólón cultural, não componentes dele: estamos dentro desse nós, não somos internos a ele.)

Então, o que é interno a esse "nós," ou quais são os componentes reais desse "nós" presente? A resposta sugerida, que o resto deste excerto explorará, é: você e eu estamos dentro de um "nós" quando nossas interseções são internas a ele.

Eis um breve ensaio: você e eu estamos fenomenologicamente dentro desse círculo hermenêutico, devido ao fato de ambos afirmarmos pertencer a um círculo de amigos. Mas não somos internos a ele (não achamos que somos componentes de um super-eu que manipula todos os nossos fios como se fôssemos marionetes). O que é interno a esse "nós" são todas as interseções passadas e presentes – literalmente, as ocasiões intersubjetivas – que estão contidas no espaço fenomenológico definidos pelos modos específicos por meio dos quais você e eu usamos a palavra "nós".

Aqui está um exemplo simples. Ele é uma versão forte de um nós/istos (uma rede sociocultural); nem todos os hólons coletivos são tão óbvios ou precisos, mas, como exemplo, é ilustrativo.

Você e eu decidimos jogar xadrez. O jogo de xadrez usa um tabuleiro de damas e dezesseis peças. Cada peça é definida pelos tipos de movimento que pode fazer e por sua relação com as outras peças. Essas são as "regras" do xadrez – o regime, padrão ou estrutura do jogo. Você e eu estamos dentro de, ou "em", um jogo de xadrez, não quando tudo sobre nós seguir as regras do xadrez, mas quando nossas interações durante o jogo seguirem as regras do xadrez. Se você ou eu quebrarmos as regras, estaremos "fora" do jogo. Desse modo, estamos jogando xadrez quando nossas interações forem internas ao jogo: são nossas trocas que seguem as regras do xadrez, não você ou eu.

E, finalmente, o xadrez propriamente dito não é um eu, nem é composto de eus; é composto das interseções de eus.

(De fato, como indivíduos, você e eu permanecemos externos ao jogo de xadrez até quando estamos jogando xadrez, porque nem tudo na nossa existência segue as regras do xadrez, mesmo durante a partida. Meu metabolismo, minhas fantasias, meus incômodos físicos – e milhões de outras coisas sobre mim – não seguem as regras do xadrez. Somente minhas interseções com você nesse local limitado do espaço-tempo seguem essas regras. Assim, quando você e eu estamos jogando xadrez, somos, como indivíduos compostos, externos ao jogo. Nossas interseções, porém, são internas ao jogo; quando nossas interseções são internas ao jogo – ou quando seguimos as regras – você e eu estamos no jogo, isto é, somos membros ou parceiros nessa partida particular; e alguém que não a esteja jogando é, simultaneamente, externo a, e está fora da, partida, mesmo que esteja assistindo a ela.)

As regras do xadrez, embora atualmente sejam fixas, nem sempre o foram. Elas têm uma história. Essas regras não são leis naturais existentes desde sempre, mas tornaram-se, ao longo dos anos, padrões, formas ou hábitos regulares que agora regulam todos aqueles que desejam jogar esse jogo específico. Quando você e eu nos reunimos para jogar xadrez, estamos dentro do jogo quando nossas interseções forem internas a ele, e essa internalidade inclui a história completa do xadrez, como realmente se desdobrou em tempo real e se estabeleceu como padrão estável agora chamado "xadrez".

Nossas formas de estarmos juntos são muito parecidas com o xadrez. As formas por meio das quais você e eu nos reunimos em um "nós" são determinadas, em parte, pela história desse "nós". O "nós" não é propriamente um "eu", nem pode ser reduzido a "eus". Mas uma coisa é certa: esse "nós" tem vida própria.

Esse nós tem vida própria. Quando você e eu estamos juntos, temos uma história. Não há nada que possamos fazer para mudá-la. Teve aquele dia em que você se embriagou e vomitou na Sra. Jones; o dia em que fomos à casa da Sue e John já estava lá; e, claro, aquele maldito incidente com a galinha. A história desse nós ajuda a determinar como você e eu nos entendemos, quais são nossas experiências comuns, os tipos de significados que podemos compartilhar, e assim por diante. Alguém fora do nosso círculo terá muita dificuldade para nos entender, não é?

Esse "nós" é uma série de trocas intersubjetivas que, como uma rede ou hólón coletivo, tem de fato vida própria. Toda vez que nos reunimos, a história desse "nós" nos precede; está lá, embutida em nossos momentos presentes juntos (da mesma maneira que cada eu precedente está embutido no meu eu atual). O estudo da nossa amizade é o estudo da história desse "nós", o estudo da nossa cultura juntos. Toda vez que nos encontramos, nossa história aumenta; toda vez que nos reunimos, esse "nós" deposita outra camada de hábitos cósmicos (ou ondas de probabilidades que expressam as formas em que tendemos a estar juntos nesse local do oceano AQAL). Se ficamos juntos por um tempo muito longo, podemos dizer coisas como: "nossa amizade funciona com um sapato velho" – um hábito usado, mas um hábito maravilhosamente usado, confortável, aconchegante e atencioso, uma trilha do Kosmos em que andamos juntos, descobrindo muito mais de nós mesmos à medida que o fazemos.

A compreensão mútua que você e eu compartilhamos; as esferas de valor dentro das quais operamos; os horizontes fundidos que contêm nossas apreensões mútuas; os modos com que nos antecipamos um ao outro – tudo isso só faz sentido contra o background cultural do "nós", esse "nós" que tem vida própria e uma história própria. Essa história de vida do nosso "nós" não existe, exceto para você e para mim, e nem pode ser reduzida, explicada ou deduzida das nossas histórias individuais.

Você e eu, como indivíduos compostos, estamos dentro desse círculo de amizade, mas os únicos aspectos nossos que são internos a ele são os aspectos trocados (e/ou teleapreendidos). Resumimos isso dizendo que, entre outras coisas, o que é interno para um "nós" são as interseções de seus membros. (Essa é a correlação no QIE da conclusão de Luhmann para o QID: o que é interno a um sistema não são os organismos, mas a comunicação.)

Portanto, no frigidar dos ovos, os itens que são internos a esse círculo-nós incluem as trocas intersubjetivas presentes (ou interseções) de seus membros, padrões ou hábitos que governam essas interseções e a história passada das mesmas. Você e eu estamos dentro de um "nós", mas não somos internos a um "nós", um "nós" que inclui todos os nossos ontens juntos e os hábitos que eles depositaram, resultando nos padrões reais do nexos que define esse "nós" específico, que tem vida própria. Qualquer "nós" carrega o resultado total de seus membros, mas não pode ser reduzido a nenhum deles.

Assim, toda vez que você e eu nos reunimos e entramos em contato, dentro do círculo de nossos horizontes compartilhados, esse "nós" nos precede, espesso, rico e atraente, com sua própria história, uma história que provê o contexto para cada palavra que pronunciamos, emoldura uma zona de eventos para cada sensação que possamos sentir, envolve-nos com um manto de compreensão mútua em um mar de encontros discrepantes. Esse "nós" nos precede, inclui nossas interseções em seus horizontes cordiais, um céu protetor de entendimento mútuo no qual nosso estar-juntos se movimenta.

Esse "nós" não está em lugar algum; não está acima de nós, antes de nós, ou fora de nós – está contido em mim e em você, mas não pode ser reduzido, nem deduzido, de nenhum de

nós dois. Ele é um todo que é mais que a soma de suas interseções – daí por que tem vida própria. Eu não posso, por mim mesmo, mudar esse nós; nem você; podemos somente dançar juntos essa dança, esse milagre de cuidado e graça que surge no Kosmos do nosso estar-juntos.

Nexo

Os muitos modos de usarmos a palavra "nós" incluem sua forma e percepção atuais e, embutida nelas, sua história inteira – o que é interno a um "nós" não é você e eu, mas todos os "nós" passados, todas as interseções de mutualidade prévias. Daí por que o modo hermenêutico de conhecer é frequentemente chamado de "histórico-hermenêutico" – esse nós-presente somente pode ser entendido à luz de seus predecessores.³³ Da mesma maneira que o que é interno a um "eu" inclui seus próprios "eus" passados (unificação preensiva), o que é interno a um "nós" inclui seus próprios "nós" passados.

(Eis novamente a "tetrapreensão" operando em todos os quatro quadrantes, o que é parte da própria essência do carma cósmico em todos os domínios: todos os hólons, em todos os quadrantes, transcendem-e-incluem seu passado.)³⁴

Esse "nós" é um nexo. Um nexo é simplesmente outra palavra para uma rede, uma coletividade, um hólón comunitário, um sistema, mas ela dá especial ênfase ao espaço relacional unitivo que constitui coletividades. Já que "nexo" tem menos conotações estabelecidas que "sistema", eu geralmente usarei esse termo, embora ambos se refiram essencialmente a um hólón coletivo, ou a um agregado enagindo como um todo funcional (QID) ou significativo (QIE).

Tratemos, primeiramente, da definição técnica: um nexo é o espaço de ocasiões interindividuais ou inter-holônicas (não trans-holônicas e não intra-holônicas) – isto é, um espaço de ocasiões individuais intercompostas (sejam intersubjetivas ou interobjetivas – o QIE caracteriza qualquer nexo intersubjetivo, o QID, qualquer nexo interobjetivo). Indivíduos compostos existem em redes, sistemas ou comunhão com outros indivíduos compostos (ação é sempre ação-em-comunhão); um nexo é o espaço fenomenológico dessas comunhões ou interseções. Como vimos, indivíduos compostos estão dentro de um sistema ou nexo, mas não são internos a ele. O que é interno a um nexo não são os indivíduos, mas suas interseções. (E essas interseções estão aninhadas em sua própria história, estão envoltas nesse nós/istos que tem vida própria.)

Colocado de forma simples, um nexo é qualquer espaço em que dois hólons entram em contato de alguma forma. (E isso vale infinitamente para cima, infinitamente para baixo). Como veremos, esse nexo ou rede de interseções pode incluir todos os tipos de trocas comunicativas (químicas, hormonais, emocionais, espirituais, linguísticas, telepreensivas etc.); ele apresenta características interiores e exteriores (e.g., associação cultural [QIE] e sistemas sociais [QID], ou intersubjetividade e interobjetividade, ou dimensões de primeira pessoa do plural ["nós"] e terceira pessoa do plural ["istos"] – ou novamente, intersignificados e intersignificantes).

A palavra "nexo" tem três significados importantes, todos eles excelentes para o objetivo em questão. Um nexo (do latim *nectere*, "ligar") é (1) "um meio de conexão, um vínculo ou ligação"; (2) "uma série ou grupo conectado"; e (3) "um núcleo ou centro". Na acepção "conexão", os sinônimos são "contexto, relação, referência, coerência" – todos centrais ao que um nexo é e faz. Na acepção "centro", os sinônimos são "sede, núcleo, coração" – que é exatamente o que um nexo é, o coração do estarmos juntos. Não sermos engolidos por um grande monstro, mas os modos profundos em que nos descobrimos uns aos outros. Em um nexo, permanecemos como indivíduos, mas não somos nada sem os outros.

Não é um paradoxo. Quando você e eu, indivíduos compostos, estamos dentro de um círculo hermenêutico, aqueles aspectos de nós mesmos que são permutados (e/ou teleapreendidos)

não são nada fora do círculo de permuta (eles não existem fora de sua troca, já que são as ondulações da troca propriamente dita). Isso é bem captado na palavra "transação" – compra e venda, por exemplo. A qualquer momento que alguém compra algo, outra pessoa, ao mesmo tempo e exatamente no mesmo ato, vende algo. Você simplesmente não consegue achar um ato de compra sem um ato de venda – eles são duas perspectivas da mesma transação – e a transação não pode ser reduzida a nenhum deles. Essa troca relacional ou transacional (ou tetraenação) é o "material" de qualquer hólón coletivo ou nós/istos.³⁵

(No Excerto E, em nossa discussão de Luhmann e da autopoiese social, veremos que o mesmo vale para sistemas ecológicos e redes interobjetivas, embora essas redes, claro, sejam mais bem enagidas e iluminadas via paradigmas e perspectivas de terceira pessoa do plural. Para os interessados, eis um breve resumo técnico: os sistemas são compostos não de indivíduos ou organismos, mas de suas trocas ou comunicação – o que é interno a um sistema é a comunicação, não os organismos. Os organismos não são fios de uma Teia da Vida, suas interseções são. Os organismos são membros de um sistema, suas trocas são componentes ou partes do sistema. Os organismos são parceiros, suas interações são partes, vínculos, nodos ou fios de uma rede. Os organismos estão dentro de um ecossistema, mas não são internos a ele; suas interseções, porém, são internas ao nexó ecológico e são o "material" dos ecossistemas, o material de sistemas que representam o exterior-coletivo ou dimensões de terceira pessoa do plural de estar no mundo – e cujos interiores não são ecossistemas, teias ou processos interativos, mas as percepções intersubjetivas de seus membros preensivos, melhor captadas não pela teoria de sistemas e sim pela hermenêutica, primeira pessoa do plural. Essa abordagem para uma ecologia verdadeiramente integral ou AQAL é radical e sem precedentes; nós a exploraremos extensivamente em seções posteriores. Usaremos "nexo" e "rede" para nos referir aos hólons culturais e sociais – ou os interiores e exteriores de hólons coletivos – tendo em mente as importantes diferenças entre eles.)

Os muitos "nós" que saturam nossas vidas são normalmente bem óbvios, tanto de dentro quanto de fora. Por exemplo, quando cinco amigos (diferentes de você e eu) reúnem-se, sentam-se em uma sala e conversam, já sabemos que você não pode ver o "nós" deles no mundo sensório-motor, já que ele é uma fronteira interior. Você pode, porém, experimentar diretamente essa fronteira-nós em seu interior se tentar juntar-se àquele círculo de amigos e for excluído – suas sensações interiores podem ser feridas se você for rejeitado pelo círculo – e, desse modo, pode perceber essa fronteira-nós sempre que tentar cruzá-la.

Se esse círculo de amigos permitir que você e eu nos juntemos a ele, então nos sete estaremos agora dentro desse círculo particular de amizade. Toda vez que o grupo permita que alguém novo entre para esse círculo de nós, o nexó-nós específico regulará, não o novo indivíduo ou membro, mas as interseções do novo membro conosco. Penetrar no nosso grupo significa começar a entender e seguir os padrões dele, padrões que governam o fluxo de nossa compreensão mútua – você está dentro do grupo quando suas interações são internas a ele.

Igualmente, se alguém nasce em um círculo particular de nós, esse nexó-nós governará, não todos os aspectos do indivíduo composto, mas aqueles aspectos que transitarem pelo espaço da interseção – o espaço cultural – o espaço intersubjetivo – cujo nexó governa, dá significado e provê o espaço de primeira pessoa do plural em que (e em virtude de que) qualquer compreensão mútua pode ocorrer.

Esse nexó cultural ou intersubjetivo tem, claro, um número quase infinito de dimensões. Como veremos, faz sentido que a cultura tenha correntes (que têm ondas) e estados (que não têm); e tipos e símbolos, graus e descendências, hierarquias e heterarquias, ressaltos e ranhuras. E, claro, todo "nós" tem um correspondente "istos" – todo nexó cultural está ligado a um sistema ou nexó social (embora nunca em um local geográfico específico, como frequentemente comentamos). Mas qualquer que seja o modo por meio do qual você olhe, escute, sinta ou entre em ressonância com uma ocasião, um "nós" não só é mais complexo

do que imaginamos, como é mais complexo do que podemos imaginar – uma sala infinita de espelhos, um envolvimento infinito de nexos dentro de nexos, novos campos de percepção dentro de campos de percepção, para sempre.

Dizer que você e eu somos amigos significa que já existimos em vários "nós" maiores (isto é, estamos dentro de, não internos a, diversos outros hólons ou nexos culturais). Esses outros hólons culturais podem incluir interesses compartilhados, uma orientação religiosa, uma identidade nacional, um idioma comum e todos os inumeráveis contextos que nos são passados como hábitos cósmicos dos muitos círculos intersubjetivos em que estamos emaranhados.

Alguns aspectos dessas redes intersubjetivas estão em primeiro plano, outros em segundo plano; alguns estão manifestos, outros, ocultos; alguns são interpretativos, outros, pré-interpretativos; alguns são conscientes, outros, inconscientes, pré-conscientes, subconscientes ou superconscientes; alguns são conteúdos, outros, contextos; alguns são pré-linguísticos, outros, linguísticos, outros ainda, translinguísticos.

(Os contextos e backgrounds culturais foram, claro, a especialidade de Heidegger, e eu me baseei muito em seu trabalho pioneiro, especialmente como refinado por Hans Georg Gadamer, o maior de todos os filósofos hermenêuticos, e nos seguidores de Gadamer, como David Hoy. Também tenho criticado extensivamente Heidegger; basicamente, acredito que, até mesmo no âmbito do seu próprio paradigma, ele falhou em captar a importância de ondas e correntes – e, por isso, julgou muito mal o discurso da modernidade – interpretando pobremente a natureza da intersubjetividade e da interobjetividade. Retornaremos a esse ponto mais tarde).

O círculo hermenêutico

O estudo dos "nós" é o estudo da cultura. No exemplo particular que temos usado frequentemente – isto é, nossa amizade, que é uma minicultura definida pela soma total dos modos como você e eu usamos a palavra "nós" – à medida que essa amizade cresce, a história desses "nós" começa a se tornar um hábito cósmico nesse círculo hermenêutico particular (isto é, nesse local particular do espaço-tempo da matriz AQAL). Você e eu estamos dentro desse círculo hermenêutico, mas não somos internos a ele.

Círculo hermenêutico é a expressão que muitos teorizadores costumam usar para descrever um "nós", e é uma escolha maravilhosa. "Hermenêutica" é a arte e a ciência da interpretação; o nome provém do grego Hermes, que era o deus da invenção e do comércio, mas também o mensageiro e o escriba dos outros deuses. A fim de entender as mensagens, você tem de interpretá-las – e, notoriamente, as mensagens dos deuses necessitavam ser interpretadas, (quanto mais não fosse, pelo famoso oráculo de Delfos, cujo conselho mais célebre sobreviveu até hoje: "conhece-te a ti mesmo"). Mas a interpretação é descontroladamente escorregadia e, desse modo, Hermes aparentava ser, ao mesmo tempo, um deus velhaco – na verdade, ele também era o deus da esperteza e do furto. Assim, permita-me perguntar-lhe: se você se encontrasse em um país estrangeiro e tivesse de confiar em um intérprete a fim de entender o que se passava, você gostaria de ter um malandro e um ladrão como sua única conexão com o mundo?

Bem, como os pós-modernistas nos advertiram amplamente, é isso que a interpretação é em qualquer caso – uma vigarista e uma ladra. Embora a frase "toda interpretação é errônea" (ou "todo significado é indeterminado e indecifrável") seja um absolutismo pós-modernista típico, ela exprime muito bem uma verdade parcial. Essa verdade parcial, como eu a definiria, é: a maioria das comunicações é uma troca de sinais e palavras exteriores numa tentativa de compartilhar realidades e experiências interiores; considerando que sinais exteriores são ocasiões de terceira pessoa e realidades interiores são ocasiões de primeira pessoa, algo incrivelmente importante sempre será omitido, o que deixa um "lacuna" ou "buraco" de indeterminação que nunca poderá ser preenchido por palavras ou sinais – deixa, na verdade,

uma série deslizante de lacunas e buracos que sabota a interpretação a cada passo, a cada curva da estrada que traga qualquer mensagem, seja de deuses, de mortais ou de ratos.

Muito do pós-modernismo – de Lacan a Derrida, até Lyotard – é uma tentativa de investigar esses buracos. A comunicação não é um simples caso de compartilhar unidades de significado óbvio e definido, mas uma série de semissignificados cercados por um mar de lacunas e buracos traiçoeiros, onde absolutamente nada é o que você pensa ser. (Lacan – especialmente se você o ler corretamente, o que se torna uma comédia – mostrou que grande parte das psicopatologias pode ser localizada nas trágicas tentativas da criança para afugentar esses buracos. Desnecessário dizer, HA, HA, o resultado é angústia.) Hermes é o malandro, o brincalhão, o bobo da corte – e a única pessoa que pode interpretar Hermes é... Hermes, uma vez que ele é o único escriba.

Em outras palavras, são buracos infinitamente para cima, infinitamente para baixo.

(Estou falando sério. Nenhum hólon – em qualquer nível, de átomos a macacos – pode sinalizar adequadamente seu interior com sinais exteriores, sejam eles redes químicas, hormônios ou palavras. Em última instância, é a telepreensão que ancora a intersubjetividade, não a comunicação, como veremos. Os pós-modernistas não captaram esse elemento essencial, o que os deixou apenas com buracos, donde suas posições notoriamente autocontraditórias. Mas as verdades parciais que eles deram à luz foram realmente profundas, e a primeira delas foi: as palavras não significam o que elas dizem significar. Hermes é um vigarista e um ladrão.)

E mesmo assim, eis praticamente toda a filosofia anterior [pré-moderna e moderna] assumindo simplesmente que as palavras significavam o que diziam que elas significavam. O pós-modernismo etiquetou essa suposição ingênua – as palavras significam o que dizem que elas significam – de "metafísica", "presença" e "logocentrismo", e ressaltou (corretamente, eu creio) que todos esses conceitos são profundamente confusos. "Metafísica", naquilo que a filosofia assumiu como "significado" é, de fato, "indeterminação", e naquilo que assumiu como "significação" é, realmente, uma "cadeia deslizante de significantes", nunca alcançando o que ela afirma alcançar; desse modo, as antigas abordagens metafísicas tiveram de ser completa e radicalmente desconstruídas. "Presença", pelo fato de que, como observado por Derrida, "nada é sempre simplesmente presente", significa que nada é o que quer dizer ("interpretação é desinterpretação"). E, já que todas as abordagens prévias, privilegiaram a palavra falada sobre a palavra textual, o "logocentrismo" assumiu que o significado pode, de fato, ser controlado pelo interlocutor de primeira pessoa, enquanto, na verdade, ele nunca pode ser controlado.³⁶

(Note que a maioria das grandes comédias – na literatura e no cinema – baseia-se nesse jogo infinito de palavras e no número ilimitado de mal-entendidos que são inerentes às palavras e aos sinais propriamente ditos, justamente porque o significado nunca pode ser completamente controlado ou contido – são buracos infinitamente para baixo. Desde a peça "A Importância de Ser Sério" de Oscar Wilde até o esquete para rádio "Who's on First?" de Abbott e Costello, essa cadeia deslizante de significantes velhacos tem sido encenada repetidamente com um humor radical inerente à situação ridícula que chamamos de comunicação. Lacunas, buracos, indeterminações, significados deslizantes, interpretações errôneas inerentes – de Aristófanes em diante...)

Todas são verdades parciais que certamente merecem assento no banquete integral. Mas não deixam de ser verdades parciais – de fato, nenhuma das verdades acima poderia ser comunicada se fosse totalmente verdadeira. (Se toda interpretação fosse desinterpretação, o próprio pós-modernismo nunca poderia ser entendido por ninguém. Os pós-modernistas abririam a boca e dela sairiam buracos, não significados; lacunas, não críticas; ausências, não presenças – e o resultado total do pós-modernismo teria sido um silêncio atroz, quando ele foi, sem dúvida, a mais ruidosa, a mais prolixa, a mais textual, a mais logocêntrica filosofia já desenvolvida. Nunca tantas palavras foram escritas sobre o porquê as palavras não

funcionam. Nunca tantas deveram tanto a tão poucos.) Todavia, em uma abordagem integral, a crítica pós-modernista da metafísica junta-se à crítica modernista da metafísica como dois fundamentos que forçam a reinterpretção de domínios mais elevados do potencial humano de forma pós-metafísica. Mas note também que pós-metafísico não significa antimetafísico, e é por isso que qualquer pós-metafísica genuína deverá ser pós-moderna e pós-pós-moderna (ou pós-laranja e pós-verde – retornaremos a esse ponto no Excerto F).

Mas são às verdades parciais do pós-modernismo que devemos agradecer por destacar esse surpreendente círculo hermenêutico, essa coisa extraordinária chamada "nós", uma coisa que é de fato um mistério sob tantas formas importantes. A natureza escorregadia da interpretação e da compreensão mútua é bem captada pelo conceito de um "círculo", porque toda vez que interpreto o que penso que você quer dizer, o círculo de compreensão muda, o "nós" se transforma. Realmente, é como uma sala de espelhos, onde cada imagem é refletida um número quase infinito de vezes. Toda vez que interpreto o que você quer dizer e então lhe respondo, você deve interpretar a resposta, que então eu interpreto, que você interpreta – e assim seguimos em torno do círculo hermenêutico, que é literalmente infinito, estonteante e misterioso.

Mas você entende o que quero dizer com a analogia da "sala de espelhos", não é? Veja, nós nos entendemos suficientemente bem. Esses "nós" estão aí, e você e eu sabemos que eles estão aí. Sabemos quando estamos neles, e sabemos quem está dentro deles e quem não está. Esses "nós" são uma mistura do compreensível e do eternamente desconhecível, mas não são mentiras totais. O Kosmos permite claramente que eles surjam; e você e eu não podemos negar sua existência de forma convincente porque, mesmo que concordássemos que eles não existissem, essa concordância seria um "nós".

(Como acontece com todas as realidades fenomenológicas, os "nós" são realidades impossíveis de se duvidar ou negar no momento em que surgem. Essa é a forma intersubjetiva da impossibilidade de se negar um "eu". Se o modernismo baseou-se na impossibilidade de se negar um "eu" – uma impossibilidade sobre a qual toda a fenomenologia está corretamente fundamentada – então, o pós-modernismo baseou-se na impossibilidade de se negar um "nós" intersubjetivo – uma impossibilidade sobre a qual toda a hermenêutica e o pós-estruturalismo estão corretamente fundamentados. Já que os pós-modernistas são tão sórdidos a respeito da certeza cartesiana, que, não obstante, nenhum deles conseguiu objetar com sucesso, vamos jocosamente devolver o favor e chamar essa certeza de lyotardiana, a qual ninguém também consegue objetar com sucesso. Ambas as certezas são radicalmente corretas dentro das horizontas a que se referem, porque quando você entra em contato com algo, não consegue negar convincentemente esse contato, e todos os interiores são conhecidos por contato.)

Uma vez que é impossível negar esses "nós" ou duvidar deles, vamos escutá-los com um pouco mais de atenção...

Ação do nexa

Um nexa tem ação? Um sistema ou hólona coletivo tem ação? Embora o que se segue seja aplicável genericamente a hólons culturais e sociais, focalizaremos nesta seção os contornos específicos de redes intersubjetivas ou "nós".

No que se refere a um nexa cultural, um "nós" tem ação? Quando se diz que "esse nós tem vida própria", o que isso significa exatamente?

Se uma sociedade é um "organismo" ou não, se ela tem "ação" ou não, depende de como você define os termos. Vimos que uma sociedade é como um organismo de algumas formas e não é como um organismo de outras – e o mesmo vale para a ação. Se você entende por ação uma ação intencional geral, então sim, hólons coletivos têm ação. Um grupo de homens construindo uma cabana de madeira, uma matilha de lobos caçando, gansos voando juntos –

todas essas são atividades grupais coordenadas em torno de uma meta única e, consequentemente, são hólons coletivos (socioculturais) apresentando ação.

Se você entende por ação uma intencionalidade única, um centro senciente ou um "eu" dominante, então não, hólons coletivos, na minha opinião, não têm ação.

Costumo usar "ação" no primeiro e mais genérico sentido, como o padrão ou regime governando ou regulando a ação de qualquer hólón senciente.³⁷ Nessa acepção geral, hólons em todos os quatro quadrantes têm ação, que faz parte de seus padrões definidores (isto é, a ação de uma ocasião real pode ser visualizada de quatro perspectivas-dimensões).

Isto dito, as diferenças de importância entre os quadrantes também precisam ser explicitadas em qualquer discussão sobre ação. Hólons do Lado Direito, por exemplo, têm ação somente no sentido exterior de impactos e registros de massa-energia (onde seguem leis, hábitos, regras e normas físicos, inclusive os de causalidade física, ressonância mórfica, causação formativa, dinâmica da complexidade e caos – os quais são todos registros exteriores de forma-massa-energia). Hólons do Lado Esquerdo envolvem consciência e intencionalidade próprias (isto é, a ação como intencionalidade origina-se nos espaços de livre arbítrio de primeira pessoa, mas pode ser visualizada de um ponto de vista determinista de terceira pessoa; quando nos referimos à ação nos quadrantes do Lado Direito ou exteriores, estamos nos referindo aos correlatos exteriores da intencionalidade interior.)

Mais importante ainda, os hólons individuais (ou indivíduos compostos) têm algo semelhante à mônada dominante de Whitehead ou ao centro senciente de Spencer – uma ação singular em alguns modos importantes (que aparece no QSE como um eu-preensivo, cuja forma exterior no QSD é o regime autopoietico de Varela de um organismo individual). Um nexó (cultural ou social) não tem um indivíduo composto localizado acima de suas trocas, abrangendo-as.

Mas se formos bastante cuidadosos, podemos nos referir à ação do nexó (ou ação-da-rede ou ação-sistêmica). Essa ação do nexó é o que "tem vida própria" – o que significa, uma vida regulada por sua própria história, hábitos e padrões. A ação do nexó não é determinada pelos indivíduos que estão dentro do nexó, mas pelas interseções (dos indivíduos) que são internas ao nexó.³⁸

Agora, eis uma simples decisão semântica. Vimos que Whitehead assinalou corretamente que um indivíduo composto tem algo como uma mônada dominante, enquanto uma sociedade não tem. Whitehead às vezes usou o termo "nexó reinante" como sinônimo de "mônada dominante", de forma que uma sociedade também não possui um nexó reinante. Mas para os meus ouvidos, "nexó reinante" soa como um termo bem apropriado para uma sociedade, sistema ou hólón coletivo, porque um "nexó" não é realmente o mesmo que um "mônada" e, desse modo, um hólón coletivo pode plausivelmente ter um conjunto de regras de governo, mas não um eu-dominante. As regras do xadrez, por exemplo, são o nexó reinante ou regras normativas dessa interação social. Em outras palavras – e, novamente, se formos bastante cuidadosos – acho que é razoável nos referirmos à ação do nexó de um hólón social ou sistema como um nexó reinante ou rede reguladora (que não é, claro, um indivíduo regulador ou mônada dominante).

Discutiremos exemplos dessa ação do nexó tanto em hólons culturais quanto em sociais – essa rede que tem vida própria – uma vida que é realmente um nexó reinante ou padrão regulador, não porque inclui seus membros, mas porque inclui seu próprio passado nas interseções presentes de seus membros. Não há necessidade de nenhuma mônada dominante (nenhum super-eu ou super-ação social) para fazer isso (em redes culturais ou sistemas sociais); mas nem pode esse nexó ser reduzido a nada além das interações de indivíduos isolados. Esse "nós" tem vida própria porque tem um passado no espaço em que estamos mantendo contato, um carma da nossa afinidade.

Em resumo, um nexo é uma fusão de horizontes, não uma fusão de indivíduos. É o ponto de encontro de todas as ações-em-comunhão, não uma super-ação que engole todas as suas ações.

Mas esses horizontes de rede ("nexo") realmente influenciam ou regulam ("reinam") as interseções que surgem de suas ondas de probabilidade. Quais as influências que essas redes compostas exercem sobre mim como um indivíduo composto? Quais as influências que esse "nós" que tem vida própria exerce sobre mim, que sou um membro dessa rede?³⁹ Qual é o poder "reinante" que esse "nós" tem sobre seus membros "eus"?

Nesse sentido, como um "eu", sou especificamente cerceado nas minhas dimensões intersubjetivas: quando sou um membro de qualquer círculo hermenêutico (ou hólón cultural), os aspectos do meu eu que entram no círculo hermenêutico – as "interseções" – são poderosamente tolhidos pelos hábitos cósmicos anteriores do círculo em questão. O que entra em um "nós" é, por definição, aquilo que você e eu entendemos e compartilhamos (não necessariamente concordamos, mas compartilhamos). Algo de mim que você não entenda, veja ou ouça não faz parte do horizonte-nós. Consequentemente, à medida que desejo ser visto, ouvido e entendido por você – isto é, que desejo manter uma relação de ressonância efetiva com você – minhas interações devem se entrelaçar categoricamente com os itens que podem surgir nesse espaço-nós. Desse modo, minhas interações, minhas interseções, minhas trocas nesse espaço-nós são poderosamente reguladas pelos padrões, estruturas, hábitos e história desse nós particular – são poderosamente reguladas pela ação do nexo desse nós.

Minhas interseções presentes podem transcender interseções passadas até certo ponto, mas devem também as incluir (e, desse modo, a cultura passada está para a cultura presente assim como o eu de ontem está para o eu de hoje, na tetrapreensão momento a momento por meio da qual os eventos perduram). Em outras palavras, esse círculo cultural ou hólón cultural presente deve transcender e incluir seus hólons culturais anteriores, hólons que são agora internos ao hólón cultural presente e são, consequentemente, parte da história que ajuda a determinar seu código de internalidade, ação, padrões, regras, estruturas ou identidade – em resumo, o que é interno ao nós e o que é externo ao nós.

Você se recorda de que a definição de "interno" é "qualquer coisa que segue a ação de um hólón"? Agora podemos aplicar facilmente essa definição aos sistemas ou hólons coletivos. Uma vez que um hólón coletivo apresenta ação do nexo, qualquer coisa que siga essa ação do nexo é interna ao hólón coletivo – e o que segue a ação do nexo de qualquer rede são as interações dos membros da rede. Já que nenhum indivíduo composto obedece a ação do nexo de qualquer sistema (um indivíduo composto possui elementos relativamente autônomos que são externos a qualquer sistema), a única coisa que é interna a um sistema coletivo é o resultado total das interações dos indivíduos compostos que são membros, parceiros ou participantes do sistema ou rede.⁴⁰ Isso é verdadeiro tanto para moléculas de gás quanto para lobos, para recifes de coral, para democracias, para sistemas meteorológicos, para regras de trânsito.

Da mesma maneira que a história do "eu" ajuda a definir o código de internalidade (ou o "eu verdadeiro") de um hólón individual, a história de um "nós" estabelece os padrões que ajudam a definir a fronteira do "nós" (dentro da qual estamos nós, fora da qual estão eles). Cada cultura tem uma história, como hábito cósmico, que cada nova cultura deve transcender e incluir (sob pena de se tornar patológica). Se a cultura prévia não for transcendida, nada novo é introduzido no círculo; a cultura fica fixada em seu passado, congelada em seu ontem. E se cultura prévia não for incluída, ocorre dissociação, repressão, esquecimento cultural – e todos sabemos o que estamos condenados a fazer quando esquecemos o passado.⁴¹

Momento a momento no círculo hermenêutico, a rede cultural passada torna-se interna à rede cultural presente. As formas como você e eu entramos em contato ontem são envolvidas por nossos contatos de hoje; você e eu entramos nesse círculo hermenêutico hoje regulados, em

parte, por todos os modos por intermédio dos quais já tenhamos entrado nele, significando que os hábitos cósmicos do nosso "nós" são carregados nesse círculo, nos costumes da nossa afinidade, hábitos do nosso coração.

Correspondentemente, a cultura presente é, em certo grau, externa à passada – isto é, em suas formas inovadoras, criativas ou transcendentais, a cultura presente é externa, ou vai além de, e não pode ser completamente captada por seu próprio ontem. Na "preensão quadrática" ou "tetrapreensão" de todas as ocasiões reais momento a momento, a dimensão intersubjetiva envolve sua própria história via tetrapreensão de seus membros – e, assim, prossegue o carma-e-criatividade que é inerente a todos os quadrantes ou dimensões manifestas dos hólons. Cada cultura ou nexa presente transcende e inclui o nexa do momento prévio, da mesma forma que você e eu tetra-apreendemos em comunhão.

A rede ou nexa de interseções não controla diretamente indivíduos compostos, mas exerce seu controle sobre o sistema de trocas de indivíduos compostos. (Isso significa, colocando em termos de terceira pessoa da metateoria AQAL: a probabilidade de achar um tipo particular de interação entre você e eu é influenciada, em parte, pela história passada das interações que é agora interna a esse nexa, o nexa cuja fronteira define ou demarca o espaço fenomenológico dentro do círculo hermenêutico – a fronteira que ambos reconhecemos quando usamos a palavra "nós". As ondas de probabilidade de nossas respostas individuais são moduladas quando penetram em um espaço fenomenológico de interseções, onde estão depositados hábitos cósmicos de sua própria afinidade – tal como, digamos, as ondas de luz curvam-se no campo gravitacional de Terra – exceto que cultura é um campo de sensações e interiores compartilhados, não meramente de exteriores ou interseções sociais compartilhados. Expresso de outra forma, o hólón coletivo de ontem é um sub-hólón do hólón coletivo de hoje; o nexa de ontem é interno ao de hoje. Você e eu não somos internos ao hólón coletivo de hoje, o hólón coletivo de ontem é. Claro, a história imediatamente se complica porque um indivíduo composto é, em parte, uma internalização de vários nexos culturais – e assim continua essa versão particular da sala de espelhos infinita. Retornaremos a esse processo de socialização mais tarde.)

Resumo: associação

Você e eu estamos em um nós quando nossas interseções são internas a ele, o que é, muito simplificada, a definição de associação. Os hólons individuais são membros de uma rede, sistema ou hólón comunitário particular quando suas interseções seguem a ação do nexa desse hólón.

Ao voar, um ganso é membro do bando enquanto ele segue a formação em V, e é um intruso quando não o faz (quando, então, pode ser excluído ou até atacado; ele rompeu o círculo-nós). A formação em V não é em si outro ganso; não é um organismo; não tem um "eu" ou mônada dominante; não existe um centro de controle que comanda cada ganso instantaneamente. A formação em V não é um indivíduo composto, mas uma rede composta que, no entanto, possui um padrão de definição ou nexa reinante; nesse caso, a estrutura ou forma real da formação em V propriamente dita, a qual é um sistema social de comportamentos interligados (QID), cuja correlação cultural (QIE) é uma empatia harmônica (ou uma sensação de voar junto com outros seres sencientes, que cada ganso reconhece claramente como sendo membros de seu próprio grupo). Eu suspeito que a violação desse sentimento é registrada por cada ganso tão nitidamente quanto a violação de um padrão de comportamento, um sentimento cuja forma de rompimento é, provavelmente, um tipo de desconforto ou tensão, e cuja forma positiva, exagerando um pouco (mas não muito), é a simples alegria de voar acompanhado. (E se você não acredita que gansos tenham sentimentos, por favor, pule para o próximo exemplo, seu insensível.)

Portanto, a formação em V apresenta um conjunto de regras sociocomportamentais e um conjunto de significados de padrões culturais que a definem. (Nós nos referimos às dimensões culturais e sociais juntas como um hólón comunal, social, coletivo ou rede, um "nós/istos").

Durante o voo, cada ganso é um membro do hólón social se suas interseções com os outros gansos seguem essas regras e padrões. Se suas interseções entrosam-se com a (são internas à) formação em V, ele está seguindo a "lei" ou nexo reinante do grupo – está "dentro" da formação em V quando suas interseções são internas a ela. Se não, ele é proscrito, ou não é mais um membro do bando. E, na maioria do hólons coletivos animais, os não membros ou estranhos são tratados de forma desagradável.

O que é interno ao hólón comunitário nesse caso é o resultado total das interseções (tanto interiores quanto exteriores) que cada ganso reconhece como necessárias para a formação em V (regras compartilhadas e significados das sensações compartilhados). Essas regras e regulações para criar uma formação em V são inerentes a todos os gansos (incluindo suas preensões coletivas, sua herança genética e, muito provavelmente, um campo mórfico), mas, fenomenologicamente, não podem ser encontradas em nenhum dos gansos individualmente (você, simplesmente, não consegue encontrar uma boa formação em V com apenas um ganso).

Quadraticamente, então, temos o seguinte em um cálculo de perspectivas primordiais (ou perspectivas inerentes a todos os seres sencientes): no QSD, acompanhamos o comportamento de cada ganso individual enquanto ele tenta ajustar seu comportamento ao comportamento do grupo ou sistema social (QID). O sistema social propriamente dito, que pode ser visto na forma ou projeção real da formação em V como um todo, consiste nas informações autopoiéticas e redes de comunicação objetivas entre os gansos (*a la* Luhmann), que juntas constituem a (ou são internas à) formação social do V. Esse sistema social (o nexos interobjetivo ou interexterior) é a rede de interações comportamentais entre os gansos, à medida que eles passam pelo processo de aprendizagem social e de modificações comportamentais sistêmicas, a fim de gerar e manter o hólón social expresso na formação em V. Essa rede comportamental inclui especificamente comunicação em seus aspectos de terceira pessoa (sistemas de artefatos, significantes, bits de dados, telefonemas e sinais).

No QSE, cada ganso tem uma preensão, protossentimento ou protoexperiência interior, um registro sensível ou senciente de seu interior, bem como de seu exterior. Se um ganso pudesse falar, ele diria "eu" (todos os gansos têm a natureza de buda ou consciência primordial, como todos os seres sencientes; mas "protoexperiência" serve). Quando dois ou mais gansos estão juntos, eles entram em ressonância, sentem um o outro, suas preensões se superpõem até certo ponto: esse conjunto de preensões mútuas é sua interinterioridade, o "nós" cultural que é o dentro do interior ou correlação cultural (QIE) do sistema social de "istos" comportamentais vistos na formação em V (QID).

(Daí por que hólons coletivos ou sociais são chamados de "nós/istos", percebendo, claro, que toda ocasião é de fato um "eu/isto/nós/istos", no mínimo. O contexto determinará se está sendo destacada a dimensão cultural ou a social; mas em última análise, o que se quer dizer é que as dimensões culturais só podem ser descritas autenticamente em termos de primeira pessoa do plural – nós, nos – um conhecimento por familiaridade; enquanto as dimensões sociais podem ser adequadamente descritas em termos de terceira pessoa do plural – eles, lhes, "istos".)

Um indivíduo composto é um membro de uma coletividade ou grupo quando suas interseções com outros membros do grupo seguem as regras ou padrões definidores do mesmo, que são o que o torna um grupo verdadeiro ou um todo funcional – seja uma formação em V, um grupo de valores, um grupo filosófico, um grupo de amigos, um grupo nacional, um recife de coral, um formigueiro, uma matilha de lobos, e assim por diante. Essas regras (ou nexos reinantes) são intuitivamente (isto é, pré-reflexivamente) conhecidas por cada membro, ainda que de uma forma rudimentar e protoexperiencial; se eu me mover dentro de sua trilha, dentro de seu hábito cósmico, isso faz de mim um "íntimo" ou um "parente"; se eu sair dessa trilha coletiva, ou violar os códigos de afinidade, torno-me um "estranho" ou "marginal" – e a realimentação do grupo, em quase todos os níveis, é normalmente imediata e óbvia.⁴² Social e

comportamentalmente, quebrar os códigos de afinidade é um risco para a sobrevivência do grupo como um todo; cultural e preensivamente, não é nada divertido.

Cada formação em V particular (cada hólon coletivo ou "nós/istos") tem vida própria específica – e essa "vida própria" é realmente o que torna os hólons coletivos muito interessantes. Por um lado, todas as formações em V de gansos compartilham certas similaridades gerais (ou estruturas profundas, expressão usada por nós, isto é, o espaço de probabilidades de se encontrar uma determinada ocasião na matriz AQUAL); essas características profundas são transmitidas (entre muitos outros pontos) ao resultado total da constituição genética dos gansos, por vários campos mórficos e por instituições sociais que os incluem e os sustentam. A estrutura profunda mais óbvia é a forma ou padrão mórfico real da formação em V propriamente dita, que aparece universalmente onde quer que surjam gansos – gansos hindus a apresentam, gansos muçulmanos a apresentam, gansos xamanistas a apresentam. Mas cada formação em V específica, cada nós/istos real, também tem caráter próprio, um conjunto de características superficiais não encontradas em nenhuma outra parte. Toda formação em V, em um certo momento, teve de ser iniciada de fato – gansos que nunca voaram juntos tiveram de se reunir e começar o processo de aprendizagem social para organizá-la, não importa se instintivamente instruídos ou não – e, conseqüentemente, existe embutido em cada bando em V particular a história, o carma cósmico, desse nós/istos específico, à medida que foi se desdobrando. Resumimos esse fato dizendo que todos os nós/istos prévios são internos a qualquer nós/istos dessa corrente particular. Esse bando tem uma história, inclusive quando Bob Tagarela voou para cima da Marge e George Bobão colidiu com uma parede durante a decolagem. (Você sabia que isso aconteceu, não sabia?)

Desse modo, usando-se um cálculo integral de perspectivas inerentes, para cada ganso individual (cada ocasião real ou hólon real) existe uma preensão enagida que está incluída na cultura, encarnada na natureza e embutida em redes sociais. Enagida, incluída, encarnada, embutida: a mesma ocasião real refletida por meio de suas próprias perspectivas inatas.

Agora, para os insensíveis e reclamões, um exemplo humano. Realmente, podemos nos reportar ao exemplo anterior do xadrez e revê-lo, rapidamente, levando em conta o que discutimos. O resumo é simples: as regras do xadrez, desenvolvidas no decurso de sua longa história, são seu nexa reinante – o regime, padrão ou ação do nexa do jogo. Você e eu estamos dentro de ou "em" um jogo de xadrez, não quando tudo em nós segue as regras do xadrez, mas quando nossas interações nesse jogo seguem as regras do xadrez. Se você ou eu quebrarmos as regras, estamos "fora" do jogo. Desse modo, você e eu estamos dentro de um jogo de xadrez (isto é, somos membros ou jogadores desse jogo particular) quando nossas interações são internas ao (ou seguem os padrões do) nexa reinante do xadrez.

Por que jogamos xadrez? Porque é divertido. Exatamente como voar acompanhado.

A antropologia cultural, em suas diversas formas, é uma investigação dos padrões e regulações governantes das interações interindividuais da cultura: um olhar para redes culturais. Geralmente, a antropologia cultural – que o dicionário define como "o estudo científico da cultura" – tenta olhar para essas redes de um ponto de vista de terceira-pessoa, e quando o faz, movimenta-se dentro dos horizontes de evento da zona 2 (os foras dos interiores), a qual retornaremos no próximo excerto. Algumas formas de estudos culturais, entretanto, baseiam-se mais na hermenêutica (tais como a etnometodologia e a antropologia interpretativa) e, desse modo, movimentam-se dentro da zona 1. Desnecessário dizer, uma antropologia integral incluiria ambas, mas, primeiro, desejamos explorar as dimensões de cada uma dessas zonas individualmente, antes de examinar sua possível síntese.

(Se você der uma olhada na figura 3, notará que existem de fato quatro principais metodologias que tratam de hólons coletivos – os dentro e foras dos exteriores e interiores – e veremos que a "antropologia cultural" e os "estudos culturais" – bem como a história e a sociologia – envolveram-se em vários tipos de disputas ácidas entre essas principais

metodologias. Retornaremos a essas disputas e tentaremos solucioná-las; por enquanto, estamos tratando dos dentro dos interiores dessas redes...)

Os requisitos para estarmos juntos

Os "nós" são as "unidades" da cultura. O estudo da história dos "nós" como hábitos cósmicos é o estudo de uma cultura e sua história.

Examinamos o exemplo da nossa amizade, em que você e eu compartilhamos uma minicultura em nossa afinidade. Mas, normalmente, os indivíduos simplesmente nascem em nós que já existem, significando que, para cada indivíduo composto, deve haver, desde o começo, um tetraentrelaçamento e uma tetra-adaptação, ou as faces dos indivíduos compostos, por assim dizer, são extintas da matriz. Eu nasço em vários nós/istos, aterrissando exatamente no meio de suas interseções; conseqüentemente, desde o começo, minhas trocas com outros, em qualquer rede, devem se entrelaçar (ou aprender a se entrelaçar) com o nexos reinante da rede respectiva, ou então não existirá nenhum mecanismo de decodificação na extremidade receptora para as mensagens enviadas pela rede – não haverá para mim nenhuma forma de decodificar os sinais e significantes exteriores que estou recebendo e desdobrá-los em acepções e significados interiores: a rede sociocultural inteira será grego para mim.

Nenhum indivíduo composto – nenhuma bactéria, nenhuma formiga, nenhum ganso, nenhum macaco – pode sobreviver por longo tempo nessas circunstâncias, porque sobrevivência não é meramente um organismo do QSD resistindo ao tempo, mas uma tetraocasião que se desdobra na matriz AQAL de perspectivas primordiais. As perspectivas inatas disponíveis para todos os hólons não são simplesmente perspectivas sobre o mesmo evento, mas dimensões enagidas de qualquer evento, dimensões que devem coexistir com o resto do universo ou encarar, como dissemos, a extinção. Cada quadrante é, concomitantemente, uma expressão das dimensões inatas de estar no mundo do hólons e uma afirmação da exigência que essas dimensões fazem, de fato, para o ajuste ou inter-relacionamento com o resto da existência.

Desse modo, olhando para essa questão em termos de terceira-pessoa, cada perspectiva primordial encarna um critério de validade implícito. As perspectivas não são estáticas, mas, sim, perspectivas-em-ação, e essas ações devem se inter-relacionar com outras ações no Kosmos. A existência real de qualquer hólons, de cima abaixo, é uma afirmação implícita por parte de sua existência de que ela pode realmente existir: que seu estar no mundo está adequadamente aninhado em redes infinitas de outros seres do mundo. Se ela não estiver adequadamente aninhada – em todos os quatro quadrantes (verdade, veracidade, significado e ajuste) – a turbulência do oceano AQAL afundará suas afirmações. Uma forma de resumir isso é dizer que existem pressões de seleção (ou critérios de validade) em todos os quatro quadrantes, cujos detalhes técnicos discutirei em uma nota.⁴³ O ponto mais simples é que existem exigências que nos são impostas em virtude da nossa afinidade, exigências que ressoamos adequadamente com outros com quem compartilhamos um Kosmos. Esses critérios de validade são uma medida da honestidade que qualquer hólons traz para sua existência no mundo de sua afinidade.

Quando nasço em uma sociedade, eu aterrisso em um labirinto de redes, indivíduos, hólons culturais e sociais já existentes – uma plethora de "eus", "vocês", "nós" e "istos" – e as pressões de tetrasseleção a partir dessas perspectivas enagem sobre mim desde o início. Entretanto, elas não são meramente pressões de seleção de fora me sitiando, mas chamados de dentro para acordar minhas perspectivas inerentes próprias e começar a habitá-las com consciência, atenção, ressonância e intensidade. Que a sociedade possa, frequentemente, incapacitar esses potenciais primordiais e cegar minhas próprias perspectivas não é nenhum segredo. O que é mais raro de ser percebido ou apreciado é o lado positivo de todas essas exigências: o milagre de nossos círculos de afinidade à medida que fazem emergir de nós aqueles potenciais extraordinários que nem você nem eu descobriríamos em nós mesmos sem um

outro: a beleza e esplendor que cada um de nós é por causa do outro. Esse é o derradeiro segredo desses círculos de nós, essas danças unitivas sem as quais o coração do Kosmos não poderia bater sequer uma única vez, e não teria nenhuma razão para fazê-lo, ainda que pudesse.

Nós compostos

As muitas formas de entrarmos em contato estendem-se indefinidamente, com cada "nós" aninhando-se em outros "nós", envolvendo outras ações-do-nexo (que podem, elas mesmas, envolver diferentes ondas, correntes, estados e tipos). É aí que o rastreamento fenomenológico dos "nós" transforma-se em um pesadelo de jogo de xadrez quadridimensional, só que pior. No que diz respeito a essa apresentação, permita-me simplificar um pouco o problema e fazer um rápido voo topológico (reservarei um tratamento mais técnico para uma nota explicativa).⁴⁴

Um sistema comunitário é realmente um hólón (ou um todo que funciona em relação a outros todos). Não é um hólón individual (ou indivíduo composto), mas um hólón coletivo (ou rede composta). Como um hólón, a ação desse hólón coletivo, como toda ação, é uma ação-em-comunhão, significando, nesse caso, uma ação do nexo que está em comunhão com outras ações-do-nexo (o que acontece via indivíduos compostos que são membros de ambos os nexos). Isso ocorre à medida que os indivíduos compostos envolvidos tetra-apreendem seus mundos entrelaçados momento a momento. Dito de forma simples, cada "nós" existe em redes de relações com outros "nós".

Esses diferentes "nós" se sobrepõem e se interceptam de várias formas – ficando próximos uns dos outros, incluindo uns a outros, excluindo uns de outros, como subconjuntos de outros, abrangendo outros, envolvendo outros, em guerra com outros, em paz com outros, e assim por diante. Por mais complexas que sejam essas relações no mundo real, existem dois pontos essenciais que parecem subsistir em todos os casos: um "nós" nunca agrupa, inclui ou regula hólons individuais, mas, sim, suas trocas ou interseções inter-holônicas; e não existe nenhum "nós" fundamental a partir do qual sejam construídos outros nós (da mesma maneira que não existe nenhum hólón individual ou "eu" fundamental a partir do qual sejam construídos outros eus – são tartarugas infinitamente para baixo e, portanto, intertartarugas infinitamente para baixo).

O ponto é que um "nós" pode crescer e expandir-se (pode transcender e incluir), mas na realidade isso nunca envolve a subjugação de indivíduos, mas simplesmente a regulação de suas interseções pelo nexo de que são parceiros ou membros. Um "nós" pode, portanto, expandir-se para incluir uma associação de todos os seres sencientes, embora sem dominar nenhum deles – isto é, sem agregá-los em uma super-ação de um organismo realmente grande.

É a dimensão "eu" mais elevada de um hólón que controla os "eus" mais baixos, com cada identidade ou ação do "eu" mais elevado resultando em uma associação ou comunhão "nós" mais ampla – mas o "nós" nunca transcende ou domina nenhum "eu" – o que seria, novamente, fascismo de um tipo ou outro. A única vez em que um "nós" tenta subjugar indivíduos é quando alguém pensa que um hólón social é por si mesmo um organismo ou superorganismo. Essa visão *imperium* ou *leviatã*, como sugerido, tende a ser a base do fascismo – fascismo político, ecofascismo, fascismo social (trataremos dessa questão no próximo excerto). Entretanto, mesmo nesses casos patológicos, um sistema fascista só domina as interseções de seus membros, não a individualidade de seus membros.

Em outras palavras, nenhuma sociedade pode transcender ou transcende indivíduos. Nenhuma sociedade, grupo, sistema, cultura, nexo, rede ou coletividade pode transcender e incluir ou transcende e inclui seus membros. As sociedades transcendem-e-incluem seu próprio passado; o que é interno a uma cultura é a cultura do momento prévio, não você e eu. Nenhum grupo pode transcender um indivíduo; um indivíduo só pode transcender a si mesmo.

Um grupo só pode transcender a si mesmo. Os indivíduos compostos transcendem-e-incluem seus estados anteriores; as redes compostas transcendem-e-incluem seus estados anteriores; mas redes compostas não transcendem-e-incluem indivíduos compostos. Nenhuma sociedade transcende e inclui indivíduos. Novamente, indivíduos são parceiros, não partes, de qualquer nexos. (O que é parte de um nexos é o nexos do momento prévio e, desse modo, até em sistemas patológicos, são as interseções, não os indivíduos, que são oprimidos.) Os indivíduos nunca são incluídos; as culturas prévias sim. Os horizontes fundem-se; os seres sencientes não.

Um ser senciente ou indivíduo composto está dentro de muitos sistemas sociais e ecológicos, mas é interno somente ao seu próprio eu mais elevado. (Os seres sencientes estão dentro dos, e externos aos, sistemas, mas dentro de, e internos a, Deus – e Deus, como O Eu de todos os eus, é externo a todas as manifestações, mas todas as manifestações são internas a Deus – isto é, o Espírito transcende tudo e inclui tudo.)

Na minha opinião, a falha no entendimento da diferença entre o desenvolvimento de uma identidade "eu" e o desenvolvimento de um círculo "nós" leva à maioria dos problemas encontrados nas ecoteorias. Até um teorizador tão sofisticado quanto Arne Naess (o fundador da ecologia profunda) – que apresenta uma concepção do que ele chama de "uma hierarquia de gestalts de identidade" (basicamente, o que ele quer dizer é: uma holarquia de autoidentidade) – não consegue conceituá-la de uma forma adequada, como ele próprio reconhece francamente. Naess percebe que o desenvolvimento de um "eu" ou autoidentidade exige um círculo mais amplo de identidade com outros, incluindo finalmente todos os seres sencientes; e esse círculo de desenvolvimento da identidade é crucial para a consciência genuinamente ecológica. Mas a relação desse "eu" em desenvolvimento para o "nós" em desenvolvimento confunde Naess: "A unidade origina-se do processo de identificação, e já que a unidade é de um caráter gestáltico, a totalidade é atingida. Muito abstrato e vago! A ampliação e o aprofundamento dos eus individuais de alguma forma *nunca os transformam em uma 'massa' única* [seus itálicos]. Como resolver isso de um modo bastante preciso, eu não sei." Nenhum ecoteorizador que eu conheça teve sucesso onde Naess falhou.

A relação de um "eu" em expansão (que transcende e inclui suas próprias identidades inferiores até realizar uma identidade-Eu ou Autoidentidade com o Espírito) leva a um círculo "nós" em expansão (um "nós" que consegue incluir dentro do seu círculo de cuidado todos os seres sencientes), de tal modo que horizontes individuais se fundem (ou tornam-se interseções dentro de círculos de cuidado cada vez mais amplos); entretanto, os indivíduos propriamente ditos não se transformam em "uma massa única" (ou interna a um organismo realmente grande). À medida que um indivíduo "eu" torna-se mais profundo / mais elevado, o círculo "nós" torna-se mais amplo / mais largo – mas em nenhum momento faz com que um eu particular inclua outros eus, nem, sob qualquer circunstância, faz um nós engolir eus individuais (em nenhum instante Gaia inclui indivíduos sob uma ação *imperium*). "Sabor Único" não significa "massa única", "organismo único" ou "leviatã único", mas uma realização direta de que meu eu é o Espírito, meu Nós são todos os seres sencientes e meu Isto é o universo manifesto inteiro. Em outras palavras, eus mais elevados (que transcendem-e-incluem eus menos elevados), nós maiores (que transcendem-e-incluem nós menores), e "istos" mais abrangentes (que transcendem-e-incluem "istos" menos abrangentes).

A visão da consciência ecológica de "massa única" ou "superorganismo Gaia" normalmente origina-se de uma metateoria leviatã ou *imperium*, o que causa a maior parte dos problemas insolúveis. Se, ao invés, nós simplesmente seguirmos a fenomenologia inerente a todos os quatro quadrantes, permitindo que cada um surja no espaço de seu próprio nascimento, as relações tornam-se mais transparentes: eus mais elevados, nós maiores e "istos" mais amplos – até que cada Eu seja *Buddha*, cada Nós seja *Sangha* e cada Isto seja *Dharma* – nenhum deles se desfazendo, mas, pelo contrário, descobrindo-se como expressões exuberantes de um Espírito não dual que é a Essência infundada de cada um. O Espírito não é eu, nem nós, nem isto, mas a plenitude vazia na qual todos eles aparecem como expressões da Quiddidade inqualificável deste e de cada momento, um momento infinitamente refratado nas perspectivas

primordiais de seu próprio vir-a-ser e glorificado em um abraço integral que se curva ao esplendor de cada um.

IV – A natureza da Hermenêutica: um "eu" entende outro "eu" somente via um "nós"

Visão geral

Nos seres humanos, o conceito de expandir um "nós" ou um círculo de afinidade é a base de várias formas de hermenêutica e pesquisa colaborativa.⁴⁵ Isto é, dois sujeitos reúnem-se e, além de qualquer empatia harmônica (e outras formas de intersubjetividade e/ou telepreensão anteriores), tentam trocar sinais de seus interiores a fim de se entenderem mais adequadamente. (Esses sinais não são meramente, ou até especificamente, linguísticos e, com certeza, não o são em ondas pré e translinguísticas.)⁴⁶ Essa é uma tentativa para entender um outro de dentro, não meramente de fora (embora ela seja normalmente mediada por objetos exteriores, significantes ou sinais comunicativos); assim, esse tipo de comunicação tenta partir dos exteriores para os interiores. Ele é, de muitas formas, uma troca de "istos" de terceira pessoa (exteriores vistos de fora) a fim de ajudar a converter uma primeira pessoa do singular "eu" (interior visto de dentro) e uma segunda pessoa do singular "tu" (interior visto de fora) em uma primeira pessoa do plural "nós" (interiores compartilhados vistos de dentro).⁴⁷ Eu compartilho parte do meu interior visto de dentro e você compartilha parte do seu interior visto de dentro; essas trocas são internas ao nós: temos interiores vistos de dentro compartilhados.

O ponto é que, na maioria das formas de hermenêutica autêntica, tento conhecer e entender os interiores de outro hólón, de outro ser senciente. Passo a entender o "tu" como um "eu", não como um "isto". Essa, por exemplo, é a essência da relação eu/tu de Martin Buber, em que trato você como um tu: um indivíduo único e valioso em um diálogo baseado em horizontes compartilhados – ao invés de uma relação eu/isto, em que trato você como um objeto utilitário ou "isto", como um monte de lixo. (Como é bem conhecido, a brutalidade humana é sempre precedida pela certeza de que o Outro é um "isto", não um "tu" e, conseqüentemente, pode ser de fato tratado exatamente como lixo, o qual pode ser destruído usando, digamos, uma câmara de gás.)

O crescimento transcendental dos "nós" (em círculos cada vez mais amplos) é a história de um desdobramento do "isto" para "tu" para "nós" – em que primeiro percebo um hólón estranho, estrangeiro ou forasteiro (humano ou não humano) somente em suas dimensões exteriores vistas de fora (QSD) e o trato como um "isto" ou objeto instrumental; em seguida, avanço para a compreensão de que esse hólón (infinitamente para cima, infinitamente para baixo) é um ser senciente que, portanto, possui um interior, um "eu" ou proto-"eu" real (QSE) e, desse modo, esse hólón "estrangeiro" ou esse hólón, meramente em sua alteridade, está começando a ser visto não apenas em suas dimensões de terceira pessoa de estar no mundo, mas também em suas dimensões de segunda pessoa (não simplesmente como um "isto", mas como um "tu"). Esse "tu" então começa a existir, ou desvelar-se, como um "outro" ou "estranho" não simplesmente nos meus espaços exteriores, mas um "outro" ou "estranho" nos meus espaços interiores, um "outro" que pode ser abordado como um potencial parceiro em ressonância mútua, com significado comum, por comunicação ou trocas intersubjetivas de um tipo ou outro.

Se essa ressonância lograr sucesso em qualquer nível, então esse estranho "tu" (ou interior visto de fora) torna-se um "tu" que é parte do recém-descoberto "nós" (ou interiores vistos de dentro compartilhados; primeira pessoa do plural [QIE]). Não é que eu e esse outro hólón tenhamos sido juntados e vigorosamente colados em algum tipo de relação, mas que mutuamente enajimos e geramos essa onda particular no oceano de nossa própria intersubjetividade: nossas interseções são dimensões comuns no momento do encontro eu/tu. Não somos um super-eu único (ou uma super-ação *imperium* que controla tudo que você e eu fazemos), mas um extraordinário, espantoso, misterioso "nós", em que duas almas interagem e descobrem nessa interação, não um eu dominante único, mas aspectos mais profundos de seus próprios eus, não encontrados acima e além, mas dentro e junto.

Esse é o propósito de todas as hermenêuticas autênticas.

Solidariedade

Cada um desses passos – "isto" para "tu" para "nós" – é, de muitas formas importantes, um desdobramento do desenvolvimento que depende da capacidade de aumento de profundidade do sujeito (ou "eu") que tenta compreender. Mas isso nos leva diretamente ao nosso próximo e, de certa maneira, mais importante tópico. Começaremos a discussão pelos humanos, mas, passaremos, rapidamente, para os hólons em geral.

A suposição por trás da maioria das formas de hermenêutica, pesquisa colaborativa e interpretação participativa é que dois (ou mais) sujeitos podem chegar de fato a algum tipo de compreensão mútua. A hipótese de que ambos os sujeitos realizam uma troca comunicativa é que eles podem realmente compartilhar, até certo ponto (e de uma forma suficientemente precisa), os sentimentos, preensões e pontos de vista do outro sujeito. Isto é, eles assumem necessariamente que o Kosmos contém um espaço denominado primeira-pessoa do plural (ou "interiores vistos de dentro compartilhados").

(Como Habermas e outros explicaram, essa suposição – chamada de significado idêntico – está, necessariamente, por trás da ação comunicativa ou, então, os sujeitos não se empenhariam nela em primeiro lugar. Se você souber que não existe nenhum modo, por mais vago que seja, de entender um outro, você nem sequer tentará fazê-lo, não é? Portanto, o fato de você tentar significa que, de alguma forma, você assume a possibilidade de significado idêntico. O significado idêntico existe de fato por causa de várias realidades inter-holônicas e trans-holônicas.⁴⁸ Como até mesmo Derrida reconheceu, significantes transcendentais existem, ou então, como ele disse, não poderíamos traduzir várias linguagens. Eu simplesmente assumirei isso como fato de que muitas pessoas já estão se comunicando umas com as outras, tendo certeza de que elas se entendem suficientemente bem; conseqüentemente, precisamos achar um lugar no Kosmos para algo que já está acontecendo de qualquer maneira. Quando um pós-modernista como Lyotard nega a existência de compreensão mútua, ele assume que nós sabemos o que ele quer dizer por isso, não é mesmo?)

O que é menos frequentemente percebido é que existem pelo menos duas importantes formas de significado idêntico. Isto é, existem dois aspectos importantes de compreensão mútua, que chamaremos de horizontal e vertical.

A significação horizontal é comumente conhecida por solidariedade, sendo talvez o conceito central em critérios de validade hermenêuticos. A solidariedade pode ser encontrada em teorizadores como Heidegger, mas apresenta-se, talvez, em sua forma mais completa em Hans-Georg Gadamer. A solidariedade tem por objetivo responder à seguinte pergunta: se eu estiver interpretando um texto e tentando entender o que ele significa, como eu sei se estou certo ou errado?

Esse é o dilema da interpretação: encontro-me diante de um texto que preciso interpretar, mas não existem diretrizes empíricas. Considere a peça teatral *Um Bonde Chamado Desejo*. Qual é o significado daquele texto? A ciência não pode me ajudar aqui, porque Blanche Dubois (que sempre dependeu da generosidade de estranhos) não é uma pessoa real, mas uma pessoa simbólica ou imaginária, e, desse modo, nada que eu possa fazer em laboratório me ajudará.

Devo interpretar o significado de *Um Bonde Chamado Desejo*, mas – e é aí que a coisa fica complicada – nem toda interpretação de *Um Bonde Chamado Desejo* está correta. Esse drama NÃO é certamente sobre um piquenique de família no Havaí. Isto é, até uma peça imaginária apresenta um certo tipo de critério de validade (porque todos os hólons estão situados em pelo menos quatro quadrantes). Então, do que ela trata e como posso saber se minha interpretação está genericamente correta ou errada? Embora não haja uma única interpretação correta de *Um Bonde Chamado Desejo*, existem muitas erradas – e como faço para identificá-las?

Na hermenêutica, o "texto" (como *Bonde*) significa, de fato, qualquer coisa que deva ser interpretada; isto é, de certa forma, ele é simbólico – é uma série de signos que suportam, representam, expressam ou enagem certas realidades, e eu preciso interpretar (ou decodificar) esses símbolos a fim de entender que realidades eles indicam. "O texto" pode ser um livro verdadeiro (e.g., *Ana Karenina*), ou o sonho de ontem à noite, ou seus interiores à medida que tento compreender você, ou os interiores do meu cachorro, quando tento entendê-lo. Na verdade, a maior parte das coisas importantes da vida são textos, não fatos, e, portanto, demandam interpretação, não provas.

Os primeiros hermeneutas, como Dilthey, afirmavam que você e eu podemos alcançar algum tipo de compreensão se compartilharmos vários tipos de experiências de vida. Por exemplo, se eu disser: "ontem meu dentista me fez um tratamento de canal e a dor que senti varou o topo da minha cabeça", você, provavelmente, entenderá o que quero dizer se também tiver feito um tratamento de canal. Já que compartilhamos essa experiência de vida particular, podemos chegar a uma compreensão mútua usando signos abstratos para nos referirmos a experiências comuns. Os signos e símbolos abstratos funcionam bem, ou quase perfeitamente, se tivermos experiências semelhantes; mas se você nunca fez tratamento de canal, será muito mais difícil para lhe explicar o que quero dizer, e signos abstratos não farão muito efeito.

Embora isso seja verdade até certo ponto, os primeiros hermeneutas foram pegos em um tipo de preconceito modernista, isto é, que os símbolos são essencialmente representativos – a saber, eles representam vários tipos de experiências e, portanto, experiências empíricas podem ancorar interpretações. Mas a revolução pós-moderna trouxe uma complicação adicional: muitos símbolos não representam uma realidade pré-dada, mas, na verdade, criam realidades, enagem mundos, geram experiências. Os signos não representam apenas realidades, eles enagem realidades; e eu devo ser capaz de interpretar os signos a fim de entender as realidades enagidas. Não existe nenhum mundo pré-dado único, de tal forma que uma experiência compartilhada de aspectos desse mundo possa ancorar nossas interpretações. Pelo contrário, existem mundos diferentes enagidos via *backgrounds* cognitivos e culturais diferentes, e, portanto, a única forma de ancorar interpretações é algum tipo de subjetividade compartilhada (ou intersubjetividade), e NÃO meramente algum tipo de objetividade compartilhada (ou interobjetividade). E com esse *insight*, o modernismo deu passagem ao pós-modernismo: todos os hólons têm Quadrante Inferior Esquerdo.

Gadamer deu voz a essa realidade intersubjetiva com seu conceito de solidariedade. Afirmar que interpretações não se baseiam em experiências compartilhadas de uma realidade objetiva não significa que não se baseiem em nada. Existem vários tipos de interpretações boas e ruins (*Hamlet* não é uma peça teatral sobre as Filipinas), mas essas interpretações, parafraseando Gadamer, apoiam-se em tradições intersubjetivas compartilhadas de solidariedade cultural. "Tradição", nesse sentido, não significa algum tipo de convenção rígida, arcaica, estupidificante; pelo contrário, significa o rico solo de preensões mútuas e horizontes compartilhados que permitem que aconteça todo tipo de comunicação e intimidade de interior para interior. A solidariedade é a textura exuberante de uma história de "nós" que alcançou uma forma de compreensão mútua.

Quando minhas interpretações entram em ressonância autêntica com essa solidariedade, encontro um suporte para elas (isto é, meus critérios de validade hermenêuticos podem ser resgatados no círculo de solidariedade intersubjetiva). Como a verdade (QSD), a veracidade (QSE) e o ajuste funcional (QID), o significado cultural (QIE) é dinheiro vivo que pode ser usado no Kosmos real, simplesmente porque todos os hólons têm pelo menos quatro dimensões de estar no mundo.

É claro que afirmar que verdades hermenêuticas ou interpretativas são apoiadas pela solidariedade ou tradição cultural não significa dizer que novas (e "não tradicionais") verdades interpretativas não possam emergir. Cada momento ou ocasião real caracteriza-se por inclusão-e-transcendência, ou velho e novo, ou preensão mais inovação, ou carma mais

criatividade. Todo momento de existência surpreende o Kosmos com um pouco de novidade que não encontra embasamento em nenhuma tradição. Acontece simplesmente que esses momentos emergentes de inovação têm de tetraentrelaçar-se com realidades existentes ou desaparecerão completamente; assim, cada adição inovadora deve se inter-relacionar até certo ponto com significados intersubjetivos existentes ou não terá nenhuma importância (e nenhum significado). (Eu posso sair do meu corpo, mas só um pouquinho de cada vez...)

Desse modo, um caminho ou tradição específico, apresentado na matriz AQAL em suas dimensões intersubjetivas, faz-se necessário para a comunicação de qualquer forma a ser comunicada: donde a solidariedade. Isso é verdadeiro tanto para uma matilha de lobos quanto para uma tradição religiosa, um formigueiro, uma disciplina científica, redes químicas reprodutíveis e escolas de pensamento filosóficas.

Em resumo, a solidariedade intersubjetiva refere-se a várias formas de hábitos cósmicos no Quadrante Inferior Esquerdo, os *backgrounds* culturais – as ondas de "nós" – que servem de meios para todas as trocas comunicativas. É a solidariedade que me permite estar "na trilha interpretativa". Como observado, o critério de validade aqui não é nem o da verdade objetiva, nem o da veracidade subjetiva e nem o do ajuste funcional, mas o da imparcialidade ou propriedade intersubjetiva – e isso é estabelecido via os hábitos cósmicos do *background* cultural ou da memória do nexos cultural, cujas correlações exteriores incluem vários tipos de campos mórficos coletivos, ecossistemas e sistemas sociais, e cujos interiores incluem vários tipos de sensações intersubjetivas, significados, *backgrounds* culturais, hábitos e solidariedades preensivas que, sozinhos, ancoram o significado simbólico (e, portanto, a troca comunicativa). A solidariedade é o sentir interior de campos morfogenéticos coletivamente arados em um círculo particular de afinidade.

Desse modo, se você quiser conhecer alguns dos muitos significados de *Um Bonde Chamado Desejo*, será inútil usar ciência empírica e procurar no mundo sensório-motor. Não existe nenhuma Blanche Dubois lá fora (nem significado, valor, cuidado etc.). Blanche Dubois existe nos espaços intersubjetivos de significado interpretativo. Para ter acesso a esses espaços fenomenológicos, você precisa (entre outras coisas) aprender uma linguagem e mergulhar até certo ponto nas tradições culturais que deram à luz esses significados. Você tem de acessar algumas das solidariedades que ancoram os significados do texto e, em seguida, deve entrar ou estar "dentro" do círculo hermenêutico do próprio texto (de tal forma que suas interseções com o texto sejam internas aos seus mundos possíveis de significado). Caso contrário, como dissemos, "será tudo grego para mim" – símbolos sem qualquer significado.

"Será tudo grego para mim" – essa é a chave para a solidariedade e validade hermenêutica. A menos que você desenvolva algum tipo de solidariedade com a pessoa que está lhe falando, você nunca entenderá uma palavra sequer. Considere o próprio idioma. Se você estiver dentro ou interno aos horizontes do idioma grego, terá condições de perceber alguns dos mundos enagidos por essa intersubjetividade linguística (isto é, os significantes linguísticos compartilhados terão significados compartilhados: a sintaxe terá uma semântica [ver "Semiótica Integral"⁶]). Caso contrário, tudo que você poderá perceber é a sintaxe (ou signos exteriores), não a semântica (ou significados interiores) e, desse modo, aqueles mundos enagidos, que não podem ser vistos empiricamente, também não serão vistos interpretativamente. Não serei capaz de encontrar Blanche Dubois no mundo sensório-motor, e também não poderei vê-la ou compreendê-la no meu mundo interior. Será tudo grego para mim.

Vimos que estar dentro de um círculo hermenêutico particular significa que as ocasiões intersubjetivas de cada membro são internas à ação do nexos do círculo, o que simplesmente quer dizer que a internalidade do círculo é a própria solidariedade – é isso que significa estar "dentro" de um horizonte cultural. A solidariedade que sinto por você é uma intersubjetividade compartilhada, um dentro do interior compartilhado, uma primeira-pessoa do plural "nós".⁴⁹ A

solidariedade é o coração de uma cultura-nós – a cultura comunitária ou relacional – e essa cultura começa a deixar rastros de sua própria existência sedimentados como hábitos cósmicos – deixa um nexos cármico entrelaçado (carregado nas, mas não como, preensões de seus membros) – e, desse modo, começa a formar uma tradição cultural que age como base de comunicação autêntica no âmbito da cultura.

A solidariedade é a cultura interior de um sistema exterior ou hólons social. Um casal começa a formar sua própria cultura com sua própria solidariedade; um grupo de amigos começa a formar sua própria cultura com sua própria solidariedade; uma matilha de lobos começa a formar sua própria cultura com sua própria solidariedade; um ecossistema começa a formar sua própria cultura com sua própria solidariedade; um movimento filosófico começa a formar sua própria cultura com sua própria solidariedade; uma tribo começa a formar sua própria cultura com sua própria solidariedade; um recife de coral começa..., um bando de gansos começa..., uma nação começa...

Claro, solidariedade, como comumente usada, refere-se às tradições culturais de seres humanos. Mas talvez possamos ver que a solidariedade, em seu sentido mais geral, significa simplesmente dimensões interinteriores ou intersubjetivas dos hábitos cósmicos estabelecidos por qualquer grupo de hólons enagindo como um grupo.⁵⁰ A solidariedade cultural é o carma cósmico, depositado no Quadrante Inferior Esquerdo, do desdobramento dinâmico da matriz AQAL, rastros das muitas formas de entrarmos em contato à medida que nos movimentamos através de nossa própria afinidade.

Quando se trata da capacidade do hólons para existir ou reproduzir-se no tempo – em resumo, quando se trata do carma cósmico em todos os quatro quadrantes – encontramos, no Quadrante Superior Direito, herança genética, replicação de DNA, causação formativa, regimes autopoieticos individuais, ressonância mórfica, massas-energias densa/sutil/causal e assim por diante; no Quadrante Inferior Direito, encontramos memória sistêmica, ecossistemas sustentáveis, sistemas e instituições sociais replicadores, estruturas dissipativas, autopoiese social, redes químicas reprodutoras, caos e dinâmica da complexidade, modos de produção tecnoeconômica, entre outros; no Quadrante Superior Esquerdo encontramos preensão, unificação preensiva, identidade e memória pessoal, consciência perceptível contínua etc.; e no Quadrante Inferior Esquerdo encontramos solidariedade cultural, hábitos, tradições de pensamento, memória intersubjetiva, preensões mútuas de "tu/nós" e os interiores coletivos (ou os dentro dos interiores compartilhados) de trilhas mútuas na matriz AQAL traçadas por dois ou mais hólons que existam no âmbito de horizontes superpostos.

Resumindo, a solidariedade cultural é como todos os seres sencientes entram em contato por dentro; é o interior percebido de todos os sistemas exteriores; é o coração do porquê estamos nisso juntos, eternamente; é a face de Deus quando ele não aguenta mais ficar sozinho; é a exuberância da Deusa quando ela dança nua para todos a verem – o mistério de quando duas almas tocam uma a outra e sabem que fizeram isso, que aponta inequivocamente para o significado secreto de um "nós": o Espírito que se esconde no coração de cada eu, começa a se encontrar descobrindo outros eus.

Solidariedade horizontal e vertical

Como dissemos, existem dois tipos de solidariedade: horizontal e vertical. Acabamos de resumir solidariedade da forma que é normalmente entendida: como um tipo de solidariedade horizontal ou como dois "eus" tornam-se um "nós" dentro do mesmo horizonte de profundidade. Mas, claro, para que dois hólons atinjam algum tipo de compreensão mútua, eles devem ser capazes de compartilhar não só uma solidariedade cultural comum, mas um nível similar de solidariedade cultural. Será inútil se nós vivermos no mesmo sistema ou ecossistema social, sendo eu convencional e você pós-convencional; ou eu, azul e você, amarelo. Nessas circunstâncias, nós nunca alcançaremos uma compreensão mútua sobre suas ideias, desejos e necessidades amarelos, porque eu literalmente não consigo perceber

realidades fenomenológicas amarelas – elas estão "acima da minha competência" – para mim, elas são grego. Ainda que compartilhem a mesma linguagem com a mesma sintaxe, algumas das realidades semânticas que podem ser expressas por essa linguagem, como pensamentos e ideias amarelos, soarão como um idioma estrangeira para mim. Eu ouvirei as palavras (isto é, os significantes escritos ou falados no sistema de sintaxe), mas nunca captarei seu significado real (isto é, eu percebo os significantes em sua sintaxe, mas não o significado em sua semântica (ver "Semiótica Integral"^H))

Por outro lado, se você for amarelo e eu azul, e trocarmos símbolos, palavras ou sinais azuis (significantes azuis), normalmente poderemos alcançar um tipo de compreensão mútua nesse nível de profundidade, porque ambos temos acesso à onda de probabilidade azul do oceano AQAL. Por causa disso, nós dois acessamos um campo intersubjetivo de apreensões mútuas no qual entra em ressonância uma solidariedade cultural, servindo como contexto de *background* cultural para podermos permutar símbolos mutuamente compreensíveis (e decodificáveis).⁵¹ Você e eu podemos adentrar um espaço de mundo azul (como forma dada pelo contexto cultural que compartilhamos) – e, desse modo, participar de uma solidariedade cultural nesse local particular da matriz AQAL (entramos em ressonância tanto horizontal quanto verticalmente).

Portanto, se discutirmos valores azuis (ou fenômenos que surgem dentro do horizonte de evento do espaço de probabilidade azul) – tais como a importância de valores de família, a necessidade de defesa nacional ou a relevância da tradição religiosa – você e eu pelo menos nos entendemos, embora possamos discordar sobre todos esses pontos: no mínimo, sabemos do que estamos falando (diferentemente dos fenômenos amarelos que não consigo ver e muito menos demonstrar concordância ou discordância).

Em resumo, você e eu podemos nos tornar membros de um "nós" porque nossas interseções podem ser internas a uma ação do nexo do mesmo nível de profundidade (e, desse modo, podemos enagir e dar à luz um horizonte de evento fenomenológico de um espaço de mundo de primeira-pessoa do plural, que indica a probabilidade de revelar nossas trocas num estado de significado idêntico ou solidariedade interna.)

Vimos que a compreensão mútua envolve a troca de significantes de terceira pessoa (ou "istos") – como as palavras nesta página – numa tentativa de entender um indivíduo de segunda pessoa (ou "tu") que possui um sujeito de primeira pessoa (ou "eu"), de forma que seu "eu" e meu "eu" possam interagir num "nós" de primeira pessoa do plural. Esse processo inteiro implica que exista um certo grau de acesso a essas realidades de primeira pessoa e segunda pessoa. Se uma parte importante de sua consciência estiver vibrando na onda de probabilidade amarela, então, para que eu possa entendê-lo, devo ter algum tipo de acesso ao amarelo ou não existirá nenhuma forma de comunicação nesse comprimento de onda.

Em formas que continuaremos a explorar, uma diferença importante entre uma realidade de primeira-pessoa e uma realidade de terceira-pessoa é que realidades de primeira-pessoa são conhecidas por familiaridade enquanto realidades de terceira-pessoa podem ser conhecidas por descrição. "Amarelo", como um espaço fenomenológico real de primeira-pessoa não pode ser conhecido por descrição, só por familiaridade. Se eu estiver no azul e não tiver acesso ao amarelo por mim mesmo, então sua parte amarela permanecerá um "isto" para mim (permanece "grego" para mim), porque não consigo converter esse "isto" em um "tu" ou "eu" de uma forma autêntica. Parte de você permanecerá "além da minha competência" e, desse modo, no máximo aparecerá como uma série de "istos" incompreensíveis ou palavras e comportamentos sem significado real para mim. Como nos falta solidariedade vertical – ou a mesma profundidade de troca – parte de você permanecerá sempre inacessível para mim (a menos que eu transcenda para o amarelo).

Embora o azul não possa compreender o amarelo, o amarelo consegue entender o azul – o amarelo pode compreender azul, mas não vice-versa (o gradiente assimétrico típico de todas as holarquias). Desse modo, você e eu podemos ser membros de uma cultura azul; mas só você pode ser membro de uma cultura amarela. Uma vez que eu não acesso um espaço fenomenológico amarelo em minha própria consciência-eu, não há nenhum modo de nossas interseções interagirem em um domínio amarelo: nesse mundo, não podemos, de fato, nos inserir um no outro.

(Para uma discussão desse tema, vide "*On Critics, Integral Institute, My Recent Writing, and Other Matters of Little Consequence*" [<http://wilber.shambhala.com/html/interviews/>], bem como também o artigo de Fred Kofman a respeito dessa entrevista. Retornaremos a esse importante conceito mais tarde, quando discutirmos a diferença entre metodologias de primeira-pessoa que exigem familiaridade – e.g., fenomenologia, hermenêutica – e metodologias de terceira-pessoa que trabalham com descrição – e.g., teoria de sistemas, estruturalismo).

Nosso ponto no momento é que a hermenêutica, para ser autêntica, exige (entre outras coisas) uma profundidade semelhante de desdobramento em ambos os hólons. Falando de modo geral, um hólón sênior pode compreender um hólón júnior (em si mesmo ou em outros), mas não vice-versa. Uma célula pode compreender uma molécula, mas uma molécula não pode compreender uma célula; o amarelo pode compreender o azul, mas o azul não pode compreender o amarelo. (A razão é que um hólón sênior é externo a um júnior, mas um júnior é interno a um sênior: "tudo do mais baixo está no mais alto, mas nem tudo do mais alto está no mais baixo" – e, desse modo, o mais alto pode, literalmente, *com – preender* o mais baixo, mas não vice-versa.)⁵²

Desse modo, embora muitos pluralistas tentem negá-lo, está embutido em toda hermenêutica e pesquisa colaborativa um gradiente de desenvolvimento: profundidade só entende profundidade semelhante. Fora de seu próprio alcance de profundidade, um hólón está fora tanto da ressonância mórfica (Lado Direito) quanto da ressonância empática (Lado Esquerdo) de outros hólons em seu espaço de probabilidades. Particularmente quando nos referimos a hólons que estão "além de sua competência", não há nenhuma compreensão mútua porque não há significados compartilhados (ver "Semiótica Integral").

Portanto, solidariedade vertical significa que dois hólons compartilham uma profundidade ou nível semelhante de consciência e, conseqüentemente, esse nível de consciência pode tornar-se parte do tecido de solidariedade cultural ou horizontal, que é pré-requisito para a compreensão mútua. Para que intersubjetividades sejam interseções reais, elas devem colidir em um espaço fenomenológico real: elas não podem ser quase-acertos, mas, sim, acertos ou preensões na mosca. Isso significa que as interseções ou significados compartilhados que são internos ao "nós" devem ser da mesma profundidade geral ou, então, deslizarão um por cima e outro por baixo e não entrarão em ressonância mútua. Átomos e células não podem trocar ideias sobre as provas e tribulações de se ser uma célula.

A solidariedade horizontal relaciona-se com a solidariedade cultural à medida que se desdobra em profundidades semelhantes – ela se refere simplesmente a todas as coisas que podem acontecer "horizontalmente" ou "interpretativamente" para a intersubjetividade cultural em uma dada onda de probabilidade. Existe, por exemplo, o problema da legitimação cultural, ou como uma solidariedade particular mantém a fidelidade de seus membros (que discutimos brevemente no Excerto A).⁵³ Quando afirmamos que "os membros estão dentro de um círculo hermenêutico quando suas interseções forem internas à ação do nexó do respectivo círculo", está sempre implícito que o círculo é legítimo (caso contrário, não há solidariedade de entendimento). Legitimação é um conceito crucial ao qual retornaremos periodicamente ao longo desta apresentação.

Solidariedade: conclusão

Solidariedade em geral significa simplesmente um horizonte compartilhado (ou os dentro dos interiores compartilhados, primeira-pessoa do plural "nós"). Solidariedade vertical significa que dois ou mais hólons compartilham uma profundidade semelhante no oceano AQAL: para que a compreensão mútua ocorra, os hólons devem estar surfando ondas de desenvolvimento semelhantes. Hólons em diferentes profundidades podem desenvolver vários tipos de compreensão entre si (como veremos), mas para que a compreensão seja genuinamente mútua, a ressonância de profundidade semelhante ou solidariedade vertical deve ser uma parte do tecido intersubjetivo. Solidariedade horizontal refere-se às variedades de solidariedade que acontecem em qualquer profundidade dada.

Portanto, a compreensão genuinamente mútua exige a presença tanto da solidariedade vertical (ou profundidade compartilhada) quanto da solidariedade horizontal (ou horizontes compartilhados). Na matriz AQAL de perspectivas primordiais, precisamos compartilhar não só perspectivas, como também a mesma altura ou profundidade dessas perspectivas, ou, novamente, não existirá nenhum espaço fenomenológico em que possamos nos encontrar.

Quando ambos, profundidade compartilhada e horizontes compartilhados, estão presentes, podemos falar de ressonância adequada (ou intersubjetividade genuinamente superposta). A menos que se afirme o contrário, daqui em diante solidariedade cultural – ou simplesmente solidariedade – significará ressonância adequada ou a presença de ambas as solidariedades, vertical e horizontal. Para que você e eu possamos compreender os interiores um do outro, os sinais (ou significantes) que permutamos devem estar ancorados não só em um contexto cultural horizontal (horizontes compartilhados), como também em uma profundidade de desenvolvimento vertical, que permitam gerar um mundo fenomênico correspondente (ou significado).

Infinitamente para cima, infinitamente para baixo. Dois ou mais hólons podem se comunicar se e somente se compartilharem alguma fatia, embora pequena, de solidariedade cultural (em ambas as dimensões vertical e horizontal) – se, em outras palavras, existir algum tipo adequado de ressonância. Os átomos registram a existência uns dos outros porque não só compartilham superfícies exteriores como também solidariedade atômica (isto é, se átomos têm exteriores, eles devem ter interiores; e se têm exteriores em comum, o que obviamente acontece, também têm interiores em comum – e isto é sua interinterioridade, ou protointersubjetividade, ou cultura atômica e solidariedade atômica). Se átomos têm apreensão ou protoexperiência, então a forma de sua interinterioridade provavelmente incluirá ressonância harmônica uns com os outros, vibrando juntos não só em seus exteriores, mas em seus interiores – o registro de um é o registro do outro.

Mas minha preocupação não é discutir se a intersubjetividade ou a interinterioridade continua infinitamente para baixo – eu fiz isso em uma dezena de livros. No momento, estou simplesmente assumindo que isso acontece e sugerindo que todos os hólons – inclusive quarks, átomos, moléculas, células, organismos – devem apresentar não só registro exterior uns dos outros, mas também vibração interior ou ressonância harmônica mútua.⁵⁴ Na minha opinião, simplesmente não existe nenhum meio de dar um fim à cadeia deslizante de significação, a menos que, em um certo ponto, ela negue a telepreensão de um tipo ou outro. Os exteriores não podem registrar uns aos outros sem interiores, e os interiores não podem registrar uns aos outros sem telepreensão ou ressonância direta em cada profundidade. Os interiores não podem ser meramente reconstruídos por trocas de sinais exteriores – isso não faz o menor sentido. A série inteira de sinais de comunicação em qualquer nível – de átomos a formigas, a macacos – só pode ser iniciada (e parada) com ressonância interior.

As moléculas registram umas às outras porque compartilham não só superfícies exteriores, como também solidariedade molecular (e as moléculas também participam da solidariedade atômica, já que os átomos agora são partes internas das moléculas e continuam a ressonar com outros átomos ou hólons de profundidade semelhante). As células compartilham

solidariedade celular, solidariedade molecular e solidariedade atômica, e assim por diante. A metateoria AQAL resume isso como: todos os hólons têm uma dimensão de QIE, infinitamente para cima, infinitamente para baixo.

Ao longo dessas discussões, continuarei a repetir que, se você se sentir desconfortável em considerar a interioridade ou interinterioridade infinitamente para baixo, por favor, fique à vontade para considerar a questão no nível a partir do qual acredite que a interioridade emerge. O que, às vezes, é útil, mesmo que não acredite que a interioridade surja até se atingir formas mais elevadas de desdobramento evolucionário, é que você pode localizar todos os seus precursores nos quatro quadrantes. Isto é, você ainda pode usar algo como a Figura 1 a fim de situar várias perspectivas e dimensões relativas, mesmo que considere que a consciência propriamente dita surja bem mais tarde no jogo. Os quadrantes na matriz AQAL podem ser lidos como precursores até o ponto em que você aceite o surgimento das perspectivas. Presumivelmente, quando alcançamos o nível humano, passamos a reconhecer uma dimensão intersubjetiva de estar no mundo, cuja existência é sinalizada pela solidariedade cultural e compreensão mútua em suas muitas formas.

(Por outro lado, se você se sentir confortável seguindo além, na direção oposta, por assim dizer, a consciência cósmica é o despertar do Eu supremo ou do Eu-eu não dual de todos os hólons, que traz o reconhecimento pleno da solidariedade cósmica ou do Nós derradeiro de todos os hólons, um reconhecimento dessa profundidade infinita ou Espírito não dual que é a base de toda a intersubjetividade e solidariedade, como desvelado e iluminado por paradigmas causais e não duais. Mas novamente, se você se sentir desconfortável em considerar formas mais elevadas de consciência do que as típicas, fique à vontade para começar a considerá-las a partir de um certo nível e parar onde desejar. O SOI pode servir proveitosamente para integrar os quadrantes – ou perspectivas de primeira pessoa, segunda pessoa e terceira pessoa – em qualquer nível que você sinta que eles existem. Na minha opinião, o universo é composto de seres sencientes e, conseqüentemente, ele é uma matriz de perspectivas auto-organizadoras e autorreflexivas, infinitamente para cima, infinitamente para baixo.)

Em geral, portanto, a solidariedade cultural representa os dentro dos interiores compartilhados de hábitos cósmicos (o Quadrante Inferior Esquerdo) – caminhos culturais traçados no espaço AQAL, percepções compartilhadas na trilha cósmica, uma história de preensões comuns e empatias harmônicas sentidas de dentro. Entre em ressonância com eles e você obterá verdade como significado intersubjetivo, imparcialidade, retidão e adequabilidade, não mera representação objetiva ou ajuste funcional de sistemas. Conseqüentemente, outra forma de apresentar uma das quatro importantes tetrapressões de seleção é que todos os hólons devem interagir com algum tipo de solidariedade ou encarar a extinção – e esse é o significado real do impacto do *background* intersubjetivo na subjetividade. (Vide a seguinte nota como digressão: Solidariedade e Internalidade Pós-Kantiana).⁵⁵

Em resumo, o espectro completo de hólons existe por toda parte em ondas de solidariedade com hólons de profundidade semelhante, não só conectados exteriormente por vários tipos de causalidade física, interações, ressonância mórfica, causação formativa, memórias sistêmicas, dinâmica do caos e complexidade, como também conectados interiormente por correspondentes tipos de solidariedade cultural, telepreensões, percepções compartilhadas e ressonância empática. A realidade quadrática nos habilita conhecer o Kosmos, não só por causa de uma internalidade preensiva whiteheadiana compartilhada⁵⁶ e não só por causa de vários tipos de exteriores compartilhados e interações sistêmicas – mas, acima de tudo, especial e extraordinariamente, por causa de uma fatia de solidariedade cósmica profundamente compartilhada, que é a história definitiva por dentro.

Onde terminam as perspectivas

Tal é o milagre de um "nós," a interseção no coração do Kosmos onde todos os seres sencientes se conhecem de dentro, ressonando com um vigor mútuo que surge em um mar de luminosidade arrebatadora. À medida que um eu aprofunda-se em sua própria infinitude, ele inclui seus eus e pretensões menores, abrindo-se para seu próprio Eu verdadeiro, sua Face Original, que não é outra senão a radical Primeira Pessoa do Kosmos inteiro, a Primeira Pessoa que olha através de todas as primeiras pessoas, altas ou baixas, sagradas ou profanas – a Primeira Pessoa que está lendo esta frase agora mesmo – e, assim, quando eu realizar verdadeiramente, ou despertar profundamente como, essa Primeira Pessoa, terei encontrado o Eu de tudo.

À medida que o eu relaxa nas profundezas infinitas de sua própria consciência primordial, ele expande seu círculo de cuidado para um número cada vez maior de nós, cada vez mais segundas pessoas nas quais pode ver um Espírito brilhando, nas quais pode reconhecer uma primeira pessoa radiante, ouvir um Deus chamando, sentir a graça de uma Deusa. À medida que os nós vão se ampliando, eles não engolem outras almas, mas apenas suas próprias encarnações menores e interseções lamentáveis, até que o círculo de cuidado se expanda incluindo todos os seres sencientes como tais, um fio interior luminescente de luz amorosa que toca simultaneamente todos os corações por dentro de sua intimidade extática, quando, então, a única e exclusiva Primeira Pessoa descobre sua única e exclusiva Segunda Pessoa, a Amada oculta em todos os domínios, a visão secreta no âmbito de cada mundo e Ela, por sua vez, agora como Primeira Pessoa, encontra-se também com seu Amado.

Todo "eu" que olha para um "tu" é Shiva adorando Shakti, Deus admirando a Deusa, o Movedor Imóvel desesperadamente apaixonado pela Mãe do Mundo: a consciência vazia transparente abrigando equanimidade admirada. Como a Testemunha pura, Shiva não se move, não pode se mover, porque Shakti roubou sua respiração. E assim, todo "tu" que é visto é Shakti irradiando luz para o universo inteiro, um presente de sua incontrolável adoração por Shiva, que é seu tudo. Se você consegue perceber o infinito, quando então é Eu-eu, você é Deus, e quando for Tu, você é Deusa: todo Vidente é apenas Shiva, tudo visto é apenas Shakti, na união secreta, extática, erótica que é este e cada momento.

A infinitude despreocupada de seu abraço arrebatado envolve todas as terceiras pessoas no círculo de cuidado apaixonado, o reconhecimento chocante do Sabor Único radical que, no momento em que é realmente notado, transforma cada eu no Kosmos inteiro em um Deus radiante, transforma cada nós na mais sincera adoração de Deus em solidariedade amorosa e transforma cada isso, no mais gracioso templo de Deus, tecido apenas e sempre das texturas luxuriantes de um Espírito que recupera os interiores de sua própria manifestação, um Espírito que não é outro senão a pessoa que está lendo esta frase neste exato momento, e uma recuperação que nada mais é do que uma confissão de quem e o que você é desde sempre.

Nesse momento, que é este momento, tudo está verdadeiramente concluído. E até esse momento, que é este momento, somos todos sonâmbulos! O ponto central de penetrarmos em nossas perspectivas inerentes é caminhar pelo sonho e despertar para o Uno, de quem essas perspectivas são reflexões infinitas de sua própria Face Original. A única razão pela qual você pode, de fato, assumir todas essas perspectivas é que você não é nenhuma delas, mas, sim, a vasta Vacuidade e Abertura no qual todas surgem, e a vasta Plenitude ou Esplendor através da qual todas brilham.

O universo é composto de perspectivas que você assumiu a fim de jogar um Jogo Cósmico de xadrez consigo mesmo. O Kosmos é composto de seres sencientes, cada um dos quais é unicamente a Primeira Pessoa não local e não dual para as perspectivas que surgem como suas reflexões, tocando e amando sua única Segunda Pessoa, cortejando cada Terceira Pessoa, todas, por sua vez, sendo a única Primeira Pessoa que está lendo isto agora mesmo.

Sua própria Face Original, Face que você tinha antes do Big Bang – o Eu SOU que EU SOU – continua olhando através dos seus olhos, aqui e agora.

Você se lembra?

Bem, se não lembra, é porque vem fincando seu pé com força na corrente cascadeante e tudo ao seu redor ressalta a matriz AQAL de suas próprias perspectivas inerentes...

Notas

1. Bausch, *The Emerging Consensus in Social Systems Theory*, p. 15.

2. Bausch, *The Emerging Consensus in Social Systems Theory*, p. 16.

3. Como veremos, isso é não quer dizer que as abordagens autopoieticas e sistêmicas não possam ser aplicadas aos interiores, mas somente que, quando o forem, elas captarão apenas os aspectos de terceira-pessoa dos interiores.

O paradigma da autopoiese de Maturana e Varela é frequentemente chamado de uma "epistemologia pós-moderna", porque ele nega peremptoriamente a existência de um mundo pré-dado (isto é, nega o "mito do dado" – o mito do Espelho de Natureza – o mito que o mundo é um território dado que devemos mapear e espelhar com precisão [vide *A União da Alma e dos Sentidos* para uma discussão sobre o mito do dado]). De acordo com Maturana e Varela, as epistemologias representacionais ou espelhos-da-natureza assumem inocentemente que existe uma biosfera ou mundo natural único – a grande Teia da Vida – e que devemos viver de acordo com a Teia, o que é o próprio mito do dado. As abordagens autopoieticas assinalam que "natureza" e "o mundo" consistem na verdade de vários mundos enagidos, dados à luz, em parte, pelos regimes autopoieticos dos organismos que os percebem. Não existe nenhuma "biosfera", ou "natureza", ou "o mundo natural" exceto na cognição racionalizada de alguns seres humanos, uma cognição não compartilhada por 99,9999% dos organismos biológicos.

O ponto sobre a enação, que Maturana e Varela ressaltam, é suficientemente verdadeiro e, até o momento, a noção de autopoiese é realmente pós-moderna. Eu concordo com a maior parte de suas características importantes; mas meu ponto é que a versão autopoietica desse componente interpretativo de fazer-o-mundo considera apenas os dentro dos exteriores, não os dentro dos interiores (vide fig. 3). É, se você preferir, um pós-modernismo do QSD, não do QSE. Obviamente, essa é uma perspectiva importante que precisamos incluir em qualquer pluralismo metodológico integral, mas, novamente, somente se expurgada de absolutismos.

(Demonstrar essa impropriedade do paradigma autopoietico – que não significa erro, mas parcialidade – é o fardo de várias notas críticas de SEE, que tratam especificamente dos pontos fortes e fracos do paradigma de enação típico, que – como em Whitehead – pode ser chamado de "o paradigma de enação parcial", contrastando com um paradigma mais "completo" ou "paradigma de tetraenação". Para uma avaliação crítica do trabalho de Francisco Varela, vide numerosas notas explicativas em *Sexo, Ecologia, Espiritualidade* (SEE), em particular a seção "O Paradigma da Enação de Francisco Varela", constante da nota 1 do capítulo 14, p. 1020; esta nota também faz referência a várias outras notas do livro que discutem esses temas.)

Em uma nota muito positiva, Maturana e Varela falam de fenomenologia biológica e até física – isto é, eles reconhecem completamente a existência do QSE (experiência interior ou protoexperiência) infinitamente para baixo, indo até os hólons físicos inclusive. Eles também reconhecem que esses interiores: (a) podem ser conhecidos de dentro, (b) podem ser descritos (ou reconstruídos), ou (c) podem ser conhecidos de fora (pela observação do comportamento). Eu concordo totalmente. O problema é que quando eles tentam reconstruir (que é o item "b") as experiências de dentro (que é o item "a"), eles na verdade escorregam para as realidades "c".

Por exemplo, eles afirmam corretamente que os organismos possuem um interior em razão de terem memórias estruturais e coevoluírem (ou se acoplarem estruturalmente) com seus ambientes. As memórias estruturais representam a história de enação de escolhas cognitivas do organismo via acoplamento estrutural com os exteriores. Mas essas cognições são retratadas/descritas em termos de terceira-pessoa, não em termos de primeira-pessoa: elas são os "dentros" de exteriores, não os "dentros" de interiores (vide figs. 2 e 3). As apreensões reais representam os significados percebidos de interiores, à medida que eles tocam suas

sensações precedentes, que não representam escolhas cognitivas com significação nômica (isto é, "identidade e sobrevivência biológicas" – que é a definição de cognição para Maturana e Varela), mas, sim, a presença sentida do hólón em seu exuberante bocado de élan vital e *joie de vivre* (forma mais poética, que é uma linguagem melhor para o QSE). Os hábitos de contato íntimo ou de unificação preensiva tendem a ser reduzidos à mecânica de acoplamento estrutural e à enação exterior-cognitiva. Concordo com o que eles dizem sobre acoplamento estrutural, mas, como explicado nas notas de SEE, ele não cobre de forma alguma o QSE real; pelo contrário, a autopoiese olha para o organismo em termos de terceira-pessoa (o que é bom; isto é ciência) e, então, tenta explicar o que se passa dentro do organismo (visualizado exteriormente) à medida que ele enage e dá à luz seu mundo: consequentemente, os dentro e fora do exterior, nenhum dos quais inclui de fato realidades de primeira-pessoa.

Varela tentou integrar as perspectivas de primeira-pessoa e terceira-pessoa em sua "neurofenomenologia". Novamente, esse foi um movimento importante em direção a um ponto de vista mais integral, mas que é falho, em minha opinião, pela falta da perspectiva inerente de segunda-pessoa e pela falta de ondas e correntes (isto é, falta incluir quadrantes, níveis e linhas). Vide *Psicologia Integral* para uma avaliação crítica da neurofenomenologia. A dependência de Varela, por exemplo, da versão da fenomenologia percebida de Merleau-Ponty torna mais difícil para sua teoria cobrir com facilidade a intersubjetividade intrínseca, bem como ondas e correntes.

4. Não existem hólons diferentes nos quatro quadrantes; os quatro quadrantes são quatro dimensões de todo hólón. Há dimensões diferentes de um único hólón nos quatro quadrantes, não hólons separados. (Claro, essas dimensões podem ser subconcebidas como hólons, mas, então, esses hólons específicos têm correlações ou dimensões em todos os outros quadrantes; portanto, eles não são hólons separados.) Assim, quando falarmos nos dentro de um hólón interior, por exemplo, isso significa de fato a parte de dentro das dimensões interiores de um hólón. Mas é mais fácil e mais simples dizer coisas como "hólons no QSE", e assim por diante, o que é aceitável, desde que a tetranatureza de qualquer hólón seja claramente lembrada.

5. Tenha também em mente que quando dizemos, e.g., que os ecossistemas podem ser representados na linguagem-isto, não significa que os ecossistemas não sejam nada além de "istos". Todos os ecossistemas possuem interiores – todos os sistemas do QID apresentam correlações no QIE – todos os exteriores sociais têm interiores culturais – mas esses interiores são melhor captados em termos de "eu" e "nós" de solidariedade cultural, como veremos, e não termos de "istos" de sistemas, teias e processos.

6. Vide *"On Critics, Integral Institute, My Recent Writing, and Other Matters of Little Consequence"* [ou o artigo de Fred Kofman *"Hólons, Artefatos e Amontoados"* em www.ariraynsford.com.br] para uma discussão dos quatro diferentes tipos de hólons: individual, coletivo, artefato e amontoadado. Cada um deles é um "todo" num sentido bem genérico e, portanto, tem "partes" num sentido igualmente genérico (e, desse modo, cada um é um "hólón" num sentido genérico). Eu geralmente restrinjo o uso do termo "hólón" aos hólons individuais e coletivos. Entretanto, somente um hólón individual possui uma mônada dominante ou "eu" com ação ou intencionalidade singular, e, assim, só um hólón individual tem consciência *per se* (embora um hólón interior coletivo possa ter um tipo de consciência difusa, e.g., "um ego grupal"). Portanto, a menos que especificado em contrário, quando me refiro a "hólons", quero dizer hólons individuais (e, secundariamente, hólons coletivos ou sociais, embora os últimos sejam normalmente indicados especificamente como sociais, culturais, coletivos, comunitários etc.). Novamente, deve-se considerar o contexto para entender o uso do termo.

No texto, quando digo que todos os hólons são seres sencientes, estou afirmando especificamente que todos os hólons individuais (ou indivíduos compostos) – quarks, átomos, moléculas, células, organismos – possuem uma dimensão interior (QSE) de percepção, apreensão, protoexperiência ou consciência, que sempre surge como uma perspectiva de

primeira-pessoa do/no espaço de mundo (tetra)enagido em que ocorre. Eu geralmente prefiro o termo simples "interior" a termos específicos como "sensação", "percepção", "experiência" etc., porque acredito que os graus juniores de interioridade apresentam qualidades que não são, fácil ou explicitamente, percebidas por humanos, embora esses graus juniores sejam internos e interiores para a consciência humana. Assim, prefiro chamar esta posição de "paninterioridade" em vez de "pampsiquismo", embora entenda por que algumas pessoas a considerem uma distinção trivial.

7. Existe alguma percepção que não seja uma perspectiva? Sim, eu creio, e ela tem a ver com satori ou percepção não dual (ou pura Vacuidade – consciência sem um objeto, que é, portanto, consciência sem uma perspectiva), que explorarei em excertos posteriores. A conclusão dessa reformulação integral das tradições de sabedoria é que *samsara* (ou o mundo da Forma) é composto de perspectivas, e *nirvana* (ou Vacuidade) é percepção pura sem um objeto ou perspectiva. A união da Vacuidade e da Forma é, desse modo, a união de percepção e perspectiva, em que na minha percepção pura eu sou um com tudo que está surgindo (embora expresso por meio de minha própria perspectiva individual, com a qual não estou mais exclusivamente identificado). Descobrir a Vacuidade é libertar-se de todas as perspectivas (um *nirvana* livre de *samsara*); uma união com a Forma é descobrir a Plenitude de perspectivas, a única que pode expressar essa Liberdade (a não dualidade de *nirvana* e *samsara*). A sabedoria é transcender as perspectivas, a compaixão é abraçar todas elas.

8. Mas mesmo no domínio humano, não estou dizendo que não exista nenhuma realidade fora das perspectivas humanas, apenas que realidades são apreendidas no âmbito de uma matriz de perspectivas que sempre acontece junto com qualquer coisa que ocorra. Não é que a mente humana tenha categorias *a priori* que pré-estruem a percepção (embora isso aconteça), é que o próprio Kosmos tem uma estrutura que pré-estrutura a relação entre seres sencientes: isto é, como Leibniz assinalou (mas não desenvolveu), todo ser senciente ocupa um lugar diferente no espaço-tempo e, assim, cada um tem uma perspectiva diferente de/sobre os outros. Os seres humanos podem deduzir que existam realidades no outro lado de suas perspectivas, mas essas deduções são em si objetos de terceira pessoa em mentes de primeira pessoa, o que não significa que elas (ou seus referentes) não estejam lá, apenas que são percepções que ocorrem no âmbito de perspectivas.

9. Observe que neste ponto não estamos preocupados se esse eu é "real" ou não; para o integralismo, essa não é uma pergunta interessante; tudo é real em seu próprio espaço de mundo. Você pode meditar sobre esse "eu" até que ele desapareça em um fluxo de sensações momentâneas, mas o que isso significa é que você usou um paradigma diferente para dar à luz ou enagir um espaço de mundo onde o "eu" não está mais presente; mas no mundo convencional onde você começou, o eu estava presente, e é isso que tem de ser levado em conta, não se dar satisfação sobre o fato.

Desse modo, a meta desse tipo de panfenomenologia inicial (que Peirce chamou de "faneroscopia") não é pronunciar uma dessas perspectivas real e as outras ilusórias, mas simplesmente observar o fato de que esses mundos fenomenológicos já se apresentam para nós. Depois de fazer um inventário holístico, por assim dizer, dessas dimensões / perspectivas, podemos julgar mais facilmente qual delas, se houver, pode ser envolvida ou subclassificada por outras e, assim, começar a julgar se algumas delas são mais abrangentes ou "mais corretas" que outras; mas se vamos jogar esse tipo de jogo, no qual os riscos de se errar são bem altos, temos de errar para o lado da inclusão extensiva em nosso inventário inicial de espaços de mundo fenomenológicos, daí por que estamos dando a todos esses oito mundos uma posição digna e respeitosa na tabela integral.

10. Como veremos em seções e excertos posteriores, eu compartilho solidariedade não reflexiva com outros seres sencientes em meu ecossistema local, e o faço em todos os níveis abaixo do meu inclusive; mas níveis de complexidade física (e.g., o cérebro trino) necessitam de outros níveis semelhantes de complexidade para serem decodificados. Assim, toda cultura

tem um sistema social na vizinhança imediata do organismo, mas não meramente lá (a cultura não se move ou existe basicamente em espaços fenomenologicamente sensório-motores).

11. Eu uso o termo "b/its" em um sentido muito geral para me referir à visão monológica da informação (na qual informação é descrita como padrões codificados que podem, por exemplo, ser transmitidos por uma série digital de uns e zeros). Esses bits de dados ou b/its são de fatos "its" ["istos"] em ambos os sentidos: eles representam (meramente) os aspectos objetivos e interobjetivos da comunicação (os significantes ou sinais), e também as teorias monológicas ou *flatland* de comunicação, que não reconhecem adequadamente os interiores, interpretantes ou significados (e, desse modo, lidam apenas com istos ou b/its). Essas teorias monológicas afirmam que a "informação" capta o lado "mente" da equação, e a "experiência" capta o lado "corpo", de forma que, ao afirmar que cada ocasião tem um componente informacional e um experimental, o problema mente-corpo está resolvido.

Na minha opinião, essas teorias são bem parecidas com as teorias de autopoiese, no sentido em que elas não tratam, de fato, dos interiores (mente) e dos exteriores (corpo), mas simplesmente dos fluxos de dentro e de fora dos exteriores. Em outras palavras, quando a comunicação é visualizada como transferência de informações (omitindo níveis de interiores que são responsáveis por decodificar a informação, mas não podem ser reduzidos a ela), então "mente" é realmente reduzida a "cérebro", e se o problema de mente-corpo é, desse modo, reduzido a um problema cérebro-corpo, é claro que fica fácil "resolvê-lo": o cérebro é parte do organismo. (Vide o capítulo 14 de *Psicologia Integral*.) Mas esse não é "o problema difícil", muito menos sua solução.

Da mesma maneira que a autopoiese é considerada a visão "de dentro" da biologia, mas é, na verdade, o dentro do exterior (não o dentro do interior), a "informação" é simplesmente a visão de dentro do exterior (e.g., a mente de primeira pessoa tratada como cérebro de terceira pessoa), não os dentros preensivos do interior (ou a experiência de primeira-pessoa de realidades de primeira pessoa).

Para a metateoria AQAL, a informação considerada como um fluxo objetivo (isto é, interobjetivo) de ocasiões comunicativas (tais como bits digitais ou b/its) é acessada por modos de terceira-pessoa do plural de estar no mundo; enquanto que a "informação" nos interiores só pode ser acessada por modos de primeira-pessoa (descritos como sensações, preensões, impulsos etc.). Já que poucos pesquisadores de informação consideram os modos interiores, eu normalmente usarei "informação" para designar b/its exteriores (embora, como sempre, o contexto determinará). Mas todos os hólons individuais (ou seres sencientes) tomam parte na transferência de artefatos ou sinais comunicativos até certo ponto (isto é, troca de informações), e isso se aplica a tudo, desde saltos orbitais de elétrons ao canto dos pássaros, até o tráfego de computadores.

Informação ou b/its, nesse sentido de exterior, significa o fluxo/sistema de significantes, não de significados (a sintaxe, não a semântica), embora os últimos estejam claramente implícitos na teoria da informação (já que se reconhece que, puxa vida, as informações precisam de um decodificador, ainda que o decodificador propriamente dito mal seja considerado na teoria da informação, se é que o é: o decodificador nada mais é que outro fluxo de dados monológicos). Novamente, a teoria da informação está tentando acessar os dentros, mas apenas em termos de terceira-pessoa e, desse modo, acaba nos fornecendo os dentros dos exteriores (e.g., mente tratada como cérebro).

No cálculo integral: $1p(1p) \times 1p(3-p*pl) \times 3p(3p) \times 3p/(1-p)$, o que significa, minha primeira pessoa tem uma visão de terceira-pessoa do plural dos aspectos de terceira pessoa de um evento quando visto de dentro. De forma abreviada, um $3 \times 1 \times 3$: os exteriores de uma ocasião vistos de dentro, mas ainda em um modo de terceira-pessoa. " $3 \times 1 \times 3$ " é a quintessência da zona 3 (e.g., Maturana e Varela). Vide Anexo B, Matemática Integral.

A transferência de transformações exteriores também pode incluir energias sutis (vide Excerto F).^J

12. Claro, como pensadores desde Wittgenstein até Heidegger assinalaram, de dentro de uma fronteira interior, você não pode ver nem a fronteira, nem o que está do outro lado da fronteira. Os limites dos espaços interiores aparecem como horizontes, não como fronteiras físicas. Mas alguns espaços interiores podem, de fato, ver os foras de outros espaços interiores, e nós estamos investigando fenomenologicamente todos esses dentro e foras à medida que surgem em interiores sucessivamente abrangentes. É óbvio que as fronteiras supremas são horizontes que, nesse ponto, não podem ser metavisualizados. O único lugar para se ir do topo desse mastro de cem metros é a Vacuidade.

13. *The Essential Peirce*, vol. 2, p. 362.

14. *The Essential Peirce*, vol. 2, pp. 367-8.

15. Para uma discussão sobre o Espírito/Subjetividade singular que está subjacente a toda intersubjetividade, vide "*Os Críticos Deturpam Minha Posição?*, Apêndice A", em www.ariraynsford.com.br.

A razão pela qual esse é um "assunto extremamente complexo" é que, no fundo, eu concordo com a posição Madhyamaka que ressalta que, quando se trata do supremo, não se pode fazer nenhuma afirmação que não seja contraditória (como demonstrado pelo seguinte: se essa afirmação for verdadeira para a instância derradeira, ela é falsa).

Isso não é meramente uma questão de recursividade Russell/Tarski/Godel, que acontece quando afirmações finitas são autorreferentes. É, por assim dizer, mais que isso. Qualquer tipo de afirmação sobre realidades supremas ou absolutas (inclusive sua negação) leva a afirmações sobre a realidade como um todo, e qualquer declaração que se refere à realidade como um todo inclui a própria declaração, gerando-se, na melhor das hipóteses, um paradoxo e, no mínimo, uma regressão infinita, e sempre *ad absurdum*.

Para o Madhyamaka de Nagarjuna (base de todo o Budismo Mahayana e Vajrayana), o "derradeiro", ou "absolutamente real", ou "Espírito" não pode ser conhecido usando esse tipo de conhecimento, razoamento filosófico, ou qualquer outro tipo de afirmação que surja no âmbito do espaço fenomenológico, seja ela relativista, pluralista ou absolutista. Pelo contrário, a realidade última ou não dual só pode ser acessada em um estado/estágio de consciência conhecido como não dual (e.g., satori), que não pode servir, por si mesmo, como base para qualquer tipo de afirmação no âmbito do mundo fenomênico. O máximo que podemos dizer é que o supremo é shunya (ou vacuidade) de todas as qualidades – inclusive esta.

Em outras palavras, a não dualidade é uma realização que é acessada, enagida ou gerada por um paradigma ou prática de meditação, que enage em dimensões não captadas por paradigmas mentais, e quando os resultados de tais paradigmas espirituais são filtrados pela lente de paradigmas mentais, eles se mostram paradoxais, regressivos, absurdos.

Desse modo, quando afirmo que existe uma "Subjetividade singular" subjacente a toda intersubjetividade, isso não é uma afirmação filosófica, nem é sequer uma afirmação. Não existe uma Subjetividade ou consciência "singular", não literalmente, porque "singular" só tem sentido quando contrastado com "plural", e o não dual não é nem um, nem outro (nem ambos, nem isso, nem aquilo, indefinidamente...).

Por que, então, uso esse conceito de "Sujeito supremo"? Porque aqueles que se dedicaram aos paradigmas causais/não duais descobriram que as realizações dadas à luz por esses paradigmas contribuem decisivamente para esclarecer questões de outra forma insolúveis,

J. Não publicado até agora. (N.T.)

como o problema mente-corpo e a intersubjetividade; portanto, uso afirmações resumidas (e.g., "consciência é singular, seu plural é desconhecido") como um tipo de lembrete constante de que outros paradigmas precisam ser aplicados para essas questões. Embora as "conclusões" desses outros paradigmas não possam ser percebidas por paradigmas mentais, elas o podem por indivíduos integrais, que conseguem contemplar diretamente a importância de tais questões. (Ver "Semiótica Integral"^K.)

16. Vide o artigo *Intersubjective Musings* de Sean Hargens.

17. A visão de que uma sociedade é "como" um organismo é chamada de modelo "orgânico", creditado a Herbert Spencer; a ideia de que a sociedade "é" um organismo configura o modelo "organísmico", encontrado em teorizadores como James Miller e na maioria das formas da teoria de "sistemas vivos". No texto nós nos concentramos no modelo organísmico, já que ele é a forma mais forte da segunda posição, da mesma maneira que o individualismo atomístico é a forma mais forte da primeira.

18. Na verdade, existem (pelo menos) quatro tipos diferentes de partes e de todos – referentes a hólons individuais, hólons sociais, artefatos e amontoados. Vide nota 6. Mas em quase todos os exemplos, eu restrinjo o hólón a ocasiões individuais e sociais; não a artefatos e amontoados.

19. Não estou dizendo que não exista algum tipo de "Teia" ou totalidade interobjetiva, apenas que é uma concepção que entra no espaço de mundo preensivo de um número extremamente pequeno de organismos – a saber, em humanos no meme amarelo ou mais elevado. A minha crítica a teorias da Teia da Vida típica envolve vários pontos: (1) praticamente todas subscrevem o mito do dado; (2) elas impõem a cognição antrópica a outros organismos; (3) elas colapsam ocasiões do Lado Esquerdo a suas correlatas do Lado Direito (reduccionismo sutil); e então, até mesmo no mundo do Lado Direito (que é agora seu único mundo), elas cometem duas falácias adicionais: (4) não veem a totalidade dos exteriores como um multiplex de exteriores enagidos (ou o que nós chamaremos de uma "Teia enativa"), e (5) confundem individual e social, resultando em uma postura *imperium* ecológica.

O problema para se gerar uma ecologia verdadeiramente integral é que todos esses pontos são questões muito sutis, e não podem ser adequadamente explicados em adesivos de paracoques facilmente disseminados. A absoluta simplicidade do conceito da "teia da vida" é sua maior virtude. Infelizmente, nos limites superiores de alcance de sua proclamada holarquia própria, essa posição torna-se crescentemente regressiva (maior amplitude é confundida com maior profundidade e, desse modo, por exemplo, a fisiosfera, que é meramente maior em tamanho, é confundida com uma maior profundidade de ser, enquanto ela é, de fato, simplesmente o aspecto mais superficial de ser, envolvido no Sabor Único). Vide o Excerto E, subtítulo "A compercepção do mundo sensorio-motor", no qual esses tópicos são extensivamente desenvolvidos.

20. Humanos tribais originais (não tribos atuais, mas de duzentos mil anos atrás), não possuíam uma visão sistêmica do mundo, que é construída pelas cognições operacional formal, sistêmica pós-formal e metassistêmica; seu centro de gravidade estava, em geral, no pré-operacional, o que significa cognição egocêntrica ainda fundida com ocasiões sensorio-motoras exteriores. Essa fusão ou indissociação egocêntrica, que era "una com" o meio ambiente local, é frequentemente igualada a uma visão sistêmica, holística. Vide *Boomerite* para uma divertida discussão dessa infeliz confusão.

21. No resto desta seção, focalizaremos especificamente a natureza das interseções culturais (significados compartilhados) que constituem um "nós", e continuaremos a assinalar por que elas não podem ser reduzidas a interseções sociais de redes "istos" (significantes compartilhados). A razão por que Luhmann e a maioria de outros teorizadores de sistemas

K. Publicado em www.ariraynsford.com.br. (N.T.)

continuam a tentar reduzir o Quadrante Inferior Esquerdo ao Quadrante Inferior Direito é fácil de explicar... bem, eles ainda estão operando no âmbito do hábito cultural do pensamento sistêmico que nega hábitos culturais (isto é, um hábito cósmico cultural que nega hábitos cósmicos culturais, o que não é raro. Nenhum paradigma absolutista – do empirismo ao pluralismo pós-moderno, ao pensamento sistêmico – pode responder por seus próprios valores sobre a verdade).

22. Que também pode ser chamada de uma "subação-em-ação," dependendo do nível de referência da descrição. O ponto é simplesmente que quando um indivíduo composto torna-se parte ou elemento de outro indivíduo composto – isto é, quando um hólón individual é incluído em um hólón individual maior – o hólón inicial é agora um sub-hólón do novo hólón, ou o novo hólón também pode ser descrito como um super-hólón que envolve o hólón inicial. Ambas as formas descrevem o mesmo processo de um hólón tornando-se literalmente interno a outro como parte de um composto.

23. É claro que esse hólón coletivo pode ser olhado do exterior ou do interior: interobjetividade e intersubjetividade. O ponto principal agora é que essa rede comunitária ou sistema coletivo é, no QIE, uma intersubjetividade, NÃO um intrassubjetividade: o nexos cultural não tem nenhum eu singular sob o qual todos os seus membros são dominados e incluídos; e, no QID, é uma interobjetividade, NÃO um intraobjetividade: suas "partes" existem em redes de comunhões mutuamente interdependentes e não são simplesmente componentes, dentes de engrenagem, ou órgãos de um grande superorganismo.

24 É por isso que um dos padrões básicos descobertos pelo pensamento sistêmico é que níveis mais elevados são mais complexos (no sentido de mais altamente diferenciados), mas também, mais simples em modos funcionais, mais unificados e mais integrados (em suas formas saudáveis). Como colocado por Laszlo: "o surgimento de um sistema de nível mais elevado traz uma simplificação no funcionamento dele; porém, uma vez que um novo nível hierárquico [holárquico] tenha emergido, os sistemas do novo nível tendem a se tornar crescentemente mais complexos" – até que seu funcionamento também seja simplificado pelo aparecimento de um nível sênior. Como acontece essa simplificação no meio de uma complexidade crescente? Muitas ações são englobadas em uma ação (ação-em-super-ação), o que caracteriza um hólón mais complexo, mas agora mais integrado e, desse modo, mais simples em seu funcionamento, como acontece quando Daisy caminha pela sala. Daisy é maciçamente mais complexa do que quaisquer de suas células, mas a simplicidade de seu funcionamento – quando ela decide se levantar e caminhar pela sala e cem por cento de suas células e moléculas acompanham seu movimento – é surpreendente. Seria literalmente impossível para todas as células se organizarem para fazer isso. Portanto, quanto mais complexa a forma, mais simples seu funcionamento.

25. Venho mencionando esses três diferentes eixos (dentro/fora, interior/exterior, interno/externo) há muito tempo. Vide, por exemplo, a nota 25 do capítulo 4 de SEE. Desnecessário dizer, o tratamento presente substitui e/ou atualiza afirmações anteriores.

26. O eixo dentro/fora das perspectivas inerentes demarca, simplesmente, fronteiras onde quer que se encontrem nos diferentes mundos fenomenológicos. O eixo interno/externo indica um tipo de relação entre esses mundos – isto é, a relação de aprendizagem, desenvolvimento ou desdobramento e envolvimento evolucionários – em que algo não está simplesmente dentro de uma fronteira do hólón, mas é essencial para sua definição, uma definição (identidade, ação, padrão) que representa os hábitos cósmicos ou padrões estáveis do hólón, que lhe permitem subsistir no espaço-tempo.

A fronteira interno/externo pode ser definida, em termos do QSD, como aqueles elementos dentro do organismo que seguem o seu regime ou ação autopoietica e, desse modo, também são internos a ele (e.g., meu fígado é interno, uma pedra engolida não é); em termos do QSE, como aqueles elementos do meu espaço-eu que seguem minha vontade e intencionalidade (e.g., minha raiva reconhecida é interna; minha depressão não é). Em outras palavras, o que

está dentro de um indivíduo composto é simplesmente qualquer coisa dentro da fronteira do indivíduo composto; o que é interno é qualquer coisa que segue a ação da mônada dominante do indivíduo composto. Reciprocamente, externo é qualquer coisa que não segue a ação da mônada dominante.

O eixo interno/externo não é meramente teórico. Da mesma forma que os eixos dentro/fora e interior/exterior, ele pode ser visto e percebido. Na apreensão fenomenológica, ele normalmente se manifesta, entre outras coisas, como a percepção interior de vontade ou intencionalidade, de tal forma que internalidade e intencionalidade andam de mãos dadas. O momento de liberdade criativa do hólón estende-se para os sub-hólóns internos à ação ou intencionalidade da mônada dominante do indivíduo composto: quando Daisy decide caminhar pela sala, todos os hólóns dentro da fronteira de sua individualidade composta (definida pela internalidade ou ação da mônada dominante em sua individualidade composta) caminham pela sala com ela. Agentes externos (e.g., parasitas) que estejam dentro da fronteira do indivíduo composto movem-se quando essa fronteira se move, mas se mantêm externos ao nexa reinante da mônada dominante e, conseqüentemente, externos à individualidade composta.

Em alguns casos, entretanto, tais como vírus que se inserem no ácido nucleico da célula (que faz parte da mônada dominante da célula), o invasor fora-externo torna-se, de fato, interno à célula – o vírus invasor insere-se no código de internalidade da célula, penetrando literalmente o RNA ou DNA da mesma, que, então, passa a obedecer ao nexa reinante viral, normalmente começando por fabricar as proteínas ditadas pela mônada dominante do vírus (que são replicantes ou clones do próprio vírus). Nesse caso, o vírus passa a estar tanto dentro quanto interno à célula e, conseqüentemente, a identidade própria da célula é alterada. Algo fora e externo tornou-se dentro e interno, e a célula, como tal, não é mais ela – sua "vontade" não mais lhe pertence porque sua internalidade não é mais ela mesma.

27. As metáforas holográficas tentam expressar, especificamente, uma conectividade de meme verde. A metáfora holográfica diz que "cada parte contém o todo", mas isto não é de fato verdadeiro em hologramas reais. Quanto menor a parte de um holograma que você olha, mais indistinto fica o todo: na verdade é "cada parte contém um todo indistinto". Mas, infelizmente, essa metáfora é usada, por exemplo, para representar um tipo de relidade ou misticismo não dual (ou holístico). O um-no-muito místico é estabelecido via uma interseção com o infinito, não obscurecendo as fronteiras do finito. Na realização direta da quididade não dual, o todo do infinito está cem por cento em todas as coisas finitas, não de uma forma obscura, mas de uma forma radicalmente total e imediata. A própria essência da multiplicidade-idade é perdida pela metáfora holográfica; e quando se trata de coisas finitas, suas fronteiras são, de muitas formas importantes, discretas e assimétricas, o que também não é captado pela metáfora holográfica. Como uma representação, modelo ou mapa específico da realidade, faltam à imagem holográfica muitas das características centrais tanto do finito quanto do infinito. Como um modelo da realidade, a representação holográfica funciona para um pequeno número de processos de armazenamento de informações, que realmente incorporam uma reprodução indistinta de informações dentro de seus módulos; como metáfora, é muito pobre para as questões que normalmente tenta representar (e encontra seu principal uso, como sugerido, em sistemas de crenças do meme verde, que se sente desconfortável com hierarquias).

28. A fenomenologia do espaço-eu é, desnecessário dizer, um tópico imensamente rico e complexo. Neste resumo introdutório, estou tomando vários atalhos. O espaço-eu propriamente dito, baseado em introspecção ou introapreensão conforme a faneroscopia (vide abaixo), é composto (pelo menos) de um eu-proximal e de um eu/me distal, o primeiro sendo primeira pessoa do singular subjetiva e o outro, primeira pessoa do singular objetiva. Existe também, na faneroscopia direcionada, um eu-eu ou eu anterior. Adicionalmente, há um conjunto de objetos interiores (segundas pessoas interiores, se houver comunicação, e terceiras pessoas interiores, se não houver). Artefatos interiores (imagens, símbolos, signos, visões) são objetos interiores de terceira-pessoa. Existem também sujeitos interiores (ou

minientidades de primeira-pessoa) e subpersonalidades, bem como subjetividades reprimidas e instintos, desejos e impulsos de primeira-pessoa reprimidos/dissociados. Os sujeitos e objetos pré-conscientes podem ser acessados por faneroscopia; os sujeitos e objetos reprimidos não podem (isto é, sem o relaxamento terapêutico da barreira repressiva).

Estou simplificando tudo isso, no texto principal, como "o" espaço-eu, em que igualo simplificada o "eu" e "o *self*" (considerando que muitos aspectos do *self* são inconscientes ou pré-conscientes). Como disse, esse é um campo enormemente complexo e fértil para a investigação fenomenológica, e meus comentários no texto devem ser considerados apenas como um breve resumo introdutório.

29. Como indicado na nota precedente, a fenomenologia interior do espaço-eu é enormemente rica e complexa, e eu estou tomando várias liberdades simplificadoras nesta introdução. No mínimo, precisamos, adicionalmente, distinguir entre os aspectos conscientes e inconscientes da psique, todos com várias totalidades funcionais (cada um possui ação ou códigos de internalidade). Por exemplo, um impulso egoico de raiva que é reprimido é externo à vontade do ego – não é interno ao ego consciente – mas ainda assim é interno à psique. A neurose é basicamente uma confusão entre ocasiões dentro/fora, as quais são todas internas à psique. A psicose, por outro lado, é uma confusão entre interno e externo, ou um desarranjo real das fronteiras eu/não eu.

Isto é, a neurose é uma confusão entre dentro/fora, a psicose é uma confusão entre interno/externo. A psicose é similar ao exemplo de um vírus que assume realmente o comando do DNA de uma célula e muda seus códigos de internalidade, de tal forma que a célula não é mais ela. Na neurose, a fronteira do eu fica intacta, mas invasores conseguem entrar dentro da fronteira (introjetam), ou algo dentro da fronteira é reprimido (e, desse modo, aparece do lado de fora do ego, mas ainda está dentro e interno à psique), ou é projetado (e, desse modo, aparece fora do ego e fora da psique, mas ainda é interno à psique, ou ainda está seguindo de fato a ação da psique, mesmo quando projetado sobre outros "lá fora"). Na psicose, porém, a ação da psique propriamente dita é danificada, seus códigos de internalidade são rompidos e a fronteira do eu é corrompida. Marginal (borderline) é a posição entre a psicose e a neurose, onde a fronteira do eu ainda está se formando e não se estabilizou.

Novamente, um tópico rico e frutífero para elaborações posteriores – a reconceituação da psicopatologia por intermédio de uma matriz AQAL de perspectivas inerentes.

30. Vide nota 26.

31. Tais sistemas são auto-organizadores, e eles são auto-organizadores porque seus membros são seres sencientes com intencionalidade. Você não acredita realmente que a matéria se eleva simplesmente por si mesma, não é?

32. Leibniz tentou resolver isso com seu conceito de "compossibilidade", mas essa foi uma tentativa monológica de pensar em termos de terceira pessoa...

A vantagem de um mundo construído de perspectivas é que não é necessário especificar o conteúdo dessas perspectivas a fim de compreendê-lo um pouco. Na verdade, não sei exatamente qual é o conteúdo de uma sensação ou apreensão de uma bactéria, e acho a maioria das suposições, no mínimo, forçadas. Mas me parece que se uma bactéria possui algum tipo de apreensão (e eu acredito que sim), e se essa bactéria está ciente de outra bactéria de alguma forma, então ela é um ser senciente ciente de um segundo ser senciente, o que significa: uma primeira pessoa ciente de uma segunda pessoa. Independentemente do que esteja acontecendo, essa é uma relação de primeira pessoa e segunda pessoa, e eu não tenho de conhecer nada do que está acontecendo para saber isso. Desse modo, posso construir um universo de perspectivas sem ter de compreender seus conteúdos; conseqüentemente, se eu uso perspectivas em vez de sensações, conscientização, consciência ou percepções (que, de qualquer forma, não existem), posso construir um mapa

de terceira-pessoa de primeiras, segundas e terceiras pessoas (seres sencientes) que seja mais adequado para essas ocasiões (isto é, AQAL). É ainda um mapa, mas um menos distorcido.

33. Eu uso a expressão "histórico-hermenêutico" com um sentido significativamente diferente do que é tipicamente usado, em que o termo "histórico" (que exige interpretação) é considerado um nível mais elevado de evolução do que o resto da "natureza" (que pode ser conhecida objetiva ou empiricamente): os animais têm natureza, os humanos têm natureza mais história. Mas para a metateoria AQAL, não há história e natureza em dois níveis diferentes, com a história mais elevada que a natureza, e sim dois níveis diferentes de história-natureza. A "história", que necessita de interpretação, é simplesmente a dimensão interior (Lado Esquerdo) de todos os hólons, e a "natureza", que é empiricamente observada, é simplesmente a dimensão exterior (Lado Direito) de todos os hólons – infinitamente para cima, infinitamente para baixo.

A maioria dos hermenutas considera a hermenêutica surgindo apenas nos domínios linguísticos e, portanto, só nos humanos, quando ela é contrastada com os níveis mais baixos encontrados somente na "natureza". Essa não é uma forma muito feliz para se chegar às perspectivas inerentes que operam nesses modos, embora capte pelo menos uma distinção importante: existem de fato alguns tipos de níveis envolvidos. Para a metateoria AQAL, eles são níveis diferentes de história-natureza, com a história-natureza humana emergindo em níveis mais complexos de evolução que, digamos, a história-natureza de lobos. Os lobos têm interiores que só podem ser interpretados, bem como exteriores que podem ser vistos e, desse modo, eles estão simplesmente operando em um comprimento de onda diferente da história-natureza. Eles não estão fora de sua cultura e de sua história, porque os lobos também vivem em um círculo-nós, como todos os seres sencientes.

34 A razão pela qual não chamo isso de "preensão quadrática" – bem, às vezes eu o faço, mas só por conveniência, como normalmente observado – é que, tecnicamente, a preensão só opera no QSE. Só um sujeito apreende, ou só a dimensão de primeira pessoa do singular de um hólón apreende, e isso é o QSE. O QSD é a forma exterior ou correlata (não referente) dessa preensão; e o QIE e QID são os padrões, sistemas e interseções desses sujeitos (e.g., um "nós" não é uma preensão única de um eu único, mas as preensões compartilhadas de eus membros ligados por significações e/ou telepreensões semelhantes; é por isso que nem um "nós" nem um "istos" pode perceber). Desse modo, tecnicamente, a expressão "preensão quadrática" não faz sentido, embora seja proveitosamente sugestiva. Mas os outros três quadrantes possuem qualidades e carma que não podem ser reduzidos à preensão propriamente dita. E, claro, para mim, essas quatro dimensões não são separadas, mas são quatro dimensões de cada evento, daí por que os outros quadrantes não podem ser construídos a partir de preensões, que é o que os whiteheadianos geralmente tentam fazer.

35 O estudo dos "nós" é o estudo da cultura. O que é interno a qualquer hólón cultural é o presente e o passado desse "nós", transmitidos como um nexó intersubjetivo, enredados em cada membro "eu" e transportados pela soma de todos os "eus", mas não meramente como a soma de todos os "eus".

Novamente, uma "transação" (como compra e venda) é uma analogia muito boa. O ato de comprar ou vender algo – "o negócio" – é a ocasião comum. Toda vez que uma pessoa vende algo, pelo menos uma outra pessoa compra algo. A transação chamada de "negócio" não pode ser reduzida a um ou outro membro, nem à soma dos dois membros; nem é a soma das ações dos dois membros, já que as duas ações ou interseções (como as partes reais, componentes ou ingredientes do negócio) são definidas apenas por uma relação mútua específica (se eu tomar essas duas ações e simplesmente adicioná-las, elas não caracterizam um negócio, porque são ações que só são significativas quando coordenadas no âmbito de um contexto mais amplo, que não é a soma de suas partes). O "negócio", portanto, não é redutível a qualquer um ou a ambos os membros (ou indivíduos compostos), nem pode ser reduzido à soma de suas partes (ou interseções) – em outras palavras, um sistema não pode

ser reduzido a nenhum de seus parceiros, nem a suas partes. Somente as partes, quando reguladas pela ação do nexa não redutível a, nem derivável de, suas partes, podem conferir um status de sistema.

Ao mesmo tempo, a rede composta não pode existir e não existe fora, ou separada, dos indivíduos compostos que são seus membros. O sistema não está em lugar nenhum; o sistema está contido no resultado total de seus membros, embora não possa ser reduzido a ele. Esse "nós/istos" tem vida própria, uma vida que não pode ser deduzida dos (nem reduzida a) seus membros, e que não existe em nenhuma outra parte, exceto nas interações da soma total de seus membros. Daí por que a comunidade não é propriamente um indivíduo composto, mas uma dimensionalidade de indivíduos compostos – isto é, a dimensionalidade de seu estar-juntos, que não pode ser reduzida a eles, mas não existe em nenhuma outra parte. Um sistema é uma convenção de seres sencientes, não um ser senciente em si mesmo, e é composto de suas interseções, mas não apenas delas: um sistema tem propriedades emergentes (como todos os hólons) que não podem ser encontradas em quaisquer permutações e combinações de suas partes.

36. Ao mesmo tempo, o "logocentrismo" marcou o deslizamento da intersubjetividade para a interobjetividade, o que determinou muito da superficialidade que caracterizou o pós-modernismo. O "logocentrismo", como definido por Derrida, não significa uma confiança no lógos, na lógica ou na racionalidade (como tantos defensores do "novo paradigma" parecem crer). Ao contrário, para Derrida, o "logocentrismo" significa uma confiança na palavra falada em detrimento da escrita – e a palavra escrita é a palavra real da qual a palavra falada é uma deturpação – isto é, superar o logocentrismo é adotar a palavra escrita, não a palavra falada. Como veremos em excertos posteriores, esse foi o início do deslizamento da zona 2 para a zona 4 no pós-modernismo, o que significou um afastamento do estudo e interpretação dos interiores (e significados), uma negação dos significados e uma dependência em estudos de terceira-pessoa de significantes de terceira pessoa, quando então, como observado por várias autoridades, tornou-se indistinguível da teoria de sistemas heterogêneos, faltando completamente a ambos os interiores.

37. Amontoados ou artefatos não possuem "ação", nem intencionalidade, nem padrões autopoieticos ou autodefinidores.

38. A ação do nexa envolve como internos não os eventos acionados, mas os eventos interacionados de seus membros passados e presentes. É essa ação do nexa que transcende e inclui seus predecessores, tanto nos sistemas culturais quanto nos sociais – e.g., um "nós" cultural transcende e inclui seus "nós" prévios, construindo continuamente essa "vida própria". De certa forma, um hólón coletivo tem vida própria, mas não mente própria.

Novamente, onde traçar a linha entre hólón individual e hólón coletivo é uma tarefa escorregadia; o que se pode assegurar é que ambos são similares (e.g., ambos são hólons) e diferentes (e.g., mônada dominante). Eu venho usando frases como "tem vida própria, mas não mente própria" para indicar aspectos dessa relação escorregadia: "mente própria" implica intencionalidade individual e um espaço-eu, enquanto "vida própria" é mais vaga, mais amorfa, mais adequada a hólons coletivos – o que não quer dizer que o controle que o hólón coletivo pode exercer seja fraco ou ineficaz; às vezes, é extremamente eficiente e inevitável. Os indivíduos nascidos sob determinada ordem social pousam em um mar de contextos comunitários que exercem enorme controle sobre como eles pensam, o que eles pensam, como eles sentem, o que eles sentem, categorias de imparcialidade, retidão e verdade (vide, por exemplo, Mary Douglas, para não mencionar Durkheim). Mas essas ações-do-nexa coletivas ou comunitárias regulam, como continuaremos a ver, não os hólons, mas apenas as interseções de hólons com outros hólons (isto é, as ações-do-nexa não regulam todos os espaços de todos os hólons em todos os quadrantes).

As relações são complexas. Uma das tarefas de uma sociologia AQAL é rastrear os muitos modos por intermédio dos quais os nexos culturais, que regulam as interseções dos

indivíduos, tornam-se internos a eles, em que "interno" significa exatamente a definição que demos: "algo é interno a um hólon quando segue a ação do hólon". No processo de socialização, isso significa: aspectos das ações-do-nexo da sociedade, governando os espaços-nós ou as interseções dos indivíduos dessa sociedade, tornam-se um aspecto internalizado da ação ou espaço-eu do indivíduo que está sendo socializado. Em outras palavras, uma ação-de-rede é internalizada como parte da ação do indivíduo. Ou os códigos de internalidade de uma rede composta tornam-se parte dos códigos de internalidade de um indivíduo composto: os nexos reinantes de vários "nós" tornam-se parte dos códigos de internalidade da mônada dominante do indivíduo, definindo a fronteira eu/não eu. (Por exemplo, se o espaço-nós público condena a homossexualidade, os indivíduos socializados nesse espaço internalizarão esse julgamento, de tal forma que esses aspectos da ação do nexos tornam-se uma parte interiorizada do superego da mônada dominante. Se o indivíduo for homossexual, o comportamento marginal na esfera pública ou no espaço-nós torna-se um elemento reprimido no espaço-eu.)

No entanto, o espaço-eu não é meramente o produto do espaço-nós (ou nenhum indivíduo jamais poderia escapar de sua educação); nem o próprio espaço-nós é simplesmente o produto de um espaço-nós: o espaço-nós não é absolutamente um mecanismo de saber relativístico e arbitrário ajustado completamente por contextos locais, pois existem critérios de validade, que transcendem o contexto, construídos no âmbito do cálculo de perspectivas inerentes (ou então nós nem sequer poderíamos afirmar o contrário; a própria afirmação de que toda verdade é culturalmente relativa, a afirmação de que não existem afirmações que transcendam o contexto, é uma afirmação que transcende o contexto).

Uma das conclusões experimentais que emerge de uma sociologia AQAL é que a ação ou nexos reinante de um hólon (individual ou coletivo) é o inconsciente incorporado desse hólon. Para discussões sobre o inconsciente incorporado, como um dos cinco tipos gerais de processos inconscientes, vide *O Projeto Atman* (CW2), *Transformações da Consciência* (CW4) e *Psicologia Integral* (CW4). Investigar essas elaboradas interações no processo de socialização e internalização é uma das áreas mais frutíferas de uma sociologia integral ou AQAL.

39. Teoricamente, claro, situaríamos o poder da ação do nexos em algum ponto entre aquele da super-ação, de um lado, e o da "ação de um amontoado" ou "nenhuma ação", do outro (e.g., em algum ponto entre o poder que Daisy Mae exerce sobre suas moléculas – quase total – e o poder que um monte de folhas tem sobre cada folha – que é nenhum). O que isso realmente significa é explorado no texto.

40. Um hólon está dentro de um sistema de outros hólons quando as interações desse hólon com os outros hólons forem internas ao sistema (o que tecnicamente significa, um hólon é um membro – está dentro – de um sistema ou rede quando suas trocas inter-holônicas seguem – ou são internas a – os padrões, regras, códigos, ou ação do nexos do sistema; e um hólon está fora do sistema quando suas interações não seguem – ou são externas a – a ação do nexos do sistema).

Note que, em todos os casos, o hólon ou indivíduo composto propriamente dito (em sua totalidade ou inteireza) é externo a qualquer sistema (um dos pontos importantes de Luhmann); mas ele está dentro de um sistema se suas interseções forem internas ao sistema – ou seguirem o nexos reinante do sistema – e está fora do sistema quando isso não acontece. No primeiro caso, ele está fora e é externo; no último, ele está dentro e é externo. Isso é o que Luhmann quer dizer quando afirma que os indivíduos são externos ao sistema social dos quais são membros.

41. O estudo da cultura é o estudo de inúmeros nós e sua história. Esses hábitos cósmicos são transportados nas tetrapreensões das ocasiões reais, que são membros do círculo hermenêutico particular. Quanto mais forte o hábito, maior a probabilidade de encontrar o tipo respectivo de troca intersubjetiva desse nexos particular na matriz AQAL. Quanto mais antigo

o hábito cultural, mais profundamente arraigado ele está nesse nexos particular. Isso pode ser sadio (como em várias formas de solidariedade [vide Parte IV deste Excerto]), ou também doentio e desequilibrado (calcificado, rígido, mórbido, impossível de ser transcendido).

Como acontece na dinâmica do transcender e incluir de qualquer hólón (individual ou coletivo), quanto mais a "criatividade" e a "transcendência" tenderem para zero, maior será o peso da causalidade. Hoje é uma repetição de ontem, com pouca variação. Se a parte da transcendência em qualquer nexos for mínima, os aspectos de qualquer cultura estabelecer-se-ão como tradições (que, como vimos, não são necessariamente ruins; tradições sadias são as bases de qualquer cultura – um idioma estável, por exemplo; ou, exteriormente, um ecossistema estável). Uma tradição (ou sistema) sadia não muda frequentemente, mas pode mudar, dentro de certos limites, se pressões de seleção o exigirem; uma tradição doentia não só não muda, como não consegue mudar, e está, desse modo, condenada à extinção no próximo terremoto da paisagem AQAL. Em uma tradição (ou sistema) doentia, o próximo bolsão de turbulência no espaço-tempo da cascata AQAL danificará ou demolirá suas fronteiras culturais, romperá ou destruirá sua autopoiese social, deixará os indivíduos perdidos no tumulto de uma desordem social e, provavelmente, ocorrerá uma regressão para níveis mais baixos de interseções socioculturais – nos humanos, talvez do azul para o vermelho, por exemplo – e as sociedades, ao se recuperar, começarão a tetraevoluir lentamente a partir daquela altitude mais baixa do espaço AQAL.

Por causa da tetraenação, quaisquer hábitos cósmicos desenvolvidos por um indivíduo em uma cultura influenciarão as interseções de outros membros, e vice-versa. Os quadrantes tetraevoluem e, desse modo, um hábito cósmico profundo em um reverberará ou será expresso em todas as quatro dimensões. Se o hólón "roxo" é um hábito cósmico em indivíduos com aproximadamente cinquenta mil anos de idade, então ele também é um hábito cultural em todas as interseções de hólons "roxos". Não é que o hábito individual tenha surgido primeiro e o hábito do nexos depois; eles tetrassurgem e tetraevoluem. Como continuaremos a ver, investigar a tetraenação (ou "rastreamento simultâneo") é um metaparadigma fundamental do Pluralismo Metodológico Integral.

42. Todo "nós" tem uma história, uma história que pode ser acompanhada em seus próprios termos de primeira pessoa do plural (histórico-hermenêuticos), mas uma história que também está aninhada em outras dimensões de estar no mundo – uma história quadrática, se você preferir, ou tetracampos de carmas cósmicos. Cada uma dessas ocasiões quadráticas (eu, nós, isto, "istos") deixa rastros no Kosmos; cada uma delas contribui para (informa e limita) a presente tetraocasião, que deve transcender e incluir seu tetrapassado ou deixará de existir. A formação em V, como uma unidade social (QID), deve apresentar uma vantagem objetiva para a sobrevivência (e apresenta, como descoberto pelos humanos quando eles começaram as missões de bombardeio aéreo durante a Segunda Guerra Mundial: todos os bombardeiros voavam em formações em V porque isso dificultava aos predadores – aviões de caça inimigos, nesse caso – atingi-los). Mas a formação em V também deve se interconectar com preensões individuais (QSE), disposições genéticas (QSD) e história cultural (QIE), ou simplesmente se desfaz.

43. A respeito dos detalhes técnicos dos critérios de validade: começamos com uma ocasião real entranhada no complexo tecido do que é; vista sob a perspectiva de primeira pessoa do singular, observamos uma pressão exercida sobre aquela dimensão para alinhar-se adequadamente com seus próprios interiores, uma pressão de seleção de veracidade, que, se violada, confrontará o hólón interior com sua extinção (e.g., repressão, alienação, projeção). Vista sob a perspectiva de terceira pessoa do singular, observamos uma pressão exercida sobre o hólón para a sobrevivência objetiva – a necessidade da combinação dos mapas cognitivos do organismo com o mundo exterior (um critério de validade de verdade), que, se falhar, leva o organismo a defrontar-se com a extinção física. Vista sob a perspectiva de primeira pessoa do plural, observamos significado e propriedade, ou a necessidade de se combinar os interiores do hólón com os interiores de outros membros de uma coletividade, o que, em caso de falha, marginalizará seus interiores da ressonância mútua com os outros (a

pressão de seleção de equidade). Vista sob a perspectiva de terceira pessoa do plural, observamos o ajuste funcional, a pressão de seleção para inter-relacionar seus exteriores com outros exteriores ou encarar a extinção.

Essa não é uma tese de tetridentidade – o máximo que podemos dizer é "tetrainteração" e "tetraenação", porque essas perspectivas não são exaustivas ou definitivas. Sob a ótica do integralismo crítico, perspectivas dão à luz mundos, não simplesmente os refletem. Assim, cada perspectiva sobre a mesma coisa produz coisas diferentes. Consequentemente, quatro perspectivas inatas da mesma ocasião geram quatro ocasiões subdiferentes: infinitamente. Bem-vindo à sala de espelhos conhecida como o universo reflexivo.

44. Resumo: O dentro/fora e o interno/externo de um nós

Quando se trata de um nexos coletivo ou comunitário (um sistema de hólons), o que é interno a esse nexos são quaisquer interseções dos hólons que sigam seus padrões. Os padrões desse nexos reinante são os hábitos cósmicos de todos os nós passados cujas interseções são envolvidas pelo nós presente. Essa ação do nexos representa a onda de probabilidades de se achar um tipo particular de interação holônica em um espaço fenomenológico particular da matriz AQAL de perspectivas inerentes. Quanto mais antigo o hábito, maior a probabilidade. O que é externo a um nexos sociocultural é qualquer coisa que não siga a ação desse nexos específico.

Notamos que membros de um sistema ou rede estão dentro do, embora externos ao, sistema (suas interseções são internas ao nexos, sua individualidade não). Isso é verdadeiro tanto para sistemas culturais quanto sociais. De maneira geral, sempre que um indivíduo composto é forçado a ser interno a um nexos, o resultado é fascismo de um tipo ou outro.

Um ser senciente (um hólons senciente) está dentro de muitos sistemas sociais e ecológicos, mas é interno apenas ao seu próprio eu mais elevado. (Os seres sencientes estão dentro dos, e externos aos, sistemas, mas dentro do, e internos ao, Espírito – e o Espírito, como o Eu de todos os eus, é externo a todas as manifestações, mas todas as manifestações são internas ao Espírito – isto é, o Espírito transcende tudo e inclui tudo – quando então "dentro" e "fora" perdem totalmente o sentido na quiddidade não dual, a única coisa que é. Exploraremos essas importantes questões em excertos posteriores.)

Você e eu estamos dentro do "nós", mas somos externos a ele (porque você e eu não somos controlados pelo nós, somente nossas ocasiões intersubjetivas são). Um "estranho", por outro lado, é tanto externo ao, quanto está fora do, "nós" – exatamente como a carne indigesta em um exemplo anterior – nada contra os estranhos, claro (e nós todos somos estranhos para outros "nós" – um fato que, felizmente, pode ser remediado aumentando o círculo de compreensão mútua, ou o número daqueles que estão dentro dos "nós" – quando, então, o resultado final para um indivíduo composto pode muito bem ser um "Eu-eu" que transcende todos os eus, um "Nós" que inclui todos os seres sencientes como irmãos e um "Isto" como toda a manifestação radiante).

Em resumo, indivíduos compostos que são membros de um nexos cultural estão dentro do nexos, mas são externos a ele; suas interseções ou ocasiões intersubjetivas estão dentro do, e são internas ao, nexos; e as interseções com todas as terceiras pessoas que ainda não compartilham um círculo de compreensão (ele/ela/eles/elas) estão fora de, e são externas a, aquele nós. Tal "estranho" ou "outro" torna-se um "nos" ou um "nós" – ou um membro do nosso círculo hermenêutico – quando nossas interseções com o estranho seguem reciprocamente os padrões da ação do nexos do círculo ou "nós" particular (que continuamente cresce, evolui e transcende e inclui si mesmo à medida que se estabelece como carma cósmico). Como sempre, estamos dentro de um círculo associativo quando nossas trocas são internas à ação do nexos desse círculo.

Observe que, aqui, ainda estamos discutindo basicamente os seus e os meus interiores, bem como os interiores de um "estranho" ou "outro" (inclusive o novo vizinho que não fala Inglês). Não estamos discutindo exteriores, ou o que pode ser "visto" do "outro" no mundo sensório-motor. Estamos falando sobre sentimentos, consciência, identidade, valores e compreensão mútua nos mundos fenomenologicamente interiores do eu, nós e outros: quando se trata de um "nós", você e eu estamos dentro de, e externos ao, nós, significando que nossos indivíduos compostos estão dentro do círculo hermenêutico, mas apenas nossa comunicação (ou interseções no sentido mais amplo, inclusive telepreensões) são internas a esse círculo ou nexu. Por outro lado, os interiores de um "estranho" estão tanto fora do, quanto são externos ao, nexu cultural.

A comunicação em geral, claro, refere-se a uma troca (e/ou telepreensão) de signos, e todos os signos têm um significante (exterior), bem como um significado (interior). Aqui estamos discutindo basicamente os significados, cujo círculo de trocas segue a ação do nexu do círculo hermenêutico-cultural do nós particular (enquanto, exteriormente, o círculo de significantes trocados segue o nexu do sistema social ao qual esteja vinculado, inclusive sistemas ecológicos e sociais, como veremos). Os exteriores do vizinho estranho e os nossos (seus e meus) exteriores pertencem a muitos dos mesmos sistemas sociais (o ecossistema local, por exemplo), o que significa que nossos círculos de vínculos (significantes) sensório-motores são regulados pela ação do nexu desses sistemas. Nas dimensões exteriores (ou do Lado Direito), os exteriores de nós três juntos estão dentro do ecossistema local, mas são externos a ele (nossas trocas ou interseções exteriores, porém, são internas ao ecossistema).

Desse modo, indivíduos ou organismos compostos estão dentro de um ecossistema quando suas interseções exteriores são internas ao ecossistema – isto é, quando suas trocas interobjetivas são reguladas pela ação do nexu da rede ecológica – e estão fora de um ecossistema quando suas trocas interobjetivas não são reguladas pelo sistema particular. Em nenhuma situação, os organismos são internos a um ecossistema; somente suas comunicações ou interações interobjetivas o são. Portanto, um organismo está dentro de, mas é externo a, um ecossistema quando a interobjetividade do organismo for interna ao nexu reinante do ecossistema, e o organismo está fora de, e externo ao, ecossistema quando não o for. A única coisa que está dentro do, e é interna ao, ecossistema é o momento prévio do ecossistema – que não é composto propriamente de indivíduos, mas da comunicação entre eles: o que está dentro do, e é interno ao, sistema desse momento não são organismos, mas o sistema do momento anterior (isto é, o sistema dinâmico ou "istos" deste momento presente torna-se interno aos "istos" do momento subsequente de tetrapreensão; os ecossistemas de hoje transcendem-e-incluem os ecossistemas de ontem, não os indivíduos).

Essa visão, como veremos, permite-nos incluir as perspectivas autopoietica e sistêmica na ecologia – e, então, acoplar essas abordagens com o lado interior ou cultural de sistemas ecológicos, resultando no que parece ser uma ecologia genuinamente integral. Mas neste excerto estamos discutindo basicamente o lado interior desse nexu: não um sistema de terceira pessoa do plural "istos", mas uma cultura de primeira pessoa do plural "nós".

45. Nós somos membros de uma cultura quando as formas de estarmos juntos uns com os outros são aspectos internos dos espaços fenomenológicos a que cada um se refere quando dizemos "nós". Claro, aspectos desse nexu cultural são internalizados pelo – e são realmente internos ao – indivíduo composto, especialmente durante o desenvolvimento; e.g., o outro particularizado e generalizado de G. H. Mead. Vide nota 38.

46. Exemplos interobjetivos de comunicação incluem trocas de aromas moleculares entre abelhas e flores, troca de citocinas entre células, troca de glúons entre quarks etc. De maneira geral, é somente a partir das ondas de desenvolvimento laranja ou mais elevadas que a comunicação se torna intensamente autoreflexiva, mas a comunicação em geral é simplesmente o modo por meio do qual as várias perspectivas inerentes tocam-se umas às outras e, conseqüentemente, a comunicação segue infinitamente para baixo.

47. Vimos a mesma coisa, na forma singular, ao fazer amizade com "estranhos" na psique – "istos" de fora ou terceiras pessoas mudavam-se para dentro do círculo de primeira pessoa. Nesse caso, é primeira pessoa do plural, não do singular.

Note também que, onde quer que linguagens naturais contenham palavras como "nós", elas estão afirmando exatamente a existência de tal espaço fenomenológico (um espaço de primeira pessoa do plural), afirmação completamente aceita por um cálculo de perspectivas inerentes.

48. O pluralista pós-moderno, que situa a verdade em contextos culturais locais, contraditoriamente nega realidades interculturais enquanto aceita realidades interindividuais, quando ambas se deparam com problema idêntico: como dois indivíduos de qualquer lugar podem chegar à compreensão mútua é o único mistério aqui. Como duas pessoas de culturas diferentes podem se entender é insignificamente diferente de como você e eu podemos nos entender: o salto extraordinário é entre duas mentes, não entre duas culturas. Se existem realidades interindividuais suficientes entre hólons para constituir uma identidade cultural (como afirmado pelos pós-modernistas), então há realidades suficientes entre culturas para constituir um contexto global (o que é negado pelos mesmos pós-modernistas). O fato em questão é: ninguém entende como "tu" e "eu" nos tornamos um "nós", onde quer que isso aconteça – e privilegiar "nós" culturais interindividuais, como fazem os pós-modernistas, enquanto negam todos os outros, é mero absolutismo do meme verde.

Na metateoria AQAL, o mistério do significado idêntico é tratado pelo reconhecimento do outro, anterior ao Mistério – o Espírito – que, de uma forma metafórica, não assertiva, (vide nota 15), é o Eu não dual de todos os inter-eus, a Subjetividade absoluta de toda intersubjetividade, que permite a ocorrência da compreensão. Quaisquer dois seres sencientes podem se conhecer um ao outro – não porque você e eu somos parte de uma super-eu, mas porque existe apenas um super-Eu (ou Eu-eu) que é idêntico em, e como, todos os eus individuais, a subjetividade absoluta não local única que habita todos os sujeitos e, desse modo, os une, não os fundindo, mas exibindo sua não dualidade simultânea.

Nota 1 do capítulo 8 de *Sexo, Ecologia, Espiritualidade*:

Note que Emerson lida com o "significado idêntico" de Habermas de uma forma muito direta: não é que nós meramente assumimos significado idêntico a fim de que a conversação flua; é que, no nível mais profundo, nós compartilhamos um Eu ou Natureza comum, isto é, Deus, e é por isso que a conversação pode fluir! O ponto ômega de compreensão mútua de Habermas, embora ainda verdadeiro, é contextualizado mais amplamente pelo ponto ômega de identidade mútua de Emerson (e nisto Emerson alinha-se a uma longa descendência, desde Plotino através de Schelling até ele, como veremos). Para Habermas, o "quem" do *Dasein* é encontrado na *rotação* do círculo intersubjetivo; para Emerson, o "Quem" é simplesmente Deus.

Assim, Emerson se refere à Sobrealma como "aquele coração comum da qual toda conversação sincera é a adoração." Hölderlin: ". . . nós sorrimos tranquilamente, sentimos nosso próprio Deus na conversação íntima, em uma canção de nossas almas".

49. Tecnicamente, há uma diferença entre "intersubjetividade compartilhada" e "subjetividade compartilhada". A única maneira de ocorrer um compartilhamento direto de subjetividade é por telepreensão (que, na minha opinião, existe, pelo menos, nas três formas esboçadas; essas formas com certeza contribuem para um círculo hermenêutico; na verdade, elas o estabelecem). Mas um círculo hermenêutico também consiste nas várias trocas intersubjetivas, tais como signos e símbolos, esses representando intersubjetividade compartilhada, não especificamente subjetividade compartilhada.

O fato surpreendente e misterioso sobre um "nós" é que os significantes/sintaxe compartilhados evocam/ressoam significados/semântica compartilhados, de tal modo que eu

posso vir a reconhecer um eu em cada outro. O "mecanismo" dessa intersubjetividade, como observado, é um Eu-eu comum em, e para, todos os eus. Esse Eu-eu, porém, é de um tipo tão diferente de qualquer eu finito, a ponto de não poder ser usado como base para uma filosofia ou psicologia teóricas, porque é radicalmente vazio (ou *shunya*) de todas as qualificações ou conceituações possíveis. Esse Eu-eu revela-se como uma realização não dual, não como um fundamento teórico. Vide notas 15, 48, 50, 51, 54, 55.

50. "Solidariedade" geralmente significa "tradição cultural" e tradição, obviamente, significa algum tipo de história passada; é por isso que eu a defino, nesse sentido, como hábito cósmico no QIE. Mas para a metateoria AQAL, a solidariedade no momento presente também é estabelecida pelas muitas formas de telepreensão, como ressonância harmônica imediata; e essas formas não estão tecnicamente no passado ou na tradição, mas no imediatismo do momento-agora. Desse modo, a solidariedade envolve de fato não só a tradição de muitas maneiras, como também se apoia na vividez presente de diversas formas de telepreensão.

Claro, consideram-se principalmente os componentes passados ou tradicionais da solidariedade hermenêutica quando se está tentando interpretar os signos e símbolos comunicativos de hólons não mais presentes – e.g., lendo um livro de um autor falecido ou descobrindo uma civilização perdida. Aqui se é forçado a confiar em abordagens meramente reconstrutivas – ou usar artefatos de terceira pessoa para reconstruir um fac-símile de realidades de primeira pessoa. Abordagens reconstrutivas (e os aspectos reconstrutivos de outras abordagens) caem geralmente no âmbito da zona 2 – os foras dos interiores – e como tais serão discutidas no Excerto D, mas precisam ser reconhecidas neste momento.

A hermenêutica com seres sencientes vivos é uma tentativa para conhecer e entender os interiores de outro hólón ou ser senciente, uma tentativa que se vale tanto de uma versão do modo 1 (como ressonância harmônica) quanto do modo 2 (ou vários tipos de troca comunicativa, linguística e outras). Enquanto a ressonância harmônica pode me proporcionar algum tipo de acesso empático aos interiores de outros, a troca comunicativa é uma tentativa de reconstrução dos seus interiores a partir de dentro dos horizontes dos próprios interiores (embora de uma forma mediada; isto é, um resultado reconstituído de uma troca de símbolos ou de significantes de algum tipo) – com a suposição de que eu compartilho suficientemente esses tipos de interiores de forma que, em um certo ponto, atingirei uma ressonância bastante autêntica com esses interiores (conseguindo até mesmo uma empatia harmônica). Em resumo, por meio de uma troca de sinais (ou de significantes) de terceira pessoa, eu tento entender realidades de segunda pessoa ("tu") não como um objeto ou "isto", mas como um sujeito ou uma primeira pessoa "eu" – um portador de consciência, significado e intencionalidade – até o ponto em que nós podemos falar corretamente, com os hermeneutas, de um horizonte compartilhado (que significa: dentro de interiores compartilhados), em que seu "eu" e meu "eu" se sobrepõem de modos significativos. Isso pode até evocar uma empatia harmônica de primeira pessoa para primeira pessoa como parte de uma compreensão mútua autêntica. Em ambos os casos, "eu" e "você" compartilhamos um "nós."

Eu incluo a hermenêutica (com seres vivos) e a pesquisa colaborativa na zona 1 (embora ambas também dependam fortemente da zona 2 ou troca comunicativa), porque elas apoiam-se, em última instância, em telepreensões de ressonância harmônica e no Eu transcendental. Elas podem começar de forma reconstrutiva ou estrutural, mas normalmente acabam em significados percebidos como ressonância direta. (Caso contrário não haveria parada na cadeia de significação e nunca estaríamos aptos a falar: entendo o que você quer dizer – a hermenêutica seria apenas estruturalismo.) Vide notas 15, 48, 49, 51, 54, 55.

51. Desde que também tenhamos algum tipo de experiências compartilhadas reais no âmbito do espaço azul que estamos enagindo (tal como um tratamento de canal). Portanto, experiências compartilhadas são importantes para a compreensão mútua, mas elas pressupõem tanto solidariedade horizontal quanto vertical, ambas sustentadas por telepreensão.

Em outras palavras, uma visão AQAL global reconcilia experiências de vida compartilhadas laranja-modernistas, contextos culturais verde-pós-modernistas, desenvolvimentismo de segunda camada e o Eu transcendental de terceira camada (telepreensão) – todos elucidando o importante conceito de solidariedade.

52. Igualmente, o momento presente compreende o momento prévio, mas não vice-versa – o que, como frequentemente ressaltamos, é a micro-holarquia de Whitehead embutida na estrutura de toda experiência, embora tenhamos expandido preensão para tetrapreensão. A palavra "compreender" funciona maravilhosamente nesse ponto: a ocasião sênior *compreende* a júnior, mas não vice-versa. A tetrapreensão de cada momento compreende a tetrapreensão do momento prévio: carma cósmico em todos os quatro quadrantes.

53 Vide *Um Deus Social* para uma discussão inicial sobre legitimidade e autenticidade na solidariedade. A legitimação cultural (ou legitimação de visão de mundo) é o correlato dentro-interior-plural (QIE) da integração de sistemas sociais (ou fora-exterior-plural; QID). Legitimação, como frequentemente repito, é um tópico tão importante quanto outros já considerados. Porém, o que faz com que a legitimação deixe de ser um acordo meramente convencional, é que ela se ajusta em redes de critérios de validade intrínsecos a perspectivas inerentes (vide nota 43). Para a metateoria AQAL, isso nos permite aproveitar o importante trabalho dos pós-modernistas e hermeneutas, mas sem sucumbir a seus absolutismos de quadrante.

Isso também permite que a metateoria AQAL entre em ressonância com características centrais do maior filósofo vivo do mundo, Jürgen Habermas. A base do trabalho de Habermas é o conceito de três importantes critérios de validade (verdade, veracidade, imparcialidade), que estão subjacentes a tudo, desde seu pragmatismo formal até sua sociologia e política. Esses três critérios são, claro, condições de aceitabilidade dos Três Grandes do eu, nós e isto (embora eu adicione um critério de validade não considerado por Habermas – ajuste funcional – totalizando quatro critérios de validade: os quatro quadrantes. Habermas veria o ajuste funcional como uma variação da verdade; mas eu diferencio verdade em representações singulares e plurais porque, fenomenologicamente, elas são bastante diferentes: o modo de me relacionar com um objeto é diferente do modo de me relacionar com trocas entre objetos).

Um crítico do meu trabalho afirmou que os critérios de validade de Habermas foram "pregados" no Modelo AQAL de uma forma *ad hoc*, quando fica bastante óbvio que os critérios de validade do eu, nós e isto são intrínsecos à estrutura AQAL, infinitamente para baixo (e foram desenvolvidos sem nenhuma referência a Habermas). De fato, uma das vantagens de AQAL em relação ao trabalho de Habermas é que AQAL provê uma estrutura que antecede a estrutura de Habermas (ambas são pós-metafísicas). Usando AQAL ou SOI podemos ver, por exemplo, como os critérios de validade de Habermas estendem-se para baixo até a natureza (os quadrantes vão infinitamente para baixo), um entendimento que falta em Habermas, o que o impediu de poder usar sua estrutura para gerar uma ética ambiental além das trocas comunicativas entre humanos. Usando AQAL, podemos ver os critérios de validade (ou se preferir, seus precursores) estendendo-se infinitamente para baixo até "formas inferiores" da natureza; desse modo, o acordo comunicativo alcançado pelos humanos nada mais é que a ponta de uma rede inter-holônica encontrada nos átomos, formigas e macacos.

54. Isso para não mencionar o compartilhamento supremo da intersubjetividade ou solidariedade, isto é, o Espírito vazio não dual que um paradigma causal/não dual desvela como inerente à ação de todos os hólons, do topo ao fundo (vide nota 55). Por todas essas razões, os átomos não têm apenas uma semelhança exterior de forma, mas também uma semelhança interior de percepção-preensão (ou uma solidariedade atômica), e é isso que é crucialmente importante para que eles possam registrar a existência uns dos outros, porque na metateoria AQAL, a ação interior de cada hólón cria uma abertura ou clareira na qual cada hólón pode surgir para si e para os outros; cada ação do hólón é um paradigma ou ação de enação que dá à luz, cocria ou tetraenage um espaço de mundo fenomenológico, espaços de mundo que podem se superpor e permitir comunicação porque, e só porque, a ação de cada

hólón intercepta a Ação de todos os outros, e o faz em cada caso particular no nível específico da própria profundidade do Espírito: ressonância harmônica é profundidade repercutindo com profundidade semelhante, ecos da autopreensão do Espírito no mundo de suas próprias formas. Vide SEE: "A ação de cada hólón estabelece uma abertura ou clareira na qual hólons com profundidade semelhante podem se manifestar mutuamente: ação-em-comunhão (infinitamente para baixo)". (CW6, p. 570).

55. Solidariedade e Internalidade Pós-Kantiana. Se a discussão precedente for suficientemente verdadeira, chegamos a uma abordagem pós-kantiana para o problema de "conhecer um outro" (ou como um "sujeito aqui" pode conhecer um "objeto lá fora"). Por exemplo, note (na Fig. 1) a sequência de hólons no Quadrante Superior Direito: átomos, moléculas, células, organismos, organismos com cordão neural (e.g., camarões), organismos com bulbo cerebral (e.g., lagartos), organismos com sistema límbico (e.g., cavalos), organismos com neocórtex (e.g., macacos).

As epistemologias convencionais enfrentam o seguinte problema: como posso eu, como sujeito, conhecer algo sobre, digamos, uma pedra, uma árvore, uma rosa ou qualquer outro objeto lá fora? O sujeito conhecedor é geralmente de uma natureza diferente da do objeto conhecido e, desse modo, o salto de um até o outro no ato de conhecer é difícil ou até mesmo impossível de ser explicado. E em um certo ponto, não nos deparamos com a eternamente desconhecida coisa-em-si, que, em princípio, está ontologicamente escondida para mim?

Mas com uma visão holônica, já que cada hólón transcende e inclui seus predecessores (tanto interior quanto exteriormente), em muitos casos, o sujeito conhecedor contém como parte de sua composição interior alguns dos mesmos tipos de hólons que está buscando conhecer exteriormente. O cientista, por exemplo, que está observando uma ameba em seu microscópio (um hólón unicelular), que existe "lá fora", também contém vários tipos de hólons unicelulares dentro de si. O cientista, como todos os hólons, é um indivíduo composto, composto de todos os seus predecessores evolucionários – isto é, composto de todos os hólons duradouros ou hábitos cósmicos que evolucionariamente reuniram-se como sub-hólons para produzir unidades individuais cada vez maiores em hólons crescentemente complexos – resultando, nesse caso, no próprio cientista que, agora, contém em si mesmo partículas subatômicas, átomos, moléculas, células, cordões neurais, bulbo cerebral, sistema límbico, neocórtex...

Desse modo, quando os cientistas tentam conhecer várias entidades no mundo exterior, eles, genericamente, não enfrentam um divisor ontológico entre o sujeito conhecedor e o objeto conhecido, porque sua própria estrutura interna contém tipos de hólons semelhantes. Mais importante, sob uma visão quadrática, isso significa que os humanos não só contêm, por exemplo, células específicas em sua própria composição – células cujos exteriores podem ser vistos em um microscópio – como também abrigam em sua própria estrutura os interiores das células, ou preensões celulares, os quais são parte intrínseca da consciência de um hólón humano. Portanto, ainda que amplamente pré-consciente, o cientista humano compartilha uma cultura celular ou solidariedade celular com células no mundo exterior, e essa solidariedade celular é parte daquilo que permite a ocorrência do conhecimento das células em primeiro lugar. A lacuna entre sujeito e objeto (inclusive o objeto como a coisa-em-si) é fundamentalmente resolvido em teoria: eles compartilham, naquele nível da matriz AQAL, uma intersubjetividade celular ou solidariedade cultural que permite que o conhecimento e a compreensão ocorram. (E igualmente para outros níveis: solidariedade atômica, solidariedade do cordão neural etc.)

O "problema difícil" como geralmente chamado – isto é, como explicar o salto de objetos exteriores ou materiais para qualia ou percepções internas – é gerado quando teorizadores só dão atenção aos exteriores dos objetos (e não também a seus interiores) e, desse modo, tentam "curar" uma "fissura" entre sujeito e objeto apresentando uma explicação de como a matéria exterior salta para as qualia interiores, quando, de fato, não acontece tal salto, não assim. O interior do cientista cujo exterior está percebendo uma célula exterior está

simultaneamente ressonando com o interior da célula; essa parte do "problema difícil" não é resolvida explicando o salto da célula material exterior para as qualia interiores do cientista, mas percebendo que a "fissura" já está curada na realidade do cientista, cujos próprios interiores e exteriores surgem juntos simultaneamente.

Isto é, conhecer a mim mesmo em um modo de primeira-pessoa e conhecer a mim mesmo em um modo de terceira-pessoa – o que, claramente, posso fazer, desde que esteja consciente de mim – é o mesmo problema difícil de relacionar o conhecimento de primeira-pessoa de uma célula de terceira pessoa. O problema difícil, nesse sentido, não é realmente a relação entre mente interior e matéria exterior, mas a relação de primeira-pessoa para terceira-pessoa onde quer que surja. Eu estou simplesmente sugerindo que o mediador em ambas as situações seja a primeira pessoa do plural: a célula é realmente um ser senciente, um tu, e assim qualquer contato exterior com outro ser senciente propicia uma ressonância interior simultânea no mesmo nível – isto é, uma solidariedade celular que tanto a célula quanto o cientista possuem – e essa interinterioridade é um ingrediente crucial de qualquer tipo de conhecimento.

(A apreensão pode ocorrer na outra direção, das células para o cientista? Sim, as células conhecem o cientista, mas só como células. Não existe solidariedade de neocórtex/opform, por exemplo. Note também que mesmo que eu não contenha pedras ou montanhas, contendo os hólons que elas contêm.)

A propósito, essa é a razão pela qual um conceito pós-moderno de intersubjetividade pode coexistir com a existência de uma objetividade científica mediada (ou interobjetividade). Para a maioria das formas de pós-modernismo, a existência da intersubjetividade elimina qualquer forma de objetividade, enquanto que, para uma abordagem integral, de segunda camada ou metaparadigmática, a intersubjetividade e a objetividade surgem inseparavelmente como dimensões simultâneas da natureza quadrática da matriz AQAL momento a momento. Afirmar que o cientista e a célula compartilham uma solidariedade cultural que só pode ser percebida de dentro (e é interpretativa em muitas de suas formas), não significa que eles também não compartilhem uma exterioridade, que é "objetiva", qualquer que seja o significado dado a essa palavra. (Essa cognição amarela "ambos/e" é "grego" para a cognição verde; daí porque, podemos supor, ela raramente aparece no pluralismo pós-moderno.) Em resumo, como sugeri anteriormente, no plano relativo ou manifesto, o problema "mente-corpo" é tratado por tetrapreensão (não pode ser tratado apenas por apreensão whiteheadiana, por razões que já discutimos ao longo desta apresentação).

Quanto ao "derradeiro" problema mente-corpo, ele só será resolvido por satori. (Vide Psicologia Integral, cap. 14). Isto é, colocado metaforicamente: a capacidade de conhecimento do Kosmos ocorre porque, em última instância, existe somente um Conhecedor em todos os hólons; isto é, a capacidade de conhecimento acontece não só por causa da tetrapreensão (ou tetrarressonância), que inclui a solidariedade cultural como um de seus quatro pilares, mas também porque o Espírito, adimensional, inqualificável, indizível é o centro vazio da ação ou subjetividade de todos os hólons, o Sujeito não dual que é a essência última, não local, instantânea de toda intersubjetividade. Solidariedade cósmica significa simplesmente que nós – você e eu – pertencemos, em última instância, a uma cultura única com todos os seres sencientes, do topo ao fundo e, conseqüentemente, podemos, em nossos diversos graus, entrar em ressonância com outros seres sencientes de forma autêntica. A autenticidade (ou veracidade) deles pode ressonar com a minha autenticidade (ou veracidade), de forma que não só existe verdade objetiva, ou um sujeito conhecendo fielmente um objeto, como também uma veracidade compartilhada ou apresentação do eu-ser, tal que meu sujeito não conhece um outro meramente como um objeto, como um isto, como uma coisa de terceira pessoa, mas meu sujeito ressona com aquele sujeito, com aquele ser senciente, com aquele tu e, portanto, nós compartilhamos uma fatia de solidariedade cultural nas profundidades em que nossas canções estejam harmonizadas.

Decididamente, eu posso conhecer um outro não só porque nossos exteriores se tocam (uma terceira pessoa colidindo com outra terceira pessoa na visão de lugar nenhum), mas porque "a canção única de nossas almas" na profundidade harmônica nos permite estar consciente um do outro. Essa não é uma colisão de terceira pessoa em uma estrada *flatland*, mas um ser consciente de primeira pessoa vibrando com a alegria secreta de encontrar outro ser consciente de primeira pessoa na estrada de nossa afinidade. Podemos perdoar machos humanos racionais por eles colocarem rapidamente tudo isso em termos abstratos de terceira-pessoa e, a partir daí, não conseguirem compreender o problema difícil, que, de fato, posto nesses termos, não é só difícil, mas ligeiramente psicótico: o problema difícil, como geralmente apresentado, é simplesmente a tentativa para apagar primeiras pessoas do Kosmos tão depressa quanto possível e substituí-las por marcadores exteriores de terceira pessoa, presumivelmente para evitar toda essa bagunça que acompanha primeiras pessoas e segundas pessoas, relacionamentos e compromissos, machos agentes em revoada da comunhão, olhando fixamente pelo microscópio, perguntando-se como podemos conhecer alguma coisa...

Solidariedade cultural significa, entre outras coisas, que um ser consciente de primeira pessoa apresenta-se para outro ser consciente de primeira pessoa e, em uníssono, entram em ressonância com sua afinidade, que não é uma verdade encontrando outra verdade, mas uma veracidade tocando outra veracidade. Solidariedade cultural, solidariedade cósmica, significa que, em última instância, o universo não mente para mim. Seres conscientes são essencialmente verazes ou não se conseguiria que o Kosmos se manifestasse de alguma forma funcional. O Kosmos como um todo é muitas coisas, mas não é uma enorme família disfuncional.

Em resumo, solidariedade cósmica é a solidariedade derradeira ou não dual, ou a intersubjetividade radical de todos os hólons, estabelecida por sua interseção com um Sujeito ou Eu único, adimensional, eterno, que não é "um" ao invés de "muitos", mas um sem um segundo, ou radicalmente não dual. Desse modo, no plano relativo, as células podem se conhecer umas às outras devido, em parte, à sua solidariedade cultural celular; no plano derradeiro, elas podem se conhecer umas às outras porque existe somente um Conhecedor, uma solidariedade cósmica que infinitamente, imediatamente, eternamente interliga os interiores do Kosmos completo na simultaneidade amorosa de apenas isto, apenas aqui, apenas agora.

Nesta apresentação, estou enfocando mais o plano relativo da solidariedade cultural, mas o plano não dual da solidariedade cósmica não deve ser esquecido, porque, em primeiro lugar, simplesmente não se consegue intersubjetividade sem inter-Subjetividade. Ao mesmo tempo, lembre-se de que quaisquer afirmações "últimas" são metafóricas (vide notas 15, 48, 49, 50, 51). (Ver "Semiótica Integral"^L.)

56. Na abordagem de Whitehead ("dialógica parcial"), interno significa que um objeto é interno a um sujeito, e unificação preensiva é uma internalização de redes de objetos apreendidos. Assim, toda intersubjetividade é composta de objetos que uma vez foram sujeitos. Uma formulação mais completa ou integral, porém, inclui um "nós" interno a outros "nós" na tetrapreensão contínua deste e de cada momento, e "nós" não são compostos de sujeitos apreendendo objetos coletivos, mas de sujeitos emergindo emaranhados na intersubjetividade à medida que surgem (ou na simultaneidade de seu surgimento). O limite de estruturas intersubjetivas não é imposto a sujeitos porque eles apreendem coleções de objetos que, uma vez, já foram sujeitos; ao contrário, o limite é imposto aos sujeitos à medida que surgem como sujeitos: o sujeito preensivo é limitado na apreensão, não meramente no apreendido. Além disso, aspectos da intersubjetividade não são objetos que já foram sujeitos; são sujeitos que nunca se tornam objetos, mas permanecem como a malha através da qual emergem sujeitos preensivos. Isso é apenas outra forma de dizer que a apreensão whiteheadiana, embora importante, capta graciosamente apenas a consciência perceptiva do

QSE (à medida que se apreende e apreende os objetos do QSD). Você pode "forçá-la" a funcionar para vários aspectos da intersubjetividade, mas isso exige epiciclos; e mesmo assim, ela, definitivamente, não cobre a simultaneidade da telepreensão (tanto na empatia harmônica quanto no Eu transcendental), cuja existência foi explicitamente negada por Whitehead (como David Ray Griffin reconheceu; vide "*Os Críticos Deturpam Minha Posição?*", *Apêndice A*", em www.ariraynsford.com.br). Por todas essas razões, a preensão e a internalidade de Whitehead não cobrem a solidariedade; é um dialógico monológico, não um dialógico dialógico.

Anexo A

Excertos futuros de *Kosmic Karma and Creativity*

Excerto E: O agrupamento das zonas (não publicado)

Parte I: Zonas 3 e 4: Os dentro e foras de exteriores

Autopoiese e teoria de sistemas

As distinções importantes começam a emergir

A autopoiese não é preensão, o acoplamento estrutural não é solidariedade

Integração das 4 zonas

Abordagens típicas do Quadrante Inferior Direito

Parte II: Semiótica integral

A revolução linguística

Sintaxe: linguagem de fora

Semântica: linguagem de dentro

A linguística abrangente de Habermas conectada ao resto do Kosmos

A clareza surpreendente do paradigma evolucionário

As opções desagradáveis do dilema pós-moderno

Primeiros movimentos em direção ao integral

No limiar da síntese do futuro: pronunciar os muitos nomes do Espírito

Excerto F: Pós-metafísica Integral (não publicado)

Uma breve história de compercepções sensório-motoras

Da Grande Cadeia ao Pós-pós-modernismo

Qual é o significado de "físico"?

Qual é o significado de "metafísico"?

Qual é o significado de "pós-metafísico"?

Três curvas na estrada para a Pós-metafísica Integral

A curva naturalista (Modernismo)

A curva linguística (Pós-modernismo)

A curva integral (Pós-pós-modernismo)

A Matriz AQAL no mundo atual

Anexo B

Uma matemática integral de perspectivas primordiais

Começemos esta exposição resumindo os dois primeiros parágrafos do texto onde é apresentada a matemática integral:

Se chamarmos esse primeiro horizonte de eventos de uma "experiência de primeira pessoa de realidades de primeira pessoa", podemos representar isto como $(1p \times 1p)$, onde "1p" significa "primeira pessoa". Esse é o início de uma matemática integral baseada não em variáveis, mas em perspectivas. Para os interessados, desenvolverei essa formulação matemática do cálculo integral no Anexo B e em uma série de notas futuras, sugerindo como um Kosmos é construído de perspectivas, não de coisas, ou de eventos, ou de percepções, ou de processos. Honestamente, você não tem de compreender isso; é simplesmente um sistema conceitual útil para nos lembrar de honrar todas as perspectivas primordiais; se formulação matemática não é sua praia, sinta-se à vontade para pular esta parte – tudo que você precisa conhecer são os princípios básicos dessas perspectivas representados nas figuras 2 e 3 (pp. 4 e 5).

Resumidamente: "1p" é primeira pessoa, "2p" é segunda pessoa, e "3p" é terceira pessoa – representando pessoas reais, mas não específicas – e "1-p", com hífen, significa uma perspectiva de "primeira-pessoa" relativa à pessoa que faz a afirmação, independentemente se essa perspectiva é de uma primeira, segunda ou terceira pessoas (e, da mesma forma, "2-p" e "3-p"). Desse modo, por exemplo, se eu fizer uma afirmação, eu diria que sou a primeira pessoa (1p) falando com você (2p). Mas sua segunda pessoa obviamente também é um "eu", ou uma primeira pessoa, sob seu ponto de vista; então, se eu estiver fazendo uma afirmação sobre você, e a fim de honrar sua perspectiva, eu teria de dizer que sua segunda pessoa tem uma primeira pessoa: $2p(1p)$ – o que significa, a primeira pessoa da segunda pessoa com quem estou falando. Igualmente, "ele" não é meramente uma terceira pessoa (3p), mas uma terceira pessoa que também tem consciência e apreensão – $3p(1p)$ – o que significa: a primeira pessoa da terceira pessoa de quem estou falando.

Portanto, se eu estiver consciente de você, não é meramente $1p \times 2p$, mas, sim, minha primeira pessoa está consciente de você, que também tem sua própria primeira pessoa: $1p(1p) \times 2p(1p)$, o que significa: minha primeira pessoa está falando com sua primeira pessoa.

É óbvio que posso abordar sua consciência como um sujeito em diálogo ou um objeto a ser estudado – isto é, posso estar ciente de sua pessoa de um modo de primeira-pessoa (1-p) ou de um modo de terceira-pessoa (3-p), entre outros – desse modo, $1p \times 1-p \times 2p$, para abordá-lo de um modo de primeira-pessoa, e $1p \times 3-p \times 2p$, para abordá-lo de um modo de terceira-pessoa. Expandindo cada um desses termos na forma anteriormente mencionada – onde você não é apenas 2p, mas $2p(1p)$ – obtemos: $1p(1p) \times 1p(1-p) \times 2p(1p)$, o que significa: tenho uma visão subjetiva de você, ou, de uma forma mais detalhada: minha primeira pessoa conhece, de um modo de primeira-pessoa, sua primeira pessoa; e $1p(1p) \times 1p(3-p) \times 2p(1p)$, que significa: minha primeira pessoa conhece, de um modo de terceira-pessoa, sua primeira pessoa, o que simplesmente quer dizer que estou vendo você de uma forma objetiva, estou levando em conta (ou tentando levar em conta) sua primeira pessoa sob um ponto de vista de terceira-pessoa. Por outro lado, se eu fosse um cientista tentando estudar você apenas de um modo de terceira-pessoa, isto seria: $1p(1p) \times 1p(3-p) \times 2p(3p)$, o que significa, minha primeira pessoa tem uma visão de terceira-pessoa de sua terceira pessoa (ou daqueles seus aspectos que são objetivos e podem ser estudados como um objeto, tais como sua massa, energia, bioquímica etc.).

Agora, minha visão, compreensão ou interpretação de primeira-pessoa de você, $1p(1p) \times 1p(1-p) \times 2p(1p)$ (o que significa, minha primeira pessoa tem uma visão de primeira-pessoa de sua primeira pessoa), pode ou não combinar com sua visão de si mesmo, $2p(1p) \times 2p(1-$

p) x 2p(1p) (o que significa, sua primeira pessoa tem sua visão de primeira-pessoa de sua primeira pessoa). Se essas duas percepções combinam, então temos:

$$1p(1p) \times 1p(1-p) \times 2p(1p) = 2p(1p) \times 2p(1-p) \times 2p(1p)$$

o que significa, no âmbito dos elementos indicados, minha compreensão de primeira-pessoa de sua primeira pessoa é igual a sua compreensão de primeira-pessoa de sua primeira pessoa. Isto se chama compreensão mútua.

O mundo real não é composto de variáveis sobre domínios cujas operações podem ser equalizadas em um modo de terceira-pessoa, mas, sim, de perspectivas de seres sencientes cujas reflexões mútuas podem ressoar umas com as outras. Uma matemática integral de perspectivas inerentes tem por objetivo ser um sistema de notação para o mundo real, o qual é uma Rede de Indra^M de ressonâncias harmônicas entre seres sencientes apreendendo uns aos outros indefinidamente, e não uma grade ou rede de partículas de terceira pessoa chocando-se entre si em um espaço geométrico.

Desnecessário dizer, esse sistema de notação pode-se tornar muito complexo bem depressa. Parece ser uma forma completamente nova de matemática que, claro, pode levar anos para ser desenvolvida em suas dimensões plenas. Vislumbrei provavelmente mais ou menos 3% dessa nova paisagem, mas alguns pontos muito interessantes já vieram à tona (até agora escrevi cerca de cem páginas de equações só para ver o que pode estar envolvido). De vez em quando, nos próximos meses (e anos), colocarei na Internet ou publicarei algumas investidas na matemática de perspectivas para os interessados no assunto. É óbvio que a parte abstrata da matemática é notoriamente um jogo para homens jovens (a idade média do descobridor de *insights* matemáticos de vanguarda é 23 anos; abstrações apoiadas por intensa testosterona parece ser o segredo aqui). Mas talvez eu possa lançar luz suficiente nos estágios iniciais de uma matemática senciente para incentivar outros indivíduos; e ao apresentar uma versão de meia-idade, ela pode surgir numa forma suficientemente diluída para interessar vagamente outras pessoas que também se encontram em um clímax matemático longe do zênite.

Para começar, e com referência às equações precedentes, precisamos adicionar formas singular e plural para cada um dos termos (e.g., primeira pessoa do plural é 1p*pl ["nós" ou "nos"] e primeira pessoa do plural hifenizado é 1-p*pl ["nosso"]). Por exemplo, uma versão de "eu acho que nós concordamos que George é uma boa pessoa" é: 1p(1p) x 1p*pl(1-p*pl) x 3p(1p), que significa: minha primeira pessoa tem uma percepção da nossa percepção (primeira-pessoa do plural) da primeira pessoa do George. Naturalmente, você tem seu entendimento de como nós vemos George, 2p(1p) x 1p*pl(1-p*pl) x 3p(1p), que significa, sua segunda pessoa tem uma percepção de nossa visão de primeira-pessoa da terceira pessoa. Se você concordar com a minha visão de como nós vemos George, então:

$$1p(1p) \times 1p^*pl(1-p^*pl) \times 3p(1p) = 2p(1p) \times 1p^*pl(1-p^*pl) \times 3p(1p)$$

O ponto fundamental desse tipo de matemática é que, no mundo real, hólons (seres sencientes) conectam-se uns aos outros não apenas por superfícies topográficas exteriores, que podem ser representadas por variáveis quantitativas e operações abstratas em equações matemáticas, mas também por ressonâncias interiores, significados percebidos e perspectivas compartilhadas, que podem ser representados por círculos superpostos de horizontes de evento qualitativos, sugeridos nos termos de um cálculo integral de perspectivas inerentes. A matemática integral é simplesmente um esboço do que acontece quando seres sencientes tocam seres sencientes: existem perspectivas de primeira, segunda e terceira

M. Indra é o deus das tempestades no Hinduísmo. A Rede de Indra, um infinito composto de infinitos, é uma malha que cobre todo o mundo. Onde os fios da rede se cruzam, existe um espelho; desse modo, cada ponto da rede reflete todos os outros. Assim, a separação dos objetos é uma ilusão, uma das confortáveis mentiras de *Samsara*. (N.T.)

peças em primeiras, segundas e terceiras pessoas indefinidamente: um 123 de um 123 de um 123 de um 123...; é por isso que o Kosmos é construído de perspectivas, não de percepções, não de eventos, não de processos, não de teias, não de sistemas, pois todos esses são, antes de tudo, perspectivas.

Além disso, parece que quando esses termos multipessoais da matemática integral são meramente termos de terceira pessoa, então, em muitos casos, o cálculo integral colapsa para espaços abstratos típicos captados pelas várias matemáticas de representações superficiais (desde a álgebra booleana ao cálculo diferencial, até os números imaginários).

O que é mais interessante sobre isso é que os pronomes de linguagem – que captam a realidade das perspectivas de primeira pessoa, segunda pessoa e terceira pessoa (e.g., eu, nós, dele, dela, ela, eles) – embutem, de fato, uma matemática integral universal em sua própria estrutura. Um pronome não é uma pessoa real, mas uma perspectiva relativa que todas as pessoas reais podem adotar. No mundo real, eu não posso estar me comunicando com alguém se não existir uma segunda pessoa em algum lugar; reciprocamente, toda vez que tenho um ponto de vista, uma percepção, uma sensação, uma visão, uma conscientização, ela sempre se situa em relação a outros seres sencientes reais. Essas relações são captadas por pronomes, que, como a própria palavra sugere, são pró-nomes ou até mesmo pré-nomes: algo anterior aos nomes que todos os nomes devem seguir. Os pronomes se referem a posições/perspectivas que seres sencientes assumem em virtude de existirem em um mundo de outros seres sencientes. Os pronomes não se referem a pessoas reais – eles não se referem a John, Paul, George ou Ringo – mas a perspectivas que todos os nomes próprios (John, Paul, George ou Ringo) têm disponíveis, universalmente.

Um nepalês tem uma postura de primeira pessoa da mesma forma que um nova-iorquino. Se um lobo estiver avisando outro lobo sobre uma presa que ambos estão caçando, esse lobo assume necessariamente uma postura de primeira pessoa em relação ao outro lobo ou segunda pessoa sobre a presa (ou terceira pessoa). Se uma bactéria está se comunicando com outra bactéria usando mensageiros químicos, essa sempre é uma situação de primeira pessoa, segunda pessoa e terceira pessoa.

Seguindo Peirce, no passado defini um signo como "qualquer aspecto de realidade que representa algo para alguém e para outro". O que isso realmente significa é que realidades de primeira pessoa, segunda pessoa e terceira pessoa são construídas por algum sistema de comunicação, infinitamente para cima, infinitamente para baixo. Em outras palavras, não existem realidades que já não sejam sempre perspectivas.

Uma vez que essas perspectivas, expressas pelos pronomes de linguagem, são, até certo ponto, abstrações (isto é, "eu" não necessariamente significa Ken Wilber, mas qualquer sujeito em qualquer lugar; e "ela" não necessariamente significa Sue, mas qualquer terceira pessoa em qualquer lugar), a linguagem já embute uma matemática universal. As relações entre pronomes são relações entre seres sencientes onde quer que eles surjam. Nesse sentido, elas são universais. Essas relações, portanto, são abstratas, no sentido de que não se atêm a algum nome específico e, assim, embutem um aspecto universal ou que transcende o contexto; mas são abstrações que só fazem sentido ou têm conteúdo quando povoadas por seres sencientes reais. Chamemos essas relações abstratas de "semiabstrações". O ponto é que linguagens naturais secretaram dentro de si uma série de semiabstrações que são uma matemática do mundo real.

Essas relações (ou semiabstrações) são o domínio primário de uma matemática integral. É uma matemática naturalista que, ao manter um alcance pós-metafísico, presta-se a representações do Kosmos real, não de estruturas ontológicas dissociadas.

Mas, como sugerido anteriormente, se 1p e 2p são colapsadas em 3p, surge a típica *flatland*, espaços abstratos tratados pela matemática comum. Em outras palavras, a totalidade da matemática abstrata típica parece ser um caso limite de uma matemática integral, quando as

posições da matemática integral são evisceradas de senciência e representadas em sua dimensionalidade de terceira pessoa apenas. Como sempre, não estou afirmando que dimensões de terceira pessoa não existam ou não sejam reais; elas são meras fatias de um Kosmos mais amplo.

Um dos mais interessantes pontos sobre essa matemática cósmica, ou matemática de perspectivas primordiais, é que, a fim de fazer uma afirmação, deve-se apresentar a relação entre a afirmação e o ser senciiente que faz a afirmação. Quer dizer, não é simplesmente que uma primeira pessoa vê uma terceira pessoa (isso ainda é monológico; ainda embute um preconceito que você pode ter percepção ou sensação sozinho; mas não existe tais coisas como sensação, percepção, consciência ou interpretação – essas já estão sempre no âmbito de perspectivas). A matemática integral nos obriga a ser honestos sobre isso. Devemos dizer, não que uma primeira pessoa vê uma terceira pessoa, $1p \times 3p$, mas que minha primeira pessoa vê uma terceira pessoa, $1p(1p) \times 3p$; se essa terceira pessoa for senciiente, então estou vendo uma terceira pessoa que também é uma primeira pessoa de direito: $1p(1p) \times 3p(1p)$, e essa terceira pessoa primeira pessoa é uma terceira pessoa só em relação a mim, que estou fazendo a afirmação.

Em outras palavras, devo sempre situar as afirmações em relação ao interlocutor das mesmas. É isso que torna a matemática integral tão inovadora, e também o que evita semiabstrações de saírem da órbita do mundo real e transformarem-se em domínios meramente abstratos ou de terceira pessoa terceira pessoa, $3-p \times 3p(3p)$ – não que esses não existam, apenas são superfícies de terceira-pessoa do resto do mundo.

À medida que se começa a "desenvolver as equações" dessa matemática integral, mesmo que se rastreie elaboradas relações de perspectivas, digamos, até o grau de sétima pessoa (que foi até onde consegui chegar e, provavelmente, não passarei dele), TODAS AS equações têm como referência a primeira pessoa que desenvolveu as equações ou fez as afirmações. Se eu estiver tentando localizar o que disse a quarta pessoa, ou a quinta pessoa, ou a sexta pessoa, ainda devo fazê-lo na forma, por exemplo: $1p(1p) \times 5p(1p)$, ou minha primeira pessoa percebe a quinta pessoa (que tem uma primeira pessoa de direito). Nunca a matemática integral me permite fazer uma abstração, apenas uma semiabstração e, desse modo, todo os universais já estão sempre situados entre os seres senciientes, que nunca têm percepções, sensações ou consciência, mas apenas perspectivas no âmbito das quais surgem percepções, sensações e consciência.

Nas equações anteriores, observe que temos três termos básicos – por exemplo, minha opinião subjetiva de você: $1p(1p) \times 1p(1-p) \times 2p(1p)$, que significa, minha primeira pessoa tem uma percepção de primeira-pessoa de sua primeira pessoa. Toda vez que a matemática integral apresenta esses três termos assim, ocorre – em retrospecto ou após o fato – que o primeiro termo define um espaço fenomenológico; o segundo termo, um modo; e o terceiro termo, uma dimensão. Isto é, o primeiro termo é um espaço onde surgem fenômenos; o segundo, o modo como eles surgem; e o terceiro, a dimensão que está surgindo.

Desse modo, a notação que acabamos de apresentar – $1p(1p) \times 1p(1-p) \times 2p(1p)$ – também pode ser lida como: meu espaço-eu [$1p(1p)$] percebe você como um tu ou segunda pessoa [$2p(1p)$] quando eu adoto um ponto de vista de primeira pessoa [$1p(1-p)$], isto é, quando eu adoto o ponto de vista de alguém falando com você como um tu, como uma segunda pessoa que possui uma primeira pessoa ou "eu".

Ou: em meu espaço-eu, sua primeira pessoa aparece em sua dimensão de segunda pessoa quando eu o vejo de uma perspectiva de primeira-pessoa. Ou ainda: há um espaço-eu de tal forma que seu espaço-eu aparece como uma segunda pessoa quando visto da minha perspectiva de primeira-pessoa.

Em outras palavras, em proposições como $1p(1p) \times 1p(1-p) \times 2p(1p)$, o primeiro termo descreve o espaço no qual fenômenos estão surgindo; o segundo termo descreve a

perspectiva que está percebendo/enagindo os fenômenos; e o terceiro termo é o aspecto, dimensão ou perspectiva dos fenômenos que estão surgindo ou sendo registrados naquele espaço. O primeiro termo afirma a existência, o segundo, o modo de existência e o terceiro, a dimensão de existência.

Talvez isso comece a sugerir que, uma vez que o Kosmos é construído de perspectivas (não de percepções, não de sensações, não de consciência, não de matéria – essas são todas perspectivas), um cálculo integral possa reconstruir a estrutura de um Kosmos de perspectivas. (Isso também sugere por que uma matemática integral ou de raiz precede a matemática típica resumida de abstrações de terceira-pessoa.)

Começamos com uma ocasião de 1p, 2p e 3p surgindo juntas. Isto é, um universo nasce quando uma coleção de seres sencientes surge. G. Spencer Brown (a cujas Leis da Forma retornaremos brevemente), fez a famosa afirmação que um universo nasce quando um dentro é marcado por um fora – mas essa suposição embute simplesmente o preconceito e o colapso monológicos. Universos conscientes não nascem dessa forma; isso é uma mera abstração que está longe de ser o que é sempre já o caso de uma manifestação senciente. Não só não existe nenhum dentro sem fora, como também não existe nenhum singular sem plural; os universos nascem quando seres sencientes emergem e percebem/tocam uns aos outros. Desse modo, dentro e fora são sempre já primeira e segunda pessoas; e singular e plural são desde sempre nós e istos. O mínimo absoluto de que você precisa para obter um universo são os quatro quadrantes.

Desse modo, um universo nasce, não quando um dentro é observado por um fora, ou um antes é observado por um depois, mas quando surge um grupo de hólons sencientes. Até mesmo quarks têm preensão, o que significa que o primeiro quark não é uma primeira partícula, mas uma primeira pessoa. E o que quer que seja que esse quark registre não é uma segunda partícula, mas uma segunda pessoa. Não existe nenhuma outra forma para isso acontecer. O universo é construído de perspectivas.

Assim, começamos com ocasiões 1p, 2p e 3p, surgindo juntas, cada uma registrando as outras em suas próprias formas experienciais ou protoexperienciais – mas nenhuma delas pode registrar sua existência de uma forma diferente de uma perspectiva. Isto é, não existe nunca um sujeito que vê um objeto. Não existe nenhuma percepção pura em que uma entidade veja outra entidade, pois isso já é uma perspectiva de primeira pessoa em relação a uma segunda ou terceira pessoas. Em outras palavras, não há nenhum espaço real que não seja sempre um espaço-surgindo-come-uma-perspectiva; portanto, não podemos dizer que ocasiões (ou hólons, ou seres) passem a existir e aí vejam umas às outras, porque o "ver umas às outras" e a "existência" não podem ser atestadas separadamente umas das outras. Afirmar que os quadrantes surgem simultaneamente significa dizer que dimensões ontológicas e perspectivas epistemológicas são uma e a mesma coisa; é por isso que, frequentemente, as chamamos de dimensões-perspectivas.

Isso não significa que "ser é ser percebido", pois isso implica que exista um ser *per se* que pode ser percebido; nem significa que a percepção crie o ser, pois isso implica que a própria percepção existe separada daquilo que é percebido. Na verdade, significa que ser e conhecer são o mesmo evento no âmbito do conjunto de perspectivas que surgem como o evento. A ideia de que ser e conhecer (ou existência e preensão) são coisas de alguma forma diferentes surge somente porque saltamos de uma perspectiva-ocasião para outra sem perceber o que estamos fazendo. Simplesmente não existe nenhuma percepção que também não seja uma perspectiva e, portanto, nenhum surgimento de ser que não seja uma perspectiva fenomênica. (Se você estiver começando a ter a sensação de que o mundo manifesto ou fenomênico é uma sala infinita de espelhos, essa é, de fato, a sugestão. *Samsara* é construído de perspectivas, não de percepções.)

Uma vez que o espaço é normalmente considerado ontológico e o tempo, epistemológico, então, em termos de terceira pessoa, isso significa que o espaço e o tempo não estão

separados, mas são, na verdade, um continuum espaço-tempo. Explicitando esse fato com a metateoria AQAL, dizemos que os exteriores do espaço-tempo aparecem topograficamente como cadeias de massa-energia interligadas por várias redes e sistemas, enquanto os interiores aparecem como percepções e conscientizações interligadas em várias cascatas de intimidade. Mas todos eles surgem juntos como perspectivas-ocasiões do Kosmos autorreflexivo (uma assertiva que é, em si mesma, uma afirmação de terceira pessoa que surge nesse espaço de primeira pessoa, mas que, espero, seja uma afirmação que, até certo ponto, esteja surgindo em um espaço de compreensão mútua, de tal modo que minha compreensão e sua compreensão dela ressoem com significado idêntico).

Dissemos que G. Spencer Brown, em suas Leis da Forma, declarou que um universo nasce quando um dentro é marcado por um fora. Brown elaborou seu cálculo baseado nessa distinção ou nessa marca ("o valor da marca é o valor da marca; o valor do cruzamento não é o valor do cruzamento"). Mas, como também dissemos, um cálculo integral de perspectivas inerentes sugere que o cálculo formal de Brown esconde um preconceito modernista, isto é, que um dentro particular pode ser demarcado a partir de um fora particular (isto é, uma fronteira única pode ser traçada separando um dentro de um fora), enquanto, não só não existe nenhum dentro sem fora, como também nenhum singular sem plural – isto é, se algo singular surge, surge no plural; como até mesmo os evolucionistas estão percebendo, "não existe nenhum primeiro exemplar" – o que significa, quando um novo algo entra em cena, o que realmente entra em cena é uma população do novo algo. Por exemplo, quando, digamos, o primeiro elefante surgiu, claramente não podia existir apenas um; no mínimo, um macho e uma fêmea tiveram de surgir simultaneamente: apareceu uma primeira população, não uma entidade única. (Isso é, claro, um poderoso mistério, que resumimos como Eros emergente.)

O fato mais simples é meramente que, se chegarmos ao ponto onde há subjetividade-dentro e objetividade-fora, haverá também, e simultaneamente, intersubjetividade e interobjetividade. Ou, como estamos acostumados a dizer, os quatro quadrantes surgem simultaneamente. As Leis da Forma de Brown, como a preensão de Whitehead, privilegiam o sujeito monológico que, na melhor das hipóteses, pode dialogar monologicamente, não dialogar dialogicamente.

(Uma vez que você se tranque em espaços monológicos de um sujeito apreendendo um objeto, você não pode ter copresença simultânea ou preensão simultânea e precisa construir seu universo com epiciclos de sujeitos apreendendo objetos que apreendem um ao outro, o que nunca permite realmente que sujeitos conheçam uns aos outros como sujeitos, mas só como objetos de sujeitos. Um cálculo integral explicita que a preensão do Whitehead é uma abstração, não uma semiabstração, o que explica por que a intersubjetividade verdadeira escapa a Whitehead; ou, como Griffin colocou: a visão de Whitehead é "dialogica parcial", não "dialogica completa [ou integral].")

Por outro lado, um cálculo integral começa com o aparecimento simultâneo do dentro e fora do singular e plural (ou os quatro quadrantes, ou, simplesmente, um mundo 123). Isto é, começamos com uma ocasião de 1p, 2p e 3p, surgindo juntas, cada uma registrando as outras de sua própria forma experiencial ou protoexperiencial. Isso nos dá um 123 de um 123 (isto é, uma primeira, segunda ou terceira pessoa ressoando/refletindo outra primeira, segunda ou terceira pessoa – cada uma necessariamente registrando a outra quadraticamente – o que significa, seres sencientes operando no âmbito dos quatro quadrantes de perspectivas inerentes); e como refletem e constroem umas às outras – à medida que a evolução se torna cada vez mais complexa e diferenciada/integrada – essas perspectivas inatas continuam a refletir suas reflexões para graus maiores de consciência, atenção e compaixão. Quando chegamos a um 123 de um 123 de um 123, descobrimos espaços, modos e dimensões (como brevemente esboçados anteriormente). Quando chegamos a um 123 de um 123 de um 123 de um 123, surge um Kosmos complexo, composto não só de perspectivas primordiais, como também de paradigmas e práticas altamente elaborados no âmbito dessas perspectivas e empregados pelos seres sencientes nessas ondas.

Apresentamos algumas dessas oito importantes metodologias na Figura 3 (p. 5), mas, novamente, elas são apenas exemplos representativos.

Em outras palavras, começando com as suposições simples que: (1) um universo surge no singular e no plural com dentro e fora, (2) dentro singulares são preensivos (isto é, pampsiquismo ou todos os hólons individuais são seres sencientes) e (3) todos os seres sencientes situam-se relativamente uns aos outros (isto é, todas as preensões já são sempre perspectivas), então, começando nesse ponto – que pode ser, por exemplo, um *Big Bang* ou *Big Bloom*^N – podemos (re)construir as características essenciais de um Kosmos como uma matriz AQAL de perspectivas inerentes; e um Kosmos que, em seus modos autorreflexivos superiores, libera as oito importantes metodologias que os seres humanos já estão usando para iluminar o Kosmos, que permite que eles o façam.

Isso me leva a crer que o cálculo integral seja útil para elucidar as condições transcendentais necessárias à senciência, condições sedimentadas nas semiabstrações embutidas nas linguagens naturais. Em outras palavras, o fato de uma matriz de perspectivas inerentes finalmente partejar as importantes metodologias já existentes sugere que essas perspectivas sejam realmente um dos ingredientes mais fundamentais, talvez o mais fundamental, de um universo.

Há muitas formas de simbolizar tudo isso e muitas dimensões diferentes que podem ser iteradas. Temos falado de primeira, segunda e terceira pessoas (o requisito mínimo). Uma "quarta pessoa" significa uma quarta pessoa real (além das primeiras três pessoas reais), e também significa uma "perspectiva de quarta pessoa", que, embora possa ser definida de diversas maneiras diferentes, significa uma pessoa que consegue ter as outras três perspectivas em mente. Desse modo, quando afirmamos que existem primeira, segunda e terceira pessoas (ou simplesmente pessoas 1, 2 e 3), esta já é em si uma perspectiva de quarta pessoa. Se dissermos que uma pessoa 1, 2 ou 3 vê uma pessoa 1, 2 ou 3, esta é uma perspectiva de quinta pessoa (isto é, um 123 de um 123). Se dissermos que uma pessoa 123 pode ter uma perspectiva 123 de uma pessoa 123, esta é uma perspectiva de sexta pessoa (123 x 123 x 123). E se dissermos que um 123 pode ter um 123 de um 123 visto de seu 123, essa é uma perspectiva de sétima pessoa.

A matemática integral que desenvolvi até agora é uma perspectiva de sétima pessoa das muitas formas que os seres sencientes se tocam – é a Rede de Indra vista por sete dimensões, se você preferir. Claro, a Rede de Indra só é conhecida em sua realidade ou sua Quididade através do Sabor Único transmental ou supramental, não por meio de uma conceituação de perspectiva mental. Todavia, a Rede de Indra manifesta-se no domínio convencional – na verdade, afirma-se que o reino manifesto inteiro é a Rede de Indra com suas dimensões múltiplas interconectadas – e, como tal, vários sábios-filósofos deram descrições de perspectivas mentais dela (de Plotino a Aurobindo). Até mesmo o "integral-aperspectivo" de Gebser é, de fato, uma perspectiva de quarta pessoa. Entretanto, até onde sei, a Rede de Indra nunca foi descrita além de uma perspectiva de quarta pessoa (nem mesmo no Sutra Avatamsaka, considerado o tratado definitivo da Rede de Indra).

Se tentarmos fazer isso – isto é, se tentarmos articular a estrutura do mundo manifesto – e nos movermos da versão de quarta pessoa (existe um 123) para a perspectiva de quinta-pessoa (existe um 123 de um 123), essa operação de perspectivas (simbolizada por "x" – como em: 123 x 123) gera um espaço fenomenológico explícito (um espaço-eu, um espaço-nós ou um espaço-isto). Movendo-nos da quinta pessoa para a sexta pessoa (um 123 de um 123 de um 123), geramos um modo ou perspectiva (uma perspectiva de primeira pessoa, segunda pessoa ou terceira pessoa de 123 de 123, isto é, um 123p x 123-p x 123p). Iterando mais uma vez as perspectivas primordiais, a perspectiva de sétima pessoa dá à luz e elucida uma dimensão específica daquilo que está sendo percebido ou sentido (isto é, um 123p tem

N. A Teoria do *Big Bloom* propõe que as flores se tornaram irresistíveis para assegurar sua sobrevivência no processo evolutivo, e passaram a exercer um poderoso efeito psicológico. (N.T.)

um 123-p de um 123p x 123/p, o que significa, por exemplo, que uma segunda pessoa tem uma visão de primeira pessoa de uma terceira pessoa vista nas dimensões de primeira pessoa da pessoa – todas elas ainda situadas com referência à primeira pessoa que faz a afirmação. Eu voltarei ao quarto termo dessa equação – o símbolo "123/p" – em um momento).

Desse modo, eis um Kosmos construído de perspectivas, com todas as outras "coisas", "eventos" e "ocorrências" do Kosmos sendo geradas por iterações de perspectivas primordiais, perspectivas que entram em cena simultaneamente com o que quer que seja que entre em cena. Não podemos especificar com facilidade exatamente o que entrou em cena em primeiro lugar – o que entrou em cena, digamos, no período de nanossegundos de um big bang – mas podemos afirmar que essas "coisas" chegaram juntas como permutações e combinações de como registraram umas às outras, empurraram umas às outras, colidiram umas com as outras, perceberam umas às outras. Se construirmos um Kosmos a partir dessas possíveis perspectivas e não meramente de possíveis partículas, sistemas ou processos dinâmicos não sencientes, então construímos um universo de seres sencientes, não um universo de partículas, processos e redes não sencientes – conceitos que nada mais são do que perspectivas de terceira pessoa do Kosmos, assumidas por certos seres sencientes.

Portanto, um cálculo integral é um cálculo que honra seres sencientes em sua totalidade AQAL ou, certamente, tenta honrar. A maioria das equações matemáticas – tanto da matemática pura quanto da matemática da química, da física, da biologia, de sistemas, do caos – simplesmente delinea as superfícies exteriores ou topográficas de possíveis hólons através de possíveis espaços, mostrando, finalmente, como eles se ajustam uns aos outros em algum tipo de espaço dimensional de terceira pessoa. Não estou dizendo que esses espaços não existam, mas simplesmente que eles são o cálculo integral despido de primeiras pessoas e segundas pessoas – privado de consciência – quando então colapsa nos sistemas representacionais *flatland* encontrados na matemática convencional, uma matemática que normalmente representa com precisão hólons no mundo manifesto – mas se, e somente se, esses hólons forem vistos em suas dimensões de terceira pessoa por uma primeira pessoa, sob o ponto de vista de terceira pessoa dessa primeira pessoa; é por isso que o cálculo integral de perspectivas inerentes colapsa nas formas matemáticas convencionais quando os espaços interiores são apagados do Kosmos (e.g., colapsa nas Leis da Forma de Brown, na Álgebra Booleana, no Cálculo Diferencial e no Cálculo "Integral" convencional, que é meramente um cálculo do somatório de superfícies e volumes considerados sobre uma faixa especificada).

As equações da matemática convencional representam formas como superfícies possíveis ajustam-se em espaços topográficos possíveis; a matemática integral representa isso mais os modos como interiores possíveis ajustam-se em espaços intencionais, espaços de consciência, dando à luz horizontes de eventos no âmbito de zonas nas quais a própria matemática convencional pode manifestar-se em primeiro lugar. Uma equação no espaço interior é uma medida de ressonância harmônica ou empatia entre dois hólons, um registro de como eles se ajustam em esferas de consciência e não meramente em círculos de geometria. A matemática integral, claro, é composta apenas e meramente de sinais, signos e símbolos de terceira pessoa; mas esses sinais representam primeiras, segundas e terceiras pessoas (e quartas e quintas e sextas e sétimas), que não são variáveis, mas perspectivas, e que no mundo real não aparecem como quantidades e ângulos, mas como seres sencientes com horizontes compartilhados (cujos exteriores são quantidades e ângulos).

Assim, as equações no mundo real de seres sencientes são equações de ressonância mútua. Até um matemático, que escreve $(x = 3y)$ e mostra essa equação para outro matemático, que concorda que, no caso, x é realmente igual a $3y$, está na verdade afirmando o seguinte: minha primeira pessoa tem uma percepção de primeira-pessoa de uma abstração de terceira pessoa $[(x = 3y)]$ e acredito que essa abstração de terceira pessoa seja, ou deva ser, verdadeira para todas as outras pessoas que olharem para ela. Portanto, estou afirmando que essa abstração não é meramente verdadeira para mim (ou minha primeira pessoa), mas também é verdadeira para todas as outras primeiras pessoas; o que significa: se eu assumir um ponto de vista de

terceira pessoa de minhas abstrações de terceira pessoa, eu ainda creio que você concordará comigo, se olhar para elas em um modo de terceira-pessoa – e não só você, mas todo os outros que olharem para elas, imparcial, objetiva ou racionalmente, concordarão comigo. Eu realmente estou afirmando, então, que minha percepção de primeira pessoa de minhas abstrações de terceira pessoa é na verdade uma percepção de terceira-pessoa (plural) [representada por (3-p*pl)] dessa abstração de terceira pessoa: $1p(1p) \times 1p(3-p*pl) \times 1p(3p)$, o que significa, minha primeira pessoa tem uma visão de terceira-pessoa do plural de minha afirmação algébrica de terceira pessoa. Se você analisar minha álgebra e tentar assumir uma visão de terceira-pessoa (plural) dela, então: $2p(1p) \times 2p(3-p*pl) \times 1p(3p)$, o que significa, sua primeira pessoa tem sua visão de terceira-pessoa (plural) de minha afirmação de primeira pessoa (que é a álgebra, a terceira pessoa que estamos considerando, onde "3p" neste caso significa a "afirmação $x = 3y$ ", que é a terceira pessoa "isto" que estamos discutindo).

O cerne da questão é que você realmente pode concordar comigo que a equação algébrica está correta. Nesse caso, temos:

$$1p(1p) \times 1p(3-p*pl) \times 1p(3p) = 2p(1p) \times 2p(3-p*pl) \times 1p(3p)$$

É assim que uma equação no mundo real se apresenta, até mesmo entre matemáticos. As equações no mundo real comparam interiores (bem como exteriores) e, desse modo, elas são construídas não só de exteriores que podem ser "igualados", mas também de interiores que podem ser "igualados", o que significa, podem igualar-se umas às outras em compreensão mútua ou ressonância mútua. Esse é o significado do sinal de igual no mundo real. O Kosmos vibra com essas equações de almas tocando-se entre si. É disso que o Kosmos é feito.

Observe na equação acima que – como sempre – todos esses termos estão referenciados à primeira pessoa que está fazendo a afirmação (nesse caso, eu). No lado direito da equação, até suas percepções de primeira pessoa devem ser referenciadas a mim que estou fazendo a afirmação. Igualmente, se fosse você a escrever uma série de afirmações, eu sempre seria a segunda pessoa primeira pessoa para você. Desse modo, se eu escrever: $2p(1p) \times 1p(3p)$ [sua primeira pessoa vê minha terceira pessoa; isto é, você está vendo ou tocando as dimensões objetivas do meu estar no mundo], você escreveria essa mesma afirmação como: $1p(1p) \times 2p(3p)$ [minha primeira pessoa vê sua terceira pessoa]. Agora, a única forma de essas duas perspectivas entrarem na mesma equação é se você e eu pudermos encontrar um espaço de primeira pessoa do plural [(1p*pl)] em que possamos concordar que essas são transformadas equivalentes. Se fizermos isso, cada um de nós ainda terá nossa compreensão individual desse "nós", embora acreditemos que elas se sobreponham, de forma que se eu escrever uma equação da nossa compreensão mútua, uma de suas (muitas) formas será:

$$1p(1p) \times 1p(1-p*pl) \times [(1p*pl)\{1p(3p)\}] = 2p(1p) \times 2p(1-p*pl) \times [(1p*pl)\{2p(3p)\}]$$

Significando, minha primeira pessoa tem uma visão de primeira pessoa de como nós (primeira pessoa do plural) vemos minha álgebra de terceira pessoa; e você tem uma visão de primeira-pessoa de como nós vemos minha álgebra, que é, em seu espaço, um artefato de terceira pessoa produzido por mim, que sou uma segunda pessoa para sua primeira pessoa.

Embora eu precisasse escrever ambos os lados da equação com pelo menos quatro termos para mostrar os detalhes envolvidos, o ponto fundamental é que essa equação afirma a existência de um espaço-nós no qual os dois lados da equação são equivalentes – isto é, explícita a significação similar entre as interseções de uma primeira pessoa e segunda pessoa que entram em um espaço de primeira pessoa do plural.

Se o Kosmos é construído de perspectivas, então as interações no Kosmos são construídas por significado idêntico ou ressonância mútua – daí por que todos os hólons apresentam um Quadrante Inferior Esquerdo, de interiores compartilhados, e não apenas um Quadrante Inferior Direito, de exteriores compartilhados.

Todas as equações da matemática integral tratam, em última instância, de como os hólons se relacionam realmente – isto é, não só como exteriores semelhantes que podem ser adicionados, subtraídos, multiplicados, divididos, derivados, e assim por diante, mas como interiores que ressoam uns com os outros, ou que não ressoam uns com os outros, ou que se colocam numa relação de compreensão entre si, ou que se mantêm numa relação de poder entre si, ou que envolvem o outro com integração (na individualidade composta), ou que subordinam o outro sem integração, e assim por diante.

À medida que se desenvolve o cálculo integral, emergem várias operações e funções, incluindo preensão (dentro da perspectiva), ressonância mútua, interpretação, telepatia, integração, diferenciação, envolvimento, poder sobre, transcendência, inclusão, e – o mais interessante – os principais critérios de validade (isto é, equações diferentes começam a representar tipos diferentes de critérios de validade ou afirmações de adequação). Tenho certeza de que existem dezenas, talvez centenas; talvez infinitos.

Mas, novamente, estou ressaltando uma série de pontos mais simples nesta breve introdução; então, permita-me concluí-la voltando à equação que representa dois matemáticos que concordam com a natureza de uma fórmula algébrica:

$$1p(1p) \times 1p(3-p*pl) \times 1p(3p) = 2p(1p) \times 2p(3-p*pl) \times 1p(3p)$$

Nesta equação de compreensão mútua (isto é, nesta equação do mundo real em que dois seres sencientes concordam com a natureza de uma abstração de terceira-pessoa), "3p" representa a terceira pessoa que, neste caso, é um artefato não senciente de terceira pessoa, isto é, a fórmula algébrica ($x = 3y$). Esta equação diz: minha primeira pessoa tem uma visão objetiva (terceira-pessoa do plural) do meu artefato de terceira pessoa (a álgebra) que é igual a (ou ressoa mutuamente com) sua percepção de primeira pessoa, de uma forma objetiva, do meu artefato. (Não confunda "3p", ou o objeto-dimensão que está sendo percebido/enagido – nesse caso, o artefato – com "3-p" ou "3-p*pl", hifenizados, que é o modo pelo qual o objeto está sendo visto – nesse caso, um modo de terceira-pessoa do plural.) Agora ponhamos essa terceira pessoa ou artefato na equação acima (isto é, substituamos "3p" por $[x = 3y]$):

$$1p(1p) \times 1p(3-p*pl) \times 1p([x = 3y]) = 2p(1p) \times 2p(3-p*pl) \times 1p([x = 3y])$$

Muito bem; agora, se negarmos que todas essas afirmações (neste caso, a afirmação que " $x = 3y$ ") já são uma perspectiva – isto é, se negarmos que existam primeiras ou segundas pessoas envolvidas em afirmações de terceira pessoa – então "1p", "2p" e "3p" transformam-se simplesmente no número 1. Isto é, não há primeiras pessoas ou segundas pessoas e, portanto, também não há terceiras pessoas; há somente coisas não sencientes e eventos e processos e marcadores abstratos; e mesmo esses marcadores abstratos não são mais terceiras pessoas, pois não existem primeiras ou segundas pessoas para falar sobre eles. Assim, se substituirmos 1p, 2p e 3p pelo número 1, essa equação particular de compreensão mútua entre duas almas transforma-se em:

$$1(1) \times 1(1) \times 1([x = 3y]) = 1(1) \times 1(1) \times 1([x = 3y])$$

e reduz-se, obviamente, a:

$$[x = 3y] = [x = 3y]$$

Em outras palavras, a matemática integral, despida de sciência, colapsa nos espaços monológicos da matemática comum, que meramente afirma identidade de marcadores abstratos (de terceira pessoa). Esses marcadores são suficientemente reais, mas eles só representam uma fatia estreita do Kosmos, uma fatia gerada por seres sencientes do mundo real por uma série de abstrações, colapsos e reduções, de forma que só algumas das dimensões de estar no mundo são representadas, e são representadas de uma forma que ilusoriamente se apresenta como se não fossem perspectivas de seres sencientes, mas

simplesmente uma visão de "o modo como as coisas são" ou o que Thomas Nagel muito habilmente chamou "a visão de lugar nenhum". Isso leva essas cognições colapsadas a imaginar um Kosmos construído de relações abstratas e seres não sencientes (o que é, em si, uma perspectiva de sua senciência).

Existem muitas tentativas para se chegar a um tipo de matemática fundamental do Kosmos que procure incluir itens como consciência, interioridade, mente, energia sutil, espírito e assim por diante. Muitas delas assumem os fundamentos da física convencional – tais como o potencial do vácuo quântico, ondas de matéria fundamental ou teoria das cordas – e, essencialmente, igualam esses fundamentos à consciência ou ao espírito. David Bohm, Arthur Young, Buckminster Fuller, Walter Russell, Milo Wolff, Ervin Laszlo, Wing Pon, William Tiller, entre muitos outros, contribuíram para nossa compreensão de como isso pode ocorrer. Mas todas essas abordagens embutem vários graus de preconceito monológico e, desse modo, acabam simplesmente (e infelizmente) igualando o espírito a um holismo implicado de terceira pessoa (e.g., Bohm), ou tentando derivar a consciência de primeira pessoa por meio de operadores de terceira pessoa (e.g., Fuller), ou considerando a emersão da consciência como resultado de interações de sistemas complexos de terceira pessoa (e.g., Laszlo). Mesmo as abordagens que veem a consciência ou a mente como fundamentais (e.g., Russell) embutem o preconceito da percepção ou consciência (que não existem, como vimos) – Whitehead é outro exemplo.

Em outras palavras, todas essas são tentativas pré-quadráticas para derivar os princípios básicos do Kosmos de um ponto de partida que, preconceituosamente, já colapsou os fundamentos da existência e, desse modo, devem tentar recuperar esses princípios básicos com epíclis de abstrações adicionais. Novamente, eu não estou dizendo que aspectos do seu trabalho não sejam verdadeiros; estou dizendo que eles abstraíram suas conclusões da matriz de perspectivas inerentes e as apresentaram como "a forma como as coisas são", esquecendo-se das perspectivas a que suas "visões de lugar nenhum" realmente chegaram.

Esse é certamente o caso da "metafísica" em geral, seja a encontrada em Plotino, Shankara, Asanga, Padmasambhava, Gurdjieff, Hegel, Rudolph Steiner, Carl Jung, William James, ou no maior dos metafísicos recentes, Aurobindo. Às críticas modernista e pós-modernista da metafísica, adicionamos a crítica integral: seus sistemas metafísicos são interpretações de suas próprias experiências espirituais; a autenticidade das experiências espirituais não está sendo absolutamente questionada, mas a adequação de suas interpretações sim: eles, inconscientemente, extraíram da matriz de perspectivas inerentes uma avaliação de terceira-pessoa que entra em cena privilegiando secretamente a visão de lugar nenhum, até mesmo (ou especialmente) quando enfatizam a importância da experiência, da vivência espiritual, das percepções ou da consciência: todas essas são, de fato, abstrações de menor ordem ocultas e, como tal, são a própria essência da abordagem metafísica que qualquer integralismo pós-metafísico deve combater. Se "experiência direta" e "consciência" já são abstrações de menor ordem confundidas com realidades (e, conseqüentemente, são fantasmas metafísicos), os conceitos de "níveis de ser", "níveis de conhecer", "planos ontológicos", e assim por diante são ainda piores: eles são abstrações de abstrações de abstrações, embora as experiências que essas estruturas interpretativas estejam tentando representar sejam suficientemente autênticas. (Nesse particular, Aurobindo é o metafísico mais completo, uma vez que é o mais realizado; só podemos sentir admiração perante seu sistema metafísico.)

Mais uma vez, não estou questionando sua realização, iluminação ou experiências espirituais; questiono a estrutura que eles usaram para interpretar e conceituar suas experiências. Essas estruturas interpretativas metafísicas simplesmente não são adequadas para um integralismo pós-moderno, que brotou da metafísica, mas não pode mais ser contido nela (isto é, o integralismo transcende e inclui a metafísica, de tal forma que o integralismo é externo à metafísica, ou não é mais restringido por sua ação do nexo).

Muito bem; considere um cálculo integral de sete dimensões-perspectivas; colapse-o para quatro dimensões; ajuste o domínio dos interiores (perspectivas de primeira pessoa) para uma

linha de desenvolvimento específica nesses interiores (como a linha de valores) e, em seguida, ajuste esse domínio (ou espaço de primeira pessoa) para cobrir a faixa particular do bege ao laranja; ajuste o modo para registrar somente perspectivas de terceira-pessoa (3-p); e esses operadores gerarão um espaço fenomenológico de materialismo científico. Ajuste a faixa de domínio até o verde, ajuste o modo para reconhecer apenas interiores e você gerará um horizonte de evento ou espaço fenomenológico do pluralismo pós-moderno. E assim por diante...

Isso acontece igualmente com os grandes sistemas metafísicos pré-quadráticos: seus princípios básicos podem ser derivados de uma matriz AQAL sem as inadequações das interpretações metafísicas e, desse modo, seus *insights* incrivelmente importantes podem ser considerados pelo mundo moderno e pós-moderno sem embaraço.

Todas essas operações são simplesmente lembretes, eu creio, de que o Kosmos é construído de perspectivas, cujas operações fundamentais incluem ressonância interior mútua juntamente com colisão exterior mútua; e que, portanto, quaisquer sistemas de notação abstratos podem se lembrar disso reconhecendo um cálculo integral de perspectivas inerentes. Quando se trata de uma matemática integral propriamente dita, seu ponto de partida são as relações entre semiabstrações universais embutidas em pronomes-perspectivas de linguagens naturais, depositadas lá, presumimos, por uma evolução sintonizada a essas dimensões reais no mundo real.

Um último ponto. Dissemos que retornaríamos ao símbolo "123/p". De certa forma, esse é o operador mais interessante da matemática integral. Ele significa "parada". À medida que as equações integrais são desenvolvidas, torna-se logo óbvio que não existe nenhuma perspectiva fundamental, nenhum ponto arquimediano absoluto, a partir do qual pode-se conhecer qualquer coisa. Existe simplesmente uma cascata contínua de perspectivas sobre perspectivas, infinitamente para cima, infinitamente para baixo. O universo pode ser composto de hólons – o que, eu creio, seja o caso – mas "hólón" já é um símbolo de terceira pessoa de uma apreensão de primeira pessoa – isto é, já é uma perspectiva. Da mesma maneira que não existe algo como consciência, mente, sensações, percepções, coisas, eventos ou processos, não existem hólons – porque todos eles já são, de antemão, perspectivas. E o único modo pelo qual "conhecemos" qualquer um deles é que nós, arbitrariamente e abruptamente, enterramos nossos calcanhares no fluxo cascadeante e dizemos, por exemplo, "eu vejo a árvore!".

Uma vez que, arbitrariamente, fincamos nosso pé e percebemos algo, ou sentimos algo, ou notamos algo, nós, temporariamente, congelamos a corrente naquele instante e, ao redor dessa singularidade congelada, salta para a existência uma matriz AQAL. Uma vez que eu registre outra entidade, uma primeira e segunda pessoas saltam da corrente; uma vez que nós nos comuniquemos sobre qualquer coisa, terceiras pessoas estarão por toda parte – e tudo acontece no ponto, e somente no ponto, em que eu barro a corrente e paro temporariamente o fluxo.

O símbolo de "parada" (/p) na matemática integral significa: essa é a ocasião (o evento de primeira, segunda ou terceira pessoa) onde eu, arbitrariamente, parei a corrente e comecei meu processo de conhecimento no meio de outros seres sencientes. O símbolo de parada significa: "congele o quadro". Congele o fluxo daquele quadro e me deixe começar a conhecer, sentir, perceber aquele evento.

Desse modo, voltando ao "eu vejo a árvore", temos, de forma simplificada: **1p(1p) x 1p(3-p) x 3p(3/p)**, o que significa: eu, arbitrariamente, foquei minha atenção naquela árvore ali; assim, parei a cascata nas superfícies objetivas da árvore [3p(3/p)] e comecei o processo de conhecimento, de forma que agora afirmarei que minha primeira pessoa [1p(1p)] tem uma visão objetiva [1p(3-p)] daquele objeto ali [3p(3/p)], e PARO POR AÍ (o que também significa, começo por aí: o processo de conhecimento começa apenas quando eu finco meus pés e paro o fluxo). Sem o momento 123/p (ou momento de parada), as perspectivas fluiriam indefinidamente. No mundo manifesto, existem literalmente perspectivas infinitamente para

cima e infinitamente para baixo, e sem os arbitrários momentos de parada ou congelamento do quadro, nada fica registrado. Mas, ao dar uma parada, a matriz AQAL salta para a existência ao redor daquele ponto.

Entretanto, esse "salto para a existência", arbitrariamente iniciado, não assume uma forma inteiramente arbitrária. Como ser senciente, quando eu paro o fluxo e inicio (enajo) um mundo, é um mundo de outros seres sencientes; e, portanto, a forma da matriz de perspectivas que pode surgir é restringida por todos os outros seres sencientes que também estão parando correntes e enajindo mundos. Todas as nossas enações têm de se inter-relacionar, uma vez que elas estão se cocriando. Consequentemente, descobrimos a forma da matriz AQAL de perspectivas primordiais, que pode ser deduzida transcendentalmente da estrutura de nossas próprias interações diárias, tais como aquelas embutidas em linguagens naturais (cujas semiabstrações também podem levar a uma matemática integral). A matriz AQAL é uma visão da forma de enação mútua quando seres sencientes cocriam uns aos outros em quadros congelados de sua própria formação: a matriz AQAL é a forma de *lila* do Espírito.

Bem, isso é bastante para um resumo que, espero, tenha sugerido, pelo menos, algumas possibilidades. Existem centenas de maneiras de se desenvolver uma matemática integral, cujo alcance mais profundo seguramente vai além da minha capacidade. Mas, de vez em quando, como prometido, anunciarei ou publicarei mais algumas investidas preliminares nessa direção. Quanto mais não seja, espero que essa espécie de sistema de notação atue como outro tipo de SOI ou Sistema Operacional Integral – isto é, uma série de meros símbolos de terceira pessoa que, todavia, nos relembrem constantemente que existem, de fato, seres sencientes de primeira pessoa, segunda pessoa e terceira pessoa no mundo real. O Kosmos contém seres sencientes, não partículas, ou processos, ou teias, ou sistemas; portanto o Kosmos é construído de perspectivas, não de sensações, ou de percepções ou de consciência, as quais já são sempre perspectivas da infinita Rede de Indra...

Tradução concluída em janeiro de 2008

Última revisão em fevereiro de 2025